

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS - FFLCH
NÚCLEO DE PESQUISA DIVERSITAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO EM
HUMANIDADES, DIREITOS E OUTRAS LEGITIMIDADES**

FLAVIANA MARIA GOGGIN DE ASSIS

**Educação imigrante em Santos
Experiências e relatos de práticas educacionais em uma cidade portuária
(1890-1925)**

VERSÃO CORRIGIDA

**SÃO PAULO
2021**

FLAVIANA MARIA GOGGIN DE ASSIS

Educação imigrante em Santos
Experiências e relatos de práticas educacionais em uma cidade portuária
(1890-1925)

VERSÃO CORRIGIDA

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo
de Pesquisa Diversitas, da FFLCH/USP como
requisito para titulação do curso de Mestrado.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Doris Accioly e Silva.

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a Fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo - USP

Assis, Flaviana Maria Goggin de

844e Educação imigrante em Santos: Experiências e relatos de práticas educacionais em uma cidade portuária (1890-1925) / Flaviana Maria Goggin de Assis; orientadora: Doris Accioly e Silva
– São Paulo, 2021.

267 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação Humanidades, Direitos e outras Legitimidades da Universidade de São Paulo. Área de Concentração: Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

1. Educação 2. Emancipação 3. Imprensa 4. Imigrantes 5. Porto I. Accioly e Silva, Doris, orient. II Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Flaviana Maria Goggin de Assis

Data da defesa: 14 / 05/ 2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Dorys Accioly e Silva

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP.**

São Paulo, 07/07/2021



Dorys Accioly e Silva

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: Flaviana Maria Goggin de Assis

Título: Educação imigrante em Santos: Experiências e relatos de práticas educacionais em uma cidade portuária (1890-1925)

Natureza: Dissertação de Mestrado

Objetivo: Conclusão de Curso de Especialização Strictu Sensu

Instituição: Núcleo de Pesquisa Diversitas – Universidade de São Paulo

Data de aprovação: 14/05/2021

Banca Examinadora:

Maria Aparecida Franco Pereira

UNISANTOS – Universidade Católica de Santos

Marina Tucunduva Porto Vieira

UNISANTOS – Universidade Católica de Santos

Sandra Regina Chaves Nunes

FAAP – Fundação Armando Álvares
Penteado

Doris Accioly e Silva

USP / FFLCH-Núcleo de Pesquisa Diversitas

AGRADECIMENTOS

Durante todo o processo, desde o preparo para a prova de proficiência até a conclusão da escrita, muitos foram os percalços e conquistas. Gostaria de agradecer às pessoas que participaram deste processo, porque nenhuma escrita é solitária. Estamos sempre acompanhados de ideias e de pessoas que de alguma forma nos auxiliam. Seja para incentivar, discutir pensamentos ou emprestar o ombro quando a preocupação nos toma conta. Primeiramente, agradeço à amiga e orientadora professora Dra. Doris Aciolly e Silva, por todo carinho, ensinamentos, orientação, incentivo e, sobretudo, por permitir a liberdade de escrita, sendo uma excelente mestra libertária. À professora Renata Giorgio que me preparou para a prova de idioma, sempre com gentileza e presteza buscando referências que pudessem me auxiliar no momento da prova.

Agradeço à Teresa Cristina Teles, do Núcleo de Pesquisa Diversitas, por toda paciência e disponibilidade. Aos professores doutores Maurício Cardoso e Sandra Nunes pela aprendizagem oportunizada durante as aulas, que foi para mim um novo olhar sobre os *Diálogos Interculturais*.

Agradeço aos amigos da *Fundação Arquivo e Memória e Sociedade Humanitária de Santos* pela presteza na disponibilização de parte das fontes documentais. Às comunidades portuguesa e espanhola representadas nas instituições do Centro Espanhol e do Centro Real Português. À querida Ana Maria Torres Alvarez, pela gentileza e atenção. Às queridas amigas Ana Cristina Oliveira, Luciana Zima, Heloiza Honorato, Nanci Tanikawa pelas conversas, apoio e carinho nos momentos mais difíceis. À querida amiga Denise Oliveira Barbosa, por acreditar e viabilizar a pesquisa. À Secretária de Educação de São Vicente professora Eugênia Marcondes por acreditar na formação dos professores. À querida amiga e irmã Eliza Nunes por tanto carinho e amparo nos momentos mais felizes e de fragilidade. À querida amiga Claudinea Rocha por toda parceria, incentivo e palavras de apoio.

Agradeço ao Grupo Interdisciplinar de Estudos da Unisantos, em especial à professora Dra. Marina Tucunduva. À estimada professora Dra. Maria Aparecida Franco, por todo ensinamento, diálogos, presteza, orientações e, sobretudo, pela partilha de sua caminhada na pesquisa sobre a educação na cidade de Santos.

Agradeço aos familiares e, principalmente, à minha querida Tia Maria Elisabete Arruda de Assis, minha referência profissional. Às sobrinhas, cunhada e cunhado. Ao

meu irmão Edgar Francisco de Assis Neto, pelo respeito diante das pesquisas. À minha irmã Ana Claudia Goggin de Assis Simão pelo apoio incondicional.

Por fim, não menos importante, agradeço aos meus pais Alberes Arruda de Assis e Maria José Goggin de Assis por acreditarem na minha caminhada e me ensinarem que é possível um mundo mais justo quando se olha para o coletivo.

Dedico esta pesquisa à memória dos trabalhadores da cidade de Santos, que inspirados pelos ideais emancipatórios dos libertários e anarquistas, ousaram protagonizar importantes episódios na história da emancipação da classe trabalhadora.

À querida irmã Ana Claudia por ser meu alicerce nos momentos mais difíceis da minha vida.

À afilhada Maria Julia pelo amor, carinho e olhar de encantamento.

Ao meu companheiro Rodrigo Christofolletti, por toda caminhada, parceria, paciência, abnegação e admiração.

“Pentimento: em alguns quadros, ação do tempo penetra as camadas de tinta e deixa transparecer o traço inicial, os primeiros esboços que o artista projetou e abandonou. E novas imagens surgem superpostas, trazendo à tona os tempos múltiplos que compõem uma criação e que transfiguram o resultado final. A esse fenômeno dá-se o nome de PENTIMENTO.”

Lillian Hellmann

RESUMO

Ao longo das últimas décadas publicações narraram sob diversos olhares as lutas sindicais, palco da memória trabalhadora na cidade de Santos. Empresas como Companhia Docas e São Paulo Railway Company estiveram à frente das obras que facilitaram o acesso e à exportação do café. Em decorrência deste processo, chegaram em terras brasileiras milhares de imigrantes europeus, sobretudo àqueles provenientes da Espanha, Portugal e Itália. Os de nacionalidade italiana, em sua grande maioria, seguiram em direção às lavouras cafeeiras com o sonho da terra própria. Muitos portugueses e espanhóis fixaram moradia na cidade de Santos. O crescimento da cidade e a movimentação populacional acarretou o que chamamos de miscigenação cultural. Em decorrência da cultura operária europeia, ideais libertários foram fortemente propagados na cidade, terreno fértil para a disseminação de um novo modo de vida e visão política. Surgem então, sociedades e associações de auxílio mútuo que de forma organizada produzem acesso à educação, auxílio e luta por melhores condições de trabalho e moradia. A pesquisa apresentada consiste no mapeamento da educação destinada ao trabalhador imigrante na cidade de Santos. Foram entrevistadas pessoas que estão vinculadas às associações e sindicato de modo a compreender por meio da história oral o funcionamento e a atuação dessas entidades. Também foram pesquisados fundos documentais públicos e privados, para que pudéssemos circunscrever a trajetória da educação, sob todos aspectos que ela se vincula, inclusive àqueles que estão além dos muros da escola enquanto estrutura física. Por fim, o diálogo com a imprensa da cidade, que foi pioneira na propagação de informações dos mais diferentes aspectos, possibilitou-nos compreender como o trabalhador se preparava para uma das práticas mais contestatórias da educação: a atividade *in loco*, a greve.

Palavras chave: Educação, emancipação, imprensa, imigrantes, Porto, Santos.

ABSTRACT

Over the last few decades publications have narrated the union struggles under different perspectives, the stage of working memory in the city of Santos. Companies such as Companhia Docas and São Paulo Railway Company were at the forefront of the works that facilitated access and export of coffee. As a result of this process, thousands of European immigrants arrived in Brazilian lands, especially those from Spain, Portugal and Italy. Those of Italian nationality, for the most part, went towards coffee plantations with the dream of own land. Many Portuguese and Spaniards settled in the city of Santos. The growth of the city and the population movement brought about what we call cultural miscegenation. As a result of the European worker culture, libertarian ideals were strongly propagated in the city, fertile ground for the dissemination of a new way of life and political vision. Then, mutual aid societies and associations appear that, in an organized way, produce access to education, assistance and struggle for better work and housing conditions. The research presented consists of mapping education for immigrant workers in the city of Santos. People who are linked to associations and unions were interviewed in order to understand, through oral history, the functioning and performance of these entities. Public and private documentary funds were also researched, so that we could circumscribe the trajectory of education, in all aspects that it is linked to, including those that are beyond the walls of the school as a physical structure. Finally, dialoguing with the city press, which was a pioneer in spreading information of the most different aspects, enabled us to understand how the worker was preparing for one of the practices of education: on-site activity, the strike

Keywords: Education, emancipation, press, immigrants, Porto, Santos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem	Descritivo das Imagens	Página
01	Inauguração do primeiro bloco para expansão e reforma do porto. s/d.	33
02	Construção da murada para expansão. s/d.	33
03	Porto do Consulado, Santos, em 1870, fotografado por Marc Ferrez (1843 – 1923).	34
04	Porto do Consulado, Santos, em 1900, fotografado por Marc Ferrez (1843 – 1923).	35
05	Porto do Consulado de Santos, s/d.	35
06	Porto de Santos. Acervo pessoal do historiador santista Waldir Rueda.	36
07	Registro iconográfico do embarque de cafés por meio dos armazéns da Cia. DOCAS.	36
08	Mapa da cidade de Santos, de 1878. Fonte: Relações entre imigração e escolarização de jovens e adultos: Galícia e Brasil (1895 – 1930).	41
09	Mapa da cidade de Santos, de 1921. Relações entre imigração e escolarização de jovens e adultos: Galícia e Brasil (1895 – 1930).	41
10	Fotografia da cidade de Santos, apresentando situação de alagamento e insalubridade. s/d.	43
11	Relatório da Câmara Municipal de Santos do ano de 1907.	45
12	Inauguração do Canal que liga a Praça Iguatemy Martins à Avenida Dona Ana Costa.	45
13 e 14	Notícia veiculada sobre a chegada de imigrantes. Diário de Santos, 15 de julho de 1890.	50
15	Chegada de imigrantes à cidade de Santos. s/d.	51
16	Desembarque de imigrantes no Porto de Santos, 1906.	51
17	Empório Sul Rio Grandense – 1902.	55
18	Registro iconográfico dos armazéns de café e seus trabalhadores. s/d.	55
19	Registro iconográfico das moradias feitas em madeira do Quilombo do Jabaquara. s/d.	59
20	Jornal A Lanterna, São Paulo, 14 de agosto 1914.	62
21	Jornal a Voz do trabalhador, 01 de novembro de 1914.	62

22	Largo do Chafariz, atual Praça Mauá, datado de 1865.	63
23	Cartão Postal do Largo do Chafariz, atual Praça Mauá datado de 1906.	63
24	Jornal União dos Operários, Santos, 15 de setembro de 1905.	68
25	Embarque de café no Porto de Santos. s/d.	71
26	Cais de Santos. s/d.	72
27	Monumento Trabalhador Portuário, localizado na Avenida Cidade de Santos. s/d.	72
28	Atual prédio do Sindicato dos Estivadores do Porto de Santos. s/d.	74
29	Saldo de matrículas dos Grupos Escolares, 1908.	81
30	Saldo de matrículas dos Grupos Escolares, 1920 – 1921.	82
31	Relatório da Inspeção de Ensino de São Paulo, 1907, sobre organização do ensino. Anuário 1907.	83
32	Relatório da Inspeção de Ensino de São Paulo, 1907. Referência à insalubridade das salas de aula.	84
33	Asilo de órfãos. Revista da Semana (Rio de Janeiro) janeiro de 1902.	86
34	Relação de Escolas Estrangeiras, da 15ª zona do ano de 1909.	90
35	Trecho de relatório apresentado no Anuário de 1909 -1910 sobre o fechamento de escolas estrangeiras ligadas ao anarquismo.	91
36	Primeira sede da Società Italiana (prédio já reformado), na antiga rua do rosário, hoje rua João Pessoa. s/d.	92
37	Atual sede da Società Italiana, na Avenida Ana Costa. s/d.	92
38	Prédio da Sociedade de Beneficência Portuguesa, ainda em funcionamento.	98
39	Fachada do Centro Real Português. s/d.	102
40	Fachada da primeira construção do Centro Espanhol de Santos. s/d	104
41	Ficha de associado o Centro Espanhol. Acervo do Centro Espanhol de Santos	105
42	Jornal Diário de Santos, 30 de maio de 1890.	120
43	Segunda sede própria da Sociedade União Operária, situada na Praça José Bonifácio. s/d.	128
44	“Instataneo apanhado na sede da Sociedade União Operária, na ocasião da comemoração da passagem do 39º aniversário daquela agremiação”.	128
45	Prédio adquirido pela Sociedade União Operária em 1954.	131
46	Ofício da Sociedade União Operária datado de 1906, encaminhado ao Presidente da Câmara Municipal de Santos.	134
47	Anuario da Instrução Publica de São Paulo, 1911 – 1912.	153
48	Anuario da Instrução Publica de São Paulo, 1914.	136

49	Anuario da Instrução Publica de São Paulo, 1908-1909.	137
50	Anuario da Instrução Publica de São Paulo, 1916.	137
51	Anuario da Instrução Publica de São Paulo, Causas Perturbadoras, 1908-1909.	138
52	Anuario da Instrução Publica de São Paulo, 1918.	138
53	Livro de registro de funcionários, 1940. Acervo da Escola Modelo.	140
54 e 55	Livro de Registro de Empregados. Acervo da Sociedade União Operária, s/d.	141
56 e 57	Livro de Registro de Empregados. Acervo da Sociedade União Operária, s/d.	141
58 e 59	Livro de Registro de Empregados. Acervo da Sociedade União Operária, s/d.	142
60	Livro de chamada do Professor Rafael Improta, ano de 1922, folha17, Escola União Operária.	148
61	Livro de chamada da Professora Rosalina Derenzio, ano de 1924, folha1, Escola União Operária.	149
62 e 63	Livro de ata da sessão de encerramento de ano letivo da Escola Sociedade União Operária, 1931.	150
64	Livro de ata da sessão de encerramento de ano letivo da Escola Sociedade União Operária, 1931.	151
65	Relatório da Sociedade União Operária, 1931.	151
66	Relatório da Sociedade União Operária, Concurso de Português, 1931.	152
67	Movimentação de alunos nas Escolas. Anuario da Instrução Pública, 1908 / 1909.	157
68	Idade dos alunos matriculados, em Santos. Anuario da Instrução Pública, 1911 / 1912.	158
69	Movimento das Escolas. Anuario da Instrução Pública, 1911/1912.	159
70	Movimento das Escolas. Anuario da Instrução Pública, 1911/ 1912.	159
71	Movimento das Escolas. Anuario da Instrução Pública, 1911 / 1912.	160
72	Movimento de Matrícula de alunos com base na nacionalidade. Anuario da Instrução Pública, 1911 / 1912.	160
73	Movimento de Matrícula de alunos com na idade. Anuario da Instrução Pública, 1911 / 1912.	161
74	Anuario da Instrução Pública, 1918.	162
75	Movimento de Matrícula de alunos em curso noturno. Anuario de Instrução Pública, 1918.	163
76	Anuario da Instrução Pública, 1919.	163
77	Livro de Matrículas da Escola Modelo, mantida pela Sociedade União Operária. Ano 1908.	165
78	Livro de Matrículas da Escola Modelo, mantida pela Sociedade União Operária. Ano 1915.	166

79	Folder de divulgação de peça teatral a ser realizado em Festival. 1917.	167
80	Programação do Festival de Teatro Infantil, realizado pelo corpo cênico da Sociedade União Operária em 1917.	168
81	Revista Comemorativa da cidade de Santos, edição comemorativa de centenário de elevação de Santos à categoria de cidade. Santos, Editora J. Gozo, 1939 p. 18.	168
82	Relatório Geral da Biblioteca da Sociedade União Operária – Frequência de leitores do salão de leitura. Relatório anual, ano base 1931.	169
83 e 84	Relatório Geral da Biblioteca da Sociedade União Operária – Relação de jornais disponíveis na mesa de leitura. Relatório anual, ano base 1931.	170
85	Relatório Geral da Biblioteca da Sociedade União Operária – Relação de obras saídas para empréstimo. Relatório anual, ano base 1931.	170
86 e 87	Destaque para as chamadas editoriais sobre “A municipalização do ensino” e “União Operária” ambos do Jornal “Diário de Santos” de 10 de maio de 1890 e 27 de maio de 1890.	172
88	Destaque para as chamadas editoriais “Theatro e artistas”, “Banco de Crédito Rural” e “Instrui”, veiculadas no dia 20 de maio de 1890.	173
89	Jornal Aurora Social. Santos. s/d.	201
90	Jornal Aurora Social. Santos. s/d.	201
91	Jornal Aurora Social. “Anno novo”. s/d.	202
92	Jornal Aurora Social. Santos. “As Pátrias”. s/d.	202
93	Jornal Aurora Social. Santos. s/d.	203
94	Revista Comercial, nº1, 1849.	207
95	Revista Liberal. Porto Alegre, 13 de outubro de 1922.	215
96	Revista Liberal. Porto Alegre, fevereiro de 1923.	216
97	Jornal Tribuna Operária. Santos, 07 de agosto de 1909.	218
98	Jornal Tribuna Operária. Santos, 07 de agosto de 1909.	220
99	Jornal A Vanguarda. Santos, 18 de fevereiro de 1912.	221
100	Revista A Fita. Santos, 01 de outubro de 1912.	222
101	Jornal O Proletário. Santos, 01 de agosto de 1911.	224
102	Revista A Fita. Santos, 12 de junho de 1911.	225
103	Jornal Diário de Santos. 20/05/1890.	227
104	Jornal A Tribuna. Santos, 08 de janeiro de 1920.	228
105	Jornal O Proletário. Santos, 15 de janeiro de 1912.	229
106	Jornal O Proletário. Santos, 01 de junho de 1911.	230
107	Aurora Social. Santos, 1910. “Estado e religião”. Edição Especial em comemoração do 3º aniversário.	231
108	Jornal O Proletário. Santos, 1911.	233
109	Jornal A Tribuna. Santos, 05 de janeiro de 1920.	234
110	Jornal A Tribuna. Santos. 08/01/1920.	237
111	Jornal A Tribuna. Santos, 28/04/1920.	238

112	Jornal A Tribuna. Santos, 06/11/1920.	240
113	Jornal O Proletário. Santos, 01 de junho de 1911.	242
114	Jornal O Proletário. Santos, 15 de janeiro de 1912.	243
115	Jornal A Vanguarda. “A facada”. Santos, 27 de fevereiro de 1912.	244
116	Jornal O Proletário. Santos, 01 de janeiro de 1912.	245
117	Jornal Aurora Social. Santos. s/d.	246
118	Jornal o Proletário. Santos, 15 de julho de 1911.	247
119	Revista A Fita. Santos, 12 de junho de 1911.	249
120	Jornal O Proletário. Santos, 01 de outubro de 1911.	250
121	Jornal O Proletário. Santos, 01 de janeiro de 1912.	250
122	Revista A Fita. “Pelos cinemas”. Santos, 12 de junho de 1911.	251
123	Revista A Fita. Santos, 12 de junho de 1911.	251
124	Revista A Fita. Santos, 12 de junho de 1911.	252
125	Jornal Tribuna Operária – Sociedade Internacional União Operária. Santos, 01 de maio de 1909.	253

LISTA DE TABELAS

Tabela	Descrição	Página
01	Óbitos da cidade de Santos. Década de 1890.	40
02	Alguns periódicos veiculados na cidade de Santos	48
03	Período e nacionalidade de imigrantes chegados em São Paulo	49
04	Algumas escolas e sociedades fundadas em Santos	85
05	Quantidade de imigrantes chegados em São Paulo, segundo censo de 1891.	93
06	Quantidade Geral de imigrantes portugueses.	94
07	Entidade de auxílio portuguesas já extintas.	99
08	Quantidade de obras da biblioteca do Centro Espanhol no primeiro decênio.	109
09	Quantidade de leitores de Biblioteca do Centro Espanhol.	109
10	Periódicos da Biblioteca do Centro Espanhol.	110
11	Lista de alunos matriculados, 1904.	113
12	Lista de alunos matriculados, 1906.	114
13	Lista de alunos matriculados, 1911.	115
14	Lista de alunos matriculados, 1916.	116
15	Lista de alunos matriculados, 1917.	117
16	Nacionalidade dos alunos da Escola Sociedade União Operária.	156
17	Nacionalidade dos pais dos alunos da Escola Sociedade União Operária.	156
18	Profissão dos pais dos alunos da Escola Sociedade União Operária.	164
19	Catálogo de livros da Sociedade União Operária.	174
20	Relação de associados da Sociedade União Operária.	189
21	Periódicos que circularam em Santos, em ordem cronológica (1849-1825)	209

SUMÁRIO

Introdução	19
Capítulo I – Panorama histórico e urbanístico de Santos	30
1.1 – A formação da cidade do café	31
1.2 – Da insalubridade “maledetta” à cidade dos canais	38
1.3 – Uma cidade com DNA operário	47
1.4 – Uma cidade de negros, trabalhadores imigrantes e greves	56
Capítulo II – Associações mutualistas em Santos e a educação para o trabalhador: uma dicotomia entre teoria e prática	76
2.1 – A educação brasileira na Primeira República	77
2.2 – Escolas santistas: herança de um passado presente	80
2.3 – Imigrantes e suas sociedades beneficentes	87
2.3.1 – Società Italiana di Beneficenza	88
2.3.2 – As sociedades portuguesas de auxílio	93
2.3.3 – Centro Real Português: Documentos, memória e história oral	99
2.3.4 – O Centro Espanhol	112
2.3.5 – A Sociedade União Operária: histórias e memórias parcialmente descobertas e veladas	119
2.3.5 A – A organização escolar da Escola Sociedade União Operária	132
2.3.5 B – Livros que norteiam práticas: a Biblioteca da SUO	169
2.4 – Memória social e a educação do trabalhador	191
Capítulo III – Educação para além da escola: a formação do trabalhador por meio da imprensa santista	194
3.1 – Breve histórico da imprensa santista	195
3.2 – Histórias e contribuições à educação dos trabalhadores	206
3.3 – Tipografia santista: diversidade de informações	208

3.4 – Leitura operária santista: dos jornais às bibliotecas	247
Considerações Finais	255
Referências, Fontes, Arquivos e Entrevistas	260

Introdução

O anarquismo é o pai da educação libertária.

Mas, ela possui diversos padrastos.

(apócrifo)

O movimento libertário, em suas várias vertentes, conduzido substancialmente pelos trabalhadores sempre considerou a educação como um fator de extrema importância na emancipação social. Movimentos surgidos dos trabalhadores, em sua maioria portuários, auto organizados, possuíam um modo próprio de enxergar o mundo, colocando o protagonismo no sujeito, por meio da consciência de sua classe. Cidades como São Paulo e Rio de Janeiro possuem um arcabouço relativamente bem estudado sobre as agruras e peripécias do mundo operário. No entanto, outra cidade de importância crucial para o movimento operário de caráter libertário (dentre os quais o próprio anarquismo), a cidade de Santos, no litoral paulista, ainda carece de estudos, a despeito de se tratar de uma cidade portuária, cuja movimentação imigrante foi fator determinante para tal movimento.

Esta dissertação mapeia a atuação da educação a que estavam vinculados parte dos trabalhadores (portuários ou não) da cidade de Santos, entre os anos de 1890-1925. O trabalho em questão investigou as práticas escolares e a educação por meio da imprensa, considerada uma forma de educação libertária, bem como sua influência política nessa questão. A partir de pesquisas bibliográficas, jornais, revistas, jornais anarquistas publicados na cidade e fundos documentais diversos, buscou-se analisar a trajetória da educação dos trabalhadores na cidade sede do maior sindicato portuário do país.

De fato, a emancipação do indivíduo não se dá quando a educação a ele ofertada é inferior à classe burguesa. (Mariyón, 1989). Sendo assim, a busca pela emancipação humana dá-se pelos seguintes modos: a econômico-social, a política, a moral e a intelectual, a qual deverá ser feita pelos próprios trabalhadores, ou seja, a educação, a cultura e outros campos de conhecimento, devem ser apropriados pelas classes trabalhadoras de forma igualitária, anti-hierárquica e desburocratizada de organizações políticas e Estatais. A partir dessas concepções sugere-se que uma educação boa e reparadora é aquela que coeduca as classes sociais ricas e pobres, porque os homens nascem livres e iguais com possibilidade de uma educação racional (Tragtenberg, 1990).

No Brasil, as concepções libertárias, em especial, anarquistas foram introduzidas pelos imigrantes europeus, como movimento coletivo, principalmente os italianos e espanhóis

– países agrários e menos desenvolvidos do sul da Europa (DALVA, 2017, p. 321) -, em grande parte, responsáveis pela organização dos primeiros movimentos operários e sindicatos autônomos que lideraram as greves de 1917, 1918 e 1919, ocorridas em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Santos. Para além do Porto e dos esforços dos movimentos operários os desdobramentos da ideologia puderam ser sentidos em outras esferas da sociedade, ainda pouco acostumada com a autogestão, a participação coletiva e a descentralização do poder: a instrução escolar foi um desses desdobramentos.

Os trabalhadores libertários entediam que a escola era um dos veículos mais importantes para se educar um ser humano. A educação, nessa concepção, abrangia aspectos culturais e literários, estando estes articulados com o modo de vida. O projeto educativo que os anarquistas e libertários fomentavam estava distante do Estado e da Igreja, definitivamente por questões de princípios, e a escola não era o único meio pelo qual se pretendiam estabelecer seu âmbito educacional, embora tenhamos encontrado relações entre Estado e Igreja nos documentos analisados em parte das sociedades de auxílio mútuo. Nessas instituições observou-se uma conduta ultra conservadora.

Nas primeiras décadas do século XX, o movimento libertário trouxe forte contribuição para a reflexão e a prática educativa nas cidades brasileiras cuja presença dos operários era marcante. (MORAES, 1999, p.78). Devido a imigração italiana e espanhola, juntamente com intelectuais brasileiros e portugueses, o movimento buscou novas práticas educativas. Foi durante a década de 1920 que passou a existir escolas libertárias financiadas pelos próprios trabalhadores que as criavam e usufruíam de suas estruturas.

No novo mundo, se depararam com problemas díspares à realidade europeia, e um dos mais impactantes foi o alto índice de analfabetismo que dominava as cidades brasileiras. Com o lema “É necessário que o povo saiba, que o povo aprenda”, foi instaurada a urgência da abertura de escolas para os operários. Em contrapartida, buscou-se enraizar as lutas por um racionalismo pedagógico, centrando na educação, o problema político crucial, devendo para isso o ensino ser científico e racional.

No campo da educação formal, os ideais anarquistas e libertários conquistaram espaço nas cidades onde a presença dos militantes era mais ativa, transformando-a em uma espécie de ferramenta transformadora. Escolas do movimento operário foram abertas no país, e nos nomes de militantes como: João Penteadó, Adelino de Pinho e Florentino Carvalho (pseudônimo de Primitivo Soares), traduziram-se as mais expressivas representações do movimento, inspiradas

nas ações de Paul Robin, Sebastián Faure, Francisco Ferrer y Guardiola, (criador da Escola Moderna espanhola) e também acerca da concepção de Instrução Integral de Mikhail Bakunin.

Para os trabalhadores militantes, o movimento libertário, em suas várias vertentes, sempre considerou a educação um fator de extrema importância na emancipação das pessoas, e claro, dos trabalhadores, que se daria não só pela ação insurgente, mas com organização consciente dessa força. As escolas, controladas inicialmente pela Igreja e depois pelo Estado, seriam as responsáveis mais diretas por incutir no pensamento das pessoas, desde a infância, uma série de preconceitos, superstições e dogmas. De acordo com os anarquistas, os trabalhadores não se levantavam contra a opressão em que viviam por temerem juízos divinos ou por julgarem-se incapazes de administrar eles próprios as várias instâncias da vida em sociedade. Desse modo, a educação teria que andar lado a lado com a militância libertária, já que era necessário não somente destruir os valores adquiridos pelo doutrinamento clerical ou estatal, mas também instruir as pessoas para gerirem a sociedade sem o patronato e o aparelho estatal (RODRIGUES, 1999, p. 97).

O fato é que as denominadas *Escolas Modernas* se constituíram como uma ação revolucionária com o intuito de emancipar a formação infantil, dissipando todo e qualquer traço de dogmatismo religioso ou cívico republicano. E também se compõe como um fato, a proposta de educação libertária destas escolas ter derivado do projeto de educação integral, formulado pela linha teórica do anarquismo clássico. A educação considerada libertária extrapola totalmente o universo da escola, e se faz presente nos momentos de greve, na boicotagem, na sabotagem, nas manifestações espontâneas dos trabalhadores, na sua ação dia-a-dia a caminho da revolução social. As práticas educacionais desenvolvidas pelos trabalhadores merecem ser revistas e repensadas com vistas a entender, através delas, a complexidade de uma educação voltada para a formação integral do indivíduo, atuante e capaz de transformar a sua própria realidade e a realidade da sociedade em que vive.

Em São Paulo, exemplo mais conhecido, a articulação entre as *Escolas Modernas* e outras organizações libertárias caracterizou de outro modo o programa da educação como ação direta nas práticas anarquistas. Enquanto os jornais libertários assumiram o papel de veículo da formação político-cultural, em âmbito essencialmente cidadão, a Escola Moderna nº 1 enfatizou seu programa escolar como um processo essencialmente fundamentado no crescimento orgânico da criança, em meio à sociabilidade dos bairros operários. Bairros que, simultaneamente, eram residenciais e industriais, que igualmente se urbanizavam, mas se mantinham além dos limites da colina histórica, lugar onde o poder das elites se manifestava

em sociabilidade, infraestruturas e disponibilidade de serviços. Aqui a Escola Moderna não se impôs a tarefa de ocupar o centro da cidade, mas sim de promover atividades de educação e sociabilidade – haja vista as festas e outros encontros que promovia – entre os círculos propriamente operários (CHAHIN, 2013, p.122). A atividade escolar deveria, portanto, questionar as desigualdades sociais pelo desenvolvimento do espírito crítico, e promover a solidariedade e o apoio mútuo. Os conteúdos se pautariam pelo método científico, ensinando como lidar com o ambiente para gerar o bem-estar social.

Em 1895 começaram a surgir escolas libertárias pelo Brasil, a começar pelo Rio Grande do Sul com a “Escola União Operária”. Vemos em seguida a expansão desse ideário no cenário educacional do país e, em 1919, logo que os ânimos em relação à educação começam a despontar, o fechamento das escolas modernas. Claro que as iniciativas anarquistas não existiram apenas nesse espaço de tempo de pouco ânimo, porém, após este período, sua presença não era mais tão intensa, por conta da repressão.

O estudo das ideias libertárias e das suas reflexões sobre a educação nos permitem refletir sobre as possibilidades de pensar uma educação pública não estatal e sobre a função da escola como difusora de ideologias contra-hegemônicas, no sentido *gramsciano* do termo. Pensar também os papéis que os movimentos sociais, as classes trabalhadoras observam e compreendem como geradores da própria produção intelectual, de trabalho, como princípios instrutivos de emancipação. Reconhecendo a historicidade dos processos educativos, as possibilidades de formação individual e coletiva.

Em contraste absoluto podemos afirmar que enquanto a educação tradicional forma os indivíduos de acordo com os interesses e necessidades apresentadas pelo sistema, a pedagogia libertária possui uma posição inteiramente oposta, tendo o objetivo de “educar a pessoa para que ela seja o que realmente é. Consciente de si mesma, de suas singularidades, de suas diferenças e da importância de seu relacionamento com o grupo social para a construção coletiva da liberdade”. (GALLO, 1998, p.36).

A pedagogia libertária é centrada no indivíduo e na livre escolha do currículo, prezando um ambiente tolerante, que proporciona ao sujeito realizar suas escolhas. Dessa maneira o aprendizado ganha significado diante de suas necessidades, sem desprezar os conteúdos presentes nas escolas convencionais, mas tornando-os vinculados à realidade do aluno. Paulo Ghiraldelli Jr. nos conta que a iniciativa mais instintiva e produtiva foi a criação dos Centros de cultura social por todo o território nacional criados com o objetivo principal de congrega os trabalhadores para discutir as ideias anarquistas. Ainda segundo esse autor, tais

centros eram criados de forma “rápida e não requeria grandes empreendimentos” (GHIRALDELLI Jr., 1987, p.117) além de ter por método educativo o ensino mútuo onde todos ensinam e aprendem mutuamente, ou seja, os que estão mais adiantados na matéria auxiliam os iniciantes. Para o financiamento dos centros, assim como das demais iniciativas educacionais, buscava-se o apoio dos próprios militantes e trabalhadores que aderiam à causa e à realização de eventos para a angariação de fundos.

Outra iniciativa que teve grande repercussão no Brasil foi a das escolas libertárias. Seu objetivo era formar pessoas que pudessem ajudar a construir uma sociedade igualitária segundo os preceitos libertários a partir das ideias em internacionalismo de educadores libertários estrangeiros. Segundo os teóricos da educação libertária, a metodologia adotada era a científica e racional no qual o aluno é o principal agente de seu aprendizado e seu professor que direciona o aprendiz a livrar-se de preconceitos e idealizações que não proporcionassem o saber, o pensar e principal e fundamentalmente, a emancipação.

Essa metodologia da educação que tem por objetivo a liberdade pode gerar certos equívocos, porque não há separação entre meios e fins, indivíduo e sociedade, autonomia e solidariedade. Nesse sentido, entende-se que a disciplina se constitui em elemento fundamental para a aprendizagem. Por isso, é possível afirmar que a educação, para a pedagogia libertária, transcende o espaço escolar através de uma educação que possibilita a liberdade plena e que os conteúdos inseridos no espaço escolar possam ser empregados para além de seus muros.

No entanto, a despeito de toda ação libertária e dos preceitos revolucionários que propagava, com a onda de repressão aos ideais anarquistas, a fundação do PCB em 1922 a III Internacional e a ligação dos sindicatos ao Estado no período governado por Getúlio Vargas, as escolas libertárias brasileiras foram fechando suas portas e o movimento operário foi se enfraquecendo aos poucos, ao ponto de suas vertentes serem tomadas por outras de linha socialista e comunistas. São Paulo, Rio de Janeiro e Santos se destacaram como centros de resistência.

As duas primeiras cidades possuem estudos significativos sobre a atuação das escolas e da educação anarquistas/libertárias. Santos, por outro lado, centro nevrálgico do anarcosindicalismo portuário do país, nas primeiras décadas do século XX carecia de estudos acerca de sua atuação para além da presença já conhecida nos sindicatos, motivo pelo qual a escolhemos como ponto de partida para compreendermos como se deu a atuação da educação fomentada pelo trabalhador, um cenário propício às intervenções emancipadoras, em meio a uma cidade que crescia ao sabor do porto.

Uma resolução do primeiro congresso da Confederação Operária Brasileira (COB), em 1906, determinava que toda associação operária deveria sustentar uma escola laica para os sócios e seus filhos. Nesse sentido, registra-se que entre 1885 e 1925, cerca de quarenta instituições de ensino anarquistas surgiram no Brasil. A primeira de que se tem notícia foi a Escola União Operária, em Porto Alegre (RS). Em Fortaleza (CE) funcionou a Escola Germinal (1906); em Campinas (SP), a Escola Livre (1908); no Rio de Janeiro, a Escola Operária 1º de Maio, e em São Paulo, as Escolas Modernas nº 1 e nº 2 (todas de 1912), entre muitas outras. Em Santos, o mapeamento das ações educativas de caráter libertário, e mesmo anarquistas, ajudaria a ampliar o ainda restrito conjunto de experiências do período.

Em linhas gerais identificamos três fases, que acreditamos ser uma trajetória das escolas libertárias no Brasil: a primeira entre os anos de 1895 a 1909, com os centros de estudos, ateneus, grupos de militância voltados à educação e às escolas; a segunda entre 1909 e 1919, com o pleno funcionamento das escolas, já com as diretrizes racionalistas e o terceiro, entre 1927 e 1937 em que apenas os ateneus e centros de estudos sobreviveram. (MORAES, 1999, p. 56).

O problema formulado nesta pesquisa foi: como mapear a educação santista, num terreno fértil para ideias libertárias? A cidade de Santos, do início do período republicano é um dos casos paradigmáticos das transformações pelas quais passava um país “independente que procurava inserir-se nos marcos internacionais do desenvolvimento capitalista tanto do ponto de vista das relações econômicas, quanto pela incorporação de doutrinas, valores, modos de vida” (LANNA, 1996, p.15). As reformas proporcionadas pelo café, os incrementos do porto, o combate às epidemias e as transformações urbanas impulsionadas pelo sanitarismo criaram condições mínimas de modificação da estrutura social da cidade, propiciando a fixação dos imigrantes, que chegaram em grande número em Santos naqueles anos 1910 e 1920, dando a esta uma feição mais cosmopolita.

Uma comunidade multicultural e multiétnica baseada em afinidades de trabalho e residência, assim como nos múltiplos constrangimentos da condição operária, desenvolve-se na cidade, oferecendo um solo fértil ao florescimento de um movimento operário. Os artigos, livros e teses mencionados nas referências ajudaram a compreender os aspectos históricos de transformação da cidade portuária na virada do século XIX para o XX, cenário no qual a educação anarquista teve destaque. A linguagem política adotada por grande parte desse contingente de imigrantes é a do anarcosindicalismo, uma vez que se concentraram nos trabalhos oriundos do porto e do pequeno comércio, arregimentados pelos sindicatos que já se

faziam fortes e presentes na cidade (GITAHY, 1992, p. 18). Deste modo, Santos, com a efervescência de greves que repercutem em São Paulo, Rio de Janeiro, e portos de todo o país, ganha epíteto de *Barcelona Brasileira*¹, com referência à grande presença de anarquistas ibéricos o que estimulou a criação de espaços de disseminação dos ideários, para além dos sindicatos e associações mutuárias.

As duas primeiras décadas do século XX foram marcadas pela ocorrência de muitas greves em Santos e no país, principalmente por influência anarquista, estendendo-se até o final da década de 1920, quando os comunistas passam a controlar os sindicatos, passando a cidade a possuir outros apelidos: *Moscowzinha brasileira*, por exemplo, dada a penetração dos comunistas. Em Santos, os anarcossindicalistas tinham grande expressão nos movimentos sindicais e fundaram associações responsáveis pela irradiação da ideologia anarquista nos sindicatos e associações de classe, dentre as quais se destacam: A Sociedade Primeiro de Maio (1904); A Sociedade Internacional União dos Trabalhadores, a Federação Local dos Trabalhadores, (1907) e, sobretudo, a FOLS (Federação Operária Local de Santos) do mesmo ano, entidades que incentivam a criação e manutenção de escolas libertárias.

Por outro lado, antes de sua dissolução como alternativa de autogestão social, o anarquismo deixou marcas significativas na silhueta da cidade. Elementos menos conhecidos são a herança de seu sistema educacional, a trajetória de seus espaços de instrução, suas escolas, e seu modo de ensinar: tópicos que essa pesquisa buscou elucidar. A análise e o aprofundamento dos conhecimentos sobre essas instituições escolares auxiliaram na percepção mais aprofundada sobre o espectro educacional da época, que era muito mais diversificado e heterogêneo que o caráter educativo hegemônico da época deixou ver: a escola tradicional, liberal, republicana, que patrocinava uma visão de hierarquia e obediência, seguia caminhos contrários aos apresentados pela escola anarquista. Nesse sentido, a compreensão da proposta educativa libertária desenvolvida nas escolas libertárias da cidade sede do maior sindicato portuário do país, ajuda na compreensão desse ainda pouco estudado movimento, em âmbito regional e nacional.

¹ No livro de Adelto Gonçalves, *Barcelona Brasileira*, o protagonista não é um operário, mas um poeta (baseado na vida de Martins Fontes) poeta burguês com alma libertária. O livro apresenta a “classe anarquista” do movimento operário de 1917 – personagens se enfrentam nos salões, jornais, bondes, espaços públicos, padarias e bondes, mostrando a cidade de Santos como cenário de uma novidade a ser experimentada quando a sociabilidade e a política ganham os espaços de vivência. Ver: GONÇALVES, Adelto. *Barcelona Brasileira*. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

Outro aspecto que legitimou a proposta dessa pesquisa foi seu caráter de ineditismo. São relativamente bem conhecidos os históricos da educação tradicional santista, herdeira da elite e que representava o poderio econômico gerado a partir das engrenagens do sistema cafeeiro e sua exportação, mas a trajetória das propostas alternativas a esta, ainda padeciam de um desconhecimento marcante. O cenário: a cidade de Santos, centro nevrálgico do mais atuante sindicato portuário do país; o período: virada do século XIX para o XX; os personagens: herdeiros de um ideário que buscavam a autonomia e o protagonismo do educando, em um momento em que a educação ainda não havia se universalizado. Esse tripé (cenário, período, personagens) ajuda a circunscrever o tema proposto, em uma cidade de tradição sindical, se mostra bastante relevante.

Dessa forma, parece-nos fazer sentido a escolha da baliza temporal dessa pesquisa (1895- 1925), justificada por ser este o período de maior disseminação dos ideais libertários na cidade de Santos. Portanto, cumpre um papel circunscrito: historicizar as instituições escolares e ações pedagógicas fomentada para os trabalhadores em Santos, seus legados, dificuldades e registros. É justamente a trajetória dessa educação, na cidade de Santos, que motivou a pesquisa ora apresentada. Construiu-se, por meio da análise do processo histórico de formação e transformação das primeiras escolas subvencionadas às sociedades de auxílio mútuo na cidade de Santos, bem como nas experiências de educação por meio dos veículos de comunicação de massa (jornais e periódicos), terreno e espaço de instrução não escolar cidade de Santos.

O epíteto: *Barcelona Brasileira* outorgado a Santos pelos militantes anarquistas, em sua maioria estivadores do Porto, graças a sua semelhança ao centro do anarquismo europeu, reflete o alto grau de penetração das ideias libertárias na cidade portuária. Essa nomeação, uma “toponímia ideológica”, por meio da qual a cidade se transformou em território de internacionalização das lutas operárias e de seus ideais de emancipação, seria lembrada como um espaço público de terreno fértil.

Estudar a educação promovida pelas sociedades de auxílio mútuo a na cidade de Santos, no período proposto foi, antes, um desafio. A pouca documentação sistematizada e a quase inexistente historiografia sobre o tema em Santos, dificultou em grande medida sua compreensão. No entanto, nas últimas duas décadas poucos, mas significativos estudos bibliográficos ajudaram a elucidar partes dessa trajetória, o que colaborou sensivelmente na elaboração dos caminhos desse estudo. Sobre a literatura utilizada, foram selecionadas leituras que tratam da ideologia anarquista e da história da educação, em que são contempladas sua

organização e desenvolvimento através dos tempos, sobretudo com relação à educação libertária em São Paulo.

Estabelecendo um diálogo entre esta documentação e a análise bibliográfica, discutiu-se as ideias libertárias sobre educação, sua atuação junto à classe operária, as dificuldades encontradas no campo institucional, além de buscar legados e permanências, objetivando destacar a sua contribuição na História da Educação da cidade de Santos, cidade acostumada ao mosaico multicultural, que em princípios do século XX, tal como a capital, também representava uma espécie de metonímia do país. Como referencial teórico principal desta pesquisa destacamos William e Ferrer y Guardia. Francisco Ferrer, fundador da escola moderna, foi um grande crítico da escola tradicional. Sua obra foi o principal referencial teórico dos anarquistas que dirigiram e fundaram escolas em São Paulo, no início do século XX. Willian Godwin, ainda em fins do século XVIII, alertava que o ensino público perpetuava os preconceitos e ensinava a submissão. Suas críticas tiveram grande repercussão no anarquismo moderno e foram retomadas por filósofos como Proudhon e Bakunin.

Para dar conta de tamanha profusão de informações foram acessados e sistematizados os seguintes documentos/arquivos: publicações da imprensa anarquista em Santos disponíveis nas instituições de guarda documental mais antigas da cidade, a saber: a) Fundação Arquivo e Memória de Santos; b) Fundação Humanitária de Santos e c) Hemeroteca de Santos; Documentação disponível nos Fundos documentais sobre a educação anarquista localizados nos Arquivos: Edgard Leuenroth, (Unicamp) e no Acervo João Penteado, alocado no Centro de Memória da Educação da FEUSP; Documentos oficiais das escolas anarquistas em Santos; Anuários de Ensino do Estado de São Paulo de 1908, 1909, 1910, 1911, 1913, 1914, 1915, 1918 e 1919; Informações dos censos do município de Santos dos anos de 1913 e 1920; Periódicos regionais como o Diário de Santos e A Tribuna e jornais anarquistas circulantes na cidade, sobretudo, *O Proletário*. Nesse sentido, entendemos que a reflexão acerca da educação brasileira ao se considerar as ideias e práticas da educação libertária, localizá-las na cidade de Santos em princípios do século XX pode contribuir para a compreensão de um rico período de debates sobre o ideário libertário e as lutas desenvolvidas pelos trabalhadores que viam na sua proposta pedagógica arrimo para uma sociedade menos desigual.

Esta proposta poderá ser compreendida em sua inteireza, mediante a leitura dos três capítulos apresentados. De maneira interdependente, os personagens e episódios apresentados ajudam a mapear o quão intenso e profícuo foi o período estudado. No primeiro capítulo apresenta-se o cenário geopolítico da cidade de Santos. Conhecer os aspectos de infraestrutura

da urbe, sobretudo seu crescimento em decorrência do comércio cafeeiro nos auxiliou a compreender o panorama encontrado pelos imigrantes que aqui desembarcaram e fixaram moradia. Ainda no primeiro capítulo abordaremos a fundação e a atuação e coeva circunstância dos Sindicato dos Estivadores de Santos, sindicato este de grande atuação frente aos trabalhadores do porto. O segundo capítulo aborda as sociedades de auxílio mútuo que foram pesquisadas e, a partir disso foi possível entender a fundação de associações e centros de auxílio mútuo como o Centro Espanhol, o Centro Real Português, a Società Italiana, bem como o trabalho e o desenvolvimento dessas instituições cujo objetivo era atender as demandas ocasionadas pela chegada de seus compatriotas. Ainda no segundo capítulo abordamos a atuação da Sociedade União Operária, destacando grande escrita para esta instituição, que sem dúvida merece maiores aprofundamentos quando for possível acesso às informações. Na análise documental apresentada, dentro do mencionado capítulo, percebeu-se práticas conservadoras demonstrando grande dicotomia entre a teoria disseminada e as efetivas práticas pedagógicas realizadas nas dependências escolares. O terceiro e último capítulo, se dispõe sobre a atuação e a importância da imprensa santista na perspectiva da educação para além dos muros da escola. A análise de alguns exemplares, dentre as centenas que foram veiculados na cidade, nos permitiu entender a forma de atuação dos trabalhadores, a difusão de conhecimentos e, sobretudo perceber que além de atuar como introdutores das práticas educacionais emancipadoras, esses jornais possibilitaram fomentar discussões sobre a emancipação do trabalhador.

Diante dos capítulos aqui expostos, a pesquisa apresenta a trajetória das práticas educacionais vividas pelos trabalhadores imigrantes, munícipes santistas. Essa, em sua biografia nos traz uma história de luta e resistência da organização de uma classe trabalhadora que ajudou a construir a cidade que migrou de “*Terra Maledetta*” a “*Moscowzinha Brasileira*”, tornando-se terreno fértil para a consolidação das memórias que o tempo e a política tentam apagar. Pesquisas como esta são um exercício de preservação dessa memória, que se encontra sobreposta nas histórias desses homens e mulheres anônimos. Preservá-la significa manter acesa a chama do ideal libertário que por décadas colocou a cidade de Santos em destaque no cenário mundial.

Capítulo 1

Panorama histórico e urbanístico de Santos

1.1 A formação da cidade do café

Santos!
É no Brasil,
e já fez quatro vezes dez anos.
Alguém ao meu lado conversa
“Pelé é um super-homem”.
Antes era selvático este porto
e cheirava como axila do Brasil calorento.
Cabo de Santa Marta. É um navio, e é outro,
mil navios!
Agora os frigoríficos estabeleceram catedrais
de belo cinzento,
e parecem jogos de dados de deuses os brancos edifícios.
O café e o suor cresceram
até criar as proas,
o pavimento,
as habitações retilíneas:
quantos grãos de café,
quantas gotas salobres de suor?
Quem sabe o mar se encheria,
mas a terra,
nunca a terra
nunca satisfeita,
faminta sempre de café,
sedenta de suor negro!
Terra maldita,
Espero que arrebentes um dia
de alimentos
de sacos mastigados,
e de terno suor de homens que já morreram
e foram substituídos para continuar suando.

(Santos Revisitada, Pablo Neruda)

A cidade de Santos, encravada na parte leste de uma ilha, por sua favorável localização geográfica, exerceu desde sua fundação, a função de núcleo urbano. Segundo Sergio Buarque de Holanda, o crescimento das cidades coloniais ocorreu continuamente na dependência das áreas rurais e é exatamente o que se observa na referida urbe (HOLANDA, 1984, p. 58). Santos se desenvolveu e enriqueceu por meio do comércio do café. O ciclo cafeeiro, por assim dizer, trouxera à região profissões vinculadas à agricultura comercializada (comissário, classificador e ensacador) de modo que pudesse atender às diferentes exigências do mercado. Dentre as “novas” profissões, o comissário fazia as vias de intermédio entre comprador e vendedor, chegando a conceder crédito aos produtores - realizando funções bancárias -, enquanto que o profissional de classificação trabalhava ao lado do comissário classificando e misturando os mais diferentes grãos para atender à demanda e ao paladar do mercado internacional. Após negociar e classificar, os operários eram responsáveis pelo ensacamento do produto que seguia

pelo atlântico, com destino à Europa. Nesse aspecto, observa-se o desenvolvimento da cidade atrelado ao surgimento de diferentes grupos sociais, conectados ao trabalho braçal e insalubre.

Sob essa prerrogativa, o estado investe na construção de ferrovias e no ano de 1867 funciona integralmente a primeira linha férrea cujo caminho é direto entre o produtor (da região agrícola) e o mercado exportador, sendo a segunda parte da linha férrea inaugurada em 1920. As estradas férreas fizeram nascer e desaparecer vilarejos em consonância com a crise instalada nos demais portos dentro da província de São Paulo visto que o direto caminho entre compra e venda desembocara no porto de Santos. Essa modernização, rapidez no escoamento da mercadoria produzida no planalto paulista e agilidade na comercialização esbarrava no modo de embarque, por meio dos trapiches. Esses não dialogavam com a atual velocidade na comercialização nem com a rapidez na qual a mercadoria chegava na cidade de despacho.

Concomitantemente ao desenvolvimento, Santos tornara-se essencialmente uma cidade comercial, o que potencializou a prerrogativa da elite vinculada à comercialização cafeeira, viver no planalto paulista e assim fugir das epidemias, afastando-se dos riscos de morte que assolavam a cidade à beira mar. A reforma e a expansão do Porto de Santos, foi outorgada à uma empresa do Rio de Janeiro e se faz necessário reiterar que mesmo almejando o progresso, as obras do porto contrariavam interesses visto que a concessão para sua reforma e ampliação foi concedida à Companhia Docas². Nessa turbulência de interesses, proprietários de trapiches fundam a Associação Comercial para que de maneira organizada possam pleitear suas necessidades junto ao governo. Dado o crescente rumo ao progresso, organizar o porto da cidade era o único caminho a ser trilhado. O porto cresce, mas sua expansão se dá de forma murada.³

Com a construção da murada do cais, a permanência das pontes e trapiches ficou inviabilizada. Isso significava uma derrota das elites locais perante o grande capital. O porto cresceu fechando-se para a cidade. Fechamento este caracterizado por muralhas, portões, rígidos controles de acesso, contrato e ritmos de trabalho das várias turmas de trabalhadores. Mais ainda, este fechamento tornou evidente a exclusão da elite local do vantajoso comércio portuário e do controle de impostos

² Grupo carioca fundado e liderado por Eduardo Guile e Cândido Grafeé que obtiveram concessão para reformar, ampliar e explorar a região do porto.

³ É de fundamental importância compreender que a expressão “murada” se refere aos armazéns construídos paralelamente à área de embarque e desembarque de mercadorias, como vemos do lado esquerdo da fotografia de número 5, do Arquivo Público do Estado de São Paulo e a fotografia de número 6, do arquivo pessoal do historiador santista Waldir Rueda, disponível na Revista Eletrônica Novo Milênio, por meio do endereço eletrônico <http://www.novomilenio.inf.br/santos/> acessado em 11 de abril de 2020. Esses armazéns ajudaram a construir uma espacialidade de isolamento, minimizando assim o comércio clandestino como o contrabando, por exemplo. É certo que essa prática foi bastante restringida, mas não eliminada em sua totalidade.

alfandegário. Com a construção do cais da Companhia Docas, não só o negócio dos trapicheiros foi destruído e as redes de contrabando tiveram que se ajustar ao controle muito mais eficiente do tráfego de mercadorias, mas também a “rapinagem”, o “desfalque” e outras formas de apropriação das mercadorias passaram a ser combatidas. Dessa forma “apesar de no contrato de concessão não constar qualquer disposição de monopolizar, é exatamente isso o que vai ocorrer (LANNA, 1996 p.59).



Imagem 1: Inauguração do primeiro bloco para expansão e reforma do porto. Fonte: CODESP/Biblioteca da Escola Politécnica da USP. Pesquisado em outubro de 2018.



Imagem 2: Construção da murada para expansão. Fonte: CODESP/Biblioteca da Escola Politécnica da USP. Pesquisado em outubro de 2018.

Frente à modernização, o pleito da elite santista e a praticada monopolização do porto pela Companhia Docas encontraram guarida na fundação da Associação Comercial de Santos⁴, visto que a concessão dada à DOCAS⁵ para exploração do porto por 90 anos, se mostrou um desafio de lucros certos. A chegada da estrada férrea, segundo (PEREIRA, 2011), impulsionou o desenvolvimento da cidade, necessitando de uma modernização portuária para escoamento da produção cafeeira que chegava do planalto paulista. Fazia-se necessário uma maior organização do trabalho realizado na cidade. Seja na forma de embarque das mercadorias ou no incremento das associações responsáveis pelas atividades portuárias.

A exemplo disso é possível observar por meio da fotografia de Marc Ferrez⁶, o choque e a dicotomia entre a chegada do progresso (por meio da estrada férrea) e a precária prática do embarque de mercadorias, sobretudo do café, então realizada por meio da insegurança dos trapiches.



Imagem 3: Porto do Consulado, Santos, em 1870, fotografado por Marc Ferrez (1843 – 1923). Construção da Ferrovia em contraste com os trapiches para embarque do café.

⁴ Associação Comercial de Santos – Associação fundada em 1870 por um grupo de advogados e empreendedores cuja finalidade era a representação do comércio exportadores, como por exemplo os comissários de café, exportadores, bancos internacionais e nacionais, empresas de navegação bem como as instituições de apoio.

⁵ DOCAS – Popularmente como era chamada a Companhia Docas. Empresa responsável pela reforma e ampliação do Porto de Santos.

⁶ Fotógrafo e empresário brasileiro (1843 – 1923), descendente de família Francesa. Exerceu grande importância ao registrar iconograficamente as primeiras décadas da República brasileira, mais precisamente entre 1860 e 1922. “Marc Ferrez também foi o primeiro fotógrafo a percorrer extensivamente o território brasileiro, do entorno da então capital do Império a regiões distantes e pouco exploradas no interior nordestino. Documentou a renovação urbana do Rio de Janeiro e as obras das principais ferrovias do país, fotografou o trabalho em fazendas de café e minas de ouro e colaborou em projetos que uniam a fotografia e inovações científicas” (Disponível no site do Instituto Moreira Salles, por meio do link <https://lojadoims.com.br/product/37255/marc-ferrez-territorio-e-imagem>> acessado em 09 de abril de 2020.



Imagem 4: Porto do Consulado, Santos, em 1900, fotografado por Marc Ferrez (1843 – 1923). Construção devidamente concluída.



Imagem 5: Porto do Consulado de Santos, sem data. Arquivo Público do Estado de São Paulo, disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/guilherme_gaensly acessado em 28/08/2020.

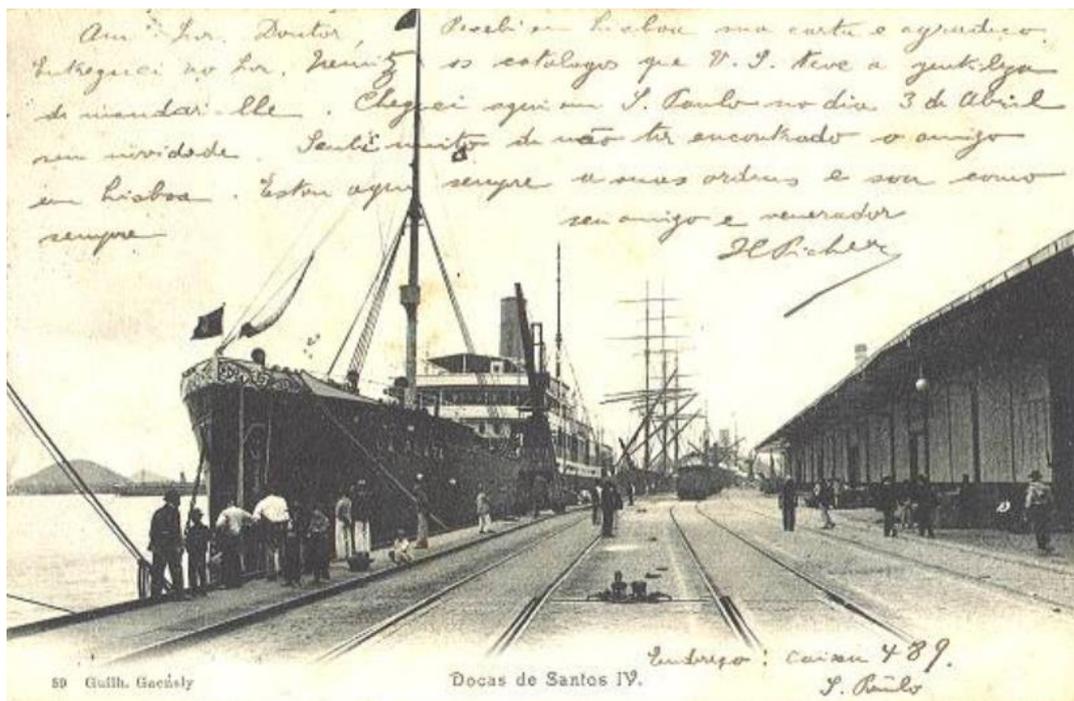


Imagem 6: Porto de Santos. Acervo pessoal do historiador santista Waldir Rueda, disponível na Revista Eletrônica Novo Milênio, em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/> acessado em 11 de abril de 2020.

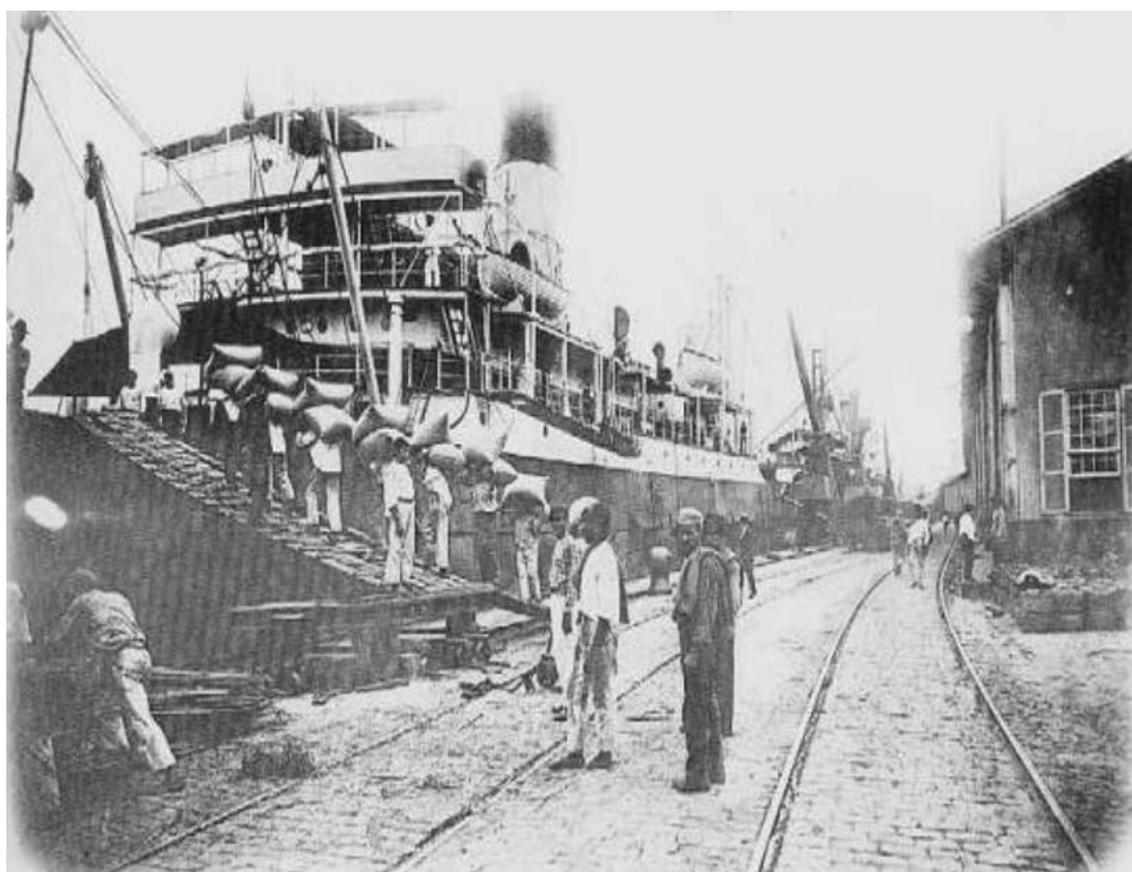


Imagem 07: Registro iconográfico do embarque de cafés por meio dos armazéns da Cia. DOCAS. Fonte: Jornal Eletrônico Novo Milênio, disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/> acessado em 11 de abril de 2020.

Ao analisar as figuras 3 e 4 é possível verificar o desenvolvimento da obra realizada pela Companhia Docas no porto de Santos, concomitante às obras das linhas férreas, captadas por Marc Ferrez, enquanto que na figura 5, disponível no acervo do Arquivo Público do Estado observa-se a obra já devidamente concluída, assim como nas figuras 6 e 7, disponíveis no acervo da Revista Eletrônica Novo Milênio e na figura 8 o porto em plena atividade. É importante ressaltar que nas figuras 6 e 7 explicita o que Lanna descreve sobre a construção de um porto “murado”, tendo acesso apenas os funcionários do local.

1.2 Da insalubridade “maledetta” à cidade dos canais

ADORMECIDA

Ela dormia... Sobre o alvo do leito
Desenhava-se, esplêndida miragem,
Seu lindo corpo, escultural, perfeito.
Encrespado das rendas de roupagem,
Seu seio brandamente palpitava
Como a lagoa no tremor da aragem.
Solto, o cabelo se desenrolava
Sobre os lençóis, em plena rebeldia,
Como um revoltado mar que os alongava.
Como no céu, quando desaponta o dia,
A aurora raia, de um sorriso a aurora
Pelo seu meigo rosto se expandia.
E ela dormia descuidada... Fora,
O mar gemia um cântico plangente
Como uma alma perdida que erra e chora.
Um raio de luar, branco e tremente,
Pela janela mal cerrada veio
Entrando, surda, sorrateiramente...
Ia beijá-la em voluptuoso anseio;
Mas, ao vê-la dormindo entre as serenas
Ondas daquele sono sem receio,
Hesitou em beijar-lhe as mãos pequenas,
E humildemente, e como ajoelhando,
Beijou-lhe as fímbrias do vestido apenas...
E o lindo quadro, estático, fitando,
Senti não sei que mística ternura
Por toda alma se me derramando
Porque acima daquela formosura
Do corpo, aos seus quinze anos virginais
Envolviam-lhe a angélica figura
Na sombra de umas asas ideais.
(Vicente de Carvalho, 1912)

Nessa corrida rumo à modernidade, a cidade de Santos enfrenta problemas referentes à saúde da população. No ano de 1889 havia em média 15.600 habitantes na cidade, distribuídos entre 2.000 casas. “*A situação era calamitosa. Entre 1890 e 1900 morreram vítimas de epidemias 22.588 pessoas.*” (LANNA, 1996 p. 69). A maior concentração de casas se dava na região do centro, área de cortiços que abrigara os trabalhadores da construção do porto. O modo de vida corticeira, invariavelmente insalubre, era o cenário propagador das mazelas que assolavam a cidade. É necessário salientar que cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, cada uma à sua especificidade, também sofriam com as doenças devido às condições sanitárias. No

entanto, devido às grandes movimentações e tipos de habitação, Santos e Rio de Janeiro lideravam as condições deletérias vividas pelos seus trabalhadores.

Frequentemente a região viveu alagada com as chuvas que transbordavam dos vários riachos, que vindo das regiões dos morros, escorriam para o mar. Por outro lado, as águas do mar ultrapassavam os portões de desembarque e invadiam as terras, retornando com dejetos, lançados pela população” (PEREIRA, p. 398, 2011).

Observações e pesquisas mais recentes de Franco corroboram estudos de uma das historiadoras mais argutas que descreve a cidade:

O aspecto geral era horrível. Nos dias de chuva, as ruas sem calçamento transformavam-se em lagos. As casas estavam rapidamente sendo transformadas em cortiços para abrigar os imigrantes que chegavam para trabalhar nas obras do porto. E junto delas constituíam-se cocheiras que só faziam colaborar o grau de insalubridade” (LANNA, 1996 p.70).

O clima tropical, calor em quase todo o ano e o grande número de animais – cujos excrementos ficavam expostos sem recolhimento - usados para transportar mercadorias, atrelado à falta de higiene dadas às condições da cidade protagonizam insalubridade destacadas por (LANNA, 1996, p. 20). Embora a cidade estivesse rumando em direção ao almejado progresso (conceito também bastante polissêmico e contraditório), as epidemias assombravam aqueles que residiam na cidade, os trabalhadores, visto que a classe burguesa ligada ao setor cafeeiro optava por residir em São Paulo devido às facilidades de locomoção proporcionadas pela estrada férrea.

“A companhia da Comissão Sanitária e a conseqüente remodelação da cidade atingia com mais veemência os cortiços e habitações insalubres. Associada a ela, a Comissão de Saneamento construía redes de esgoto, canais, parques e jardins”. (LANNA, 1996 p. 74) Observemos, segundo a Companhia Sanitária de Santos⁷, o número e causas de óbitos em Santos, responsáveis pela preocupação do sistema de governo diante da realidade vivida à época:

⁷ Dados coletados por Guilherme Álvaro, publicado em A Campanha Sanitária de Santos. Suas causas e seus efeitos, São Paulo: Casa Duprat, 1919. (Gitahy, 1992 p.35)

Tabela1: Óbitos da Cidade de Santos – Década de 1890

	1890	1891	1892	1893	1894	1895	1896	1897	1898	1899	1900
Febre Amarela	35	977	1 742	1 642	360	1 085	435	-	362	6	260
Febre Tifoide	70	34	19	33	-	09	-	18	17	14	22
Tuberculose	-	102	130	135	173	148	161	154	176	172	165
Varíola	3	-	823	-	39	06	11	-	-	22	1
Outros óbitos	788	1 360	1 459	1 754	868	1 326	1 173	1 159	1 701	1 146	921
Total de Óbitos	896	2 473	4 173	3 564	1 444	2 574	1 780	1 331	1 625	1 366	1 369

Fonte: Franco, 2004 p. 406, apud Álvaro, 1919.

Os problemas relativos à insalubridade decorrem por décadas, visto parecer encaminhado à Câmara Municipal. Esforços governamentais para a redução das mazelas atreladas à saúde, são perceptíveis à medida em que a cidade expande para além do centro, loteando áreas sendo essas divididas em “bairros” para a construção de moradias. Os loteamentos, aonde as referidas moradias foram construídas tinham direitos reservados aos donos da iniciativa privada bem como àqueles que detinham o poder de expansão da linha de transportes urbanos. É importante reiterar que essas habitações foram adquiridas pelos trabalhadores do funcionalismo público ou ainda àqueles ligados às empresas do cais, como a companhia DOCAS, e não pela classe operária. Essa, mantivera-se com moradias nas regiões corticeiras.

A construção do porto e o saneamento da cidade são obras interligadas, e fazem parte de um processo através do qual, nestes anos, reorganiza-se o trabalho e a própria face da cidade (...) A atitude do governo deve ser entendida no contexto mais amplo do novo regime republicano voltado a assegurar para o Brasil o papel de parceiro passável no rol das nações civilizadas (GITHAY, 1992 p. 29).

Observemos nas imagens de mapas 1 e 2 como a cidade de Santos, entre 1878 e 1921, expandiu-se geograficamente. Nesse período de desenvolvimento econômico, observa-se que o embarque de mercadorias – sobretudo o café – inicia por meio de trapiches, ocorre a construção e a expansão do porto de Santos acarretando a ampla exportação da agricultura cafeeira. É possível perceber, no primeiro mapa, que toda concentração da urbe está localizada na região norte, hoje denominada área insular da cidade de Santos.

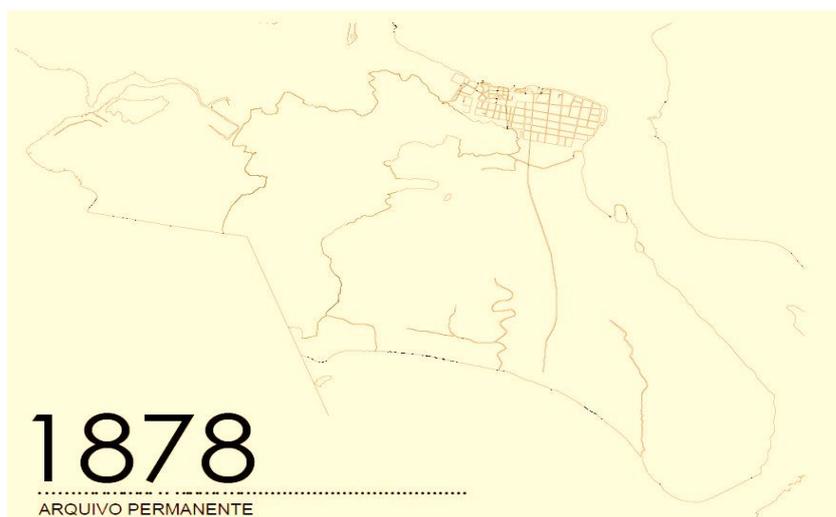


Imagem 8: Mapa da cidade de Santos, 1870. Fonte: ANTIGO, Karime Moussalli. Relações entre imigração e escolarização de jovens e adultos: Galícia e Brasil (1895 – 1930), Relatório de qualificação, FEUSP, São Paulo, 2019.

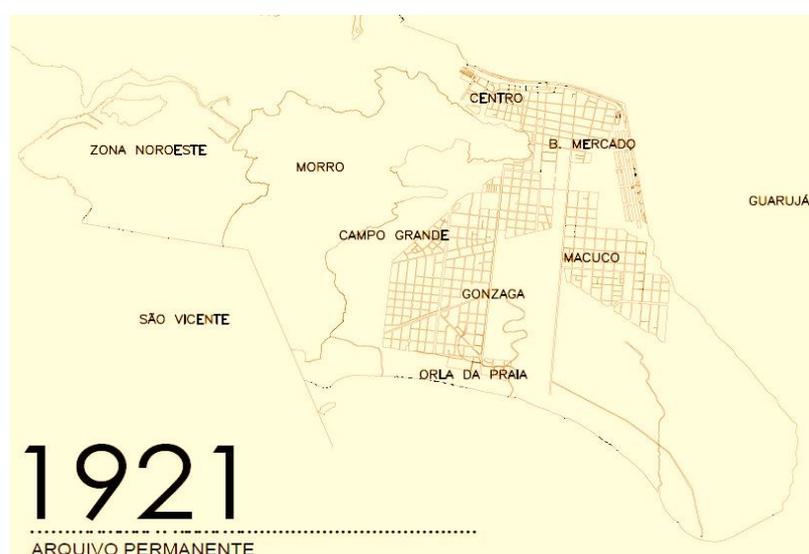


Imagem 9: Mapa da cidade de Santos, 1921. Fonte: ANTIGO, Karime Moussalli. Relações entre imigração e escolarização de jovens e adultos: Galícia e Brasil (1895 – 1930), Relatório de qualificação, FEUSP, São Paulo, 2019.

O mapeamento da cidade, datado de 1921, sinaliza a expansão declarada da cidade, sobretudo em direção à praia. Segundo (GITAHY, 1992), o caráter voltado à extinção das enfermidades que atingiam a cidade santista dizia respeito não à preocupação com seus moradores e trabalhadores, mas sim em divulgar-se com cidade republicana, em expansão e desenvolvimento. As medidas de contenção voltadas ao controle sanitário surgem quando se

proliferaram as doenças que atingira a cidade de Santos às cidades do planalto paulista por meio de bagagem e embalagens infectadas devido à falta de controle sanitário.

A comissão de Obras Sanitárias de Santos, sob a chefia do Eng. Francisco Saturnino Rodrigues de Brito desde 1905, elaborou e construiu todo o sistema de esgoto e saneamento das áreas insalubres, desde a coleta até a destinação final do esgoto através do emissário, na Ponta do Itaipú. Os canais de drenagem e captação das águas da chuva apresentaram soluções inovadoras e compreendiam a construção dos canais 1 até o 6, inclusive.

Com o início da construção em 1905, o sistema básico estava pronto em 1912, tendo sido inaugurado no dia 23 de abril. A rede de esgotos compreendia cerca de 88 quilômetros, dez estações elevatórias e um emissário para descarga no mar, na Ponta do Itaipú da ordem de 11.5 quilômetros – que inclusive exigiu a construção da Ponte Pênsil em São Vicente um vão de 180 metros, destinada originariamente à sustentação às tubulações sobre o canal do Mar Pequeno – além de uma instalação experimental de depuração no bairro do José Menino [...] Completando o trabalho, a comissão de saneamento apresentou uma proposta de urbanização das novas áreas, com grandes avenidas, jardins, meios de circulação adequado, procurando fornecer uma alternativa de crescimento através de padrões urbanísticos [...]” (ASSECOB⁸, p. 52 1984).

Essa tentativa de “lotear” a cidade acarreta uma nova concepção acerca dos espaços públicos de convivência, em busca da extinção dos cortiços e aquisição dos hábitos de higiene relacionados às infestações sanitárias. As habitações, em sua grande maioria, até a finalização do projeto de saneamento da cidade eram coletivas, o que acarretava maior proliferação das doenças. Mesmo a Prefeitura celebrado contrato de construção de 2 000 habitações dentro de um período de três anos, destinada à classe proletária, não houve cumprimento deste, pois, a Companhia Industrial de Santos alegou lucros baixos.

⁸ Associação dos Empresários da Construção Civil da Baixada Santista.



Imagem 10: Fotografia da cidade de Santos, apresentando situação de alagamento e insalubridade. Arquivo do acervo iconográfico da Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Segundo inquéritos e relatórios que foram encaminhados à inspetoria, no ano de 1898, pelo Sr. José Pereira de Queirós⁹ ao Sr. Coronel Fernando Prestes de Albuquerque¹⁰, apresentados pela pesquisa de Lanna (1996) sobre a região dos cortiços da cidade, percebe-se que:

“(…) Além de péssima construção, as habitações em geral se acham por demais acumuladas de moradores e no pior estado de conservação e asseio. Entretanto o estado dos domicílios depende principalmente da salubridade de uma localidade; por isso entendeu a comissão trabalhar com particular cuidado no policiamento sanitário das habitações (...)” “(...) os chamados cortiços podem ser definidos mais ou menos da seguinte maneira: cômodos para dormir, construídos com tábuas de telhados de zinco nos quintais das casas ou sublocação de quartos e porões. A inexistência de banheiros, ou mesmo de latrinas era uma constante. Os dejetos eram jogados nesses mesmos quintais ou em terrenos baldios fronteiros às habitações (...)” (LANNA, p. 114 e 115, 1996).

⁹ José Pereira de Queirós exerceu função de Secretário de Estado dos Negócios do Interior, no referido período.

¹⁰ Coronel Fernando Prestes de Albuquerque exercia função de Presidente do Estado de São Paulo, no ano de 1898.

A preocupação acerca das questões sanitárias dialoga com o avanço de doenças como a febre amarela diante e o avanço da população. Os imigrantes que aqui chegaram procuravam moradias nas proximidades da região portuária, pois era nessa região que buscavam trabalho. Vale salientar que a cidade de Santos, desde aquela época sofria com as questões referentes à especulação imobiliária. A medida em que a cidade crescia com os avanços do capital empregado na região, as sublocações cresceram dificultando o trabalho da Comissão Sanitária. Paralelamente, as moradias dos que estavam à frente das negociações cafeeiras se localizavam na cidade de São Paulo, reflexo da fuga dos mais ricos devido às epidemias e à construção da ferrovia que interligava a cidade ao planalto paulista.

“Nesse sentido a preocupação com as condições de vida da classe operária era problema subordinado e nunca resolvido. Ao se definir pela demolição ou desocupação das habitações dos trabalhadores não se pensava onde os alojar. Isso não era problema da órbita da Comissão Sanitária. Em geral, num movimento de expansão das fronteiras urbanas os despossuídos foram recolocar os padrões de habitação e precariedade [...] os inspetores da Comissão Sanitária quanto Saturnino de Brito apontavam, de forma recorrente, a necessidade de construção de habitações operárias que eles chamavam de *famianstérios* e/ou *vilas operárias*. Eram relativamente cuidadosos na solicitação de demolição de cortiços alegando que a ausência de locais adequados para a remoção de seus habitantes era o grande problema. Acusavam a municipalidade de ineficiente por não providenciar a construção de habitações operárias.” (LANNA, p. 113, 1996).

Observemos, abaixo, o Relatório da Câmara Municipal de Santos, do ano de 1907 apresentado em 15 de janeiro de 1908, no que se refere ao avanço das questões sanitárias da cidade e comparemos com as figuras 10 e 11. É de se perceber grande avanço entre os alagamentos provocados pelas marés, chuvas e à modernidade que chega à cidade. Para a urbe portuária, símbolo e promessa de crescimento, se livrar dos problemas de saúde e infraestrutura que levaram a cidade ao título de “Cidade Maledetta”, era sem dúvida apagar as manchas arraigadas no cotidiano santista. Manchas essas, provenientes das grandes epidemias provocadas não somente pelas condições de pouca saúde da cidade, como também pela fácil propagação de doenças devido às precárias moradias.

Saneamento de Santos

O Governo do Estado, no intuito de dotar esta cidade de um serviço completo de exgottos, confiou os trabalhos á competencia do proveccto engenheiro exmo. sr. dr. Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, tendo adoptado os planos deste notavel scientista, cuja obra teve inicio na sua nova phase em 1905, abrangendo não só, os exgottos domiciliarios, como tambem, galerias de aguas pluviaes e canaes de drenagem de maneira que, a 27 de Agosto, foi solemnemente inaugurado o primeiro canal, (rectificação do ribeirão dos *Soldados*) na extensão de dois kilometros, da praça «Iguatemy Martins» á avenida «Anna Costa», pela rua «Rangel Pestana», margeado por avenidas arborisadas, e cortando a avenida «Conselheiro Nebias», ás ruas «Constituição», «Braz Cubas», «Senador Feijó», «Commendador Martins» e «Julio Conceição», nas quaes foram feitas pontes e passadiços de resistente construção e bellissimo effeito, tal o gosto que presidiu a sua execução.

Imagem 11: Relatório da Câmara Municipal de Santos do ano de 1907.
Fonte: FAMS – Fundação Arquivo e Memória



Imagem 12: Inauguração do Canal que liga a Praça Iguatemy Martins à Avenida Dona Ana Costa. Acervo Iconográfico do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/vistas_sp acessado em 08 de abril de 2020.

A demolição dos cortiços construídos com madeira propiciava a sublocação de quartos, cujos imóveis eram de propriedade das empresas responsáveis pela reurbanização da cidade. Se por um lado o poder público não resolveu a questão referente à moradia da classe trabalhadora, tão pouco as empresas o fizeram, pois à medida que a cidade crescia em termos populacionais

empresários da construção civil e comissário ganharam com a locação dos imóveis que foram sublocados aos trabalhadores. É possível afirmar que essas residências apresentavam aspecto de mero dormitório visto que não atendiam às classificações da classe burguesa, ou até mesmo àquelas casas construídas na expansão da cidade, por se tratarem de residências unifamiliares. “Santos, como centro exportador da produção cafeeira cresce, em termos econômicos, populacionais e espaciais. Sua população de 50.389 habitantes em 1900, possuindo perto de 5.00 prédios passa em 1913 para 88.947 habitantes e 10.578 habitações na zona urbana e rural, destacando-se a expansão na direção da orla da praia” (ASSECOB, 1984).

Nessa segregação entre moradias unifamiliares e moradias corticeiras, percebe-se uma ressignificação quanto aos espaços públicos. As manifestações e reuniões que outrora ocorriam nas ruas passaram a ser realizadas em Centros Culturais, Associações e Clubes fundados, conforme artigo publicado pelo grupo de estudos da Universidade Católica de Santos:

Um traço marcante da cidade é, portanto, o associativismo. Grupos sociais diversos formam entidades próprias com várias finalidades. A elite comercial local forma a Associação Comercial de Santos em 1870, uma das primeiras do país. Os sindicatos vão se constituindo: em 1904 operários da construção civil formam a Sociedade Primeiro de Maio e dois meses após surge a Sociedade Internacional União dos Operários, criada por um grupo majoritariamente por trabalhadores em café que propunha se agrupar a todos os trabalhadores de Santos. Em 1907 é fundada a Federação Operária Local de Santos (FOLS) ligada ao anarcosindicalismo e composta por sindicatos de operários da construção como pedreiros, pintores, carpinteiros e funileiros além de carregadores de café e tecelões. (...) Outro conjunto de entidades é o formado pelos imigrantes, com características iniciais de ajuda mútua. Foram criadas Associações e Centros Mutualistas organizados por nacionalidade: portugueses, espanhóis e italianos. A classe média, formada essencialmente pelos empregados do comércio, tem uma destacada Associação também com características mutualistas-beneficentes: A sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio, fundada em 1879. Os operários também constroem sua entidade de ajuda mútua: a Sociedade Mutualista União Operária, em 1890. A atividade político partidária também está presente em Santos [...] (GONÇALVES, 2009, XX).

1.3 Uma cidade com DNA¹¹ operário

Placas Fotográficas, 2

Meio dia. O céu pesado e sujo, como diz o Eça de Queiroz, traz umas promessas de chuva.

Ouvem-se toques de corneta e de repente o *bum bum*, sinal de que uma banda marcial vai encher os ares com o som de um dobrado. Abrem-se alas e começam a desfilar uma *luzida* força do exército. À frente o comandante, com imponência marcial cavalgando um alentado cavalo negro parece um rei de copas. Em seguida vem a tropa rufando os tambores talvez feito da pele dos patriotas imolados nos altares da pátria, e depois a banda que, ao calaram-se os clarins e tambores atoa os ares com um trecho. Os músicos, com as bochechas inchadas, vão soprando como foles ambulantes e puxando o resto, uma porção de indivíduos odiosamente enfileirados, numa ordem artificial de autómatos com caras de alcoólicos.

Mas... ia esquecendo. Foi passando a tropa. Passa a primeira ala, o estandarte:

- Tire o chapéu. Não vê que é a bandeira, seu coisa, diz a um velhote, um indivíduo que sobraça umas caixas de calçado.

- Não tinha visto.

- Pois é bom ver e sirva-lhe de lição. Diante da bandeira nacional um homem deve tirar o chapéu.

E coage-se um homem a tirar o chapéu, diante de um trapo, que simboliza a miséria, a corrupção, enfim tudo que é anti-humano

(PRADO, HARDMAN orgs., 1985, p. 52, apud Novo Rumo (RJ), 20 jul. 1906).

A cidade de Santos efervescia e concomitantemente às Associações e Sindicatos, tão importantes na conformação da morfologia da cidade, surgiam os jornais e periódicos que circulavam intermitentemente. Grande parte desses periódicos possuía, por assim dizer, um DNA operário, e por esta ascendência reivindicava melhores condições de moradia, trabalho e educação frente aos interesses destinados aos cafeicultores, conforme tabela a seguir:

¹¹ Para melhor compreensão dos acontecimentos históricos que se sucederam na cidade bem como sua expansão populacional e assim dissertar acerca da educação libertária na cidade, aludimo-nos ao DNA que se define como “um composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e funcionamento das células”. Ou seja, DNA como metáfora da formação orgânica da cidade. Estaria na gênese do trabalhador santista do início do século XX, este selo, este DNA.

Tabela 2. Alguns periódicos que veicularam na cidade de Santos

SEGMENTO	TÍTULO	PERÍODO DE CIRCULAÇÃO
DIÁRIOS	Diário de Santos	1872 – 1912
DIÁRIOS	A Tribuna	1894 até hoje
DIÁRIOS	Cidade de Santos	1898
DIÁRIOS	A Vanguarda	1908 – 1912
OPERÁRIO	União dos Operários	1905
OPERÁRIO	A Aurora	1907
OPERÁRIO	Aurora Social	1909
OPERÁRIO	O proletário	1911
SOCIALISTA	A Questão Social	1895 – 1896
REPUBLICANO	O Quinze de Novembro	1894
ABOLICIONISTA	A Luz	1888
CONSERVADOR	A Gazeta de Santos	1883

Fonte: GITAHY, 1992, p. 51 e 52.

A cidade de Santos, no início do período republicano é um dos casos paradigmáticos de transformação pelo qual passou muitas cidades do país “que procurava inserir-se nos marcos internacionais do desenvolvimento capitalista tanto do ponto de vista das relações econômicas, quanto pela incorporação de doutrinas, valores, modos de vida” (LANNA, 1996, p.15). As reformas proporcionadas pelo café, os incrementos do porto, o combate às epidemias e as transformações urbanas impulsionadas pelo sanitarismo criaram condições mínimas de modificação da estrutura social da cidade, propiciando a fixação dos imigrantes, que chegaram em grande número em Santos naqueles anos 1910 e 1920, dando a esta uma feição quase cosmopolita. Cánovas aponta em seu estudo, as principais nacionalidades chegadas no Estado de São Paulo. (CÁNOVAS, 2017, p.137). Veja tabela abaixo:

Tabela 3: Período e nacionalidade dos imigrantes chegados em São Paulo

PERÍODO	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Japoneses	Outras etnias	Total
1885 a 1889	137 367	18 486	4 843	0	6 968	167 664
1890 a 1894	210 910	30 752	42 316	0	20 899	304 877
1895 a 1899	219 333	28 259	44 678	0	11 305	303 575
1900 a 1904	111 039	18 530	18 842	0	11 191	159 602
1905 a 1909	63 595	38 567	69 682	825	23 870	196 539
1910 a 1914	88 692	111 491	108 154	14 465	40 096	362 898
1915 a 1919	17 142	21 191	27 172	12 649	5 530	83 684
1920 a 1924	45 306	48 200	36 502	6 591	60 713	197 312
1925 a 1929	29 472	65 166	27 312	50 573	17 418	189 941
TOTAL	922 856	380 642	379 501	85 103	197 990	1 966 092

Fonte: Museu da Imigração do Estado de São Paulo, apud CÁNOVAS, 2017, p.137.

Observe que entre os anos de 1885 e 1904, período em que se registra o fim da escravidão e a consolidação da produção do café, os imigrantes, principalmente de origem italiana, não se concentravam – após sua chegada – nos centros urbanos, mas seguiam em direção às fazendas de produção cafeeira no interior do estado. A chegada de imigrantes, em solo brasileiro, era sempre noticiada nos jornais que circulavam na cidade, fosse a chegada de imigrantes já contratados para trabalhar nas lavouras cafeeiras, na região do planalto paulista, ou àqueles que aqui chegavam e se fixavam por espontaneidade. Isso pode ser observado em matéria publicada no Diário de Santos, em 15 de junho de 1890, cujo fac-símile ilustramos abaixo:



Imagem 15: Chegada de imigrantes à cidade de Santos. **Legenda:** Navio de Imigrantes. Primeira visão de Santos (Santos – SP). S/D. (C. 1910). Acervo do Museu do Imigrante, disponível em: http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/fotografias/MI_ICO_AMP_055_001_005_001.jpg acessado em 29/03/2020.

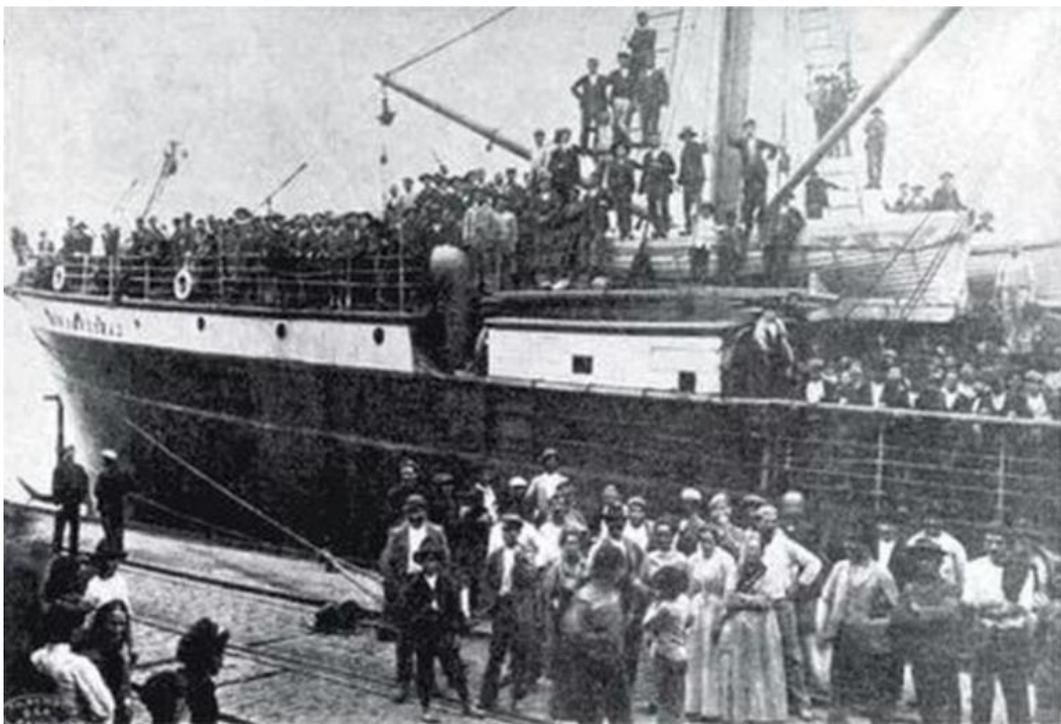


Imagem 16: Desembarque de imigrantes no Porto de Santos, 1906. Fonte Núcleo Interdisciplinar de estudos migratórios. Disponível em <https://www.imigracaohistorica.info/acervo-fotografico-imigrantes.html#> acesso em maio de 2019.

com o advento da chegada dos imigrantes, se projeta um ambiente multicultural e multiétnico baseado em afinidades de trabalho e residência, assim como nos múltiplos constrangimentos da condição operária que se desenvolve na cidade, oferecendo um solo fértil ao florescimento de um movimento operário. Os artigos, livros e teses mencionados nas referências ajudaram a compreender os aspectos históricos de transformação da cidade portuária na virada do século XIX para o XX, cenário no qual a educação libertária teve destaque. A linguagem política adotada por grande parte desse contingente de imigrantes é a do anarcosindicalismo, uma vez que se concentraram nos trabalhos oriundos do porto e do pequeno comércio, arregimentados pelos sindicatos que já se faziam fortes e presentes na cidade (GITAHY, 1992, p. 18).

Deste modo, Santos, com a efervescência de greves que repercutem em São Paulo, Rio de Janeiro, e portos de todo o país, ganha epíteto de *Barcelona Brasileira*¹², com referência à grande presença de anarquistas ibéricos, sobretudo espanhóis, o que estimulou a criação de espaços de disseminação dos ideários, para além dos sindicatos e associações mútuas.

As duas primeiras décadas do século XX foram marcadas pela ocorrência de muitas greves em Santos e no país, principalmente por influência anarquista, estendendo-se até o final da década de 1920, quando os comunistas passam a controlar os sindicatos, passando a cidade a possuir outros apelidos: *Moscowzinha brasileira*, por exemplo, dada a penetração dos comunistas. Em Santos, os anarcossindicalistas tinham grande expressão nos movimentos sindicais e fundaram associações responsáveis pela irradiação da ideologia anarquista nos sindicatos e associações de classe, dentre as quais se destacam: A Sociedade Primeiro de Maio (1904); A Sociedade Internacional União dos Trabalhadores, a Federação Local dos Trabalhadores, (1907) e, sobretudo, a FOLS (Federação Operária Local de Santos) do mesmo ano, entidades que incentivam a criação e manutenção de escolas libertárias.

¹² No livro de Adeldo Gonçalves, *Barcelona Brasileira*, o protagonista não é um operário, mas um poeta (baseado na vida de Martins Fontes) poeta burguês com alma libertária. O livro apresenta a “classe anarquista” do movimento operário de 1917 – personagens se enfrentam nos salões, jornais, bondes, espaços públicos, padarias e bondes, mostrando a cidade de Santos como cenário de uma novidade a ser experimentada quando a sociabilidade e a política ganham os espaços de vivência. Ver: GONÇALVES, Adeldo. *Barcelona Brasileira*. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

Por outro lado, antes de sua dissolução como alternativa de autogestão social, o anarquismo, bem como outros movimentos operários libertários deixaram marcas significativas na silhueta da cidade. Analisar, circunscrever e aprofundar os conhecimentos sobre essas instituições auxiliou na percepção mais aprofundada sobre o espectro educacional da época. Posteriormente relacionaremos as escolas cujas concepções libertárias se chocavam com o caráter educativo hegemônico da época: a escola tradicional, republicana, que patrocinava uma visão de hierarquia e obediência, que seguia caminhos contrários aos apresentados pelos ideais libertários. Nesse sentido, a compreensão da proposta educativa libertária desenvolvida nessas escolas ade sede do maior sindicato portuário do país, ajudará na compreensão desse ainda pouco estudado movimento, em âmbito regional e nacional.

São relativamente bem conhecidos os históricos da educação tradicional santista, herdeira da elite e que representava o poderio econômico gerado a partir das engrenagens do sistema cafeeiro e sua exportação, mas a trajetória das propostas alternativas a esta, ainda padecem de um desconhecimento marcante. O cenário: a cidade de Santos, centro nevrálgico do mais atuante sindicato portuário do país; o período: virada do século XIX para o XX; os personagens: herdeiros de um ideário que buscava a autonomia e o protagonismo do educando, em um momento em que a educação ainda não havia se universalizado. Esse tripé (cenário, período, personagens) se mostra bastante relevante e ajudou a circunscrever o tema proposto, de maneira que pesquisar a atuação dessa educação libertária, em uma cidade de tradição sindical, se mostrou como um empolgante desafio. Dessa forma, há de se compreender a baliza temporal dessa pesquisa (1890- 1925) que se justifica por ser este o período de implantação das escolas de cunho libertário na cidade de Santos, personificados inicialmente na fundação das primeiras escolas e, por fim, no seu fechamento. Portanto, cumpre um papel circunscrito: historicizar as instituições escolares e ações pedagógicas de cunho imigrante e libertário em Santos, seus legados, dificuldades e registros.

A militância política e a propositura educativa da vertente libertária sempre foram atuantes. Possuíam um projeto educativo sistematizado e oposto às concepções liberais da elite intelectual da época. As chamadas “escolas modernas e libertárias”, assim como o operariado, sofreram com a repressão estatal em face de suas ideias emancipatórias, até que em 1919, por ordem da Diretoria Geral de Instrução Pública do estado de São Paulo todas as escolas anarquistas paulistas foram fechadas (GHIRALDELLI, 1987, p.98).

As intervenções do estado, contudo, não interromperiam a disseminação dos ideais libertários ligados à instrução. Os militantes encaravam a atuação nos sindicatos e movimentos

reivindicatórios como ações pedagógicas na formação crítica do trabalhador. É justamente a trajetória dessa educação libertária (formal, não formal, informal) na cidade de Santos que motivou a pesquisa ora apresentada. Pretende-se colocar em discussão as finalidades sociais e políticas atribuídas a esse modo de educar nas primeiras décadas da República brasileira. Buscamos, portanto, refletir sobre tais experiências, tendo como terreno espaços de instrução escolar na cidade de Santos.

O epíteto: *Barcelona Brasileira* outorgado a Santos pelos militantes anarquistas, em sua maioria estivadores do Porto, graças a sua semelhança ao centro do anarquismo espanhol, reflete o alto grau de penetração das ideias libertárias na cidade portuária. Essa nomeação, uma “toponímia ideológica”, por meio da qual a cidade se transformou em território de internacionalização das lutas operárias e de seus ideais de emancipação, seria lembrada como um espaço público em que a instrução libertária encontraria terreno fértil. Compreender a trajetória de criação e implantação desses espaços de educação libertária em Santos ajuda na compreensão de um *modus vivendi* e visão de mundo pouco estudados e conhecidos em nosso país.

Da mesma forma que Santos se tornou conhecida como a *Barcelona Brasileira*, também cultivou sonhos emancipatórios que lhe renderam o codinome “Terra da Liberdade”, devido ao protagonismo da cidade frente às lutas abolicionistas e nesse cenário viviam, conviviam e disputavam espaços tanto na sociedade quanto no trabalho os cidadãos imigrantes, migrantes nordestinos, descendentes de escravos negros e caiçaras¹³, concomitantemente conforme observamos na figura 13.

(...) o povo santista é polido e afável, obsequioso, franco; a riqueza que lhes proporciona o comércio de sua cidade, fá-lo generoso, até prodígio. E tem nervo, tem brio: é o único povo que eu julgo capaz de uma revolução nesta pacata província (...)” (RIBEIRO, 1887).

A urbe santista crescia sob os olhares atentos dos grandes investidores, da população que tinha por ideal uma vida mais rentável e buscam a “Terra da Liberdade”. Embora o cenário que a cidade vivesse fosse efervescente do ponto de vista ideológico político, conviviam

¹³ Nesse sentido atribuímos o adjetivo “caiçara” aos moradores que tiveram seu nascimento na cidade de Santos. Ainda assim, “denominam-se **caiçaras** os habitantes tradicionais do litoral das regiões Sudeste e Sul do Brasil, formados a partir da miscigenação entre índios, brancos e negros e que têm, em sua cultura, a pesca artesanal, a agricultura, a caça, o extrativismo vegetal, o artesanato” (fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cai%C3%A7aras> acessado em 15 de abril de 2020).

pacificamente imigrantes, caiçaras e negros. É bem verdade que as relações trabalhistas, sobretudo com a Companhia Docas estavam sempre “por um fio” no sentido das tensões provenientes das lutas por melhores condições de trabalho.



Imagem 17: Empório Sul Rio Grandense – 1902 (PEREIRA, 2013, p. 256, apud Novo Milênio <https://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos126.htm> acessado em 15 de abril de 2020.



Imagem 18: Registro iconográfico dos armazéns de café e seus trabalhadores. Fonte: Jornal Eletrônico Novo Milênio, disponível em <https://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos> acessado em 10 de outubro de 2019.

1.4 Uma cidade de negros¹⁴, trabalhadores, imigrantes e greves

África Brasil (Zumbi)

Angola gongo benguela
Monjolo capinda nina
Quiloa rebolo
Aqui onde estão os homens
Há um grande leilão
Dizem que nele há
Uma princesa à venda
Que veio junto com seus súditos
Acorrentados num carro de boi
Eu quero ver
Aqui onde estão os homens
Dum lado cana de açúcar
Do outro lado o cafezal
Ao centro, senhores sentados
Vendo a colheita do algodão tão branco
Sendo colhidos por mãos negras
Eu quero ver
Quando Zumbi chegar
O que vai acontecer
Zumbi é o senhor das guerras
É o senhor das demandas
Quando Zumbi chega e Zumbi
É quem manda
Eu quero ver

(Jorge Ben Jor)

A cidade de Santos, que devido à grande influência abolicionista, erguia a fama de “*Terra da Liberdade*” também possuía em sua vida cotidiana muitos ex-escravos e pessoas libertas vivendo em espaços alternativos, sobretudo, em quilombos como o conhecido Quilombo do Jabaquara, protegidos por Quintino de Lacerda¹⁵, e “disputando” espaço no mercado de trabalho portuário. Antes de discorrer acerca da temática, é necessário compreender

¹⁴ Ao atribuir à urbe santista a nomenclatura de uma “cidade de negros” compreendemos que a partir da baliza temporal estabelecida nesta pesquisa, a cidade era formada também por pessoas negras, homens e mulheres livres e ex-escravos. Parte da população negra que fugiu do regime escravista refugiou-se em Santos por cultivar na urbe o sonho da “terra da liberdade”, encontrando abrigo nos quilombos e na proteção do abolicionista Quintino de Lacerda.

¹⁵ Quintino de Lacerda, ex-escravo, tornou-se líder do Quilombo Jabaquara e foi heroicizado pelo abolicionismo. Primeiro vereador negro do Brasil, nasceu na cidade de Itabaiana / SE, em 06 de junho de 1839 e faleceu em Santos em 10 de agosto de 1898, na cidade de Santos / SP (Gitahy, 1992).

como se constituía os espaços e liderança da população ex-escrava, e como se relacionava com os imigrantes da cidade, visto que a urbe concentrava grande número de cidadãos estrangeiros.

No período que antecede a abolição da escravatura, o trabalho realizado pela população negra livre, liberta ou alugada¹⁶ era basicamente o labor braçal. Em sua grande maioria se concentravam nos trabalhos domésticos, nos trapiches, na estiva e nos navios, e muito raramente conduziam carroças com cargas cafeeiras, devido à falta de experiência. Era comum vê-los nessas funções portuárias devido à escassez de mão de obra.

Quintino de Lacerda, negro, sergipano, veio morar na cidade de Santos quando ainda era criança, propriedade do abolicionista Antônio de Lacerda. Homem de confiança, recebeu sua alforria e adotou o sobrenome de seu “proprietário”¹⁷ como forma de homenagem. Quintino, por ser da confiança de Antônio de Lacerda, abolicionista e membro respeitável da sociedade santista foi escolhido para chefiar e conduzir os fugitivos até o Quilombo do Jabaquara. Lá (cujas terras eram arrendadas), os moradores e prófugos viviam sob proteção e com costumes e hábitos roceiros com cultivo de subsistência. Esse “acolhimento” ocorreu de 1882 a 1888, mas após esse período a população ali permaneceu vivendo.

Após a Abolição, Quintino circulava tanto entre os libertos e os demais componentes da população, quanto nos diferentes meios sociais, observando uma cidade inundada na dicotomia dos problemas sanitários e do seu crescimento:

(...) a cidade velha, com seus pobres debulhados dos cortiços; com uma horda de ex-escravos, que derreavam morro abaixo; com os imigrantes formigando no porto em construção; com marinheiros bêbados recolhidos das ruas nas horas mais impróprias; com as mais ignominiosas epidemias que ceifava vidas precoces(...) uma cidade cuja infraestrutura nascente – bondes, iluminação pública, desenho urbanístico europeizado, lazer na praia – permitia à burguesia dos negócios de café regozijar a vida com as costas viradas aos terríveis miasmas que assolavam os mais recônditos becos santistas (...). (PEREIRA, 2011, p. 58, Apud ROSEMBERG, op. cit., p. 37).

¹⁶ Era comum na cidade “alugar” escravos para os serviços domésticos ou do porto. Todavia, conforme as referências estudadas não passavam de 100 o número de pessoas que alugavam escravos. Para os abolicionistas manter esse hábito também era uma forma de incentivar a alforria dos escravos.

¹⁷ Embora hoje em dia soe de forma negativa e preconceituosa, o termo proprietário era comum no período a qual o estudo se reporta. Dessa forma respeitamos as devidas descrições por serem as mesmas que constam nas Atas da Câmara Municipal.

Nesse cenário, a vida de Quintino de Lacerda, nos auxiliou no entendimento da sociedade e seus interesses. Embora esse personagem seja conhecido por sua luta ao que diz respeito à abolição, passou a ser visto pela historiografia como controverso por ser “atravessador de mão de obra” que corroborava interesses da população branca, pois durante a primeira greve geral do porto, em 1891, atuou frente aos interesses da Companhia DOCAS, substituindo a mão de obra dos trabalhadores grevista pelos trabalhadores negros. Sua relação com os homens brancos se caracterizava como uma afinidade em prol dos ideais abolicionistas. Quintino recebeu o título de “Major” devido ao seu apoio ao Presidente Marechal Floriano Peixoto durante a Revolta Federalista¹⁸ e entrou na vida política ao assumir a cadeira de vereador no ano de 1895, por meio de decreto, devido sua condição de analfabeto, embora assinasse seu próprio nome. Ainda assim, após assumir sua função, no ano de 1898 se tornou Inspetor de Limpeza Pública, órgão ligado à Intendência. Essa nova colocação lhe rendeu fortes pressões pois apesar da ordem de despejo das terras que lhe eram arrendadas no Jabaquara (devido à interesses imobiliários de expansão da cidade), os moradores daquela região viviam em situação de total insalubridade, conforme podemos observar na figura abaixo que ilustra moradias daquele Quilombo cujas características se assemelham à senzalas, onde moravam várias pessoas em único cômodo.

¹⁸ A Revolta Federalista foi um movimento ocorrido no Brasil, entre 1893 a 1895, após da Proclamação da República. Movimento de cunho político devido à insatisfação da população do Rio Grande do Sul em decorrência do governo de Júlio de Castilhos. “(...) Em fevereiro de 1893, os federalistas pegaram as armas e começaram o conflito. Eles tentavam derrubar o governo de Castilho. Foi então que o presidente do Brasil, Floriano Peixoto, se colocou ao lado do Castilho e do governo gaúcho. O conflito acabou ganhando uma dimensão nacional. Tudo isso porque os opositores de Floriano passaram a defender o movimento federalista no Rio Grande do Sul. (...) Na batalha que aconteceu no Paraná, as forças federais que estavam do lado de Floriano venceram os revoltosos, que tiveram que se retirar com a chegada das tropas paulistas. Mas somente no ano seguinte, em 1895, a paz foi selada e os federalistas foram oficialmente derrotados na cidade de Pelotas. A Revolução Federalista deixou mais de 12 mil mortos.” Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/revolucao-federalista.htm>> acessado em 13 de abril de 2020.



Imagem 19: Registro iconográfico das moradias feitas em madeira do Quilombo do Jabaquara. Fonte: Revista Eletrônica Novo milênio, disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/> acesso em 02 de outubro de 2019.

Era grande a concentração de imigrantes provenientes da Espanha e de Portugal, bem como de diversas partes do país. Santos, embora carregasse o título de “terra da liberdade”, trazia àqueles que aqui viviam e chegavam, sofrimento como resposta a tentativa de um modo de vida imposto pela classe burguesa. “Para as elites e autoridades, a cidade ideal exigia transformar esta população trabalhadora enquadrando-a nos novos modos de vida que se consolidavam. Tratava-se, ao mesmo tempo em que se constituía uma nova cidade, de construir seus habitantes” (LANNA, 1996 p. 168). É necessário salientar que as palavras da arquiteta Ana Lanna nos remetem à dicotomia social que a urbe apresentava em seu processo de crescimento. De um lado, uma cidade com características arquitetônicas e culturais europeias e que se constrói a partir das riquezas provenientes do café (o chamado “ouro negro”), de outro a população negra e imigrante que vivia em situação de periculosidade e insalubridade, situação que a elite tentava a todo custo apagar do cotidiano. Essa dicotomia manchava a reputação da cidade.

O governo brasileiro depois de extensas discussões sobre qual perfil imigrante traria para substituir a mão de obra escravizada das lavouras cafeeiras, e qual tipo de política seria necessário para isso, adota a subvenção de imigrantes. É possível afirmar que há também uma tentativa de branqueamento da população e o privilégio da imigração italiana/alemã a partir de 1880. “Entretanto, os projetos de “branqueamento” e eugenia das nossas classes dirigentes, que traduzem sua vontade de controle e uniformização iriam frustrar-se, pois a imigração significou, entre o final do séc. XIX e as primeiras do XX, a irrupção de lutas sociais constantes e expressivas.” (ACCIOLY e SILVA, 2010, p. 128 Apud WHITAKER, Dulce, ANDREATTA, Consuelo).

“Estas diferentes perspectivas entre grupos sociais resultavam em tensões e conflitos. Significaram enquadramento das práticas populares no universo da contravenção; na difícil e conflituosa existência de lideranças populares; no esforço incessante das classes trabalhadoras sem incorporar, como uma leitura própria, os novos padrões ditos desejáveis de viver. Mas fossem quais fossem os projetos de controle formulados pelas elites sobre os habitantes da cidade o fato é que nenhum deles chegaria a ser implantado tal como fora concebido. As dificuldades residiam nas disputas entre os próprios setores dominantes e também na resistência dos grupos e segmentos sociais que se pretendia atingir (LANNA, 1996).

Os imigrantes, principalmente portugueses e espanhóis que fixaram morada na região, estavam presentes nas mais diversas áreas de trabalho e é preciso salientar que os cargos que necessitavam maior nível de instrução eram ocupados por este contingente por serem, em grande parte, homens letrados, visto que o país havia acabado de vivenciar a libertação dos escravos e quase não havia escolas. Somente na Ferrovia Santos Railway foram registrados mais de dois mil imigrantes de ascendência ibérica e o contingente de trabalhadores do porto, em sua maioria, era composto por esses imigrantes. Ranulfo Prata¹⁹ retrata essa preferência contratual de imigrantes em trecho de seu romance, *Navios Iluminados*:

O quarto, apesar de tão cedo, já estava quente. Novembro se acabava. José Severino, como fazia todas as manhãs, àquela mesma hora, como uma prece matinal, começou a pensar na vida, na sua vida. Ia fazer dois meses que estava em Santos e nada de conseguir um lugar definitivo. Cada dia que passava, ficava mais apreensivo e triste, enchendo-se de uma aflição que só ele e Deus sabiam. O dinheiro que trouxera estava se liquidando, mais uns dias e estaria limpo de todo. E o pior é que não tinha esperança para já, pelo menos nas Docas, para onde viera destinado. Todas as vezes que aparecia na inspetoria, informavam-lhe que só no começo do ano, de janeiro em diante. Logo que chegara, diante das dificuldades e do tempo de espera, tirou o pensamento da companhia. Procurou emprego em outras bandas. Tentou entrar na Companhia City e para a São Paulo Railway. Não foi possível. Não havia vagas.

¹⁹ Ranulfo Prata escritor sergipano foi médico, formado no Rio de Janeiro. Trabalhou em algumas cidades até fixar moradia na cidade de Santos e ser chefe da ala de radiologia do Hospital Santa Casa. Prata trabalhou em hospitais públicos e no ambulatório das DOCAS. Com o conhecimento que adquiriu pôde retratar em sua ficção o cotidiano dos operários da cidade de Santos.

Entretanto, na mesma, soube de muitos espanhóis e portugueses haviam sido admitidos. Sentiu-se com preterição. Que é que ele tinha? Não era aleijado, nem cego, nem doente, podendo trabalhar como os outros. Por que seria, então?” (PRATA, 2015, p.27 e p. 28).

Os trabalhadores imigrantes, organizavam-se de maneira mais articulada devido ao conhecimento que trouxeram na bagagem, por conta das experiências de trabalho vividas na Europa (embora muitos que aqui chegaram tivessem egressado de áreas rurais) assim com ideias e concepções libertárias que deflagraram no velho continente, anos antes. A exemplo disso a greve que tomou conta da cidade de Santos em 1905 paralisou as atividades nos armazéns da Companhia Docas, da São Paulo Railway e dos carroceiros. Os líderes da ação grevista, membros da *Sociedade União Operária*²⁰, foram acusados de terem ameaçado de morte outros trabalhadores que não defendiam a greve.

Violência e instauração de inquéritos policiais eram rotina na vida desses trabalhadores que defendiam sua classe laboriosa, principalmente em confrontação com aqueles que não aderiam às greves. Exemplo significativo desse expediente se dá na mensagem destacada abaixo, bilhete escrito em 1905, por Abel Pereira da Silva e José Garcia Abel Gonçalves dirigido ao Sr. Adolfo Pereira, anexado ao inquérito policial contra José Borges Martinês e outros:

“Por linhas travessas sabemos que o senhor está arranjando turno para trabalhar na casa de Ani Martins onde nós trabalhamos. Mas fique o senhor sabendo que nem o senhor nem o Sr. João Guilherme arranja nada, estamos prevenidos. Lembre-se que o senhor tem mulher e filhos, veja lá se não quer acabar de criar seus filhos, é só o que dizemos. Trabalhador o senhor nem o senhor João Guilherme não arranja porque se algum cair na asneira de ir trabalhar lá de noite eles me pagavam um por um. Só mais nada. Estamos todos unidos, ninguém vai nos embrulhar²¹” (LANNA, 1996, p. 175 e p. 176).

²⁰ Sociedade União Operária, “entidade de caráter mutualista fundada por mestres da construção civil em 25 de maio de 1890, visando atender às necessidades de saúde e instrução dos operários”. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0156x16.htm#5> acessado em 13 de abril de 2020.

²¹ Inquérito Policial Justiça contra José Borges Martinês e outros. 1905, ACFCS, caixa 304, in LANNA 1996.



Imagem 20: Jornal A Lanterna, São Paulo, 14 de agosto 1914. Fonte: Acervo da Biblioteca Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas, pesquisado em setembro de 2018.

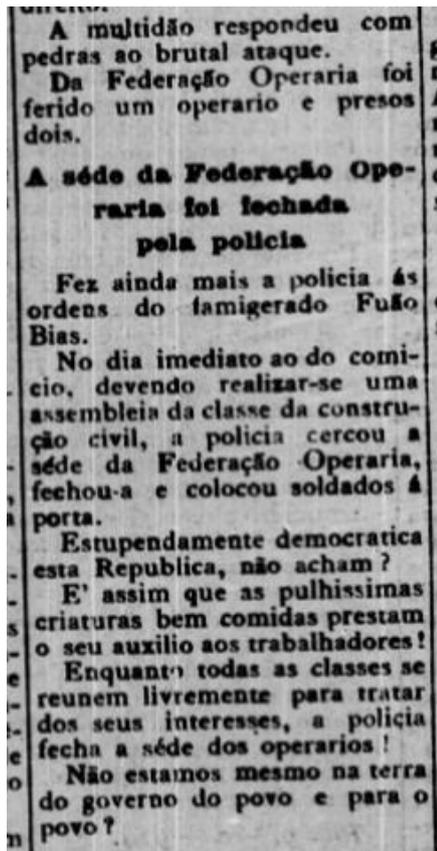


Imagem 21: Jornal A Voz do trabalhador, Rio de Janeiro, novembro de 1914. Fonte: Acervo da Biblioteca Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas, pesquisado em setembro de 2018.



Situações como as descritas acima passaram a ser cotidianas, o que ajudou a tecer uma cultura de luta operária na cidade. Para a classe burguesa incidentes como esses comprometiam a ordem pública, o que era comum, porque inclusive não havia diferenciação e limites entre a vida pública e a vida privada, pois, não era perceptível os limites entre a rua a casa, mesmo porque a jornada de trabalho era extensa e consumia quase todo o tempo, principalmente para aqueles trabalhadores que moravam no local de trabalho. Devido a essa dinâmica, o lazer era restrito.

Diferentemente dos moradores da região portuária, cujo acesso às “diversões mundanas” era abundante (o que será descrito posteriormente associando à cada concentração de imigrante) a população negra, que em sua maioria residia na região do antigo quilombo do Jabaquara, se reunia nas proximidades e em frente à casa do Quintino de Lacerda (que mantinha um bar com venda de bebidas alcoólicas e alimentos - conforme a análise do inventário dos bens de Quintino de Lacerda). Durante as festividades era uma alternativa de lazer, assim como conversas e cantos na área do Chafariz que mudou de aparência, seguindo as mudanças naturais da transformação da urbe²² (conforme se observa nas figuras abaixo) e da Lavanderia que eram de uso geral da população.



Imagem 22: Largo do Chafariz, atual Praça Mauá, datado de 1865. Das construções que se observa, a primeira casa teatral da cidade se localiza no prédio do canto direito. Fonte: FAMS – Fundação Arquivo e Memória de Santos. Disponível em http://www.fundasantos.org.br/e107_images/newspost_images/coleo_19-6.jpg acessado em 23 de abril de 2020.

²² As mudanças da toponímia e de alguns monumentos da cidade, muitos deles modificados em sua forma e substância (como foi o caso desse chafariz, que em menos de duas décadas aparece como alvenaria e é substituído por ferro fundido – a substância da modernidade) ainda está por ser estudada, mas se constitui em um dos temas mais intrigantes e interessantes da modificação urbanística da cidade.



Imagem 23: Cartão Postal do Largo do Chafariz, atual Praça Mauá datado de 1906. Localizado entre as Praças Mauá e Barão do Rio Branco. Fonte: Acervo José Carlos Silveiras. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos273.htm> acessado em 23 de abril de 2020.

Segundo (LANNA,1996) não havia trabalho específico para as diferentes etnias, o que havia era tensão para universalizar o modo de vida diante daquilo que a burguesia julgava correto, pois tentavam apagar as culturas que se arraigavam no cais e no morro, apresentando tão somente a Santos dos prédios arquitetônicos de modelo europeu, teatros e eventos da classe burguesa. Uma cidade de imigrantes, negros e caiçaras embora pulsante e viva era obliterada pelo *modus vivendi* de uma Santos aburguesada. A autora ainda afirma que a década de 1890 iniciou com grandes greves na cidade, das quais pelo menos dez foram provenientes do movimento operário que se consolidava. Neste universo contraditório de disputas territoriais e de ação política, a Sociedade União Operária²³ apresentava-se como uma das instituições mais atuantes, visto que, para além da militância, também mediava conflitos e negociações.

“Paralelamente a todos esses acontecimentos, preparava-se o Congresso Operário, que se reuniu em abril de 1906 no Rio de Janeiro. A importância do Congresso é indiscutível; a necessidade da unificação do movimento operário garantiu a presença dos “amarelos”²⁴ e dos anarcossindicalistas. Estes últimos,

²³ Sociedade fundada em 1890 por Thomaz Antônio de Azevedo, Leonardo Antônio de Castro e Francisco Gardini, ambos mestres de obra que tinham como ideal uma sociedade que oportunizasse auxílio mútuo e instrução, apenas para os operários.

²⁴ Termo surgido no sindicalismo portuário carioca usado pelos anarquistas para nomear as demais orientações antagonicas, acarretando a segregação entre anarquistas e não-anarquistas (Lanna, 1996).

embora estivessem em minoria, fizeram vencer suas posições graças a sua habilidade. Embora seu programa fosse o do sindicalismo revolucionário francês, os anarcossindicalistas souberam agir de forma flexível. Na verdade, as posições vencedoras foram, antes de tudo “sindicalistas”. [...] Os argumentaram, assegurando o caráter de órgãos de resistência econômica dos sindicatos, portanto, sem envolvimento no processo eleitoral, ou em questões religiosas. E aparentemente obtiveram os votos da maioria porque muitos delegados de associações achavam que suas organizações deviam evitar dispersar-se em disputas políticas ou religiosas. Outro ponto importante do não pagamento aos militantes sindicais venceu, incluindo uma concessão: Em casos especiais poderia haver o pagamento desde que nunca ultrapassasse o salário dos operários da categoria em questão. Neste Congresso é fundada a Confederação Operária Brasileira. De São Paulo esteve presente, além dos seis sindicatos pertencentes à Federação Operária de São Paulo, a União dos Trabalhadores Gráficos. De Santos, a Sociedade Internacional União Operária enviou sua adesão de solidariedade” (LANNA, 1996, p. 63 e p.64).

Embora, membros das Sociedades Operárias de Santos não estivessem presentes no Congresso, este evento refletiu na luta operária santista, pois, em Santos iniciava-se a batalha pelas oito horas diárias de trabalho e, na sede da Sociedade Internacional Operária, incitava-se a organização trabalhista por categoria sem qualquer reação negativa às diferenças partidárias, caracterizando o anarcossindicalismo. Nesse processo de greves e lutas, a violência foi a tônica. Os trabalhadores da construção civil foram os primeiros a conseguirem esta conquista, seguidos da Companhia Docas e Moinho Santista. É de se compreender que essas categorias tenham sido as primeiras a conseguirem o pleiteado, visto o poder e a forma de articulação desses grupos, a se julgar pelo conhecimento das causas já estudadas, vividas ou observadas devido à essa categoria ser em sua maioria imigrantes portugueses e espanhóis.

É em meio a essa conturbação social, diante dos episódios de lutas, violência, conquistas, invasões às sedes das Sociedades e disputas políticas, que é fundada a Federação Operária Local de Santos (FOLS). A respeito da violência policial, podemos observar:

“A resposta da polícia a essa “endemia grevista” é imediata e violenta. A 18 de junho, a sede das sociedades operárias é invadida durante uma assembleia dos padeiros e os 300 presentes foram presos. Móveis e papeis são apreendidos ou depredados. Militantes da FOLS reúnem-se então em outro

local, para decidir o andamento da greve. Também estes são presos. Os padeiros são obrigados a negociar o fim da greve com a Associação dos Proprietários de Padarias, sob violenta repressão[...] depois disso a repressão intensifica-se. Ocorrem seis deportações com processo de extradição. Para sindicalistas como Antônio Justo Ferreira, fiscal da Internacional, vai ser forjado um processo por homicídio supostamente ocorrido há oito anos. Thiago Marques e Juvêncio Brás Cardoso permanecem presos, sendo furtados ao *habeas-corporis* através de vários expedientes. A Internacional foi forçada a fechar suas portas para sempre. Para a tranquilidade patronal as greves foram silenciadas justamente no início de mais uma colheita de café. Por três anos as greves foram banidas da cena operária de Santos. Mas nem assim, os incansáveis militantes da FOLS deixarão sua atividade. Naquele momento difícil tratava-se de não perder o conseguido e de não deixar que o desgaste duplo de crise e repressão corresse sua organização. Com a sede fechada e vários militantes perseguidos, começaram a atuar através da criação do grupo dramático *Aurora*. No ano seguinte, 1910, eles reabrem a sede da Rua General Câmara, tão significativa para os trabalhadores santistas, e iniciam a publicação do *Jornal Aurora Social*” (LANNA, 1996, p.69)

Se de um lado, a classe trabalhadora sofria represálias, deportações (1906 a 1908) e violência de toda natureza mantendo a luta por meio de jornais veiculados pela cidade, por outro, a classe burguesa – também veicula jornais que corroboram seus ideais cerceadores de direitos na tentativa de impor um modelo de sociedade. Embora os capitalistas endinheirados pela exportação do café, empresas da construção civil e Companhia Docas - tentem manipular informações e incentivar a disputa entre os operários é fundamental ter-se a concepção que os trabalhadores da classe portuária estavam à mercê do mercado da exportação e das oscilações dos países que importavam essa commodity. Em contrapartida os trabalhadores tinham grande força visto que, por exemplo, sua paralização afetava a rede ferroviária. Mas o poder de greve enfrentava o grande polvo²⁵, a Companhia Docas, que mantinha como aliados Estado e Polícia, além da elite local. Ainda sobre as diferenças entre as categorias operárias e suas condições, é necessário dar destaque à passagem da obra *Ventos do Mar*²⁶:

²⁵ Referência feita à Companhia Docas por César Honorato, meio da publicação *O Polvo e o Porto A Cia. Docas de Santos (1888 – 1914)*, de 1996 em comemoração aos 450 anos de aniversário de elevação de Santos a Vila.

²⁶ *Ventos do Mar – Trabalhadores do Porto, Movimento Operário e Cultura Urbana em Santos, 1889 - 1914: Obra literária escrita por Maria Lucia Caira Gitahy, em 1992.*

“Como comparar a situação dos trabalhadores do Porto com a dos operários santistas de outros ramos da indústria? Em suas memórias, um ativista de Santos, contrasta o trabalhador do porto, oprimido e descalço, propenso ao alcoolismo ao trabalhador da construção civil “que almoçava no trabalho, tinha hora para o café, trocava as roupas no trabalho, usava sapatos.” Após tornar claro que a vantagem era relativa, por causa da insegurança do emprego e dos acidentes de trabalho que integravam o quadro geral de vida dos operários, enfatiza o nível cultural mais alto do trabalhador da construção civil, associada à natureza do seu trabalho. Em suas fileiras a porcentagem de analfabetos era menor, liam alguma coisa, tinham veleidades artísticas. Na época, as fachadas dos edifícios eram ornamentadas e mesmo os interiores. Por isso os trabalhadores esforçavam-se muito para adquirir algum conhecimento de modelagem, escultura e principalmente desenho geométrico, conhecer as escalas e rudimentos de arquitetura. Até Primeira Guerra Mundial os trabalhadores da classe civil de Santos foram os principais organizadores do movimento operário. Eles foram os pioneiros da Sociedade Primeiro de Maio e formavam o núcleo da FOLS, com sua escola noturna e sua sala de leitura, onde livros anarquistas, publicações didáticas de vários feitios, jornais e revistas de São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Barcelona podiam ser encontrados. Seus sindicatos tinham reuniões semanais onde se discutiam notícias nacionais e internacionais assim como teorias sobre a transformação da cidade” (GITAHY, 1992, p. 119).

Portanto, o que se percebe é que a construção do ideário do trabalhador santista, sobretudo àquele ligado ao porto refletiu a clara dicotomia patrocinada pela luta de classes. Embora sejam inúmeras as diferenças das áreas de trabalho, assim como exigências e formações intelectuais, é certo que cada seguimento operário contribuiu para imprimir na sociedade santista um modo de vida e de lutas dignas de serem registradas. Sob esses aspectos, as organizações trabalhadoras, por meio do sindicato, apresentavam a predominância da ação anarcossindicalistas, visto que não queriam envolvimento político nem tão pouco religioso. Dentre as discussões que permeavam a ordem do dia nos sindicatos uma se sobressaía: como construir uma sociedade justa com seu povo dominado? Havia um consenso sobre a resposta a ser dada: por meio da educação, sem o cerceamento do Estado nem com o controle por meio dos dogmas religiosos.

Ao observarmos a figura de número 23, do Jornal União dos Operários que veiculou no dia 15 de setembro de 1905 percebemos que embora já tivessem as Sociedades de Apoio Mútuo fundado escolas para seus trabalhadores e filhos, entendemos que uma Educação Formal de cunho libertário caminha a passos curtos, embora se circunscreva a preocupação de se construir uma sociedade pautada numa educação cujas pessoas formadas lutassem por melhores condições de vida e pelo bem estar coletivo. É um futuro que ainda estaria por vir.



lei do Código de Posturas, os próprios condutores de veículos, estão resolvidos a reclamá-la, e se necessário for abandonar o serviço, declarando-se em greve geral de classe, pedindo a execução da referida lei e não voltarem ao trabalho enquanto não fôr posta em execução.

Seria a morte moral da Câmara Municipal, que o operário se declarasse em greve pelo motivo da própria Câmara não executar uma lei por ella decretada.

A Polícia, que é a encarregada de garantir a vida da população, também tem o dever de procurar que se ponha em pratica a lei do Código de Posturas Municipaes, referente ao trafego de vehiculos, e fazer com que seja executada com todo o rigor.

Que decaia o animo?
Que o positivismo volta a perturbar as energias? Não haja medo ao futuro: quando a consciência é guiada por um moral sacrosanto o ideal da felicidade. Não é isso, não.

O que falta ás massas populares é romper a inercia.
Tudo se faz num dia o mesmo em que se resumem.
Quando o trem está em marcha quem é capaz de desalojá-lo?

O Campeão
Emílio Soares Novoa.

Olhando ao porvir—Um novo mundo Aos operarios de Santos

Um dia anuncia um grupo de trabalhadores a necessidade de congregarem-se para formar uma sociedade instrutora; outro dia, falase e se reconhece a necessidade de crear um grande centro com ampla bibliotheca, com ensinamentos úteis aos trabalhadores e seus filhos.

Sempre no fundo latem as mesmas aspirações e o mesmo desejo, melhorar a condição de quem trabalha, subir um grão mais nesta escada infinita dos santos anseios que tocam a saúde, ao bem estar, á prosperidade do individuo e da familia.

Ante esses projectos a imaginação do operario procura um mundo de felicidades.

Ter morada hygienica, quem vive pouco, menor que num estalote; educar á sua familia o p'ê a prole em condições de lutar pela vida, destruir a indolência e o respeito que, merces-negoz cede-do, fazer um libertino de sensibilidade, quem só sente as esperanças do dever, cumprido é nascer a nova vida, o que já existe entre os povos do mundo civilizado, é passar da categoria de animos á de homens.

De pouco se vao ao muito, e do singular ao geral.

Reunam-se os trabalhadores para fim modesto, primeiro.

Lá chegará o dia em que, consolidada a sua organização, fortes em si mesmos, com plena confiança nos caminhos em que emprebendam, chegarão a conseguir ideaes mais complexas e a realizar obras mais vastas do que a que seus principios impozeram, a necessidade e a falta de hábitos.

A vida material e intellectual é a mais urgente, o que nos rodeia mais do perso o que retrai no im-

Imagem 24: Jornal União dos Operários, Santos, 15 de setembro de 1905. Fonte: Acervo da Biblioteca Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas, pesquisado em setembro de 2018.

Int. Instituto Soc. Beneficente Amsterdã

“O passado do movimento operário santista, tem sido absorvido, menos enquanto registro histórico, racionalmente avaliado e mais como denso tecido de fundo significativo emotivo, valor transmitido de geração a geração, Fonte de orgulho e inspiração. Transbordando as fronteiras da classe social, o

passado militante da classe operária santista une-se a outras vozes dessa cidade que tem escolhido, como marca própria, uma palavra de muitos sentidos: liberdade” (GITAHY, 1992, p. 140).

A resistência portuária durou por quase um século. Atualmente, o Sindicato dos Estivadores²⁷ se mantém ativo e reativo, a duras penas e com grandes dificuldades financeiras devido à concorrência com o OGMO.²⁸ O OGMO fundado na década de 1990, após noventa anos de concessão à Companhia Docas. Formada por uma economia mista devido à Lei 8.630, de 25 de fevereiro de 1993, mais conhecida como a *Lei de Modernização dos Portos*, que permitiu à iniciativa privada gerenciamento das operações portuárias da contratação de mão de obra. É sabido que a década de 1990 foi marcada pelas privatizações, fruto das mudanças na economia brasileira. Foi um período que exigiu modificações porque descentralizou o poder estatal e colocou empresas e serviços à disposição e oscilações do mercado externo acarretando consequências irreversíveis para as categorias da estiva. O processo de modernização vivenciado pelos trabalhadores do porto também passou por modificações em suas relações sociais e de trabalho, visto que o processo de descentralização acarretou como consequência a diminuição das frentes de trabalho, o que foi sentido em decorrência da dominação das operações de carga e descarga portuária realizadas pelas empresas privadas, que passaram a dominar o meio.

Nesse período o nível de desemprego se elevou e o trabalhador portuário precisou rever sua qualificação, tendo o próprio OGMO como responsável pela formação destinada às necessidades do porto. É função também do Órgão de Gestão de Mão de Obra: cadastrar, capacitar, registrar e administrar o fornecimento dessa mão de obra. Pagamentos de encargos sociais, salários e previdência também fica sob responsabilidade deste órgão. Este momento marca a história da categoria da estiva que sai de uma histórica organização sem patrão para uma relação trabalhista terceirizada. A longa trajetória começa percorrer um processo de desvalia, extinção das tradições, do pensamento coletivo, da autonomia e dos interesses comuns. A década de 1990 desconstrói dessa forma, uma tradição quase centenária (dos trabalhadores da estiva), e passa a ser marcada por greves e violência.

²⁷ Fundado no XX, o Sindicato dos Estivadores de Santos foi protagonista de lutas operárias em benefício de seus trabalhadores. Essas lutas estão diretamente ligadas aos seus operários de liderança, sua grande maioria portugueses e espanhóis (AGUIAR, JUNQUEIRA e FREDDO (Org)), São Paulo, 2006.

²⁸ OGMO: Órgão de Gestão de Mão de Obra. Organização fundada em 1993 fornece mão de obra avulsa para trabalho no porto.

Em 1993, por ordem do Ministro da Infraestrutura, a CODESP²⁹ demitiu 5.372 trabalhadores que estavam paralisados em protesto pela criação da OGMO. Devido à forte pressão da sociedade os trabalhadores foram readmitidos. Outro episódio de greve com grande repercussão se deu ano de 1997 quando a COSIPA³⁰, em seu terminal marítimo privado, não contratou funcionários pela OGMO ou pelo Sindicato dos Estivadores para fazer o trabalho de carga e descarga de produtos, utilizando-se de seus próprios funcionários. O resultado dessa greve foi a paralização de oito mil estivadores, dezoito navios atracados sem o desembarço da mercadoria e outros quinze navios, localizados na barra, no aguardo para atracar. A greve obteve apoio de toda categoria, em nível nacional tendo paralisado 49 portos dos 51 existentes e 50 mil dos 62 mil portuários brasileiros. É certo que as lutas da categoria em discussão sempre estiveram permeadas pela violência. A exemplo disso podemos observar publicações veiculadas nos Jornais *Diário Popular* e *Jornal A Tribuna*:

“[...] cerca de 20 portuários invadiram e danificaram a sede do OGMO. Computadores e móveis de escritório foram arremessados pela janela. A confusão começou após um ato grevista, que reuniu 500 trabalhadores. Ao longo da passeata colchões e outros objetos foram queimados. À noite, o escritório do órgão gestor ainda foi atingido por dois coquetéis molotov. O primeiro secretário do Sindicato dos Estivadores reprovou a invasão. Portuários de todo país pararam as atividades como forma de apoio aos companheiros santistas”. (Diário Popular, 25, nov. 1998, apud Raith, André 2015).

“[...] no dia seguinte, em 25 de novembro de 1998, a Polícia Militar prendeu mais de 50 estivadores sob alegação de incitação ao crime, depredação ao bem público e resistência à voz de prisão. Para conter os manifestantes a PM reuniu uma tropa de 120 policiais armados com escopetas e revólveres, com a ajuda de um helicóptero, além de bombeiros para apagar os focos de incêndio provocados pelos estivadores”. (A TRIBUNA, 26 nov. 1998, apud RAITH, André, 2015.)

²⁹ CODESP (Companhia Docas do Estado de São Paulo): Empresa Pública que foi criada em 1980 em substituição da empresa provada Companhia DOCAS, após noventa anos de concessão. A CODESP é responsável em cuidar da infraestrutura do Porto de Santos. A CODESP, localizada na Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, abriga hoje o Museu do Porto e tem como acionistas Governo Federal e Prefeitura, com participação de 99.99% e 0,01%, respectivamente.

³⁰ COSIPA (Companhia Siderúrgica Paulista): Também conhecida como Usina José Bonifácio de Andrade e Silva, localizada no município de Cubatão, foi inaugurada pelo presidente João Goulart. Foi privatizada por meio de leilão na BOVESPA (Bolsa de Valores do Estado de São Paulo) no dia 20 de agosto de 1993, sendo liderada por grupo de investidores e com sócio majoritário a Usiminas.

As mencionadas citações de jornais da cidade, destacam a violência com a qual eram tratadas as greves dos funcionários do porto, o que não difere de lutas do passado. É certo que o progresso e a tecnologia instalados no porto e em todo processo de desembarace e embarque de mercadorias, bem como a criação do OGMO ocasionou o declínio da categoria que em tempos passado era vista como a força do cais.



Imagem 25: Embarque de café no Porto de Santos. Fonte: Instituto de preservação e difusão da História do Café e da Imigração. Disponível em http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/fotografias/MI_ICO_AMP_019_001_021_001.jpg acessado em 29/03/2020.

As figuras de números 25, 26 dos antigos armazéns de café, trazem o contraste e a imposição de um período de modernização, privatizações e reinvenção da mão de obra estivadora, observada na figura de número 25. A categoria considerada uma das mais fortes do cenário trabalhista teve seu sindicato fundado em 1930 proveniente do Sindicato dos Ensacadores e Arrumadores, criado em 1919 após finalização dos trapiches³¹. A categoria

³¹ “(...) A história de luta dos estivadores de Santos começou por acaso no ano de 1897, quando uma das escotilhas do vapor Salinas cedeu fazendo despencar um fardo pesando mais de uma tonelada juntamente com 14 estivadores. Como resultado da tragédia, um trabalhador morto e outros 13 gravemente feridos. Além de dar início ao movimento operário no porto, já administrado pela Companhia Docas de Santos comandada por Cândido Gaffrée e Eduardo Guinle, o acidente foi o estopim para a fundação daquele que, anos mais tarde, se transformaria no maior e mais importante sindicato dos estivadores do país. Depois de muitas greves que marcaram o período e o nascimento do movimento de classes, em 1 de dezembro de 1910 foi fundado o Sindicato dos Estivadores de Santos por um grupo de trabalhadores do Porto(...)” FONTE: Diário do Litoral, disponível em:

recusava-se a se modernizar e dissolver o monopólio da mão de obra, mas este processo acabou se tornando inevitável. As lutas dessa classe historicamente forte e organizada, ano a ano foi desestruturada pelo poder público e pelas iniciativas privadas que passaram a dominar espaços outrora concedidos à Companhia Docas.

A tecnologia presente nos anos 1990 não corroborava práticas desenvolvidas e arraigadas ao longo das décadas pela categoria dos estivadores. A partir do mercado livre e aberto para os processos de importação e exportação de mercadorias, notoriamente o Porto de Santos começa a ganhar novas características e se reinventar enquanto autarquia capitalista.



Imagem 26: Cais de Santos. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/vistas_sp acessado em 28/08/2020.



Imagem 27: Monumento Trabalhador Portuário, localizado na Avenida Cidade de Santos. Fonte: Acervo de pesquisa acadêmica de Thiago Pereira de Barros. Pesquisa sobre Análise do trabalho dos estivadores de Santos, subsidiado pela Fapesp, 31/05/2015.

<<https://www.diariodolitoral.com.br/sindical-e-previdencia/sindicato-dos-estivadores-comemora-82-anos/836/>> acessado em 26 de outubro de 2019.

No ano 2000 a estiva e os trabalhadores de bloco perdem a tradição de escolha de equipe para o trabalho. A classe passa por dificuldades financeiras e o que se encontra em sua sede, um prédio centenário, hoje alugado devido à perda do imóvel por conta de dívidas, são apenas lembranças esparsas de um passado dito glorioso. As memórias desse período estão sendo apagadas ano após ano. Em outubro de 2019 foi possível entrevistar (nas dependências do Sindicato dos Estivadores) os Senhores Rodnei Oliveira³² (Presidente do Sindicato dos Estivadores) e Evandro Santos Silva³³ (Gerente Administrativo deste sindicato). A utilização de uma abordagem não diretiva, ou seja, sem o uso de perguntas diretas e sem a emissão de opiniões possibilitou a adesão do Sr. Evandro, que estimulado pela conversa, relata: “(...) muito difícil o trabalhador buscar sua instrução, (como eu te disse) ou ele ia ganhar o dinheiro dele ou ele ia estudar. Muito difícil! Ou ele faz uma coisa ou faz outra. Ou ganha o dinheiro ou vai estudar(...)” (EVANDRO SANTOS SILVA. Entrevista. 28 de outubro de 2019).

É possível perceber que o depoimento pode contribuir para a criação de um cenário no qual a conservação e difusão das memórias do período relatado ajude a compreender as lutas desta classe trabalhadora como protagonista e esboce aquilo que afirma P. Thompson em “*A voz do passado*”: “a memória é a construtora, as vezes fiel, às vezes enganosa de algo que faz sentido aos que viveram” (THOMPSON, 1992, 234). Esse relato permite evocarmos como a memória pode, simultaneamente, ser o dínamo e freio das histórias, pois é próprio do trabalho de memória “(...) (re)conceituá-la, extraíndo-a da aventura diletante.” (MEIHY, 1994). Compreender o espaço que permeava esse período da história, por meio das Fontes Orais, é corroborar informações aqui já mencionadas por meio da literatura de GITAHY sobre os trabalhadores do porto em “*Ventos ao Mar*”. Ainda em relatos orais percebe-se consonância com a referida bibliografia e se observa o combate repressivo às formas de organização de trabalho e reuniões nas quais pudessem discutir melhorias trabalhistas, como transcrito no trecho abaixo:

“(...) as greves não eram políticas, não eram! Eram por quê? Era a questão trabalhista porque eles se viam aviltados... eles se reuniam e naquele tempo eles não tinham o direito de se reunir então eles iam para a rua ou iam para o meio do mar, porque eram tachados de vermelhos, disso, daquilo e quando na verdade eles só queriam trabalhar, mas o senhor (hoje o que nós temos aí só

³² Rodnei Oliveira exerce a função de presidente do Sindicato dos Estivadores há mais de uma década.

³³ Evandro Santos Silva é nascido na cidade do Guarujá, reside em Vicente de Carvalho e atua na Gerência Administrativa do Sindicato dos Estivadores desde 1973. É o funcionário mais antigo desta instituição.

tirou o nome, antes era o senhor de engenho, o coronel, tiraram só a patente e eles continuam aí com tudo ou pior) não queria, não era bom ter o trabalhador organizado. Queria todo mundo separadinho como tinha que ser... combatiam e tachavam de anarquista, comunista de tudo o que não era bom. Tudo era como é hoje. E evoluiu? Não, não evoluiu. Se fala que libertou o escravo... mentira! Escravizou também o branco porque eram jogados na rua sem nenhuma educação. Isso é até hoje, nada mudou... Na questão da educação os sindicatos não tinham suporte... (EVANDRO SANTOS SILVA. Entrevista. Santos, 28 de outubro de 2019).

Os diálogos obtidos por meio de entrevista confirmam o que tem sido exposto: as formas de educação formal se deram por meio de associações organizadas por imigrantes, instituições católicas, escolas privadas ou ainda subsidiadas ou ainda grupos escolares mantidos pelo governo. Do ponto de vista de organização da estrutura educacional libertária (formal, não formal e informal expostas anteriormente) é possível afirmar que as associações, os sindicatos e organizações da estiva tiveram maior contribuição por meio da educação informal à medida que discutiam o coletivo para uma melhoria nas condições de trabalho, em suas reuniões, ou ainda por meio de jornais e periódicos que veiculavam na cidade.



Imagem 28: Atual prédio do Sindicato dos Estivadores do Porto de Santos. Fonte: G1, Santos e Região. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/porto-mar/noticia/eleicao-define-nova-diretoria-do-sindicato-dos-estivadores-em-santos.ghtml> acessado em 25 de abril de 2020.

Infelizmente, o Sindicato dos Estivadores não conta com acervo documental que possa subsidiar qualquer compreensão sobre a organização do processo educacional informal, seja com cursos livres, palestras, periódicos ou festividades. O que se encontra neste ambiente é um local que vive das memórias dos tempos de grandes conquistas trabalhistas. O que se tem disponível são arquivos que datam a partir de 1945 guardados em uma antiga sala de reuniões, em total estado de deterioração devido à não preservação destas fontes documentais.

O Sindicato dos Estivadores mantém uma escola (na perspectiva de uma educação formal), destinada aos filhos desses profissionais, com estrutura e aulas compatíveis à uma escola regular e tradicional. A mesma foi fundada apenas em 1960, no entanto, não foi possível encontrar qualquer documentação que pudesse contribuir com esta pesquisa.

Capítulo 2

Associações mutualistas em Santos e a
educação para o trabalhador: uma
dicotomia entre teoria e prática

2.1 A Educação brasileira na Primeira República

Ao longo do período da Primeira República observou-se, o afluxo cada vez mais adensado de imigrantes europeus que chegam no país com objetivo de substituir a mão de obra escravizada. Neste princípio, há o ideário de ocupação dos espaços geográficos com a intenção de construir um projeto de nação, como observamos:

Ao se iniciar a imigração (...), a orientação oficial já foi a de evitar grandes extensões de colônias etnicamente homogêneas, separando-as por terras particulares, pertencentes à população luso-brasileira. E a partir do período republicano a orientação foi pela formação de colônias mistas. Porém, da parte dos imigrantes, houve uma tendência continuada à formação de núcleos etnicamente homogêneos, pois favorecia sua organização religiosa, social e escolar em perspectiva comunitária (KREUTZ, 2016, p.349 Apud LOPES, FARIA FILHO, e VEIGA).

O ideário de República e Educação que se concebia no Brasil era uma tentativa de emular o que se imaginava ser moderno em termos de nacionalidade e de educação. O exemplo a ser copiado eram os Estados Unidos, mesmo o Brasil não tendo um projeto de educação para a República. O desejo era a construção de um país forte, sólido em sua nacionalidade e, sobretudo, consoante ao processo de apagamento de memórias nacionais, o que ajudou a consolidar um ensino nacionalista, de vocação cívica e grande apelo patriótico prevalecendo o ensino da história, geografia e língua materna, brasileiras.

(...) Independente da origem social e cultural, de experiências vivenciadas, o aluno era simplesmente, retratando pouco a diversidade. O que para uma etnia pôde ser um percurso de afirmação, para outras foi um processo problemático e, por vezes, traumático. Assim, ao se promover a escolarização na modernidade sob movimento de formação de Estados Nacionais, essa mesma escolarização tornou-se fortemente um fator de imposição de língua nacional e de desautorização e desencorajamento de expressões regionais e dialetos. A escola foi então concebida como um dos instrumentos privilegiados para levar à

interiorização da ideia de que os conhecimentos tratados numa perspectiva generalizante são superiores aos saberes particulares e locais. A escola deveria ser ativada numa perspectiva monocultural, tratando as diferenciações culturais como algo a ser superado. O Estado situava-se no centro do processo de formação de identidade nacional. No processo histórico brasileiro, isso não foi um movimento constante, retilíneo. Recorrendo-se à imigração com o objetivo de modernizar a economia, branquear a população e garantir as fronteiras em disputa, certamente a elite política não seguiu os cânones então prevalentes para a formação do Estado-nação em relação à forma do governo (monarquia) e ao descaso com a rede pública de ensino, permitindo a formação de escolas étnicas. Esse quadro foi se modificando aos poucos (...) com maior ênfase a partir de 1920 – 1930 (KREUTZ, 2016, p. 353 Apud LOPES, FARIA FILHO, e VEIGA).

Nunca houve sistema único de ensino. O que se observou nas pesquisas foi uma escolarização excludente e elitista. Se tomarmos como exemplo os Anuários da Instrução Pública do Estado de São Paulo (um dos estados mais ricos devido às exportações de café), observamos em sua maioria, pelo menos 50% das crianças em idade escolar fora das salas de aula. Seja por falta de escola, ou de professores. Cidades em desenvolvimento e em expansão, sobretudo financeira, não contavam com Escolas Normais para a formação de professores, como a cidade de Santos, por exemplo. Diante do exposto, é necessário lembrar que o “Ato Adicional de 1834” relegava a responsabilidade do ensino primário e secundário às províncias, sendo o Estado Imperial responsável tão somente pelo Ensino Superior e demais níveis apenas no município que se localizava a Corte, no Rio de Janeiro. Embora a problemática mencionada fosse uma realidade com poucas ações para resolução e a República brasileira tenha nascido com cerca de 90% de sua população analfabeta, intelectuais, políticos, profissionais liberais entre outros que percebiam na educação o único vetor de desenvolvimento apto e capaz de conduzir a República à prosperidade. Ideais iluministas permeavam as cidades, mas os preceitos dessa concepção esbarravam numa sociedade oligarca escravocrata. Nessa perspectiva, a educação era o único caminho para dissolver a mobilidade social que tinha na oligarquia cafeeira o monopólio da alternância de poder, o chamado pacto café com leite, entre as regiões de Minas Gerais e São Paulo.

Assim, a República nasceu e se desenvolveu, em termos de educação escolarizada com problemas muito parecidos com aqueles do período imperial. Por um lado, a escola continuava a ser uma instituição para poucos: se os republicanos não construíram escolas em número suficientes nem para atender às crianças em idade escolar, o que se dizer dos milhões de adultos analfabetos? Os pobres do campo e da cidade, livres ou recém libertos, continuavam encontrando grandes dificuldades frequentar a escola, seja pela falta das instituições seja extenuante jornada de trabalho a que tinham que se submeter para ganhar a vida (VIDAL, 2008, p. 7 e 8).

Sob esse aspecto, o fim do voto censitário estabeleceu uma relação entre cidadania e alfabetização que, segundo VIDAL só seria rompida em 1988. Com o crescimento das cidades também há o crescimento, ainda que timidamente, do número de escolas isoladas, grupos escolares e escolas estrangeiras.

O final do século XIX trouxe concepções na educação que motivaram o conhecimento sobre o aluno colocando-o no centro do processo de ensino, mas que não progrediram, do ponto de vista de realização, sendo essas concepções retomadas somente quando do Movimento da Escola Nova³⁴, com o Manifesto dos Pioneiros da Educação³⁵. Esse movimento sim, trouxe o diálogo entre sujeito, meio e cultura com características de uma educação genuinamente brasileira.

³⁴ A Escola Nova buscava a modernização, democratização, industrialização e urbanização da sociedade. Os educadores que apoiavam suas ideias entendiam que a educação seria a responsável por inserir as pessoas na ordem social. “A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. O escolanovismo desenvolveu-se no Brasil sob importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais. O rápido processo de urbanização e a ampliação da cultura cafeeira trouxeram o progresso industrial e econômico para o país, porém, com eles surgiram graves desordens nos aspectos políticos e sociais, ocasionando uma mudança significativa no ponto de vista intelectual brasileiro. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/escola-nova/> acessado em maio de 2020.

³⁵ O "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova datado de 1932 foi escrito durante o governo de Getúlio Vargas e consolidava a visão de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. Redigido por Fernando de Azevedo, dentre 26 intelectuais, entre os quais Roldão Lopes de Barros, Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Antônio F. Almeida Junior, Roquette Pinto, Delgado de Carvalho, Hermes Lima e Cecília Meireles. Ao ser lançado, no meio do processo de reordenação política resultante da Revolução de 30, o documento tornou-se o marco inaugural do projeto de renovação educacional do país. Além de constatar a desorganização do aparelho escolar, propunha que o Estado organizasse um plano geral de educação e defendia a bandeira de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. O movimento reformador foi alvo da crítica forte e continuada da Igreja Católica, que naquela conjuntura era forte concorrente do Estado na expectativa de educar a população, e tinha sob seu controle a propriedade e a orientação de parcela expressiva das escolas da rede privada.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_dos_Pioneiros_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_Nova acessado em maio de 2020.

2.2 Escolas Santistas: herança de um passado presente

A República brasileira que surgiu sob o cenário de uma sociedade majoritariamente analfabeta, carregava consigo problemas provenientes do Império. Faltava instrução para uma sociedade cuja maioria populacional era pobre, advinda do período escravista, portanto uma população também negra recém liberta e de homens livres. Se naquele momento as instruções primárias e secundárias eram escassas, o “Ato Adicional assinado de 1834 continuava a vigorar: o Governo Central da República continuava cuidando do ensino superior destinado às elites e deixava o ensino primário, secundário e profissional entregue à responsabilidade de cada Estado da Federação” (VIDAL, 2008). Segundo Vidal, embora houvesse a ausência de um sistema nacional de ensino e concomitante a isso diversos sistemas estaduais, é de se esperar grande diversidade e discrepância visto a dependência das finanças de cada federado. Ainda assim, apesar das desigualdades, foi possível avançar sob o ponto de vista metodológico. Observemos:

(...) Tais afirmações, no entanto, não nos podem levar a pensar que nada de novo aconteceu no período. Pelo contrário, importantes inovações foram introduzidas na educação escolar nos finais do XIX e início do século XX. Do ponto de vista metodológico, por exemplo, vimos expandir, nesse momento, as práticas inovadoras relacionadas ao chamado método intuitivo, segundo o qual a visão é o principal sentido humano aplicado na aprendizagem. O método intuitivo defendia que era preciso ver para aprender, que o conhecimento deveria ser ensinado do concreto para o abstrato, do próximo para distante, condenando os métodos de memorização praticados até o momento. Outra importante inovação estava relacionada à construção de edifícios próprios para o funcionamento das escolas e à introdução do sistema de seriação elementar(...)” (VIDAL, 2008).

Diana Vida, estudiosa da educação desse período, esclarece que o início do período republicano no Brasil foi marcado, sob o ponto de vista da educação, pela adequação dos educadores às questões que se estudavam pelo mundo. Com o término do voto censitário por meio da primeira Constituição Republicana (1891), consagra-se o direito ao voto a todos os indivíduos do sexo masculino, desde que alfabetizados e maiores de idade. Embora legalmente tivesse sido um avanço, na prática ocorreu uma restrição do voto, visto que as mulheres conseguiram o direito ao voto apenas em 1930, e até o ano de 1920 o país tinha cerca de 80%

da população analfabeta, portanto um ambiente favorável para a manutenção das grandes oligarquias, apesar da conquista do direito ao voto.

Para estudiosos, intelectuais e alguns grupos políticos não havia outra saída para acabar com as oligarquias e o crescente poder dos industriários, senão pela educação. A criação dos Grupos Escolares, Escolas Isoladas, Particulares, Estrangeiras e Providas bem como a ampliação do currículo escolar primário aliado às disciplinas de cunho Científico e Educação Física possibilitaram desenvolvimento cuja finalidade era a formação crítica. Embora a “Matéria Prendas domésticas” tivesse se mantido, no currículo feminino, o acesso das meninas às escolas rompe com todo um processo de desigualdade arraigado desde o Império.

GRUPOS ESCOLARES	Matriculados			Concluíram o curso			Vagas no 1.º ano			RESULTADO			
	S. masculino	S. feminino	TOTAL	S. masculino	S. feminino	TOTAL	S. masculino	S. feminino	TOTAL	Frequência média	Promovidos	Porcentagem de promoção	Não promovidos e eliminados
36 Franca	237	150	387	11	10	21	28	11	39	279	175	59	212
37 Guaratinguetá	241	236	477	21	32	53	2	...	2	366	187	45,4	290
38 Iguaçu	161	117	278	6	9	15	33	18	51	200	96	48	182
39 Itapetininga	147	213	360	11	15	26	35	33	68	322	207	57	153
40 Itapira	191	192	383	5	8	13	3	2	5	320,8	175	50,6	208
41 Itatiba	163	153	316	4	2	6	25	27	52	273,2	88	27,8	228
42 Jaboticabal	121	138	259	5	11	16	24	3	27	216	135	52	124
43 Jacarehy	170	166	336	14	17	31	18	47	65	250,7	167	70	169
44 Jahú	176	135	311	8	3	11	27	50	77	250	182	58,5	129
45 Jundiáhy—S. Moraes	183	160	343	16	10	26	26	26	52	258	241	70	102
46 Jundiáhy—C. de Parahyba	322	182	504	9	11	20	32	17	49	301,4	131	37	373
47 Leme	127	104	231	6	2	8	28	26	54	208	99	42,8	132
48 Limeira	162	151	313	11	8	19	66	48	114	230	119	51	194
49 Lorena	210	203	413	2	14	16	99	51	150	245	183	44,3	230
50 Mococa	143	...	143	7	...	7	109	52	39,6	91
51 Mogy das Cruzes	155	126	281	5	5	10	35	23	58	217	126	44,8	155
52 Mogy Mirim	211	167	378	7	11	18	333,6	378
53 Parahybuna	153	113	266	4	...	4	46	11	57	185	95	73	171
54 Pindamonhangaba	141	94	235	7	8	15	37	10	47	266	103	43,8	132
55 Piracicaba 1.ª	142	186	328	13	15	28	17	41	58	250	230	70	98
56 Piracicaba 2.ª	242	249	491	23	35	58	30	37	67	375	333	79,4	158
57 Pirajú	118	113	231	3	4	7	2	3	5	200	125	55	106
58 Porto Feliz	196	160	356	11	16	27	275,9	134	39,8	202
59 Pirassununga	179	146	325	5	2	7	1	1	2	234,2	155	69	170
60 Ribeirão Preto	207	233	440	5	15	20	50	47	97	326,7	247	72	193
61 Rio Claro	190	197	387	12	18	30	32	47	79	335,5	213	55	174
62 S. Carlos	212	211	423	11	12	23	46	39	85	364	169	44,6	254
63 S. João da Boa Vista	144	158	302	9	8	17	41	19	60	248,5	134	50	168
64 S. José dos Campos	188	186	374	3	2	7	240	152	56	222
65 S. José do R. Pardo	210	189	399	28	30	58	285	196	67,1	203
66 S. Luiz do Parahytinga	118	122	240	3	...	3	13	19	32	89	73	39	167
67 S. Manuel do Paraíso	122	157	279	4	7	11	20	9	29	248,7	115	41,2	164
68 S. Roque	229	237	466	11	11	22	2	...	2	361,4	176	48,8	230
69 S. Simão	170	176	346	8	6	14	38	16	54	230	143	56,7	203
70 Serra Negra	234	180	414	5	5	10	27	61	88	276,5	208	50	206
71 Sorocabinho	143	136	279	2	6	8	46	47	93	217	130	51	149
72 Sorocaba	207	234	441	5	11	16	319	183	51,3	258
73 Santos—Cezario Bastos	188	167	355	39	41	80	165	132	61	223
74 Santos—Barnabé	296	374	670	9	21	30	161	209	370	477,7	203	34,7	467
75 São Sebastião	97	83	180	...	3	3	111,2	57	31,6	123
76 Tatuhy	217	191	408	10	10	20	8	...	8	305	152	45,7	256
77 Taubaté	241	225	466	230	94	20	372

Imagem 29: Saldo de matrículas dos Grupos Escolares, no ano de 1908, p.109. Anuário de Instrução do Estado de São Paulo.

Fonte: Arquivo público do Estado de São Paulo, acessado em outubro de 2018.

N.º de ordem	Grupos escolares	Matricula geral			Matr. efectiva			Frequencia efectiva		
		Sexo mascul.	Sexo femin.	Total	Sexo mascul.	Sexo femin.	Total	Sexo mascul.	Sexo femin.	Total
90	Parahybuna (Dr. C. Cez.)	199	185	384	134	126	260	87,9	83,0	170,9
91	Pederneiras	302	264	566	193	170	363	170,0	150,0	320,0
92	Pedreira	238	200	438	172	145	317	134,0	112,1	246,1
93	Pennapolis	205	184	389	112	102	214	105,6	90,4	196,0
94	Pereiras*	109	83	192	106	74	180	80,7	56,6	137,3
95	Pindam. (Dr. A. Pujol)	324	287	611	251	213	464	189,5	166,5	356,0
96	Piquete	191	159	350	129	108	237	115,5	98,4	213,9
97	Piracaia	171	175	346	130	128	258	96,0	100,0	196,6
98	Piracicaba (M. Barros)	430	476	906	317	341	658	284,0	300,0	584,0
99	Piracicaba (Rio Branco)	314	176	490	203	112	315	189,4	107,2	296,6
100	Piracicaba (Modelo)	190	190	380	143	148	291	125,7	134,3	260,0
101	Pirajú	267	194	461	204	156	360	164,1	127,6	291,7
102	Pirajuhy	155	165	320	103	117	220	80,8	92,2	173,0
103	Pirassununga (Cl. Fr.)	190	173	363	159	132	291	156,6	92,2	248,8
104	Pirassununga (Modelo)	172	193	365	139	153	292	103,0	113,2	216,2
105	Pitangueiras	205	193	398	159	149	308	131,7	127,7	259,4
106	Porto Feliz	206	228	434	174	195	369	122,6	146,0	268,6
107	Porto Ferreira	181	153	334	133	121	254	116,0	130,0	246,0
108	Queluz	208	220	428	145	154	299	99,4	146,8	246,2
109	Ribeirão Bonito	178	176	354	173	171	344	147,2	143,6	290,8
110	Ribeirão Preto (G. Jr.)	471	459	930	362	361	723	289,8	302,0	591,8
111	Ribeirão Preto (2.º)	488	527	1.015	398	414	812	315,3	326,5	641,8
112	Rio Claro (Joaq. Salles)	424	435	859	359	369	728	320,4	337,5	657,9
113	Rio Claro (2.º)	434	448	882	350	358	708	310,0	315,9	625,9
114	Rio Preto	293	327	620	161	200	361	130,0	154,5	284,5
115	Rio das Pedras	210	147	357	158	117	275	101,5	78,6	180,1
116	Salto	321	347	668	256	289	545	216,3	246,7	463,0
117	Santa Barbara	206	159	365	145	117	262	113,3	94,5	207,8
118	Santa Branca	130	98	228	95	83	178	61,5	63,3	124,8
119	S. Cruz do Rio Pardo	237	230	467	230	223	453	187,2	179,5	366,7
120	S. Rita do Passa Quatro	368	330	698	257	220	477	239,0	200,0	439,0
121	Santa Rosa	155	168	323	103	102	205	80,2	86,4	166,6
122	Santo Amaro	260	226	486	188	164	352	142,1	125,1	267,2
123	Santos (Barnabé)	491	469	960	362	392	754	291,1	325,6	616,7
124	Santos (Dr. C. Bastos)	635	694	1.329	506	591	1.097	378,9	438,8	817,7
125	Santos (Villa Macuco)	450	496	946	345	387	732	297,2	307,5	586,7
126	S. B. Sapucahy (R. Luz)	190	149	339	142	119	261	101,8	93,0	194,8
127	S. Bernardo (1.º)	396	448	844	293	257	550	232,1	206,3	438,4
128	S. Bernardo (S. Caet.)	263	216	479	169	175	344	147,0	152,1	299,1
129	S. Carlos (Paul. Carlos)	442	402	844	354	333	687	298,0	286,7	584,7
130	São Carlos (2.º)	377	314	691	242	201	443	238,4	192,1	420,5
131	São João da Boa Vista	376	317	693	322	269	591	297,4	241,5	538,9
132	São João da Boa Vista	314	295	609	240	187	427	103,8	109,5	213,3
133	S. J. dos Campos (O. C.)	310	292	602	238	214	452	182,8	151,7	334,5
134	S. J. dos Campos (2.º)	154	116	270	129	101	230	101,6	82,5	184,1

Imagem 30: Saldo de matrículas dos Grupos Escolares, no ano de 1920 - 1921, p.430. Anuário de Instrução do Estado de São Paulo. Fonte: Arquivo público do Estado de São Paulo, acessado em outubro de 2018.

É possível confirmar essa afirmação após análise dos Anuários da Instrução Pública de São Paulo, onde se verifica que em todos os anos de publicação o número de matrículas e assiduidade nas escolas era de predominância do público feminino, o que nos mostra um avanço no que diz respeito às conquistas femininas, mas que não influenciava nas escolhas políticas.

O liberalismo que se apresentava no Brasil (e que seguramente influenciava nas questões educacionais formais), originava-se de raízes iluministas europeias provenientes de estudos trazidos pelos filhos da elite brasileira por meio das universidades que frequentavam bem como de “sociedades secretas” a exemplo das Lojas Maçônicas. O Iluminismo – que já estava disseminado na Europa - trouxe como concepção raízes científicas, embora esses conceitos originados para o Brasil fossem propagados de maneira bastante particular visto que esses brasileiros eram ligados ao latifúndio. Assim, a “fachada liberal” que se vivia no país buscava estabelecer uma república moderna, todavia arraigada às heranças (do ponto de vista da elite) que não corroboravam ideais iluministas na sua essência.

Observemos o Anuário do Ensino do Estado de São Paulo³⁶, de 1907 e 1908 em um retrospecto sobre como a Educação estava organizada, no Ensino Primário.

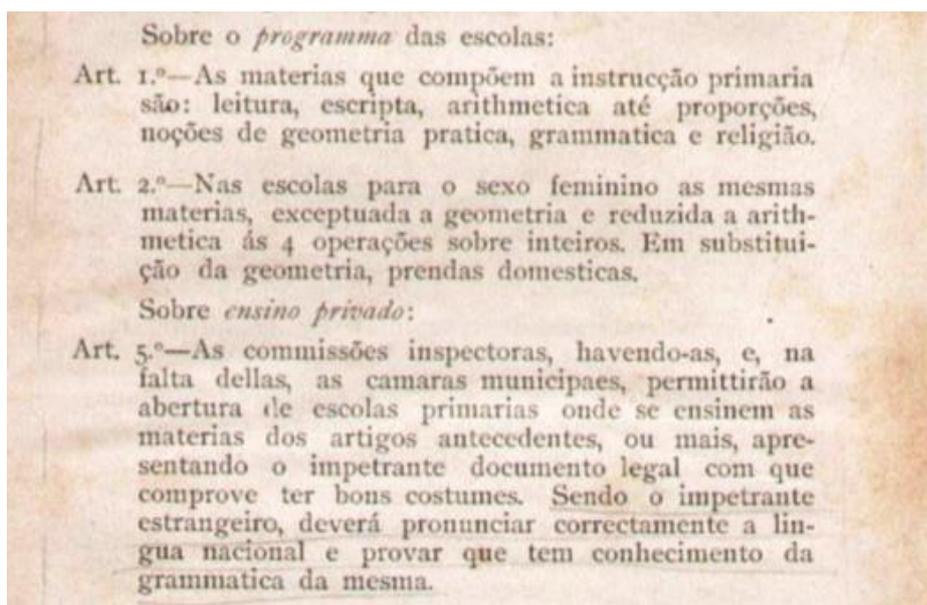


Imagem 31: Relatório da Inspeção de Ensino de São Paulo, 1907, sobre organização do ensino. Anuário 1907, página XII. Fonte Arquivo do Estado de São Paulo.

³⁶ Anuário de Ensino do Estado de São Paulo: Relatórios realizados entre 1907 e 1937 pela “[...] *Directoria Geral de Instrução Pública*, que era vinculada à secretaria de Negócios do Interior e pela Diretoria de Ensino, ligada à Secretaria de Educação e Saúde Pública[...]”. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/anuarios_ensino> acessado em 10 de novembro de 2019.

Ao que se refere à educação no estado de São Paulo, as escolas eram divididas e classificadas como Particulares, Isoladas, Providas, Estrangeiras, Associações Filantrópicas e os Grupos Escolares do próprio governo. Como as condições eram precárias e a educação estava sob responsabilidade das cidades e sob supervisão da inspetoria, Grupos Escolares eram formados pelo conjunto de Escolas Isoladas alugando grandes prédio adaptados para que servissem de edifícios escolares. A insalubridade era uma questão cotidiana e preocupação recorrente das autoridades, visto que a educação estava diretamente ligada à saúde. Os prédios insalubres ou adaptados eram alvos recorrentes das “*Inspetorias de Ensino*”, mesmo quando os governos estaduais não exercessem funções provedoras.

Na cidade de Santos não era diferente. Observemos as imagens, dos relatórios dos Anuários de 1908 e 1909:

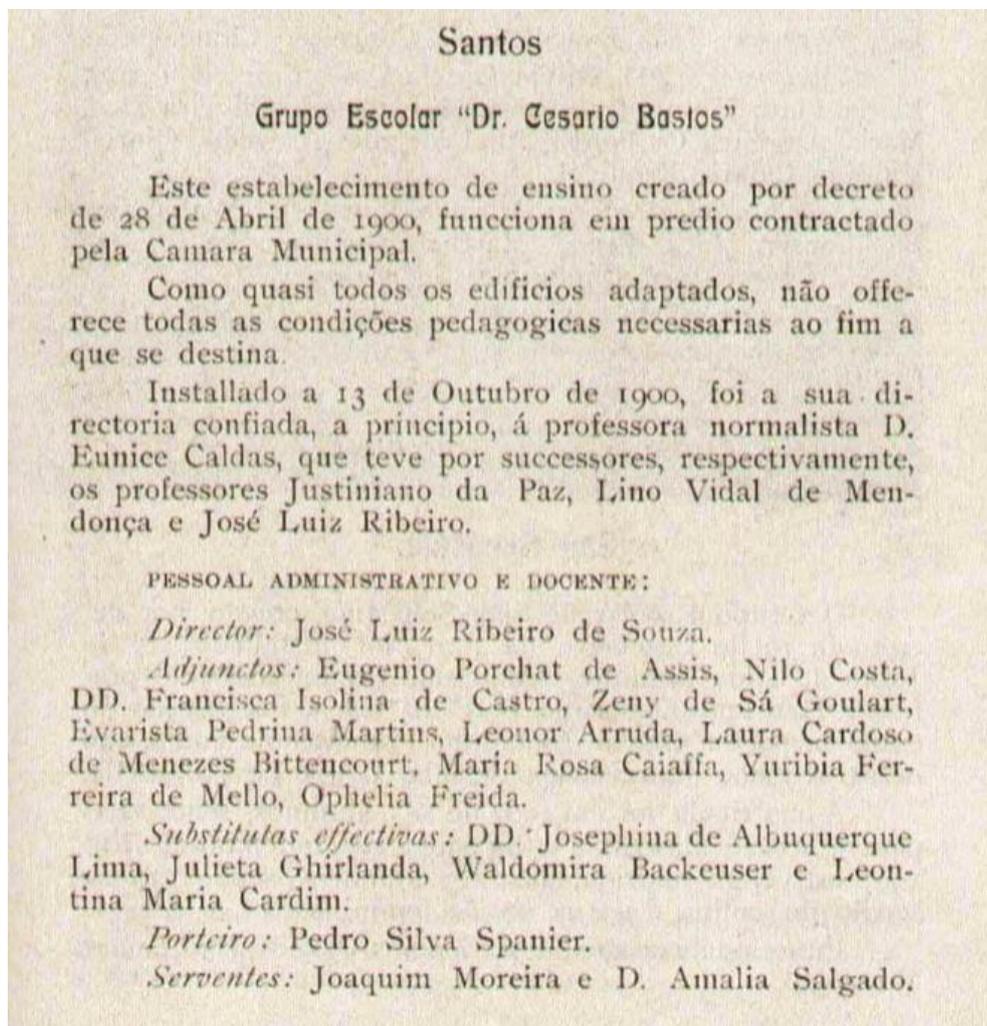


Imagem 32: Relatório da Inspetoria de Ensino de São Paulo, 1907, p. 249 e 250. Referência à insalubridade das salas de aula. Fonte: Arquivo público de São Paulo.

As escolas particulares ou Grupos Escolares que foram fundados na cidade de Santos, tiveram grande importância para a construção da identidade local. Com a vinda dos imigrantes, bem como parte deles tendo permanecido na cidade, e devido às doenças que assolaram a região, algumas sociedades e centros culturais sociais também foram criados com a função de promover assessoria aos conterrâneos em dificuldades, na instrução das primeiras letras bem como auxiliar as crianças que ficaram órfãs. Observemos as principais instituições, devido à sua contribuição:

Tabela 4: Algumas Escolas e Sociedades fundadas em Santos

ANO DE FUNDAÇÃO	INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL / SOCIAL
1890	Sociedade União Operária
1895	Centro Espanhol
1895	Centro Português de Santos
1897	Società Italiana di Beneficenza
1908	Instituto Dona Escolástica Rosa
1899	Casa da Criança
1900	Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos
1902	Grupo Escolar Barnabé
1902	Liceu Feminino Santista
1902	Asilo dos órfãos
1904	Colégio Coração de Maria
1915	Grupo Escolar Vila Macuco (Visconde de São Leopoldo)

Fonte: Pesquisa realizada pela autora.

A “*terra maledetta*”, foi cenário de órfãos, estrangeiros e desvalidos devido aos acontecimentos que mudaram a feição da cidade. Para cuidar desses órfãos surgiram casas de acolhimento, mas duas instituições tiveram papel relevante, devido ao grande número de acolhidos: Casa da Criança e Asilo de órfãos. Fundada pelo Dr. José Xavier Carvalho de Mendonça (juiz de órfãos) e por Aureliano Coutinho Nogueira da Gama em 1899, a Casa da Criança - com sede na Vila Macuco, região do centro da cidade de Santos – abrigou órfãos vítimas da epidemia de febre amarela. A casa funcionou por meio de doações e no ano de 1890

foi entregue aos cuidados das Irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria. As irmãs não só cuidaram dos órfãos, mas também educaram.

Ainda sob a perspectiva de ser uma cidade que acolhe, em 1902 Santos recebe o Asilo de Órfãos e Assistência à Infância Desvalida. Este, conhecido como referência de caridade, foi objeto de estudo de Marina Tucunduva, docente titular da Universidade Católica de Santos. Tucunduva afirma que devido à falta de doações o Asilo de Órfãos pede auxílio às Irmãs do Imaculado Coração de Maria para que substituíssem parte de seu quadro de funcionários. Percebe-se com isso grande influência católica na cidade. No entanto, essa “*hegemonia*” diminui em 1910 (pelo menos nessa instituição) quando o engenheiro Victor de Lamare, funcionário da Companhia Docas assume a presidência do Asilo. Este, ali permaneceu numa gestão de 35 anos (1910 a 1945) sendo reeleito sucessivas vezes, tendo o processo de eleição feito pelos colaboradores.

De Lamare modificou bruscamente o Asilo, visto que passou a oferecer aulas de educação doméstica para as meninas, tendo algumas progredido nos estudos e chegando ao magistério, quando antes eram induzidas a entrar na vida religiosa. É pertinente mencionar que inicialmente havia uma “*tensão*” entre diretoria do asilo (eleita em 1910) e irmãs, uma vez que anteriormente as mesmas tinham livre acesso às dependências da instituição, mas que foi com o passar do tempo desfeita, principalmente após a visita do Bispo na cidade. O Asilo ainda mantém seu funcionamento ativo, com o nome de Associação Casa da Criança de Santos, atendendo crianças e famílias de baixa renda com serviço de creche e educação infantil, por meio da “*Creche 13 de Maio*”, e também por meio de acolhimento institucional para crianças e adolescentes. Desenha-se com essa prerrogativa assistencialista uma Santos influenciada pela Igreja e que na sociedade efervescem as lutas operárias.

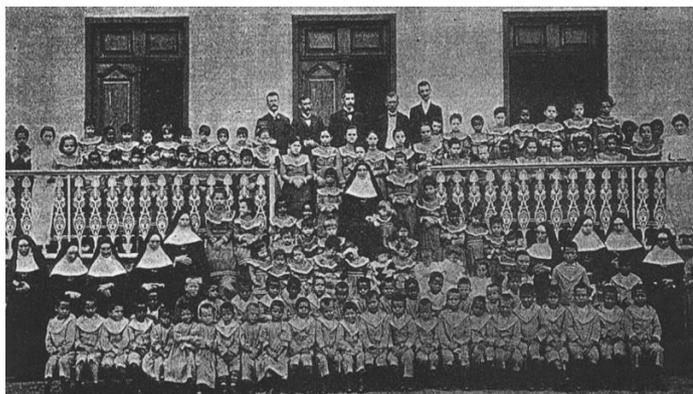


Imagem 33: Asilo de órfãos. Revista da Semana (Rio de Janeiro) janeiro de 1902, Ano III, Educação Especial. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300ur.htm> Novo Milênio Revista Eletrônica, acessado em outubro de 2019.

2.3 Imigrantes e suas sociedades beneficentes

O processo de imigração entre os povos é um fenômeno da história e movimento da própria condição humana no que se refere à melhoria na qualidade de vida, sobretudo a partir do século XVI. Como já mencionado, durante o período que precedeu a abolição o Brasil já recebia imigrantes para trabalho sobretudo para as lavouras cafeeiras. Nessa ocasião o fluxo de entrada de imigrantes era em sua maioria proveniente da Itália. Os imigrantes mais afortunados que aqui se instalaram e fizeram fortuna, especialmente nos centros urbanos organizaram-se em prol dos conterrâneos que se abeiravam em busca de melhores qualidades de vida. Em todo o Estado de São Paulo foram fundados Grupos, Associação, Centros e Sociedades cuja finalidade era auxiliar mutuamente os conterrâneos mais desprovidos, seja em busca por trabalho, cuidados na saúde, manutenção da cultura e das raízes de cada grupo imigrante, lazer e auxílio na instrução das primeiras letras.

Enquanto isso o setor cafeeiro crescia e os olhos se voltavam para o mercado brasileiro, sobretudo cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Santos que ampliavam suas ofertas de trabalho em setores como comércio, indústria e serviços.

“O Brasil foi desde sempre, antes e pós sua independência, o destino preferencial (...). Expandiu-se a noção de que ali se encontravam oportunidades raras de enriquecimento fácil, rápido e inigualável. Tal noção utópica do senso comum nem sempre encontrou correspondência com a realidade (...) as dificuldades deitavam por terra as ilusões de obtenção de lucro a curto prazo e faziam desacreditar a perspectiva de uma vida mais fácil (...)” (FERREIRA, RODRIGUES, AMORIM, BRAGA, 2012, p. 39).

O sonho de fazer fortuna não era uma garantia, mas os imigrantes que aqui desembarcaram e seguiram seus destinos (seja o planalto paulista ou grandes centros urbanos), encontravam melhores oportunidades de trabalho comparativamente aos brasileiros cuja instrução não era, em sua grande maioria, adequada para os postos de trabalho ocupados pelos estrangeiros. Os adventícios mais presentes na cidade de Santos eram os portugueses, espanhóis e italianos, mantendo na cidade as mais diferentes formas de assistência, conforme observaremos.

2.3.1 Società Italiana di Beneficenza

A *Società Italiana di Beneficenza*, foi inaugurada em 1897 por italianos já estabelecidos na cidade com a função de auxiliar imigrantes compatriotas italianos que chegavam ao Brasil, por meio do Porto de Santos. Iniciativa ordenada por Paolo Santucci com as participações de Silvério Maimone, Domingos Spinelli, Antonio Aulicino, Emilio Christiani, Carlos Usiglio e C. Fiorani conseguiram articular uma média de cem conterrâneos em prol do mesmo ideal: auxiliar aqueles que desembarcavam e fixavam moradia na região. A Società também mantinha escola primária para aqueles que não tinham instrução (crianças e adultos), bem como uma vida social bastante ativa por meio de bailes, festas, eventos culturais e reuniões. Infelizmente, as fontes documentais desta instituição não se encontram disponíveis para pesquisas.³⁷

Das fontes documentais pesquisadas para composição dessa dissertação, observa-se referência às escolas italianas de maneira geral, apenas no Anuário do Estado de alusão a 1909 – 1910, em que se observa:

(...) São em grande número as escolas estrangeiras, principalmente italianas, que funcionam no estado.

A Colônia italiana domiciliada em São Paulo procura geralmente essas escolas não somente porque nossos grupos escolares, principalmente na capital são insuficientes para as necessidades da população escolar, como sobretudo, porque os paes tem o natural e legítimo desejo de que seus filhos aprendam e cultivem a sua língua pátria. Por vezes e em alguns paizes as escolas estrangeiras tem constituído um grande perigo e, como tal, estabeleceu-se contra ellas uma verdadeira campanha de exterminio (...) o problema das escolas estrangeiras exige solução diversa: precisamos incorporar as escolas

³⁷ A escassez de fontes documentais precariza a verticalização da pesquisa, impedindo mapeamento acerca da trajetória da sociedade italiana na cidade de Santos. Segundo as fontes consultadas, até 1920 mais de um milhão de imigrantes italianos chegaram ao Estado de São Paulo tendo sua maioria seguido em direção ao planalto paulista para as lavouras de café. “(...) Em Santos, a herança da influência italiana é vista em vários locais. A casa acastelada no Outeiro de Santa Catarina, erguida pelo médico italiano João Éboli, o Banco Italiano de Santos, exemplo da arquitetura veneziana na Rua XV de Novembro e o prédio Itália, na Avenida Ana Costa, onde fica a Sociedade Italiana de Santos, fundada em 1887, são alguns exemplos. A prática do bocha, muito comum na Cidade, é originária da Itália e o ~~nesso~~ tamboréu (uma marca santista) é uma variação do tamborello italiano. Na culinária, a marca é o gosto pelas massas, risotos e pizzas. ‘A Baixada Santista é o berço de tudo isso. Temos uma influência muito forte da comunidade’”, destaca Rodolfo Nicastro, vice-presidente da Sociedade Italiana de Santos (...).” (DIÁRIO OFICIAL DE SANTOS, 27 de set. 2019, disponível em: <<https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/major-porta-de-entrada-de-imigrantes-do-pais-santos-tem-diversidade-de-nacoes>> acessado em 27.12.2019).

italianas ao nosso aparelho escolar, aproveitando-as como elementos indirectos na ministração do ensino preliminar (...) Nesse sentido o estado tem procurado auxiliar essas escolas, fornecendo-lhes algum material que facilite aos seus professores o ensino da lingua portugueza assim como o da geographia e da historia pátria (...) (ANUARIO DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1909 – 1910).

É clara a influência da comunidade italiana no estado de São Paulo como um todo, e nesse sentido o governo passa a subsidiar escolas dessa origem de modo a difundir ideais nacionalistas e de poder exercer influências por meio das regulares visitas da “Inspectoria³⁸” e dos materiais subsidiados. No ano subsequente, nas publicações dos Anuários as Escolas Italianas saem das estatísticas de Escolas Particulares e entram para o rol das Escolas Providas.

É de se observar que embora as instituições estrangeiras, ligadas à educação, existissem, as mesmas passaram a ser contabilizadas pelo estado apenas no ano de 1909. Nos Anuários analisados, sobretudo sobre a cidade de Santos, não há nenhuma menção sobre o modo de ensino da Escola Italiana ou de qualquer outra nacionalidade. O que se percebe é que a partir do Anuário de 1909 passou-se a apresentar tabelas com o número de escolas estrangeiras.

³⁸ Grupo de funcionários ligados ao Estado. Os “Inspectores” eram em sua totalidade homens, divididos por regiões (capital e interior) de modo que pudessem realizar o trabalho de visitas de inspeção às escolas para acompanhamento das instalações no que se refere às questões ligadas à insalubridade, saúde, higiene, assiduidade docente, matrículas realizadas, frequência e média de frequência dos alunos, número de alunos alfabetizados, origem de natalidade dos alunos bem como de seus pais. Ao término de cada ano ou biênio o Estado apresentava aos secretários o balanço geral organizado pela “Directoria Regional da Instrução Pública” por Ordem do Governo do Estado”, aonde apresentavam o panorama acerca da evolução da Educação.

Relação das escolas estrangeiras, em 1909

N. DE ORDEM	MUNICIPIOS	RSO	ALUMNOS MATRICULADOS						N. de escolas	Observações
			Masculinos	Femininos	Total	Externos	Internos	Gratuitos		
1	Araraquara	Primário	44	48	92	92	—	—	2	
2	Araras	"	50	—	50	50	—	—	2	
3	Barretos	"	40	—	40	40	—	—	1	
4	Betucatu	"	52	11	63	—	—	—	1	
5	Campinas	"	141	131	272	—	—	98	3	
6	Cravinhos	"	51	31	82	82	—	—	1	
7	Indaiatuba	"	26	27	63	63	—	—	1	
8	Jaboticabal	"	57	29	86	86	—	—	2	
9	Jundiahy	"	55	14	69	69	—	—	2	
10	Mineiros	"	25	6	31	31	—	—	1	
11	Nuporanga	"	53	—	53	53	—	—	2	
12	Pedreira	"	33	—	33	33	—	—	1	
13	Piracicaba	"	—	25	25	—	—	—	4	
14	Ribeirão Preto	"	216	124	340	—	—	—	5	
15	Rio Claro	"	107	39	146	146	—	—	2	
16	Salto de Ytú	"	52	—	52	52	—	—	1	
17	Santos	"	144	95	239	239	—	—	2	
18	São Bernardo	"	78	17	95	95	—	—	3	
19	São Carlos do Pinhal	"	43	42	85	85	—	—	1	
20	São João da Bocaina	"	15	21	36	36	—	—	4	
21	São Manuel	"	60	—	60	—	—	—	6	
22	São Simão	"	23	15	38	38	—	—	2	
23	Sertãozinho	"	20	12	32	32	—	—	1	
24	Taquaritinga	"	22	12	34	34	—	—	1	
25	Taubaté	"	8	14	22	22	—	—	1	
26	Tieté	"	32	—	32	32	—	—	14	
			1.457	713	2.170	1.410	—	237	42	
27	Capital	"	4.402	2.135	6.537	—	—	—	85	
			5.859	2.848	8.707	1.410	—	237	127	

Imagem 34: Relação de Escolas Estrangeiras, da 15 zona do ano de 1909. Inspector responsável: Benedicto Cândido Côrtes. Anuário da Instrução Pública 1909 – 1910, p. 128. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo, acessado em novembro de 2018.

O interesse do estado em subsidiar as escolas estrangeiras, sobretudo as italianas advêm não somente das questões acerca da insalubridade, higiene ou como diziam “da capacidade moral e técnica” para lecionar. Não foi encontrada em nenhuma fonte documental, qualquer elemento que nos pudesse supor o que era lecionado nem e o modo de como esse ensino se dava na escola ligada à Società Italiana, em Santos.

É preciso reiterar as questões políticas de combate ao anarquismo, anarcosindicalismo e ao comunismo que permeavam o cenário principalmente entre os adventícios, conforme observamos nos relatórios da inspetoria do estado:

ou attentatoria da ordem, das leis e da organização social do Paiz. Graças a estas medidas, poudo o Governo impedir que funcionassem, nesta Capital e no interior, varias escolas particulares dirigidas por anarchistas fabricantes de explosivos, e que foram suspensas em virtude de requisição do Dr. Secretario da Justiça e Segurança Publica.

Foram em numero de 1.325 as escolas particulares que funcionaram no Estado, em 1919, sendo 461 na Capital e 864 no interior, achando-se matriculados em todas ellas, 69.255 alumnos, nos differentes cursos.

Tomando em consideração o serviço que prestam as boas escolas particulares á causa da disseminação do ensino, tem o Governo procurado auxiliá-las, fornecendo-lhes, além de mobiliario, livros didacticos e outros utensis escolares, subvenções pecuniarias, que attingem a 280:700\$000, conforme consta do orçamento para as despesas de 1920.

Imagem 35: Trecho de relatório apresentado no Anuário de 1909 -1910 sobre o fechamento de escolas estrangeiras ligadas ao anarquismo. Fonte: Anuário de Instrução do Estado, 1909 – 1910, p. 113. Arquivo Público do Estado de São Paulo, acessado em novembro de 2018.

Após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro fechou todas as instituições que tivesse ligação com Alemanha, Japão ou Itália. Prédio e documentos da Società Italiana ficaram lacrados sob custódia do Consulado da Suíça, até o final da Guerra. Arquivos e documentos que circunscreviam a história da cidade de Santos foram perdidos durante esse período e não se sabe ao certo como isso se deu. A escola primária não voltou a funcionar e esta Società perdeu seu caráter assistencial, restringindo-se hoje a um local de cursos livres e divulgação da cultura italiana.



Imagem 36: Primeira sede da Società Italiana (prédio já reformado), na antiga rua do rosário, hoje rua João Pessoa. Fonte Società Italiana. Disponível em: <https://societaitaliana.org/pt/sobre-a-societa-italiana-di-santos/> acessado em setembro de 2019.



Imagem 37: Atual sede da Società Italiana, na Avenida Ana Costa. Nota para a preservação da “loba”, símbolo italiano. Fonte Società Italiana. Disponível em: <https://societaitaliana.org/pt/sobre-a-societa-italiana-di-santos/> acesso em setembro de 2019.

2.3.2 As sociedades portuguesas de auxílio

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosse nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(Fernando Pessoa, Mensagens, 1934)

A imigração portuguesa para o Brasil é um movimento de deslocamento populacional que ocorre desde o século XVI, cujo objetivo é a exploração de novos continentes. Para maior compreensão do cenário aqui dissertado é preciso conhecer as características dos patrícios que se instalaram na cidade de Santos, assim como sua contribuição para o desenvolvimento da cidade, deixando impressa na cidade sua cultura, até os dias de hoje. Censo realizado na cidade no ano de 1891, demonstrou que a quantidade geral de imigrantes portugueses era mais que o dobro do contingente de espanhóis que residiam na urbe. Neste ano foram registrados os seguintes números:

Tabela 5: Quantidade de imigrantes segundo censo realizado em 1891

ANO 1890	HOMENS	MULHERES
PORTUGAL	14 986	8 069
ESPANHA	4 779	3 519

Fonte: FRUTUOSO, 1989.

As fontes dessa pesquisa mostraram que o expressivo contingente de imigrantes portugueses remonta à meados do século XIX. Muitos deles, senão a grande maioria, trabalhadores rurais cujos trabalhos em terras lusitanas se dava de forma sazonal devido ao período de colheitas de milho e trigo. O grande e longo processo de deslocamento populacional português trouxe ao governo lusitano problemas de ordem política devido à escassez de mão de obra para as lavouras, o que acarretou altos salários comparativamente ao que comumente se pagava, bem como a diminuição de jovens disponíveis para o serviço militar. Observemos a quantidade de estrangeiros portugueses que deixaram as terras lusitanas em direção ao Brasil, na segunda metade do século XIX:

Tabela 6: Quantidade Geral da Imigração Portuguesa

ANOS	NÚMERO DE ADVENTÍCIOS	ANOS	NÚMERO DE ADVENTÍCIOS
1855 – 1860	56 502	1906 – 1910	197 926
1861 – 1865	24 717	1911 – 1915	271 279
1866 - 1870	27 056	1916 – 1920	154 496
1871 – 1875	70 926	1921 – 1955	157 157
1876 – 1880	57 809	1926 -1930	167 595
1881 – 1885	84 680	1931 – 1935	37 423
1886 – 1890	104 946	1936 – 1940	71 793
1891 – 1895	146 699	1941 – 1945	17 729
1896 – 1900	111 627	1946 – 1950	72 644
1901 - 1905	128 341	TOTAL	1 961 345

Fonte: FRUTUOSO, 1989 p. 97, Apud Joel Serrão.

Dos portugueses que deixaram suas terras, muitos se dirigiram à cidade de São Paulo e daqueles que aqui chegaram e fixaram moradia em Santos a busca de trabalho se dava no comércio (aos que tinham maior grau de letramento), lares (especificamente para as mulheres cujo índice de analfabetismo era grande) e empresas como Companhia Docas e a The City of Santos Improvements Company Limited.³⁹

³⁹ Empresa de serviços públicos que iniciou sua atuação a partir de 1881, comercializando gás para o uso industrial e domiciliar assim como para a iluminação pública na cidade. No ano de 1907 a empresa passa a ser a concessionária dos serviços de bondes elétricos da cidade, tendo em seus quadros, até o ano de 1930, maioria de seus funcionários de nacionalidade portuguesa.

(...) era difícil não esbarrar em uma casa comercial lusitana, caracterizada num primeiro momento pelo Armazém de Secos e Molhados, pelas panificadoras, cafés e numa segunda fase, pela maior especialização. Como agricultor, operário, mestre de algum ofício ou dedicado às atividades portuárias, às de transporte e eletricidade; como motorneiro e condutor, ou comerciante, o português fez de Santos seu segundo lar, ao mesmo tempo em que contribuía para o desenvolvimento da cidade. Muitos deles alcançaram, enfim, o horizonte talvez além da expectativa. Para os que regressaram, morreram ou viveram com dificuldades, o sonho da fortuna não se realizou. Mas para os que ficaram, Santos foi, talvez, além de São Paulo a cidade que mais perspectivas ofereceu aos imigrantes portugueses (...) (FRUTUOSO, 1989, p.143).

O grande fluxo de imigração para o Brasil, trouxe medidas restritivas não somente nos países de origem dos imigrantes, como também no Brasil e “(...) ao contrário do que se afirma muitos dos imigrantes portugueses, esses não sabiam lidar somente com a terra, tiveram em Portugal a experiência em trabalhos cooperativos em oficinas, que possibilitaram não só a formação de trabalhadores especializados, como de uma consciência de grupo, importante nas lutas operárias. Os portugueses subversivos estavam na “lista negra” dos meios de comunicação e do DEOPS⁴⁰” (LEITÃO, 2013, p.73, Apud ARRUDA, FERLINI, MATOS e SOUSA, orgs.) e essa forma restringiu a entrada de imigrantes no país. O que antes se dava por meio do subsídio, tornou-se dificultoso graças à obrigatoriedade de se justificar a entrada, seja apresentando contratação de trabalho ou comprovação de casamento. Os Movimentos Operários⁴¹ se intensificam com a chegada dos adventícios e, por isso, não é possível que desvinculemos as medidas adotadas pelo governo brasileiro como forma de avivar a

⁴⁰ “O Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS-SP) foi criado em 1924, numa época de agitações políticas e crise social para reprimir e prevenir delitos considerados contra a ordem e a segurança do Estado. Até ser extinto em 4 de março de 1983, o DEOPS cresceu de uma simples delegacia até se tornar um dos departamentos mais temidos da polícia civil do Estado de São Paulo. A extinção do DEOPS ocorreu na esteira das eleições diretas para governador e o seu arquivo passou para a guarda da Polícia Federal. A impossibilidade de acesso a documentos que tratavam do desaparecimento e morte de vítimas da Ditadura Militar provocou um amplo debate, envolvendo diferentes setores da sociedade, que resultou na transferência dos arquivos do DEOPS para o Arquivo Público do Estado, em 1991”. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/textual/deops> acesso em maio de 2020.

⁴¹ Organização de forma coletiva dos trabalhadores para que pudessem reivindicar melhorias salariais e de condições do trabalho, por meio da legislação. “Em sentido amplo, abrange o conjunto dos fatos políticos e organizacionais relacionados ao mundo do trabalho e à vida política, social e econômica dos trabalhadores” (BRAVO, 1988, p. 781).

fiscalização em torno dos movimentos operários, com ênfase nos anarquistas e comunistas, via de regra os que lideravam os movimentos grevistas.

No Brasil, o recém chegado ansioso entregava as “chamadas” nas mãos dos funcionários da Inspetoria de Imigração no Porto de Desembarque. Estas cartas podiam ser oficiais, se utilizavam de formulário próprio, como os da Inspetoria do Porto de Santos, os concedidos por autoridade consular ou registrados no DEOPS (Departamento Estadual de Ordem Política e Social); ou eram cartas privadas manuscritas, testemunho da existência de um contato no Brasil, como se fosse uma chamada informal. Apesar da anterioridade da prática das “chamadas”, a partir de 1911, legislação brasileira introduziu a obrigatoriedade deste documento para maiores de 60 anos e não aptos para o trabalho. O elemento comprobatório que o imigrante deveria apresentar era a correspondência de chamada (MATOS, 2013, p. 59, Apud ARRUDA, FERLINI e SOUSA Orgs.).

A população portuguesa era, sem dúvida, bastante ativa. Da comunidade lusitana que vivia na cidade de Santos destacam-se dois grupos distintos, devido à escolha das diferentes regiões que fixaram morada. É certo que aqueles que moravam nas regiões centrais, ou na “baixa cidade”, tinham acesso mais fácil ao trabalho, às escolas e aos centros de auxílio mútuo oportunizados pelos próprios conterrâneos. Os moradores da “alta cidade” (em sua maioria vindos da região da Ilha da Madeira), mais precisamente nos morros São Bento, Santa Maria, Nova Cintra e Pacheco mantinham vivos os costumes portugueses em sua rotina, tornando o lazer uma prática arraigada em seu cotidiano. Era muito comum vê-los em lazer, pós trabalho e na própria rua, em jogos de dominó, bisca (jogo de cartas), papeando em bares e armazéns antes da refeição com a família, visto que a labuta iniciava muito cedo. A interação entre os moradores era mais cotidiana dada a proximidade de suas residências. As tradições eram mais vivas porque viviam as festividades no coloquial. Os domingos eram sempre agitados, sobretudo após as obrigações religiosas. Reuniam-se para tocar, cantar e dançar. Era comum a realização de bazares e quermesses com apresentações folclóricas. Dos moradores que lá viviam, poucos frequentavam com assiduidade os eventos lusitanos que ocorriam nas Associações e Grupos da parte baixa da cidade.

Por outro lado, no que diz respeito à instrução formal, principalmente das primeiras letras observamos que:

A educação das crianças era difícil. Não havendo escolas nos morros, eram obrigados a descer à cidade para frequentar o curso primário. O mais comum era que um irmão ou um vizinho fosse à escola levando a lição para os demais, revezando-se as crianças a cada dia, visto precisarem trabalhar. Só bem mais tarde foi possível à maioria frequentar e terminar o curso primário (lá pelos anos 40 e 50). Contudo, antes disso, já havia no morro de São Bento aulas particulares noturnas para os adultos que trabalhavam durante o dia, até chegar o tempo em que os pais e os irmãos mais velhos conseguissem sustentar os mais novos somente no estudo e transformando-os em diplomados (FRUTUOSO, 1989, p. 149).

Devido sua grande influência na cidade de Santos, a comunidade mencionada fundou alguns centros de apoio aos patrícios como, por exemplo: a Sociedade de Beneficência Portuguesa; Centro Republicano Português; Real Centro Português de Santos; Sociedade Musical Luso Brasileira; Associação Portuguesa de Socorros Mútuos e a Associação Atlética Portuguesa. Diante deste rol de associações daremos foco à instituição que conseguiu manter todas as funções propostas, ainda que de maneira acanhada.

Nesse aspecto, a Sociedade de Beneficência Portuguesa, fundada em 21 de agosto de 1859, previu em sua primeira assembleia: auxiliar na procura por ocupação honesta para os sócios que estivessem em situação de desemprego, alimentar os conterrâneos em situação de rua, socorro aos enfermos, auxiliar no sepultamento dos desprovidos, repatriação, facilitar a instrução daqueles que desejavam instruir-se e ampliar conhecimentos em nos ensinos moral e industrial, e por fim advogar em prol daqueles que não pudessem pagar. Das atividades propostas em seu estatuto a Sociedade de Beneficência Portuguesa não conseguiu atuar nos campos voltados à educação. A maior atuação da Sociedade foi no âmbito hospitalar e de cuidados à saúde, tendo seu próprio prédio hospitalar com alas de enfermaria equipadas e estruturadas que foram de extrema importância, sobretudo ao combate à febre amarela. Os patrícios diretores dessa instituição relacionavam-se bem com os abolicionistas da época, atendendo a pedidos como os do Major Xavier Pinheiro⁴² de acolher os escravos foragidos.

A cidade cresceu e com ela a necessidade dos grandes investidores de aumentar seus lucros e fundos para manutenção das associações. Em uma das trocas de gestão, entendeu-se

⁴² Abolicionista e vereador e Presidente da Câmara Municipal da cidade de Santos, um dos fundadores da Sociedade Emancipadora 27 de Fevereiro que tinha como objetivo angariar verbas para a compra de negros ainda escravizados para que posteriormente pudessem lhe dar a Carta de Alforria.

ser viável a associação de membros de outras nacionalidades. É justamente nesse momento que surgem tensões entre os associados que temiam a desnacionalização da Sociedade e os partidários da não exclusividade da filiação, ou abertura para outras nacionalidades.

(...) A colônia dividiu-se em dois grupos a respeito da questão: os portugueses estabelecidos no alto comércio, capitalistas, proprietários com serviços de vulto na coletividade, possuidores de comendas e honrarias que apoiavam Luiz de Matos, ex-vice Cônsul de Portugal e um dos membros da comissão de reforma dos Estatutos que desejam abria a Sociedade aos brasileiros. Do outro lado, o grupo solidário ao Dr. Manuel Homem de Bittencourt, que se opunha à reforma do Estatuto e se popularizou protegendo os interesses dos patrícios mais humildes, pequenos comerciantes, taberneiros, açougueiros, carroceiros, operários, lavradores que imigravam (...). Quando em 1900 se tentou outra reforma dos Estatutos alguns sócios moveram campanha na imprensa santista que colocava em dúvida a legalidade de certas decisões tomadas contra a vontade da maioria. Diziam-se que as Assembleias eram anárquicas, ilegais e que os Estatutos haviam sido violados (...). Esses acontecimentos se arrastaram por três anos prejudicando gravemente a Beneficência. (FRUTUOSO, 1989, p. 174 e 175).

A Sociedade de Beneficência Portuguesa perdeu muitos sócios e só voltou a se reerguer por volta de 1912. Mantém até a atualidade seu funcionamento, na mesma localização desde o ano de 1926, após mudança de instalações. A Sociedade de Beneficência nunca conseguiu colocar em prática suas intenções com os cursos de instrução.



Imagem 38: Prédio da Sociedade de Beneficência Portuguesa, ainda em funcionamento. Disponível em: <http://spb.org.br/um-palacete-neocolonial-chamado-beneficencia-portuguesa/> acessado em maio de 2020.

Embora não sendo permeável à atuação no âmbito da instrução, há de se considerar toda educação informal que foi possível aos associados à medida em que participavam das assembleias e deliberações em prol dos conexos patricios. Sob essa prerrogativa as demais instituições aqui citadas e que já não mantêm seu funcionamento, também podem ser caracterizadas como propagadoras de uma educação informal, à medida em que suas atuações se deram da seguinte forma:

Tabela 7: Entidades portuguesas de auxílio já extintas

ANO DE FUNDAÇÃO	INSTITUIÇÃO	ÁREA DE ATUAÇÃO
1863	Sociedade Musical Luso Brasileira	Formação musical
1902	Associação Portuguesa de Socorros Mútuos D. Carlos I	Repatriação Saúde Biblioteca
1909	Centro Republicano Português	Repatriações Instrução das primeiras letras Discussões políticas

Fonte: FRUTUOSO, 1989.

Das duas instituições cujas atividades se mantêm atuantes, percebe-se que são as mesmas que outrora mantinham as maiores influências do ponto de vista político e financeiro.

2.3.3 Centro Real Português: documentos, memórias e história oral

Fundado por membros do Racionalismo Cristão, ainda hoje em funcionamento, o *Real Centro Português de Santos* foi instituído no dia 03 de novembro 1895 sob a recomendação e a proteção do Rei Dom Carlos I, em celebração no Teatro Guarany⁴³ para amparar e instruir os lusitanos que deixaram sua terra natal em busca de novas oportunidades. Em assembleia,

⁴³ “O Teatro Guarany é um dos locais de maior relevância na história de Santos. Por volta de 1876, um grupo formado por pessoas da sociedade santista fundou a *Associação Theatro Guarany*. O objetivo era a construção de uma nova casa de espetáculo para substituir o antigo armazém situado no Largo da Misericórdia (observa-se a primeira casa de teatro na figura 21), que abrigava os eventos do município, mas não tinha condições de funcionamento adequadas, o que gerava constantes protestos dos frequentadores.” Disponível em <https://www.saopauloantiga.com.br/teatro-guarany/> acessado em maio de 2020.

constituiu-se que o mencionado Centro objetivava oferecer assistência, instrução e diversão. Preocupados com o lazer criou-se aulas de dança, música e uma vasta biblioteca.

Ofereciam atividades literárias, científicas, recreativas, sociais e educacionais. As primeiras atividades deste Centro se deram por meio de instrução das primeiras letras no período noturno. Essas atividades aconteciam após a jornada de trabalho na “Escola João de Deus” para instruir os “patrícios” mais humildes, assim como os não sócios. A referida escola oferecia curso primário gratuito e posteriormente ofertou aulas livres de francês, dança, esgrima, tiro ao alvo, música e arte cênica. Deste formou-se o corpo cênico que se manteve ativo por mais de 50 anos. Fazendo jus à importância deste corpo cênico, o Real Centro Português inaugurou seu Salão Teatro, em 1908, sendo reformado apenas em 1951 e reinaugurado em 1956. O referido espaço denomina-se hoje Teatro Júlio Dantas. Todo o montante financeiro adquirido para construção do prédio sede do Centro Português adveio de leilões, quermesses e contribuições de sócios beneméritos. A vida social do Centro era bastante intensa, assim como a atenção voltada ao lazer.

O estatuto dedicava cuidadosa atenção ao lazer, especialmente às festas e bailes. Não era permitido ficar em pé nos salões após a contradança, nem dançar mais de duas vezes seguidas com a mesma dama, regra possivelmente destinada a evitar flertes e namoros, salvaguardando as moças de rapazes mais atirados, ou então estimular a que todas dançassem ser monopolizadas por alguns. Só aos chefes de família que acompanhassem suas esposas ou filhas moças seria permitido sentarem-se junto delas nas filas de cadeiras destinadas às damas durante os bailes. Naquela época, ao final do século passado, eram os homens os verdadeiros guardiões das mulheres e filhas. Essa mesma atitude pode ser percebida nas apresentações teatrais, quando só podiam participar senhoras e senhoritas não sócias que fossem convidadas para esse fim com a aprovação da Diretoria; portanto, estavam dessa forma, as mulheres do Centro Português protegidas dos olhos masculinos e resguardada a composição social da instituição (FRUTUOSO, 1989, p. 200).

Os membros do Real Centro Português também frequentavam aos domingos, apresentações teatrais tendo como participação o teatro infantil (sempre com temáticas voltadas à comédia, à religião ou às questões de valores morais da família), jogos de bilhar e corrida de cavalo na praia do Boqueirão. Maioria dos associados eram favoráveis à Monarquia e a instituição procurava se manter neutra com relação às discussões políticas.

O acervo de sua biblioteca era composto por mais de dois mil exemplares, dentre os quais, obras raras como: “*Os Lusíadas*, de Luíz Vaz de Camões, com dedicatória a Dom Pedro II pelo editor Emílio Biel, Tipografia Giesecke e Devrient Leipzig, 1880, guardado em caixa de metal com as insígnias do Real Centro, e *As pupilas do Senhor Reitor*, primeira edição de 1867, assinada por Julio Diniz”.⁴⁴A comunidade portuguesa, no ano de 1921 fundou a Escola Portuguesa para instruir seus filhos, seguindo normativas estaduais de instrução. Tanto na Escola Portuguesa, quanto na Escola João de Deus, os docentes eram nomeados pela Diretoria e trazia na sua proposta de trabalho o patriotismo, amor aos estudos com diretrizes de ensino semelhantes às de Portugal. Embora não haja fontes documentais que sugiram ou comprovem o modo de ensino, entende-se que a escola trazia na sua educação formal ações como penas disciplinares e medalhas de aproveitamento, mérito e distinção. Importância destinada tanto para alunos quanto para professores sendo esse exercício uma ação que não corrobora os códigos da Educação Libertária.

De acordo com os preceitos teóricos da História Oral, “(...) a melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo ideias e informações(...)” (THOMPSON⁴⁵,1992 p. 254). No decorrer da pesquisa foi possível conversar com o Presidente da Escola Portuguesa, José Augusto do Rosário, nas dependências do Real Centro Cultural Português. Dentre as abordagens de entrevista, possíveis de utilização (objetiva/ comparativa, flexível/ sensível ou diálogo), optou-se pelo diálogo para que se fizesse um registro subjetivo, permitindo ao entrevistado liberdade de se expressar. Sendo assim, Rosário iniciou o diálogo fazendo uma retrospectiva geral sobre o Centro Cultural Português dando destaque àquilo que o “*porta voz*” desta comunidade julgava ser de maior importância. Embora a entrevista em formato de diálogo não seja um bate-papo (no sentido stricto do conceito), foi possível ordenar em sua fala os momentos de maior fluxo de imigração portuguesa, sobretudo, no processo de colonização, período pré e pós abolição da escravidão (para trabalho nas lavouras cafeeiras), períodos de Guerra e Governo Salazar, corroborando as fontes pesquisadas.

⁴⁴(Disponível em: <http://www.centroculturalportugues.com.br/historia_centro01.php> acessado em 20.12.2019.

⁴⁵ Paul Thompson, nascido em 1935 é Professor Emérito de Sociologia da Universidade de Essex, hoje aposentado, e pioneiro no uso da História Oral. É editor e fundador do Jornal Oral History e diversas obras sobre a temática da História Oral. Segundo ele, as histórias pessoais merecem tanto ou mais destaque que a História propriamente dita visto que essa é contada pelos olhares e memórias daqueles que a compõe.



Imagem 39: Fachada do Centro Real Português. Fonte: Acerco iconográfico do Centro Real Português.

Declínios sociais e recesso europeu também foram tópicos abordados pelo entrevistado, sendo interpretado como fatores que impulsionaram o processo de vinda dos imigrantes lusitanos. No decorrer da entrevista foi definido qual período teria sido de maior contribuição para esta pesquisa, como observamos em parte de seus relatos:

“(…) nesse momento vieram pessoas muito esclarecidas, elas não vinham totalmente ignorantes. A sua maioria era alfabetizada com quarta classe ou com liceu (né?), e eles vieram com algum recurso onde se estabeleceu basicamente no comercio e estes grupos (né?), que basicamente ou criaram ou fomentaram o desenvolvimento das associações como: Beneficência Portuguesa, O Centro Cultural Português e outras associações luso-brasileiras que aqui existiam naquela época (…)” (JOSÉ AUGUSTO ROSÁRIO, Presidente da Escola Portuguesa. Entrevista. Santos, 24 de outubro de 2019).

Com a definição da baliza temporal, percebe-se que as informações obtidas por meio de entrevista corroboram a documentação consultada, conjunto que aponta a existência de cursos de formação para as primeiras letras (destinado aos trabalhadores), sugerindo exatamente o que relata o entrevistado: os lusitanos que aqui chegaram, eram alfabetizados e, ou, exerciam algum labor. Sendo assim, é de se compreender que fundaram a Escola Portuguesa apenas para os filhos, em 1921 e que a Escola João de Deus funcionou por um breve período. Rosário aprofunda suas percepções quando relata que:

“(…) lá pelos idos de 1910 se cria também a Sociedade União Portuguesa que tinha uma cara diferente das outras. Centro Cultural Português tinha um viés de ser uma entidade cultural e social. A Beneficência Portuguesa, claro é o que era o hospital da época, mas era totalmente voltado para a questão de saúde. Já a Sociedade União Portuguesa para além de situações de eventos sociais também oferecia como se fosse um suporte, um apoio daqueles que imigravam numa situação carenciada e necessitavam ser encaminhados para um tratamento de saúde, tanto é que tinha uma característica de socorros mútuos. E neste período, em Santos, havia um contingente muito grande de imigrantes portugueses a ponto de ter um período que a população de portugueses na cidade era maior do que os locais. Então este grupo se estruturou (né?). Então essas pessoas ligadas ao comércio, ligadas ao serviço do cais do porto. Essas pessoas tinham grande influência na cidade (...)”. (JOSÉ AUGUSTO ROSÁRIO, Presidente da Escola Portuguesa. Entrevista. Santos, 24 de outubro de 2019).

É de se perceber que a grande influência portuguesa nas questões expostas foi instrumento de discussão nas obras de Gitahy, descritas também no romance “*Navios Iluminados*, de Ranulfo Prata, quando este descreve a comunidade lusitana como integrantes do quadro de trabalhadores da empresa que marcava o horário de trabalho por meio do “Canto das Sereias”.⁴⁶ Este romance descreve os trabalhadores da Companhia Docas e do comércio local, como sendo pessoas com grau de instrução superior ao nível de conhecimento médio dos brasileiros. É necessário aqui reiterar que nesse momento o país apresentava 90% da população analfabeta, conforme já exposto anteriormente o que torna ainda mais seletiva a informação trazida pelo romance de Prata e as indicações de Gitahy.⁴⁷

Percebe-se com isso, aqui dissertado, as grandes contribuições da comunidade portuguesa na cidade de Santos e também as diferentes formas de interação, educação e lazer (entende-se aqui as Educações Formal, Não Formal e Informal) que compunham essa comunidade, destacadas no cotidiano dos moradores da “cidade alta” ou das regiões centrais, compreendendo também o modo de vida exercido pela elite e pelo operariado, percebendo que a maior contribuição portuguesa se deu nas Educações Não formal e Informal.

⁴⁶ O autor Ranulfo Prata se refere à Companhia Docas, em seu romance *Navios Iluminados* como “*Canto das Sereias*” devido ao som das sirenes que marcavam o horário de trabalho em seu início e término de jornada.

⁴⁷ As referidas fontes documentais estão em processo de sistematização e análise e serão explicitadas ao longo da escrita dos demais capítulos da dissertação. Dessa forma, pretende-se apresentar um comparativo com as demais instituições sobre as contribuições educacionais para composição da identidade educacional de Santos.

2.3.4 O Centro Espanhol

Com a intenção de organizar uma fundação que tratasse da repatriação, reuniram-se em 12 de outubro de 1902, no Teatro Guarany membros da comunidade espanhola, em sessão presidida pelo Vice-Cônsul Espanhol Sr. Manoel Troncoso.



Imagem 40: Fachada da primeira construção do Centro Espanhol de Santos. Fonte: Revista eletrônica Novo Milênio, disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0171f.htm> acesso em novembro de 2020.

Centro Español y Repatriación
— SANTOS —

Nombre: A. GARRIDO, Adelino

Nacido el: _____

Matrícula n.º 1092

Municipio _____

Provincia _____

Hijo de _____

y de _____

Estado civil _____

Residente en: _____ Rúa _____

Profesión _____

Fecha 21-5-1908

Propuesta n.º _____

aprobada en reunión de la Junta

Directiva el 13 / 5 / 1908

Dirección para cobranza: Rúa _____

Cargos directivos desempeñados en el Centro: PRTO

Imagem 41: Ficha de associado o Centro Espanhol. Acervo do Centro Espanhol de Santos. Pesquisado em outubro de 2019.

O Jornal Estado de S. Paulo, veiculado no dia 15 de outubro de 1902, aponta uma expressiva quantidade de associados (mil duzentos e vinte e sete), confirmando formação identitária da cidade de Santos. Embora esteja em contraste com outras fontes consultadas, como a ata (Memória) do próprio Centro, de 1896 que registra (cento e quarenta e cinco sócios) ou as tabelas oriundas da pesquisa de Maria Aparecida Franco que contabilizam (quatrocentos e cinquenta sócios em 1909) essas não nos dão certeza sobre a real e massiva atuação da comunidade espanhola, exceto pelas diversas formas de contribuição e atuação que essa possibilitava à sociedade.

“Memoria

Leída por D. Manuel Troncoso, presidente del CENTRO ESPAÑOL de Santos, en Asamblea General de socios el día 12 de abril de 1896.

FUNDACIÓN

Y, en efecto, el día 15 de Marzo, del mismo año, fué otorgada la escritura de compra y venta de un terreno de 50 metros de longitud por 15 de latitud, situado en la calle Aguilar de Andrade, por la cantidad de 7:000\$000, que, con los gastos de escritura, alcanzó el total de 7:647\$200, la que fué otorgada en la Notaria de D. Joaquín Fernández Pacheco, libro 50, fl. 95, según reza, la respectiva copia que posee la Sociedad.

A 2 de Mayo, gloriosa y memorable fecha para todo español, se inauguraron las obras, que hasta ahora continuaron sin interrupción.

Para entender à los gastos que la construcción del edificio importa, se acordó contraer un empréstito, por acciones del valor de 50\$000 cada una.

Como veis, las obras se hallan muy adelantadas, mereciendo la aprobación de propios y extraños la solidez y elegancia de la construcción, sujeta á las más severas reglas del arte arquitectónico.

MOVIMIENTO DE SOCIOS

Cuenta actualmente la Sociedad con 145 socios, siendo 132 de número ó fundadores y 13 activos, que han concurrido con donativos en la importancia de 6:784\$000, conforme lista que encontraréis más adelante (...). (Memoria Centro Español, 1896).⁴⁸

Embora haja desconexão entre os números de associados, pois nas diferentes fontes consultadas não se faz menção, sobre a origem residencial dos associados, a comunidade espanhola se fez atuante na sociedade santista. Mediante oferta gratuita de cursos primários e cursos livres com perspectivas libertárias para os imigrantes associados, é frequente sua atuação registrada nas atas pesquisadas. Instrução, Profissionalização, Arte e Literatura se fazem presentes no cotidiano dessa instituição. A partir da análise das Atas em Assembleias realizadas de 1895 a 1919 foi possível perceber atuação constante do Centro Espanhol, sobretudo na defesa da pátria, costumes e cultura castelhanas. Partindo dessa referência, reflexo do contexto vivido pelo país, supõe-se que a administração do Centro Espanhol não matinha vínculo com trabalhadores cujas concepções de vida e ação política fossem anarquistas devido às negações que se faziam em atas das sessões. Todavia os conterrâneos que professavam a crença libertária podiam frequentar as dependências da Associação. Observemos parte das atas, cujas sessões ordinária e extraordinária se deram nos primeiros dias de janeiro de 1899:

Memoria

“(…) Leída por D. Juan Estévez Martínez, en la Asamblea General de socios celebrada el día 8 de Enero de 1899.

De algún tiempo á esta parte, y particularmente desde que este Centro comenzó á disfrutar la vida que actualmente tiene, han aparecido algunos

⁴⁸ Neste texto manteve-se a grafia original dos documentos transcritos, visando melhor preservar a ambiência dos mesmos.

semanarios y diarios con título de españoles, ya en esta ciudad, ya en otras localidades del BRASIL, los cuales, diciéndose órganos de la Colonia Española en esta tierra y palaoutra assembleia realizada em dines de la unión de los españoles en ella residentes, sólo han procurado sembrar la discordia y la desunión, dando en sus columnas cabida única y exclusivamente á artículos difamatorios de reputaciones sólidamente cimentadas, y trayendo á público la vida particular de muchos, desmoralizando à individuos y à sociedad, no sabe decir bien el por qué, si por mezquina envidia ó por no hallar apoyo para sus infundadas aspiraciones.

Por eso yo, en este solemne momento, me dirijo á todos vosotros, que representáis la unión de la colonia, puesto que sin ella, mal hubiéramos sentado la primera piedra de este gigante, y sobre todo á la nueva Junta Directiva, exhortándoos para que nunca amparéis a parcialidades, empleando todos los esfuerzos para que Centro no pierda su carácter de independencia dando oídos á las bajas intrigas de los adúladores y despechados, para evitar así la disolución de una Sociedad que, como ésta, tantos generosos sacrificios costó á la laboriosa colonia española (...)" (**Centro Espanhol**, Ata da Assembleia realizada em 08 de janeiro de 1899).

MEMORIA

Correspondiente al año 1907, 13º, de su existencia

REPRESENTADA POR EL PRESIDENTE DE LA JUNTA DIRECTIVA

D. JOSÉ PASCUAL GÓMEZ

EN LA ASAMBLEA GENERAL EFECTUADA DIA 12 DE ENERO DE 1908.

SEÑORES CONSOCIOS:

“(...) No hago aquí consideraciones sobre la importante figura del Centro Español De Santos, ni tampoco estudios filosóficos sobre la influencia que ejerce en el corazón de los españoles que le consideran un pedazo de nuestra amada Patria y que le dedicaron y dedican todo el valor y saber que poseen, y que, con abnegación característica en los hijos de España, saben atraer la admiración de propios y estraños hacia el recinto en que se halla, que es donde, indudablemente orgullosos, los españoles residentes en Santos simbolizaron el sincero patriotismo que les anima y del cual tantas pruebas dan; y tampoco vengo, en fin, á ensalzar a ninguno de mis consocios en particular por sus extraordinarias pruebas de dedicación al progreso del Centro, porque para lo primero me faltan dones especiales y porque esto otro puede ser que, por

tratarse de vosotros y de lo que es vuestro, lo consideraseis como adulación mía para impedir que, con imparcialidad, sean juzgados los actos administrativos de la Junta Directiva que en Asamblea general extraordinaria celebrada el día 14 de Julio habeis elegido, actos que, como presidente de esa Junta, á continuación expongo, así como también, según fué deliberado en Asamblea realizada en 30 de Junio, las cuentas y notas referentes á la anterior Junta y á la Comisión administradora (...).” (**Centro Espanhol**, Ata da Assembleia realizada em 12 de janeiro de 1908).

Mesmo com toda efervescência política que permeava a cidade e o próprio Centro Espanhol mantendo-se distante dessas movimentações locais, disponibilizava aos associados grande variedade de literatura, periódicos e jornais que compunham sua biblioteca devido à aquisição e recebimento gratuito de diferentes exemplares nacionais e internacionais, conforme consta nas atas analisadas, corroborando diferentes meios de educação, como observamos no levantamento realizado pelo Centro. Vejamos o quão atuante foi seu quadro artístico, em análise do período entre janeiro de 1904 e dezembro de 1908; bem como o resultado do numerário arrecado nas mencionadas atividades:

“(...) A título de curiosidad, me permito enumerar aquí las funciones realizadas desde Enero de 1904 hasta Diciembre de 1908, sumando el resultado líquido que en beneficio de la caja social produjeron las que para ese fin se efectuaron.

El número de espectáculos realizados fué de 24, así distribuidos:

En beneficio de la caja social.....	10
Gratúitos.....	9
En beneficios particulares.....	4
Para las víctimas de la sequía del Norte.....	1
Total.....	24(...).”

(**Centro Espanhol**, Ata da Assembleia realizada em 12 de janeiro de 1908).

Na perspectiva de educar por meio da literatura, observemos a movimentação nas dependências da biblioteca do Centro Espanhol:

Tabela 8: Quantidade de obras da biblioteca do Centro Español de Santos em seu primeiro decênio de funcionamento

ANO	VOLUMES	OBRAS	IDIOMAS
1904	737	618	Português, italiano, alemão e latim.
1906	1012	736	Português, italiano, alemão e latim.
1907	1019	741	Português, italiano, alemão e latim.
1909	1058	765	Português, italiano, alemão e latim.

Fonte: ANTIGO, Karime Moussalli. Relações entre imigração e escolarização de jovens e adultos: Galícia e Brasil (1895 – 1930), Relatório de qualificação, FEUSP, São Paulo, 2019.

Tabela 9: Quantidade de leitores por ano, da Biblioteca do Centro Español

	LEITORES
1903	2.046
1904	2.336
1905	2.390
1906	2.289
1907	2.183
1908	2.208
1909	1.955
1910	2.093
1911	2.183
1912	2.205
1913	2.017
1914	2.498
1915	2.023
1916	2.027
1917	Sem dados.
1918	Sem dados.

Fonte: ANTIGO, Karime Moussalli. Relações entre imigração e escolarização de jovens e adultos: Galícia e Brasil (1895 – 1930), Relatório de qualificação, FEUSP, São Paulo, 2019.

Observa-se grande movimentação na biblioteca deste centro, seja na quantidade de referenciais ou na frequência deste espaço. Para maior detalhamento sobre as características do acervo, foi possível catalogar os periódicos que faziam parte da biblioteca do Centro Espanhol. A partir disso foi possível compreender a diversidade dos interesses literários dos associados frequentes.

Tabela 10: Periódicos que circularam no Centro Espanhol entre 1903 e 1930⁴⁹

Periódicos	Local de publicação	Periódicos	Local de publicação
El Productor Ibero-Americano	Barcelona	Cámara Oficial Española	Rio de Janeiro
El Salón de la Moda	Barcelona	El Comercio Hispano Brasileño	Rio de Janeiro
Iberia	Barcelona	España	Rio de Janeiro
Ilustr. Artística	Barcelona	España Nueva	Rio de Janeiro
Mercurio	Barcelona	La Estirpe	Rio de Janeiro
Wett Courier	Berlin	La Raza	Rio de Janeiro
Caras y Caretas	Buenos Aires	El Correo Español	Río de Janeiro
El Progreso Sud Americano	Buenos Aires	El Correo Gallego	Río de Janeiro
Kosmos	Buenos Aires	Jornal do Brasil (edición matutina)	Río de Janeiro
La Gaceta de España	Buenos Aires	Jornal do Brasil (edición vespertina)	Río de Janeiro
Vida Española	Buenos Aires	Revista da Semana	Río de Janeiro
Hamburger Naechrichten	Hamburgo	La Voz de España	S. Paulo
Heraldo Guardés	La Guardia	El Condado	Salvatierra
Correio da Europa	Lisboa	La Voz del Condado	Salvatierra
El Comercio Hisáno Birtánico	Londres	A Boa Nova	Santos
A.B.C	Madrid	A Cidade de Santos	Santos
Blanco y Negro	Madrid	A Tribuna	Santos

⁴⁹ Do material que estava disponível para pesquisa do período baliza temporal da dissertação, o Centro Espanhol dispunha de setenta e dois periódicos para leitura. Não possível dissertar sobre os exemplares, mas é possível perceber que a grande maioria provém de países com o mesmo idioma, que traz uma proximidade com os frequentadores e associados. Os demais provêm de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e da própria cidade de Santos. Os periódicos aqui mencionados trazem notícias da cidade sob os aspectos políticos, econômicos e sociais, além da área de telegramas que eram publicados com notícias de outros países.

El Emigrante Español	Madrid	Colección completa de Crónica y Sol de España	Santos
El Faro del Emigrante	Madrid	Crónica	Santos
El Imparcial	Madrid	Diario de Santos	Santos
El Liberal	Madrid	La Península	Santos
El Mundo Latino	Madrid	O Dois de Fevereiro	Santos
La Esfera	Madrid	O Mutualista	Santos
La Ilustración Española y Americana	Madrid	União dos Operarios	Santos
La Unión Hispano-Americana	Madrid	Correo Español	São Paulo
Real Academia Hispano Americana	Madrid	Diario Español	São Paulo
Revista	Madrid	O Astro	São Paulo
Union Ibero Americana	Madrid	O Correio Paulistano	São Paulo
Pró Patria	Melilla	O Estado de S. Paulo	São Paulo
Centro Gallego	Montevideo	O Verso	São Paulo
Gaceta de Munic	Munich	Revista Española Ilustrada	São Paulo
A Notícia	Nuporanga – São Paulo	Tribuna Española	São Paulo
O Nuporanga	Nuporanga – São Paulo	Boletín de la Cámara Oficial de Comercio, Industria y Navegación	Valencia
El Tamega	Orense-Verín	El Pueblo	Valencia
España	Paraguay	El faro de Vigo	Vigo

Fonte: ANTIGO, Karime Moussalli. Acesso em dezembro de 2018.

Ainda sob a análise do quesito “educação”, é possível afirmar que este Centro manteve funcionamento escolar (tanto primário, quanto de cursos livres e profissionalizantes) nos anos de 1904, 1905, 1906, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916 e 1917 mesmo mantendo dificuldades financeiras para ofertar a instrução, visto o pequeno número de alunos frequentes. Embora alguns anos tivessem mais de 40 alunos matriculados a média de frequência era baixa. É possível afirmar que diante do analisado há um período (entre 1907 e 1910) em que não houve escolarização para os associados. Tomemos como referência parte de ata de sessão realizada

em 1904, cuja diretoria insistiu em manter curso noturno, a despeito de não terem sido atendidas às expectativas com relação à quantidade de alunos frequentes, bem como outros pátrios.

“(…) **NOTICIA**

Sobre el movimiento escolar en las aulas del CENTRO ESPAÑOL durante el año de 1904.

Decir que el funcionamiento de las aulas del Centro ha sido, positivamente, un insuceso por la carencia de grandes resultados prácticos, durante el año de 1904, sería exagerar por demás, y dar muestras, al propio tiempo, de un pesimismo descabido e infundado que estamos muy lejos de sentir.

No podemos, sin embargo, ocultar, y lo decimos con pena, que al encerrar el curso del año que acaba de finalizar, nos encontramos con una desilusión más, pues las esperanzas que alimentábamos se han desvanecido ante la fría desnudez de la realidad: - las clases que nos figurábamos á transbordar de sedientos de algo saber, las hemos presenciado casi en absoluto desiertas, siendo el profesor obligado á retirarse noches consecutivas por el diminuto número de alumnos que concurrían.

De esta desoladora apatía solo se ha salvado el dibujo.

En efecto: materia de adorno, y sirviendo, las más de las veces, de distracción al espíritu fatigado por el extenuante struggle for life, el dibujo ha tenido durante todo el curso extraordinaria concurrencia, siendo raro el día, y esto por culpa exclusiva del profesor, que la clase respectiva ha dejado de funcionar.

Por eso los progresos en esta materia han sido tan grandes, rápidos y visibles, casi por la totalidad de los á ella matriculados, que nos atrevemos á anunciar, para el fin del próximo año escolar, una exposición pública de trabajos hechos por alumnos del Centro, asegurando desde ahora (salvo caso de fuerza mayor) que han de llamar la atención de todos.

Sentimos en el alma no poder hacer extensivo este juicio á las demás materias, para el cultivo de las cuales parece que hay una marcada reluctancia, siendo de notar, en apoyo de lo que avanzamos y para no insistir mucho, que de 41 alumnos matriculados durante el año pasado, sólo 28 son socios ó hijos de socios, siendo los restantes personas extrañas al Centro (…)

(**Centro Espanhol**, Ata da Assembleia realizada em janeiro de 1904).

Mesmo com a dificuldade de manter os cursos noturnos devido à ausência de muitos alunos por conta da extensa carga horária de trabalho e não havendo possibilidade de abertura de salas de aula primárias para os filhos dos associados no período diurno observemos lista de alunos matriculados com suas respectivas situações diante desta sociedade, bem como o curso de formação escolhidos:

Tabela 11: Lista de los alumnos matriculados - Durante el año de 1904

	NOMBRES	Calidad	ASIGNATURAS
1	Rommeo Estevez Martinez	Socio	Castellano y Dibujo
2	Juan Estevez Martinez	Socio	Castellano y Geografia
3	Ricardo Fernandez Santiago	Socio	Dibujo
4	Manuel Perez Salgado	Socio	Castellano, Francés y Latin
5	Antonio Eulalio de Veras	Socio	Primario y Dibujo
6	José Martin Placeres	Socio	Francés y Dibujo
7	José Martinez	Socio	Primario y Dibujo
8	Maximino Cota	Socio	Castellano y Dibulo
9	Antonio Penelas	Socio	Primario
10	Valentin Bouzas	Socio	Francés y Dibujo
11	José Torrado Vasquez	Socio	Primario
12	Fernando Rodriguez	Socio	Primario
13	Manuel Tato	Socio	Castellano y Aritmética
14	Miguel Carvalleda	Socio	Dibujo y Aritmética
15	Jesús Garcia	Socio	Castellano y Aritmética
16	Jeremias Augusto	No socio	Dibujo
17	Francisco Diaz	Socio	Dibujo
18	Manuel R. Prezado	Socio	Primario
19	Antonio Lorenzo	Socio	Castellano y Aritmética
20	Davino Alvarez	Socio	Aritmética y Dibujo
21	Ramon Diaz	Socio	Primario
22	Lidefonso Fernandez	No socio	Primario
23	Fernando Losada	Socio	Primario
24	Francisco Pelavo	Socio	Primario
25	Fernando Cabot	Socio	Primario y Dibujo
26	Carlos A. Conde	Socio	Primario y Dibujo
27	Jesús Trelle de Campos	Socio	Castellano y Aritmética
28	José Diaz Coello	No socio	Dibujo
29	Miguel Alfonso	Socio	Primario
30	Manuel Losada	Socio	Primario
31	Francisco Vazquez	Socio	Castellano y Aritmética
32	Manuel Sellera	No socio	Aritmética
33	Enrique Sellera	No socio	Primario y Dibujo
34	José Vaz	No socio	Primario
35	Benedicto Moraes	No socio	Primario
36	José Bueno	No socio	Primario
37	Julio Torres	No socio	Primario

38	José de Souza	No socio	Primario
39	Bernardo Thar	No socio	Primario y Dibujo
40	Juan Shal	No socio	Primario y Dibujo
41	Benjamin Alonso	Socio	Dibujo

FONTE: **Livro de Memórias**, Centro Espanhol, 1904.

Tabela 12: Lista de los alumnos matriculados - Durante el año de 1906

	NOMBRES Y APELLIDOS	MATERIAS
1	Antonio de Veras	Dibujo, Aritmética y Castellano
2	Miguel Carballada	Dibujo, Aritmética y Castellano
3	José Martinez	Dibujo y Aritmética
4	Nicolás López	Aritmética y Castellano
5	Juan Dominguez Marreto	Aritmética y Castellano
6	Pedro Lorenza	Dibujo y Castellano
7	Romeo Estévez	Dibujo y Castellano
8	Ricardo F. de Santiago	Dibujo
9	Valentin Bouzas	Dibujo, Castellano y Francés
10	Lidefonso Fernández	Primario
11	Elisardo Estévez	Primario y Aritmética
12	José P. Bermúdez	Aritmética y Castellano
13	Marcial Lorenzo Adán	Dibujo, Aritmética y Castellano
14	Eduardo Adán Garcia	Dibujo, Aritmética y Castellano
15	Fernando Cabot	Dibujo, Aritmética y Castellano
16	Benjamin Alonso	Dibujo
17	Manuel Batán Ferreira	Aritmética y Castellano
18	Constantino Batán Ferreira	Aritmética y Castellano
19	Antonio Batán Ferreira	Aritmética y Castellano
20	Dabino Alvez	Dibujo, Aritmética y Castellano
21	Juan Correia	Dibujo y Primario
22	Ipropio González	Dibujo y Francés
23	Celso González	Primario
24	Julio Torres	Primario
25	Mario d'Almeida	Primario
26	Manuel Pérez Salgado	Primario, Francés y Latin
27	Manuel Fernández González	Primario
28	Emilio Pérez	Primario
29	Joaquin Rivas	Aritmética y Castellano

FONTE: **Livro de Memórias**, Centro Espanhol, 1906.

Tabela 13: Escola Social - Alunos matriculados 1911

	NOMBRES E APELLIDOS	MATERIAS
1	Marcos Rodríguez	Aritmética y Castellano
2	Nicolás Fernández	Dibujo y Castellano
3	Robustiano Alonso	Dibujo y Castellano
4	Cándido Vallejo	Dibujo y Castellano
5	Guilhermo Fernández	Castellano y Dibujo
6	Antonio Penelas	Castellano
7	Camilo Amoedo	Castellano y Dibujo
8	José Doval	Castellano y Dibujo
9	A. Penelas Dieguez	Castellano
10	Camilo Penelas	Castellano y Dibujo
11	José Marba	Primario
12	Juan Marba (hijo)	Primario
13	Antonio Losada	Aritmética, Castellano y Dibujo
14	Geraldo Maestre	Aritmética, Castellano y Dibujo
15	Antonio Marba	Primario
16	Gumersindo Dominguez	Aritmética, Castellano y Dibujo
17	Enrique Rodríguez	Aritmética, Castellano y Dibujo
18	José Losada Montero	Aritmética, Castellano y Dibujo
19	Nicanor Firbeda	Primario
20	Manuel Cid Pérez	Aritmética, Castellano y Dibujo
21	Abelardo Losada	Aritmética, Castellano y Dibujo
22	Manuel Dominguez	Aritmética, Castellano y Dibujo
23	Bruno Amado Alvarez	Aritmética, Castellano y Dibujo
24	Maximino Perdiz	Aritmética, Castellano y Dibujo
25	Mariano M. González	Aritmética, Castellano y Dibujo
26	Evaristo Varela	Aritmética, Castellano y Dibujo
27	Emilio Martínez	Aritmética, Castellano y Dibujo
28	Ruperto Ozores	Aritmética y Castellano
29	Lucas Diaz	Aritmética y Castellano
30	Angel García	Aritmética y Castellano

FONTE: **Livro de Memórias**, Centro Espanhol, 1911.

É possível também sugerir, após estudos das fontes, disponíveis nos arquivos do próprio Centro Espanhol, que devido ao pequeno número de alunos frequentes nos cursos noturnos o formato anteriormente oferecido gratuitamente foi-se adequando às necessidades e perfis dos alunos matriculados, visto então a obrigatoriedade do curso primário para todos aqueles que se matriculassem. Os demais cursos livres, antes abertos a quaisquer matrículas, foram oferecidos apenas àqueles que solicitassem acesso ao professor, mediante comprovações de aptidão para os mesmos. Todavia, não se mensura nessas fontes quais aptidões são observadas, nem os critérios utilizados para as avaliações. Ressaltemos que o número de alunos apontados na lista matriculados nos anos de 1915 e 1917 decresceu em relação aos anos

anteriores, isto devido, provavelmente, ao não funcionamento de aulas noturnas, o que colaborou para que as matrículas desses cursos formais declinassem.

Tabela 14: Alumnos matriculados en el Colegio del Centro Español para el curso de 1916.

	NOMBRES Y APELLIDOS	MATERIAS
1	Hermetes Araujo Alvarez	<p>En este colegio la enseñanza está dividida en dos cursos, de esta forma: Curso General Primario, obligatorio para todos los alumnos, compuesto de Gramática Castellana, Aritmética, Historia de España y del Brasil, Geografía, Geometría, Caligrafía y Gramática Portuguesa; Curso Especial:</p> <p>Dibujo lineal y de ornato; Teoría Musical y solfeo. estas materias son estudiadas por los alumnos que lo soliciten, y que á juicio de Profesor reúnan las aptitudes necesarias.</p>
2	Román Araujo Alvarez	
3	Evaristo Alvarez Moure	
4	José Tesoro Salgado	
5	José Ferro Fernández	
6	Manuel Alvarez Sobreira	
7	Domingo Nocelo Cerradelo	
8	Manuel Borines Fernández	
9	Severo Domínguez Daval	
10	Juan Rodríguez	
11	Manuel López Alavarez	
12	Celestino Vázquez Fernández	
13	Juan Alonso González	
14	Eduardo Pan Rodríguez	
15	Odilo Rodríguez Pérez	
16	Angel Quintas De la Pousa	
17	Nicolás Novoa Campos	
18	Demetrio Rodríguez Pérez	
19	José Salgado Martínez	
20	Daniel Cupeiro López	
21	David Carnicero Movilla	
22	Antonio Losada	
23	Virgilio Prieto Alonso	
24	Senén Gómez	
25	Gregorio González	

26	Marcelo Miranda Alonso	
27	José Alonso Alfonso	
28	Felisindo Suárez Vallejo	
29	David Novoa Pérez	
30	Cesáreo Rodríguez	
31	Luis Márquez	
32	José Marquez	
33	Francisco Díaz Gómez	
34	Antonio Márquez	
35	Francisco Gómez González	

FONTE: **Livro de Memórias**, Centro Espanhol, 1916.

Tabela 15: Alumnos matriculados en el Colegio del Centro Español - 1917.

	NOMBRES Y APELLIDOS	MATERIAS
1	José Tesoro Salgado	<p>En este colegio la enseñanza está dividida en dos cursos, de esta forma: Curso General Primario, obrigatorio para todos los alumnos, compuesto de Gramática Castellana, Aritmética, Historia de España y del Brasil, Geografía, Geometría, Caligrafía y Gramática Portuguesa;</p> <p>Curso Especial: Dibujo lineal y de ornato; Teoría Musical y solfeo.</p> <p>estas materias son estudiadas por los alumnos que lo soliciten, y que á juicio de Profesor reunan las aptitudes necesarias.</p>
2	Juan Rodríguez	
3	Odilo Rodríguez	
4	Demetrio Rodríguez	
5	Nicolás Novoa	
6	Antonio Losada	
7	Gregorio Gonzáles	
8	Marcelo Miranda	
9	David Novoa	
10	Francisco G. González	
11	Cesáreo Rodríguez	
12	Celestino V. Fernández	
13	Juan Alonso González	
14	Armando Novoa Pérez	
15	Domingo Nocelo Cerradelo	
16	José M. Teruel Parra	
17	Manuel A. Sobreira	

18	Felisindo Suárez	
19	José García González	
20	Lucindo Fernández	
21	Antolín Rodríguez	
22	Sergio Troncoso	
23	Virgilio Prieto Alonso	

FONTE: Livro de Memórias, Centro Espanhol, 1917.

A análise dos livros e listas de matrículas do Centro Espanhol, não possibilitou compreender detalhamentos da dinâmica de permanência ou evasão das matrículas, visto a escassez de informações. Sabe-se que o mesmo se encontra em processo de organização e digitalização, que as turmas eram sempre noturnas, compostas apenas por homens e que há uma lacuna de registro de matrículas nos anos 1907, 1908 e 1910. Nesses anos, supõe-se que não houve curso ofertado, pois em todas as atas consultadas a administração se refere ao baixo número de alunos frequentes. Ainda assim, após análise do acervo documental disponível, observou-se que o Centro Espanhol contribuiu de maneira contundente com o processo de educação e instrução da população compatriota e, em alguns momentos, da população residente na cidade de Santos. Devido à constante diminuição da frequência diária nas aulas formais ou profissionalizante, o Centro comunicou o fechamento das aulas noturnas, ao término do ano de 1917, mantendo o funcionamento das demais atividades que compunham o processo educacional, conforme ata de sessão ordinária do mencionado ano. Atualmente, o Centro Espanhol, localizado em imóvel situado na Avenida Dona Ana Costa, sedia o Consulado Espanhol e mantém seu funcionamento com cursos livres e culturais sustentando a cultura hispânica na região.

Sobre o apoio mútuo despendido aos conterrâneos das sociedades estrangeiras apresentadas neste capítulo, não se tem dúvida quanto à sua eficácia e importância para a cidade de Santos. Até o presente a Sociedade Portuguesa mantém forte influência na cidade consolidando suas raízes lusitanas. A Società Italiana resumiu-se à um local de curso de idioma italiano, sendo raras as ocasiões em que promovem festas de sua cultura, o que contrasta diretamente com a atuação proativa do Centro Espanhol, que vem retomando suas atividades festivas e educacionais. O desempenho dessas sociedades potencializou que os auxílios fossem prestados aos conterrâneos, não sendo permitido auxílio a associados de nacionalidades diferentes. Dentre as sociedades de auxílio que foram fundadas na cidade, sem dúvida a Sociedade União Operária se destaca, visto que suas contribuições tanto na educação, quanto

nos movimentos sociais (que efervesciam na cidade), para os operários de qualquer nacionalidade, foram a maior herança deixada por esta associação, sendo necessário salientar que foi a única que fundou uma escola destinada à educação nos âmbitos formais, não formais e informais. Por este motivo, no próximo capítulo reconstituiremos o histórico dessa associação, que se mostrou diferenciada das demais analisadas neste trabalho, por seu caráter permeável e por sua feição multicultural.

2.3.5 Sociedade União Operária: histórias e memórias parcialmente descobertas e veladas⁵⁰

A cidade de Santos, como apresentado anteriormente, recebeu grande contingente de imigrantes, em sua maioria portugueses e espanhóis, contingente que contribuiu para a formação da urbe nas mais diferentes características. Com esse advento, foram fundados na cidade vários grupos de auxílio mútuo pelos próprios imigrantes no intuito de auxiliar os conterrâneos, desde o momento de sua chegada, na busca pelo trabalho, em possíveis infortúnios, na educação e até mesmo na eventual possibilidade de repatriação, por meio de incentivos financeiros. No entanto, essas associações atendiam cidadãos de suas nacionalidades e a classe operária local sentia a necessidade de uma associação que atendesse às demandas da própria classe, independentemente de sua nacionalidade.

⁵⁰ Para iniciarmos esse tópico, optou-se em adjetivar as memórias da Sociedade União Operária com o termo “velada”, devido à impossibilidade de continuidade das pesquisas frente à negativa de acesso ao acervo. Não é possível afirmar, até o presente momento, quais destinos foram dados ao conjunto documental, acervo literário, iconográfico, utensílios e objetos de laboratório além dos mobiliários típicos da Educação da Primeira República. Muitas questões não foram respondidas devido à negativa de acesso, por parte da Escola Modelo (detentora legal do acervo) apesar de solicitações para realização desta pesquisa. Foi requerido ao Ministério Público que intervisse junto ao caso, mas até o presente momento não houve devolutiva.

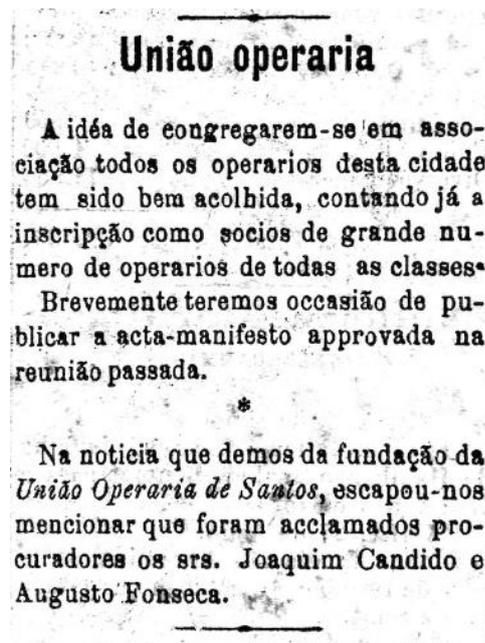


Imagem 42: Jornal Diário de Santos, 30 de maio de 1890. Acervo da Sociedade Humanitária de Santos.

Dessa forma, os esforços de três mestres de obras, Thomaz Antonio de Azevedo⁵¹ (conhecido como Mestre Thomaz), Leonardo Antônio de Castro e Francisco Gardini, ajudaram a fundar, em 25 de maio de 1890, a Sociedade União Operária, cujo objetivo fundamental era instruir os operários⁵² e manter beneficência por meio do auxílio às doenças, auxílio morte e desemprego. A mencionada Sociedade acolhia tanto brasileiros, quanto estrangeiros e tinham o operário como o “sujeito primordial” a ser amparado. Observemos parte da ata da sessão de fundação da entidade. Embora longo, o trecho é fundamental e elucidativo:

“(...) Considerando que as leis do trabalho operário, em sua organização, devem variar, segundo o regimento social e político de cada país, princípio Esse que se acha estabelecido na Suíça, Suécia, Inglaterra, Bélgica, Holanda, França e principalmente no Estados Unidos da América do Norte, onde é considerado essencial, como elemento de ordem e progresso, que é o lema da República dos Estados Unidos do Brasil;
Considerando que a nacionalidade exige a agremiação de todos, a fim de consolidar a política que transformou as instituições pátrias e que, na forma de governo democrático, o elemento popular, legitimamente representado nas

⁵¹ Mestre de obras que esteve à frente da construção do Teatro Guarany.

⁵² Por meio de seu estatuto publicado em 1930, esta Sociedade define “operário” como aquele que não tem fontes de rendimento a não ser o seu salário.

classes operárias não pode e não deve ser excluído da comunhão social e política da República Brasileira;

Considerando mais, que, depois do grande fato emancipador, sem criar obstáculos ao espírito da política orgânica, do governo no meio da sociedade brasileira já se tem criado grupos importantes, já pela qualidade, já pelo número de profissionais de várias classes, aderindo à emancipação social e política do operário, até aqui desconhecida;

Considerando ainda que aos governos e ao povo compete fundar escolas profissionais, cursos modelos, o que se não em feito entre nós;

Considerando ainda que o operário de hoje não deve, nem pode representar papel rotineiro do artesão de outras épocas, fazendo jus a medíocres salários, sem aspirações, reduzido à posição de simples máquina, sem ter horizonte intelectual e sem a Instrução Profissional que deve associar-se a todo aprendizado, sem o que as classes sociais não se elevarão;

Considerando também que a necessidade de reorganização social torna-se indispensável aos espíritos prudentes, e que para atingir o progresso, de acordo com a melhor doutrina, é preciso encarar que: - desde que foi organizada a ação do homem sobre a natureza, a transformação da vida fez-se por duas classes distintas: a dos empreendedores, sendo pouco numerosos, as materiais, o dinheiro, o crédito, dirigindo as operações e assumindo a responsabilidade; e a dos operários diretos, vivendo de um salário periódico e constituindo a imensa maioria dos trabalhadores que executam numa espécie de intenção abstrata sem se preocuparem diretamente de seu curso social;

Considerando mais, que estes estão imediatamente em mão com a natureza e que a eficácia especulativa inerente à vida industrial deve-se melhor sentir neles do que nos empreendedores, e que isso somente não se dá devido à negligência que distingue a classe dos trabalhadores, que, sob a única garantia do trabalho certo, renunciam aos assuntos de ordem mais elevada, assuntos desconhecidos dos verdadeiros chefes industriais, em consequência de viverem sempre preocupados com os cuidados ativos das várias profissões que exercem, que não comportam a verdadeira calma intelectual e moral, motivo porque só como auxiliar o operário intervém nas lutas políticas, sem ter, por si mesmo, fim especial e sem encarar que os debates concentrados nas outras classes se referem, sobretudo à posse do poder;

Considerando que não é nova a questão operária e que apesar do Brasil não poder ser considerado país de grande indústria, ainda assim já é tempo do

proletariado dos centros populosos começar a discutir as questões especiais que os interessam, reunindo-se, agremiando-se, a fim de ver no seio da representação geral, formulada como proposta de lei: - o dia normal de trabalho, a regulamentação do trabalho das mulheres e das crianças, a criação de um serviço de inspeção e estatística do trabalho nacional – assuntos dos quais depende muito a economia nacional e de que tais medidas na legislação de alguns países já tem foros na cidade;

Considerando ainda que, com tais medidas, evidenciado fica que por tal forma será o trabalho nobilitado e que todos poderão exercê-lo, e que tais assuntos em países industriais, são largamente debatidos há mais de meio século com proveito para as classes operárias;

Considerando que, só como castigo, os progenitores dos rapazes que não querem estudar jurisprudência, medicina, etc., os metem nas oficinas depois de convencidos de que eles não alcançarão as grandes posições oficiais, ou então os ameaçam com a praça do Exército, como se as oficinas e os quartéis fossem cárceres para os inúteis;

Considerando que, pelo lado econômico, que não necessitando o operário de bancos, necessita, todavia, de uma instituição da qual, de um momento para o outro, possa sacar qualquer quantia que não exceda do capital depositado, para socorrer imediatamente suas necessidades mais urgentes e que tal instituição deve ser uma Caixa Depositária, regida pelos padrões das Caixas Econômicas do Estado, incorporado pelas classes operárias e sujeita ao disposto na lei que rege as sociedades anônimas;

Considerando mais, que se trata por uma medida fusão de elementos, de expurgar do país o vício hereditário, político e social que nos foi legado, e que, para a estabilidade desse corpo que se chama de República Brasileira, é necessário refundir todas as classes vivificadoras do nacionalismo;

Considerando, finalmente, que a fundação da Sociedade União Operária é uma necessidade inadiável, e que os fins da mesma devem ser beneficentes, econômicos e sociais, sendo os meios de ação desenvolvidos em seus estatutos, resolve: “Que desde já fique instalada a mesma associação, aclamada a sua diretoria, e que esta ata considerada o seu manifesto às classes operárias, sendo, depois, de lida, aprovada e encerrada, publicada nos jornais desta cidade com a assinatura de todos os presente.” (JORNAL A TRIBUNA, 25 de maio de 1890).

Considera-se o mencionado discurso um verdadeiro manifesto dirigido à classe operária. Dentre os preceitos da Sociedade, é possível observar que mantinham três focos fundamentais no que se refere à cultura e à instrução: instrução primária, instrução secundária e de artes de ofícios. É possível observar que o discurso de fundação da Sociedade União Operária corrobora pensamentos advindos do cenário operariado europeu daquele momento, (um misto do pensamento Proudhoniano⁵³ e Marxista⁵⁴), mas, no que se refere ao âmbito da educação formal, não há quaisquer elementos que nos direcione claramente sobre qual corrente pedagógica a sociedade se assentou. Do ponto de vista do que compete à educação (formal, não formal e informal) percebe-se que as maiores contribuições se deram por meio da não formalidade e da informalidade. A fundação da Sociedade União Operária guarda estreita relação com os escritos libertários, o que nos levou em um primeiro momento, a cogitar a possibilidade da Escola Modelo, (fundada e mantida pela Sociedade União Operária) praticar a educação libertária.

No livro *Da Capacidade Política das Classes Operárias*, Proudhon descreve que os operários, ao considerarem a criação de outras associações, deviam ponderar sobre a qualidade dos membros que as compõe, e não somente a quantidade de entidades criadas, pois a qualidade dos membros que as compõe favorece a emancipação da classe operária, uma vez que são conhecedores, de suas capacidades e da importância que representam. Uma vez que a Sociedade União Operária é fundada sobre o tripé: consciência, ideia e realização por meio da ação, a “capacidade política da classe operária” é potencializada na busca pela instrução, terreno fértil que ajuda na construção de sua liberdade, único vetor capaz de levá-los à capacidade política real.

O “manifesto” de fundação da Sociedade União Operária, nos leva a pensar que até o presente momento da fundação, a classe operária não tinha real noção de sua capacidade, no que se refere às interferências políticas e trabalhistas na cidade de Santos, mas que a fundação desta se mostra num desejo em realizar mudanças na sociedade em que está inserida, porque

⁵³ Adjetivação alusiva ao filósofo Pierre Joseph Proudhon, nascido em 1809 na cidade de Besançon, na França. Considerado “pai” do Anarquismo exerceu grande influência nos escritos dos adeptos do movimento. Forte crítico da propriedade privada, colocou-se a favor das cooperativas e das propriedades coletivas de produção. Criticava a propriedade privada e defendia a supressão do Estado visto que o homem pode gerir sua liberdade. É dele a frase imortalizada: “A propriedade é um roubo!”, presente no livro *O que é a Propriedade? Pesquisa sobre o Princípio do Direito e do Governo* (Qu'est-ce que la propriété? Recherche sur le principe du droit et du gouvernement), publicado em 1840.

⁵⁴ Adjetivação alusiva ao filósofo e economista Karl Marx, nascido em 1818 na cidade de Tréveris, na Alemanha. Suas obras mais lidas são “O Capital” e “O Manifesto do Partido Comunista”. Um dos fundadores do “Socialismo Científico”, Marx dedicou suas obras aos escritos sobre a exploração do proletariado e à crítica do capitalismo que explora e aliena do operariado por meio da “divisão social do trabalho” nas fábricas, que transforma o trabalhador num indivíduo alienado, pois não tem noção do produto final que produz, visto não ter os instrumentos de trabalho.

tendo conhecimento de si, seria possível identificar seu valor na sociedade e, por conseguinte, se representar por meio do entendimento, da razão e da palavra. A realização dessa consciência, perpassa a própria fundação, mas se faz na relação com as demais sociedades, entidades e, até mesmo, com o Estado. Para Thompson:

“A consciência de classe do proletariado não deve ser buscada numa abstrata e ideológica operação de separar a ciência e a ideologia, mas, concreta e materialmente, pode ser aprendida no exame das instituições criadas pela classe (uniões, ligas, sindicatos, jornais, partidos, etc.) e nas relações mantidas por essas diferentes instituições com as classes dominantes, os setores intermediários e o Estado. Isto é, a formação e o desenvolvimento das formas assumidas pelo coletivo da classe operária realizam-se no interior do processo de lutas” (THOMPSON, 1978 apud FOOT HARDMAN, p. 39, 2002).

Essas relações são evidenciadas na documentação consultada, pois, a Sociedade União Operária mantinha afinidades com outras instituições operárias da cidade, em diversas áreas. Seja para advogar, mediar conflitos ou na parceria de eventos para a arrecadação de fundos visando a manutenção da Sociedade e Escola Modelo. Com relação aos auxílios mútuos, objetivo central da Sociedade, é possível afirmar que a prática desse tipo de mutualismo, aconteceu de maneira contundente, apesar dos momentos de grandes dificuldades financeiras. Esse mesmo mutualismo seria alvo de críticas do próprio Proudhon, por ser um processo de “simples transição ao regime mutualista, pertencendo ainda à categoria das fundações de caridade, verdadeiras pleoras que deve impor-se o trabalhador que deseja não se expor ao abandono em caso de doença e de desemprego (...) é possível que esses estabelecimentos não desapareçam de pronto, de tanto que a infelicidade social é profunda, de tão lentas que são as transformações que têm por objeto a melhoria de massas tão numerosas e tão pobres (...)” (PROUDHON, p. 98, 2019). Ainda assim, essa “forma de mutualismo correspondeu aos traços socioculturais distintivos da e de sua autonomia cultural” (FOOT HARDMAN, 2002). Por este motivo essas sociedades que outrora exerciam o auxílio mútuo e que ainda se mantêm na ativa como sobreviventes deste tempo na cidade de Santos “são uma espécie de ruínas de um passado irrecuperável em sua totalidade” (FOOT HARDMAN, p. 43, 2002).

Ao considerar que, para o operário só lhe resta sua força do trabalho e que não tendo mais as ferramentas de trabalho se coloca numa situação de ser “parte da máquina” desconhecendo o que é produzido, torna-se alienado de sua importância porque o mesmo não

conhece o produto final por ele produzido. Ao desconhecer o produto final, o processo capitalista causa-lhe alienação, falta de horizonte intelectual e instrução profissional. Ao observar essas considerações é possível notar concepções definidas por Karl Marx em *O Capital*. E, embora a cidade de Santos não fosse uma cidade industrial é possível ainda assim relacionar sua realidade aos escritos marxianos, pois, até o embarque do café, a mercadoria que chegava do Planalto Paulista passava pelas mãos de vários profissionais de atuações desenvolvidas no cais, que vão desde a seleção de grãos, costura de sacos para a mercadoria, transporte e embarque. Isso sem mencionar os trabalhadores de outros segmentos que funcionavam na cidade, paralelamente ao funcionamento do porto.

Em término da análise deste “manifesto”, observamos que a Sociedade União Operária aponta para a necessidade de instalação de escolas para o ensino primário e profissional, sejam elas das associações ou pelo Estado. Ainda que vejam na instrução um caminho para a emancipar o operário, nota-se que o discurso adotado e dirigido à classe operária na fundação da Sociedade, destaca uma “Educação” (seja primária, secundária ou profissional), que não corrobora ideais anarquistas, pois o princípio fundamental desta doutrina se encontra na autogestão, portanto não há existência do Estado para compor a educação/instrução. Em se tratando da educação provida pelo Estado, segundo os ideais anarquistas, a mesma seria realizada como forma de manobra, dando às classes proletárias a educação para as mãos, em um sentido tecnicista/alienado sendo peça de engrenagem da produção industrial, cerceando-o o direito de pensar, enquanto que para as classes burguesas a educação se daria para o desenvolvimento do intelecto, no sentido da formação humanista, uma vez que para estes foi dado o pensar como fonte de sua essência.

Baseado nesta premissa, também é possível confrontar parte do “manifesto” com os escritos do educador Herbert Read, defensor da doutrina anarquista. Para Read, a educação por meio da arte estimula a capacidade e o senso estético do homem, diferente dos meios pedagógicos que são pautados nas informações, sendo a educação um aliado para a transformação social. Vem daí o perigo de deixá-la nas mãos do Estado.

Ao analisar os escritos libertários, compreender o aspecto político e educacional que o país atravessava (sobretudo, o estado de São Paulo que recebeu o maior contingente de imigrantes vindos da Europa) e confrontar com os *Anuários de Inspeção da Instrução Pública do Estado de São Paulo*, é possível perceber que a educação que reverberava baseava-se no cercear da cultura, da singularidade e de todos os aspectos formativos da arte, imprescindíveis na educação libertária. A Educação provida pelo Estado, por meio dos Grupos de Estudo e das

Escolas Isoladas, de acordo com as fontes analisadas⁵⁵, visavam o desenvolvimento do homem para o trabalho, cujo papel era fazer parte de uma seção da engrenagem que não necessitasse pensar nem criar (aqui especificamente para a classe menos abastada), além de ser uma educação nacionalista. Por isso, vemos na educação provida pelo Estado, uma formação de massa alienada, desprovida de consciência de si ou de classe e da apropriação da singularidade enquanto ser humano. Segundo Read, arte e política são as expressões da consciência humana e a formação de pessoas pautada na criatividade e na liberdade de expressão traduzem-se numa educação integral. Esse tipo de educação não corrobora o ideal de controle que era exercido pelo Estado, seja na questão social ou educacional.

Com a Sociedade União Operária fundada, tendo como corpo dirigente José Antônio da Silva e Antônio Rodrigues, primeiro presidente e primeiro secretário, respectivamente a Sociedade começa seus trabalhos, enquanto associação de auxílio mútuo, em um prédio alugado, situado à Rua do Rosário, nº 77. A Sociedade já contava com um número razoável de sócios, por isso conseguiu adquirir imóvel na Rua Henrique Porchat, nº 43, sendo esta sua primeira sede própria.

No período abarcado por esta pesquisa, percebe-se que a cidade de Santos era altamente influenciada pelo ensino religioso, dadas as instituições existentes e que operam até o presente momento. O imóvel que sediava a Sociedade União Operária foi vendido para o Grupo Marista, com a finalidade de fazer ampliações nas dependências da Escola Santista. A venda se deu no ano de 1928 e com o valor da venda e com o grande número de sócios, o segundo imóvel foi adquirido pela Sociedade, situado na Praça José Bonifácio. Esse foi o momento em que a Sociedade desfrutava de seu auge, enquanto instituição atuante na cidade. No ano de 1929, quando completou 39 anos de existência, inaugurou sua nova sede, tendo o jornal *A Tribuna* noticiado o evento.

É de intenso júbilo a data de hoje para os componentes da Benemérita Sociedade União Operária. Completa essa prestimosa coletividade, que importantes serviços vem prestando à causa da Instrução e de Beneficência, o 39º aniversário de sua fundação, inaugurando novo prédio social localizado atualmente na Praça José Bonifácio nº64. A Sociedade União Operária ocupa, entre seus congêneres, lugar de destaque, pela sua criteriosa organização e superior escrupulo com que tem sido dirigida pelas suas diretorias, as quais têm sabido elevá-la com abnegação e carinho, a um satisfatório estado de

⁵⁵ No tocante à educação foram analisados os *Annuários da Instrução Pública de São Paulo* de 1908 a 1923, bem como documentos da Câmara Municipal resguardados na Fundação Arquivo e Memória de Santos.

prosperidade. Fundada por elementos da classe operária, na sua maioria homens de boa vontade e aspirações honestas, ela se constituiu, desde logo, o sustentáculo de seus componentes, resolvendo, por um modo prático, o mutualismo, tão necessário, principalmente aos que não contam com fartos proventos. Fiel ao seu programa, a Sociedade União Operária vem preenchendo cabalmente os fins para que foi criada, sendo disso o maior atestado as escolas que mantém atualmente e outros muitos benefícios que presta aos seus associados e respectivas famílias. As aulas da Sociedade União Operária são presentemente frequentadas por 400 alunos de ambos os sexos. Possui além disso, essa coletividade, uma biblioteca, com mais de 3.000 volumes de escolhidos autores. Um bem montado gabinete dentário, sob a competente direção do cirurgião dentista, Sr. Dr. Antônio Ferreira de Carvalho; um posto médico, sob a competente direção do Sr. Dr. Pedro Paulo Giovanni, além de grande número de médicos que oferecem seus serviços profissionais gratuitamente à Sociedade, que são: Dr. Leão de Moura, Dr. Augusto Cerqueira, Dr. J. do Amaral Menezes, Dr. Castro Simões, Dr. João Pinto da Affonseca, Dr. Othon Feliciano. Possui também quadro de advogados constituídos dos Srs. Dr. Nicanor Ortiz, Dr. Bruno Barbosa, Dr. Gervásio Bonavides, Dr. Amazonas Duarte, Dr. Archimedes Bava, Dr. Lincoln Feliciano, Dr. Samuel Baccarat e Dr. Manoel Hyppolito do Rego. Possui ainda um corpo docente composto dos seguintes professores: Srs. Sérgio dos Santos e Luís Gomes da Cruz; Sras. Clotilde de Campos Nunes e Rosalina Derenzio Mazzote; Senhoritas Alzira A. Barbosa, Júlia Pinto de Oliveira e Clotilde de Campos Cunha. Publicamos, hoje, o manifesto que foi apresentado e aprovado na assembleia da fundação, há 39 anos, que é o seguinte: (...) (A TRIBUNA, 25/05/1929, pg. 8. Fonte: Revista Eletrônica Novo Milênio. Disponível em: <http://www.pimentel.jor.br/> acessado em junho de 2020).



Imagem 43: Segunda sede própria da Sociedade União Operária, situada na Praça José Bonifácio.
Fonte: PEREIRA, p. 97, 1996.



Imagem 44: “Instantaneo apanhado na sede da Sociedade União Operária, na ocasião da comemoração da passagem do 39.º aniversário daquela agremiação” (A TRIBUNA, 27/05/1929). Fonte: Novo Milênio Jornal Eletrônico. Disponível em <http://www.pimentel.jor.br/> acessado em junho de 2020

Com extensa matéria veiculada no dia das festividades de aniversário da Sociedade, em um dos jornais de maior circulação na cidade, sendo novamente notícia dois dias após o acontecimento, o evento contou com a presença do “Official Dr. Ibrahin Nobre⁵⁶, delegado da Ordem Política e Social da Capital” (A TRIBUNA, p. 2, 27/05/1929). A Agremiação foi destaque na imprensa local que demonstrou o notório prestígio que a Sociedade União Operária desempenhava na cidade de Santos, devido à mutualidade exercida para seus associados e familiares. O que não foi possível esclarecer na pesquisa, diz respeito a que tipo de relação a diretoria da Sociedade União Operária mantinha com o Sr. Ibrahin Nobre, que na ocasião das festividades do 39º aniversário da instituição compôs mesa e discursou. É sabido que o Delegado de Polícia e Ordem Social teve grande importância no cenário histórico e político com o advento do Governo Provisório (período posterior à baliza temporal desta pesquisa), sendo oposição a este. Observemos seu discurso no ano de 1931:

(...) És paulista? Ah! Então tu me compreendes! Trazes como eu o luto em tua alma e lágrimas de fel no coração. Ferve em teu peito a cólera sagrada, de quem recebe em face a bofetada, o insulto, a vilania, a humilhação. (...) A voz dos nossos mortos se alevanta! Em cada crânio, em cada arcabouço já desfeito, em cada tibia que branqueja, há uma inúbia ululando a voz mais alta, o clamor pontiagudo e apunhalante, apelido nossa alma para a Causa, conclamando nossa honra para a luta. (...) Mães Paulistas, Ensinais aos vossos Filhos, que o sangue nada vale pelo que corre, humanamente nas veias, mas pelo que palpita

⁵⁶ Ibrahin Nobre nasceu na capital paulista em fevereiro de 1888. Nobre foi jurista, jornalista, orador e escritor ocupando a cadeira de número 21 da Academia Paulista de Letras. No ano de 1918 foi designado como delegado de polícia de Salesópolis, posteriormente delegado da polícia de Santos e então subprocurador. Em 1927 assume a Delegacia de Ordem Política e Social na cidade de São Paulo e, depois torna-se Promotor Público. Nobre foi oposição ao Governo Provisório no ano de 1930, fazendo críticas às políticas de Getúlio Vargas. Aderiu ao movimento revolucionário, conspirando insurreição contra o Governo Vargas. “(...) atuou como jornalista e também realizava atuações políticas, realizando discursos em comícios, em que convocava a manifestação popular, também a congregação da Frente Única Paulista, que era integrada pelo Partido Democrático, pelo Partido Republicano Paulista e por Associações diversas, como a Associação Comercial de São Paulo e Classes liberais. Participou dos históricos comícios da Praça do Patriarca e da Praça da Sé, ocasião em que foi amplamente prestigiado como orador. Essas movimentações tiveram importante efeito de arregimentação popular e importante papel no que meses mais tarde viria a culminar na Revolução Constitucionalista. Nas vésperas da deflagração do conflito, apoiou o interventor federal em São Paulo, Pedro de Toledo, também contribuindo para que este angariasse apoio político para a formação de um Secretariado independente, sem a tutela e ingerência do Governo Provisório de Getúlio Vargas. Naquele conflito armado, o escritor paulista foi homenageado com a formação do "Batalhão Ibrahim Nobre", composto voluntários, unidade em que se voluntariou, cuja atuação se deu na chamada "Frente Sul" de combate. Porém, malograda aquela insurreição armada, foi preso pelo governo provisório de Getúlio Vargas, dividindo a prisão com pessoas ilustres como Guilherme de Almeida e Júlio de Mesquita Filho, sendo posteriormente ordenado ao exílio em Portugal, retornando ao Brasil somente em 1934 com a anistia geral (...)”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ibrahim_de_Almeida_Nobre> acessado em junho de 2020.

divinamente no Coração! Que filhos que vêm da honra, morrem com honra, pela Honra! Esposas e noivas da minha Terra! Afirmais aos vossos maridos, aos vossos prometidos, que o amor não se prova pelo que se obtém, mas pelo que se denuncia! Que não há Lar Livre, em terra escrava! Meus Patrícios! Olhais! Lá fora estão passando os funerais da nossa geração e do nosso pudor! E então Homens?

(Ibrahim de Almeida Nobre. Minha terra, minha pobre terra”)

O discurso realizado por Ibrahim Nobre, na ocasião promotor de justiça, acarreta em sua prisão. Após soltura participa do Movimento Constitucionalista, sendo novamente preso e exilado em Portugal, retornando somente em 1934, após assinatura da anistia. Embora se perceba no discurso do jovem promotor público a crítica ao governo (o que se evidencia ainda mais no período posterior ao recorte temporal desta pesquisa), não é possível esboçar, descrever ou ainda supor quais circunstância levaram Nobre a discursar numa noite de evento singular para a Agremiação. A sociedade União Operária, nos anos subsequentes à inauguração de sua nova sede, passa por momentos de oscilação financeira, quando em 1940 tem seu prédio desapropriado devido ao processo de expansão da cidade.

É possível que esse tenha sido o período de declínio da Sociedade, visto que as atividades da Escola foram suspensas e a associação precisou aguardar um longo período até receber a indenização da Prefeitura. Devido às boas relações que sempre manteve, lhe foi cedido uma sala nas dependências do *Educandário Anália Franco*⁵⁷ para que pudesse guardar mobiliário, arquivos e livros. Não foi encontrado nas fontes pesquisadas quaisquer menções à Sociedade durante o período em que ficou sem sede, nem como se dava o seu funcionamento para atender os associados e seus dependentes. Somente no ano de 1954, a Agremiação volta a ter sede própria, desta vez na Avenida Dona Ana Costa nº 164, local aonde também funcionava a Escola subvencionada a ela (Escola Modelo), permanecendo no mesmo local até hoje.

⁵⁷ O Educandário Anália Franco, instituição sem fins lucrativos, iniciou suas atividades no ano 1917, mas teve sua inauguração oficial em 1922. Acolhia crianças na Rua do Rosário e hoje funciona como creche e acolhimento de crianças e jovens de 0 a 17 anos. Seu prédio atual foi construído com o apoio da Loja Maçônica Fraternidade de Santos. Fonte: Educandário Anália Franco. Disponível em: <https://www.analiafranco.org.br/historia/> acessado em junho de 2020.



Imagem 45: Prédio adquirido pela Sociedade União Operária em 1954. Fonte: Escola Modelo s/d. Disponível em: <https://www.escolamodelosantos.com.br/historia> acessado em outubro de 2019.

Em função da escassez de fontes primárias, não se conhece ao certo como funciona atualmente a Sociedade União Operária, se a mesma existe ou se simplesmente dá sustentação à Escola Modelo como razão social. Nas referências pesquisadas nada se conhece do funcionamento da Sociedade após o período de desapropriação de seu antigo prédio. Foram quase quinze anos de documentação alocada em um espaço cedido pelo *Educandário Anália Franco* e é possível que parte considerável de seu acervo documental e literário tenha sido danificado ou perdido. A única publicação que se tem conhecimento e que faz menção à essas fontes documentais foram produzidas por Maria Aparecida Franco Pereira, no livro intitulado: *Santos nos caminhos da Educação Popular*, produção financiada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), em parceria com a Universidade Católica de Santos. Embora, não se tenha a permissão para o acesso às dependências da Sociedade União Operária, por questões não esclarecidas por parte da atual dirigente da Escola Modelo (depositária e guardiã do acervo documental da entidade)⁵⁸, o deteriorado e escasso material que foi possível

⁵⁸ Em agosto do ano de 2019 estive pessoalmente nas dependências da Escola Modelo, portando carta de apresentação do Núcleo de Pesquisa Diversitas, assinado pela orientadora Doris Accioly e Silva para que pudesse fazer pesquisa nos arquivos, pois por diversas vezes foram tentados contatos telefônico e pessoal para que a pesquisa pudesse ser realizada, mas não houve sucesso. A Equipe Gestora (Direção e Coordenação) se recusou a receber a carta de apresentação. No dia 16 de agosto de 2019 foi encaminhado e-mail ao Ministério Público solicitando intervenção para acesso às fontes documentais. Em outubro a coordenação da escola concordou que a pesquisa fosse iniciada e, portanto, retirei a representação junto ao Ministério Público. Em dezembro, a diretora

coletar e analisar nos dá a possibilidade de construir hipóteses sobre como funcionavam as atividades pedagógicas da referida instituição.

2.3.5A A Organização escolar da Escola Sociedade União Operária

Das escolas existentes e em funcionamento na cidade de Santos, a Escola Modelo é a mais antiga e, possivelmente, a primeira instituição juridicamente constituída, tendo hoje como Razão Social a Sociedade União Operária. A SUO⁵⁹ sempre se manteve por meio das contribuições (mensalidades) de seus sócios, doações e trabalho voluntariado, o que permitia arcar com os compromissos financeiros e manutenção da Escola. Embora a Sociedade tenha sido fundada no ano de 1890, e tivesse como um dos objetivos a criação de um local para instrução dos operários, segundo discurso e manifesto de fundação, a escola só foi efetivamente posta em funcionamento no ano de 1898, para associados e somente no ano de 1944 houve a oferta da gratuidade do ensino primário noturno, subsidiada por uma associação local. No decorrer de sua existência, desde o início das suas atividades, a escola teve vários nomes, Escola União Operária, Escola da Sociedade União Operária, Instituto Educacional Modelo, Escola de 1º grau Modelo e finalmente, Escola Modelo. Antes da fundação oficial da escola, funcionaram salas de aulas noturnas destinada aos operários, mas que por motivo desconhecido foi descontinuada. É possível afirmar que o início dos trabalhos destinados à educação, tinham como referência e influência da Escola do Povo⁶⁰, devido aos trabalhos desenvolvidos serem muito próximos aos que se realizavam por esta escola, segundo literatura analisada.

da escola, Marli Possani faleceu o que impediu a continuidade das pesquisas naquele momento. Sua filha solicitou que a pesquisa fosse retomada apenas em 2020. Dado o prazo solicitado, novamente foi realizado contato e mais uma vez solicitaram postergação devido às matrículas escolares. No dia 22 de março as escolas da cidade de Santos foram fechadas devido à pandemia do COVID-19. Após o início da flexibilização do contato social na cidade, e levando em consideração que a escola mencionada desenvolve trabalho interno no período da tarde, foi retomado o contato, mas, Adriana Medeiros (filha de Marli Possani) não permitiu mais o acesso às fontes primárias. No dia 26 de junho de 2020 enviei, novamente, e-mail ao Ministério Público solicitando representação para acesso aos documentos, que estão sob a guarda da Escola Modelo. No mesmo dia recebi devolutiva do MP, e-mail endereçado a Promotoria de Justiça Cível de Santos, solicitando verificação da possibilidade de prosseguimento.

⁵⁹ SUO - Sigla atribuída à Sociedade União Operária.

⁶⁰ Escola fundada por Antônio Manuel Fernandes em sua própria residência, no ano de 1878, no Largo da Coroação, atualmente Praça Mauá. Antônio Manuel Fernandes nasceu em 5 de dezembro de 1843. Realizou o estudo das primeiras letras na cidade de Santos e seguiu para São Paulo a fim de dar prosseguimento aos estudos. Ingressou na Academia de Direito, mas não se formou, retornando à cidade de Santos para exercer a função na Alfândega por meio de concurso. Considerado “amigo da instrução”, fundou e dirigiu a Escola do Povo por cinco anos, sendo também professor da instituição. Exerceu também a função de redator colaborador dos jornais Diário de Notícias, Diário de Santos e Diário da manhã, na companhia de personalidades ilustres da cidade como Vicente de Carvalho, Cândido de Carvalho e Alberto Sousa. Foi vereador na primeira legislatura, após proclamada a República. Deixou legado e contribuição na educação, nos movimentos abolicionistas, meios de comunicação assim como algumas obras literárias como “Paulo e Flora” (romance escrito em 1861), “Crepúsculos, versos, 1870” entre outros. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Santos. Disponível em: <http://ihgs.com.br/cadeiras/patronos/antoniomanoelfernandes.html> acessado em junho de 2020.

Para que pudéssemos traçar os percursos destinados à instrução nesta Sociedade, foram analisados alguns livros de matrícula (nem todos em bom estado de conservação), livros de chamada, fichas de contratação de professores e raríssimos documentos no que tange o funcionamento das atividades pedagógicas e docentes da Escola da União Operária (hoje Escola Modelo). Nas escassas e deterioradas fontes documentais sugerem o desaparecimento das memórias desta escola que, pela interdição de seu arquivo e o impedimento da consulta de suas bases documentais força um hiato desnecessário que impede que sua história seja conhecida, causando com isso aquilo que D’Alessio chama de “memória ameaçada pela perda da identidade” (D’ALESSEIO, Apud NORA, 1984).

Após o início das atividades instrutivas houve o fechamento das mesmas, mas os motivos são desconhecidos até o presente momento. Não é possível afirmar por quanto tempo a escola se manteve fechada nem quando houve o encerramento das atividades. O que se sabe é que foram retomadas a partir de 1906, conforme documentos salvaguardados na FAMS⁶¹:

⁶¹ FAMS Sigla atribuída à Fundação Arquivo e Memória de Santos.



Imagem 46: Ofício da Sociedade União Operária datado de 1906, encaminhado ao Presidente da Câmara Municipal de Santos. Fonte: Caixa de documentos da Educação Municipal, Fundação Arquivo e Memória de Santos. Acesso em outubro de 2019.

No início de suas atividades, os cursos primários eram ministrados no período da manhã, separadamente entre meninos e meninas. Apenas a partir do ano de 1911 a escola passou a oferecer cursos mistos⁶², concomitantemente às salas separadas. O Jardim da Infância foi iniciado no ano de 1923, mas a escassa documentação não permite indagar sobre os registros das turmas encontrados, e tão pouco das salas mistas de primeiras letras. São muitas as lacunas, mas, é possível tentar circunscrever o ambiente em que circulavam os alunos, cotejando o *Livro*

⁶² Mesmo com a oferta de cursos mistos, as salas separadas entre meninos e meninas continuaram a ser ofertadas, sendo observada em pleno funcionamento no ano de 1935, conforme listas de chamada. As listas de chamada que foram disponibilizadas para análise não foram sequenciais, existindo grande lacuna entre os anos, mas é possível averiguar que salas separadas funcionaram, pelo menos, até o final da década de 1930. Fonte: Livros de chamada dos professores Rosalina Derenzio, Yolanda de Abreu, Rafael Improta. Sociedade União Operária/ Escola Modelo.

de Matrículas do ano de 1922 cuja numeração gráfica é a de 8440. Após o preenchimento do termo de abertura, na folha de número cinco estabelece-se as normas de conduta devidamente numeradas para os alunos da instituição. A que se estabelece:

1. Trajar uniforme; 2. Comparecer diário à hora marcada; 3. Preceitos de higiene; 4. Tratar com delicadeza e urbanização os professores diretos e mais funcionários; 5. Cumprir determinação dos professores; 6. Evitar estragos no edifício e objetos; 7. Tratem-se com amizade uns com os outros evitando brinquedos prejudiciais, denúncias e delações; 8. Devem, entretanto, dizer a verdade, quando tiverem conhecimento de algum facto grave que se tenha dado e sobre o mesmo forem interrogados. (Livro de Matrículas da Escola Sociedade União Operária, 1922 folha 5).

Outro documento analisado foi o *Livro Ata* de 1911. Em sua análise, na página 69, verificou-se que a partir desse ano houve intervenções técnicas acerca dos dispositivos de higiene e salubridade na escola, o que converge com a citação sobre a Escola da Sociedade União Operária nos *Anuários da Instrução Pública de São Paulo*, pela primeira vez, como escola subvencionada⁶³, conforme observamos:

Relação dos estabelecimentos de ensino da capital e do interior, subvencionados pelo Estado, em 1912.

	ESTABELECIMENTOS	LOCALIDADES	SUBVENÇÃO
1	Abrigo Santa Maria	Capital	10:000\$000
2	Associação Feminina e Instructiva	>	30:000\$000
3	Asylo do Bom Pastor	>	12:000\$000
4	> de Orphans Desamparados de N. S. do Ypiranga.	>	14:000\$000
5	Casa da Divina Providencia	>	2:000\$000
6	Casa Pia de S. Vicente de Paula	>	6:000\$000
7	Centro Academico Onze de Agosto	>	3:000\$000
8	Escola de Commercio «A. Penteado»	>	25:000\$000
9	Escola de Meninas de S. Cecilia	>	3:000\$000
10	Escola Parochial de S. Cecilia	>	2:400\$000
11	Escola de S. José	>	3:000\$000
12	Escola de Surdos-Mudos	>	2:000\$000
13	Escola de Pharmacia	>	50:000\$000
14	Instituição da Sagrada Familia	>	3:600\$000
15	Lyceu de Artes e Officios.	>	100:000\$000
16	Lyceu do Sagrado Coração de Jesus.	>	36:000\$000
17	Loja Sete de Setembro	>	7:000\$000
18	Orphanato Christovam Colombo	>	35:000\$000
19	Orphanato Sant'Anna	>	3:000\$000
20	Colonia Regeneradora D. Romualdo.	>	10:000\$000
21	Associação Artistica e Literaria	Taubaté	7:000\$000
22	Centro dos Operarios Catholicos	>	2:000\$000
23	Collegio Diocesano.	>	8:000\$000
24	Externato S. José	>	6:000\$000
25	Associação Feminina Santista.	Santos	15:000\$000
26	Asylo da Infancia Desvalida	>	24:000\$000
27	Escola de Commercio	>	25:000\$000
28	Sociedade União Operaria.	>	3:000\$000

Imagem 47: ANUARIO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE SÃO PAULO, 1911 – 1912, p. 530. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/> acesso em outubro de 2018.

⁶³ Escolas subvencionadas são as de caráter privado, de caridade ou de internato sempre com a direção de terceiros e não do poder público.

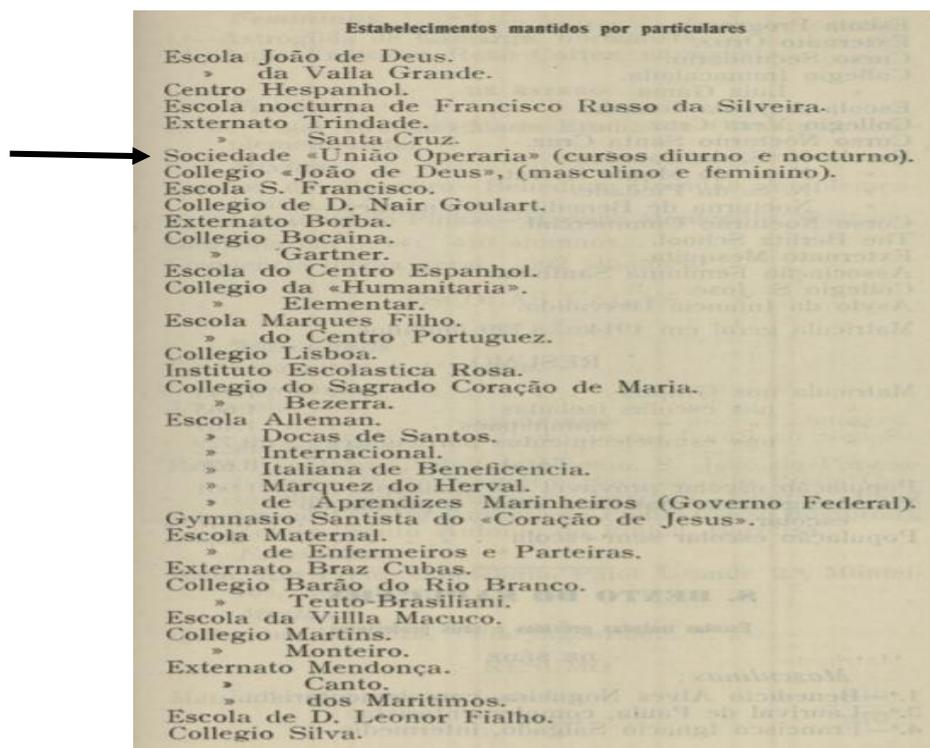


Imagem 48: ANUARIO DA INSTRUÇÃO PUBLICA DE SÃO PAULO, 1914, p. 427. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/> acesso em outubro de 2018.

É possível que a partir desse momento a Escola da Sociedade União Operária tenha passado a receber visitas da Inspeção de Instrução de São Paulo e ter sido acompanhada de perto para observação das condições pedagógicas e de infraestrutura, pois a partir do ano de 1911, a instituição consta na relação de escolas subvencionadas, portanto parte das estatísticas da instrução de São Paulo. É necessário reiterar que o acompanhamento das funções pedagógicas (inclui-se aqui atividades artísticas, como o grupo de teatro infantil mantido pela Escola da Sociedade União Operária) e vistoria nos prédios eram realizados como formalidade visto a liberdade que as escolas privadas e estrangeiras tinham. Observemos três recortes:

Nada justifica a incumbencia destas inspecções a inspectores escolares, pois os estabelecimentos de desta natureza, em regra, são simples instituições de caridade que se incumbem de educação e instrucção gratuita ou remunerada, sem interferencia directa da nossa repartição technica.

Não se pode considerar taes estabelecimentos como simples institutos de ensino, mesmo porque, em face da lei, não podemos interferir na sua administração ou organização pedagogica. Como simples estabelecimentos de caridade, e para effeitos do pagamento de uma subvenção que o Estado lhes dá, parece-me que essas casas deveriam ser visitadas por outros funcionarios que não as auctoridades technicas do ensino.

Imagem 49: ANNUARIO DA INSTRUCCÃO PUBLICA DE SÃO PAULO, 1908 – 1909, p. 28. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/> acesso em outubro de 2018.

ENSINO PARTICULAR

Sobre este importante assumpto, raporto-me ao que já tenho dito em meus relatorios anteriores. As escolas particulares, salvo raras excepções, por isso mesmo muito honrosas, não preenchem satisfactoriamente os seus fins. Os seus directores e professores não offerecem provas de sua capacidade moral e technica para o ensino; não installam suas escolas em predios com as condições hygienicas e pedagogicas exigidas; não estabelecem programmas e horarios, concórdes com a idade e as condições das crianças; não fornecem dados estatisticos nas épocas regulamentares.

Pelo que respeita ás escolas estrangeiras, em sua quasi totalidade não ha ensino da lingua nacional, de geographia e historia do Brazil, como prescreve uma lei existente sobre o assumpto.

Em regra, nessas escolas, nada ou pouco se ensina do que mais de perto interessa á nossa nacionalidade: tudo reveste o cunho estrangeiro.

E' por isso que nos relatorios, annualmente apresentados, tenho insistido sempre nesse ponto, lembrando a necessidade de uma lei, que estabeleça e exija, de modo claro e terminante, a obrigação de se nacionalizarem essas escolas, fazendo dos alumnos que as frequentam brasileiros, quer o sejam pela filiação, quer descendentes de estrangeiros.

Imagem 50: ANNUARIO DA INSTRUCCÃO PUBLICA DE SÃO PAULO, 1916, p. 12. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/> acesso em outubro de 2018.

14.—Festas escolares.

Uma outra causa perturbadora do ensino, são as festas de caracter mais ou menos theatral, com que muitos grupos escolares e algumas escolas isoladas encerram os trabalhos do anno lectivo.

Essas festas, de valor educativo muitissimo contestavel, perturbam extraordinariamente o ensino, por causa dos ensaios que exigem.

As creanças, no entusiasmo das festas em preparo, esquecem os preceitos disciplinares, abandonam os estudos e adquirem o habito pernicioso da vadiagem.

A escola deve ser alegre, deve ser festiva, para que a creança se sinta bem nella, mas, por certo, não será com a interpretação de comedias e revistas que tal intuito se conseguirá.

Taes as principaes causas perturbadoras do ensino, que procurei estudar desenvolvidamente em relatorios anteriores e dos quaes venho, no presente, trazer a V. Exc. um ligeiro resumo.

Imagem 51: ANNUARIO DA INSTRUCCÃO PUBLICA DE SÃO PAULO, Causas Perturbadoras, 1908 – 1909, p. 29. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/> acesso em outubro de 2018.

Os excertos falam por si. Não foram encontradas quaisquer menções acerca das práticas pedagógicas ou, ainda, observações negativas na escola o que corrobora práticas pedagógicas tradicionais de acordo com o esperado pela Instrução Pública, não havendo qualquer menção a aprendizados libertários, anarquistas ou que conotem aspectos políticos da época, nem em qualquer outra escola da cidade de Santos⁶⁴.

Parece-me que nesta cidade poderia ser criado um 4.º grupo escolar. Com relação ao ensino municipal, a Camara Municipal de Santos recebe com todas as honras a palma da victoria. E' a que maior numero de estabelecimentos tem fundado e mantido no Estado, embora com enorme sacrificio, como todos reconhecemos. Notemos que este esforço bemdicto em prol da grande causa da educação popular não data de pouco tempo, senão de 1874, com a fundação da escola masculina da Enseada da Bertioiga.

Notemos ainda que só com a Escola de Commercio "José Bonifacio", ella despense 29:800\$000, por anno. Notemos, ainda, que ella mantém uma inspectoría municipal com organização boa e propria, isto é, de accôrdo com as exigencias dos seus multiplos serviços, contando-se mais ou menos 50 professores municipaes.

Como vêdes, o ensino estadual, o municipal e o particular têm merecido os melhores cuidados no municipio de Santos, dando-se as mãos o Governo estadual, a Camara e a iniciativa particular.

Imagem 52: ANNUARIO DA INSTRUCCÃO PUBLICA DE SÃO PAULO, 1918, p. 827. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/> acesso em outubro de 2018.

⁶⁴ Escola do Commercio – Escola com cursos técnicos mantidos pela Sociedade Humanitária de Santos, subvencionada pelo estado e pela câmara da cidade.

A se julgar pelas normas da instituição, bem como pelas atas de reunião, o que se observou foram algumas orientações comportamentais aos alunos, tais como: “(...) é proibido bocejar, adormecer, deve-se manter hábitos salubres, alimentícios, banho, vestuário e cordialidade(...)” (LIVRO ATA DE REUNIÕES, p. 467 a 471, 1909). É possível notar os primeiros indícios sobre uma possível rigidez no que tange às condutas que os alunos deveriam apresentar nas dependências da Escola União Operária. Da mesma forma acerca do comportamento, observou-se em Atas de visita da Inspeção, livro guardado nas dependências da Escola, algumas observações do inspetor, como por exemplo: “escola com silêncio nos corredores”, “alunos devidamente uniformizados e asseados”, “cadernos organizados”, “rotina escolar com tempo demarcado para cada atividade”, “sala de aula com domínio do professor”, dentre outros comentários que se afastam completamente do ideário libertário, cujo protagonismo se assenta no aluno.

Embora a Sociedade União Operária, em seu discurso de inauguração corrobore pensamentos libertários, o que se percebe é um caráter educacional europeu clássico - talvez com uma ação mais progressista a se julgar pelas excursões realizadas, ou por cartas endereçadas à diretoria, escritas por membros do corpo docente, ou por não haver qualquer menção sobre ensino religioso. É sabido, por meio da análise das fotografias que os alunos, em momentos posteriores a essa pesquisa, realizavam estudos de campo. É possível construir ilações sobre as práticas pedagógicas que não confirmavam pensamentos difundidos pela diretoria, o que é bastante intrigante do ponto de vista da instituição mantenedora, pois esta compreendia a educação como alavanca para a formação do sujeito crítico. Apesar disso, a análise das Atas disponíveis sinaliza uma preocupação em “progredir” com a educação e deduz-se, que possivelmente, a diretoria não acompanhava a rotina escolar em seu aspecto pedagógico, exceto em casos de “insubordinação” dos alunos, conforme observaremos:

AULAS SOCIAIS

Ao entrar em exercício, a Diretoria voltou a sua atenção, com particular interesse e carinho para as aulas sociais. Pareceu-lhe desde logo, si não o mais importante, pelo menos um dos departamentos sociais mais importante. E, assim, todos os diretores, sem exclusão de um só, a meu pedido passaram a visitar quotidianamente, as diversas aulas em funcionamento, de manhã á tarde e de noite, observando minuciosamente o seu andamento e as suas necessidades, de que resultou em conjunto um estudo mais ou menos perfeito, de tudo foi feito e ha mister fazer. Algumas modificações, bem pequenas, já

foram introduzidas no nosso regime escolar, mas no próximo ano se quiser completar a obra iniciada, a Diretoria nova terá que fazer então uma reforma radical de maneira a torna-lo em harmonia com o progresso atingido pela pedagogia de nosso tempo. Prevemos ás escolas da Sociedade União Operária um lugar de grande destaque entre os estabelecimentos de ensino no nosso Estado. Por isso está reservada ás futuras administrações uma tarefa por demais nobre, se si quiser ocupar do assunto com om esforço e a dedicação que êle merece. Deu-se em 2 de fevereiro do ano findado a abertura das aulas sociais com o número de 356 alunos, sendo: 209 meninos e 147 meninas; 32 filhos de não sócios e 20 filhos de viúvas pobres (SOCIEDADE UNIÃO OPERÁRIA, RELATÓRIO ANUAL 1931 / 1932. Tipografia Carvalho, 1932, p. 8).

No que tange o aspecto das práticas pedagógicas, pouco se sabe e pode ser analisado, dadas as dificuldades e negativas de acesso ao acervo da Sociedade União Operária. Não foram encontrados registros dos professores que possam comprovar a efetiva prática (e, portanto, nos possibilitam apenas supor que tipo de práticas eram realizadas), exceto pelo livro de chamada, para que pudéssemos cotejar pensamentos políticos por meio de suas práticas. Do corpo docente que trabalhou na instituição, alguns professores se destacaram: Isaura Neto, Sergio dos Santos, Rosalina Di Renzo Mazzoti, Luiz Di Renzo e Alcides Luiz Alves. O livro de registro dos professores que atuaram na Escola da SUO do qual tivemos acesso, foi aberto no ano de 1940, sob a responsabilidade do advogado e chefe de delegacia do trabalho Sr. Pedro (não foi possível identificar o sobrenome por meio de sua assinatura, nem em qualquer outro documento pesquisado), conforme observamos:



Imagem 53: Livro de registro de funcionários, 1940. Acervo da Escola Modelo.

MODELO N.º 1

NOME *Sociedade União Operária*
 REGISTRO DE EMPREGADO N.º *140189* Série *32*



NOME *Heraklira Dorenzio Mazzoti*
 FILIAÇÃO Pai *Luiz Dorenzio*
 Mãe *Algina Sales Dorenzio*
 IDADE *36 anos* Data do nascimento *5 de Junho de 1904*
 Lugar do nascimento *Santos - Est. S. Paulo*
 Nacionalidade *Brasileira* Equiparado ou Naturalizado
 RESIDENCIA *Rua Dray Cutas n.º 201*
 Data de admissão ao serviço *20 de Junho de 1920*
 Categoria e ocupação habitual *Professora*
 Salário *410.000* Forma de pagamento *mensal*
 Nome dos beneficiários *Vitória Luiza Angelina e*
Beata Mazzoti (filhas)
 Data */ /*
 Assinatura do Empregado *Heraklira Dorenzio Mazzoti*
 Data da dispensa *16 de 2 de 56*

MODELO N.º 1

NOME *Sociedade União Operária*
 REGISTRO DE EMPREGADO N.º *140189* Série *348*



NOME *Clotilde de Campos Cunha*
 FILIAÇÃO Pai *Benedicto Lopes Cunha*
 Mãe *Amelia de Campos Cunha*
 IDADE *29 anos* Data do nascimento *23 de Março de 1911*
 Lugar do nascimento *Santos - Est. S. Paulo*
 Nacionalidade *Brasileira* Equiparado ou Naturalizado
 RESIDENCIA *Rua São Francisco n.º 376*
 Data de admissão ao serviço *12 de Fevereiro de 1924*
 Categoria e ocupação habitual *Professora (falecida)*
 Salário *200.000* Forma de pagamento *mensal*
 Nome dos beneficiários *Antonio Lopes Cunha*
 Data */ /*
 Assinatura do Empregado *Clotilde de Campos Cunha*
 Data da dispensa *2 de maio de 1945*

Imagens 54 e 55: Livro de Registro de Empregados. Acervo da Sociedade União Operária, sem ano, p. 1 e 2.

MODELO N.º 1

NOME *Sociedade União Operária*
 REGISTRO DE EMPREGADO N.º *140189* Série *319*



NOME *Julia Pinto de Oliveira*
 FILIAÇÃO Pai *Alexandre Pinto de Oliveira*
 Mãe *Laura Pinto de Oliveira*
 IDADE *28 anos* Data do nascimento *22 de Julho de 1912*
 Lugar do nascimento *Santos - Est. S. Paulo*
 Nacionalidade *Brasileira* Equiparado ou Naturalizado
 RESIDENCIA *Rua Henrique Rocha n.º 37*
 Data de admissão ao serviço *2 de Fevereiro de 1928*
 Categoria e ocupação habitual *Professora*
 Salário *200.000* Forma de pagamento *mensal*
 Nome dos beneficiários
 Data */ /*
 Assinatura do Empregado *Julia Pinto de Oliveira*
 Data da dispensa *16 de 10 de 1942*

MODELO N.º 1

NOME *Sociedade União Operária*
 REGISTRO DE EMPREGADO N.º *140189* Série *342*



NOME *Sergio dos Santos*
 FILIAÇÃO Pai *Valentim José dos Santos*
 Mãe *Margarida Francisca dos Santos*
 IDADE *45 anos* Data do nascimento *3 de Abril de 1895*
 Lugar do nascimento *Itajaí - Est. S. Catarina*
 Nacionalidade *Brasileiro* Equiparado ou Naturalizado
 RESIDENCIA *Rua João Ramalho n.º 124 - S. Vicente*
 Data de admissão ao serviço *2 de Maio de 1928*
 Categoria e ocupação habitual *Professor*
 Salário *200.000* Forma de pagamento *mensal*
 Nome dos beneficiários *Carmelinda Fernandes dos Santos*
Zenaida Julia Maria e Ricardo filhos
 Data */ /*
 Assinatura do Empregado *Sergio dos Santos*
 Data da dispensa *31 de março de 49*

Imagens 56 e 57: Livro de Registro de Empregados. Acervo da Sociedade União Operária, sem ano, p. 3 e 2.

MODELO N.º 1

NOME *Sociedade União Operária*

REGISTRO DE EMPREGADO N.º _____ N.º da Carteira Profissional *466374 Série 34*



NOME *Silveiro Gonçalves*

FILIAÇÃO | Pai *Manoel Gonçalves*
Mãe *Estelita Boges*

IDADE *62 anos* Data do nascimento *6 de Junho de 1878*

Lugar do nascimento *Ilhas de Boiss*

Nacionalidade *Portuguesa* Equiparado ou Naturalizado _____

RESIDENCIA *Rua Saturnino de Brito n.º 115*

Data de admissão ao serviço *4 de Agosto de 1928*

Categoria e ocupação habitual *Gelador (falecido em 16/2/43)*

Salário *250x.000* Forma de pagamento *mensal*

Nome dos beneficiários _____

Data _____

Assinatura do Empregado *Silveiro Gonçalves*

Data da dispensa de _____ de _____

MODELO N.º 1

NOME *Sociedade União Operária*

REGISTRO DE EMPREGADO N.º _____ N.º da Carteira Profissional *466237 Série 34*



NOME *Izaura Netto*

FILIAÇÃO | Pai *Manoel Francisco Netto*
Mãe *Luiza Fernandes Netto*

IDADE *22 anos* Data do nascimento *10 de Março de 1918*

Lugar do nascimento *Santos - Est. S. Paulo*

Nacionalidade *Brasileira* Equiparado ou Naturalizado _____

RESIDENCIA *Rua Luiza Manoel n.º 150*

Data de admissão ao serviço *1 de Fevereiro de 1939*

Categoria e ocupação habitual *Professora*

Salário *200x.000* Forma de pagamento *mensal*

Nome dos beneficiários _____

Data _____

Assinatura do Empregado *Izaura Netto*

Data da dispensa de _____ de _____

Imagens 58 e 59: Livro de Registro de Empregados. Acervo da Sociedade União Operária, sem ano, p. 5 e 6.⁶⁵

As fichas cadastrais aqui apresentadas sugerem discrepâncias. Mas, antes, é preciso salientar que não foram encontrados, daquilo que se pode ser acessado, quaisquer documentos que vincule a Escola da Sociedade União Operária, enquanto instituição de trabalho, com professores (exceto pelo livro de chamadas da sala de aula) ou trabalhadores do suporte (equipe de limpeza, porteiro e secretaria) e que os registros aqui apresentados e analisados foram escolhidos não de maneira aleatória, mas sim, com algumas pontuações a serem consideradas devido à impossibilidade de aprofundar a análise, e também pelo fato de alguns professores serem trabalhadores da instituição durante o período estudado. Um aspecto que chamou atenção diz respeito aos registros terem sido realizados em livro específico a partir de 1940, sob a observação do Delegado Regional do Trabalho, o que possivelmente nos leva a crer que tais cadastros foram realizados após a obrigatoriedade que se deu nesse período, fruto direto da Legislação Trabalhista recém implementada pelo governo Vargas.

⁶⁵ Fichas cadastrais de admissão dos funcionários da Escola da Sociedade União Operária, 1940. Disponível no Livro de Registros, 1940.

Outro ponto que corrobora essa possibilidade é o fato de os registros terem sido feitos apenas para os trabalhadores que estavam no exercício das funções desde antes da abertura deste livro de registros e seguirem folha a folha uma ordem cronológica de admissão. As fichas de números 1 e 2, das professoras Rosalina Derenzio e Clotilde de Campos Cunha (respectivamente) nos chamam a atenção devido à idade em que ambas foram admitidas para a função de professora (dezesseis anos e treze anos, respectivamente), portanto pode-se supor que iniciaram a profissão sem a formação de “normalista”. Os professores do sexo masculino tinham idade superior a vinte e cinco anos, o que provavelmente nos leva a crer que possuíam formação mais ampla e maior vivência das práticas pedagógicas, mas não necessariamente práticas libertárias.

Outro aspecto que nos chamou a atenção diz respeito aos salários pagos de forma mensal e com valores diferentes, para a mesma função realizada. Uma clara discrepância entre os gêneros. Exemplo excepcional é o da professora Rosalina Derenzio, que segundo o livro de registros mantém vínculos trabalhistas há mais tempo (diferença de quatro anos), tem o dobro do salário dos demais professores. Não sabemos ao que se deve essa discrepância, se devido à carga horária de trabalho⁶⁶ ou à diferença de tempo de admissão. Nesse aspecto é possível afirmar que durante o período analisado todos os professores tinham as mesmas atribuições visto a escola ter o ensino primário, e de formação como corte e costura e desenho. Não havia professoras que trabalhassem à noite (isso pode ser verificado por meio dos livros de chamada), pois não era permitido para as mulheres, o que também não justifica essa diferença salarial.

Por fim, um último aspecto no mínimo intrigante, diz respeito ao zelador da Escola de origem hispânica, com salário superior a alguns professores. O mesmo não apresenta vínculos parentais, não se sabe o porquê de sua chegada ao país, porque havia ausência de vínculos de qualquer natureza familiar, nem tão pouco informações sobre sua carga horária de trabalho, que desse conta de responder porque recebia uma remuneração maior.

No que diz respeito aos professores há de se destacar a atuação e as contribuições específicas do professor Alcides Luiz Alves. Segundo apontamentos de arquivos pessoais compilados por Maria Aparecida Franco Pereira, o professor Alcides Luiz lecionava na Sociedade União Operária, desde o ano de 1908, na seção masculina, sendo sua licenciatura realizada na Faculdade de Letras de Lausanne (Suíça) no período em que se difundiram os

⁶⁶ No ano de 1940, o salário mínimo foi instituído sob o valor de \$240,0 Mil Réis para o trabalhador de carga horária de 8 horas diárias, sob o Decreto Lei nº 2.162 de 1º de Maio de 1940. Fonte: Arquivos da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2162-1-maio-1940-412194-publicacaooriginal-1-pe.html> acesso em julho de 2020.

ideais do Movimento Escolanovista.⁶⁷ Segundo Franco, textos e cartas encontrados nos arquivos da SUO mostram que o embasamento teórico referido pelo professor, sugere clara proximidade com o positivismo⁶⁸ sobretudo aquilo que se refere à Infância. Portanto, leva-se a crer que suas tendências pedagógicas eram diferenciadas dentro da instituição em análise. Além da Escola Sociedade União Operária, o professor Alcides Luiz Alves lecionou em instituições importantes para a cidade de Santos como o Liceu Feminino Santista, a Academia do Comércio e na Escola de Enfermeiras e Parteiras da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Santos.

Dentre as preocupações relacionadas com o progresso dos alunos, uma se referia a “retirada do elemento feminino da inércia”. Em análise dos livros de matrículas que nos foi disponibilizado percebeu-se que são muitas as mulheres chefes de família, cujo sustento não dependia de um homem. Em carta endereçada à Diretoria da Sociedade União Operária, o professor Alcides Alves propõe alterações no ensino destinado à seção feminina, tendo a mesma a necessidade de se equiparar à seção de ensino masculina, desde que “não se colocasse em risco a feminilidade e a missão da mulher” (FRANCO, 2009. p. 71). Suas ideias confirmavam pensamentos avançados ao que diz respeito à educação feminina, mas das modificações sugeridas nada poderia ser de fato enquadrado como efetivamente inovador. Dentre aquilo que foi recomendado, para o âmbito a que se propõe essa pesquisa, os aspectos a seguir chamaram bastante atenção, visto serem o oposto daquilo que se entende por educação diante do que a Sociedade União Operária difunde por meio de suas atividades de apoio. Em arquivo, pasta de correspondências da Sociedade União Operária, datada de 26 de dezembro de 1910, encontra-se uma carta redigida pelo professor Alcides Luiz, acerca das modificações sugeridas para o ensino daquele estabelecimento, sugerindo que os alunos (homens e mulheres) pudessem se preparar para viver em sociedade. Nessas modificações foi perceptível a atuação em três blocos: Modificação curricular, Instrução das Mulheres e Disciplina Escolar. No âmbito das modificações escolares, pouco foi proposto no que diz respeito à estrutura curricular, exceto pela elaboração de um novo currículo para os alunos das salas mais avançadas, pois, em um mesmo espaço de aprendizagem existiam alunos com diferentes estágios de conhecimento.

Essa alteração tornaria mais eficaz a aprovação dos exames de suficiência para ingressar na Academia do Comercio e no Liceu Feminino Santista. Alcides Alves sugere, também, a

⁶⁷ Adjetivo atribuído ao Movimento Escola Nova iniciado e difundido primeiramente na Europa, na segunda metade do século XIX por meio da Pedagogia Científica e Experimental, ou seja, pelo conhecimento proveniente de fatos e não de dogmas religiosos ou política. (CAMBI, Franco. 1999, p. 498).

⁶⁸ Conjunto de valores propugnado pelo filósofo Augusto Comte cujo pilar se dava pelo culto à ciência. Fonte: ARAÚJO, Felipe. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/ideologia-positivista/> acesso em julho de 2020.

inserção de ensino de “cálculos mentais, linguística, história e geografia da pátria”. A preocupação com a seção feminina era uma constante, pois as mulheres começaram a tomar espaço no mercado de trabalho. Observemos parte da correspondência remetida à Diretoria da Sociedade União Operária, no que diz respeito à modificação curricular:

“(…) eu, com vagar, farei uma combinação das matérias que eu tenho aqui o prazer de ensinar com as que o exame de sufficiencia requer. É muito simples o programa pauta tal fim. Pede elle (...) elementos da língua portuguesa, arithimetica té (sic) frações decimaes e um pouco de metrologia, as principais phases porque tem passado o nosso país e finalmente a nomenclatura geographica, Estado e suas capitaes, do Brasil. A História Pátria dou-a exclusivamente aos que já possam por ella se interessar, pois que sendo árida, devido ás datas e ao grande número de personagens que nella figuram, é um péssimo fardo para o cérebro de todo ainda não desenvolvidos e igualmente o faço em *Cosmographia*⁶⁹, Aritmética Progressiva, Elementos de Álgebra, Geometria e Geologia, sciencias de estudo secundário. Restam-me ministrar Francês e História Natural(...) eu neste ano, dei início ao estudo da História dos Povos, por experiência, e satisfêz-me de sobejo o seu resultado. Vi que com o seu conhecimento os alumnos intellectualmente mais se desenvolveram, baseando-me eu nas composições que semanalmente me apresentavam” (ALVES, 1910, fls. 5 e 6. APUD, FRANCO, 2009, p. 70).

Com relação ao conceito de Histórias do Povos, podemos subentender, devido à escassez de materiais, que o ensino dessa natureza despertava interesse dos alunos incentivando as raízes familiares, por se tratarem de imigrantes ou filhos de imigrantes. No entanto, não é possível afirmar, apenas sugerir. Daquilo que se refere à instrução feminina, como já mencionado, o livro de matrículas aponta para a grande quantidade de mulheres chefes de família, solteiras ou viúvas. Portanto, segundo Alcides Luiz, a mulher precisava garantir seu espaço no mercado de trabalho e isso se daria pela educação. Para isso, bastavam “dois dedos de sciencia e outro tanto de arte de bem falar e escrever, um pouco de música, para que pudessem transitar em locais de sociabilidade (ficam ellas eternamente sem acção, sem energias, receosas de qualquer infortúnio, dependentes do HOMEM” (ALVES, 1910, fl.3,

⁶⁹ Ciência utilizada para estudo dos planetas, das estrelas, dos cometas, corpos celestes e planetas. Seu início se deu a partir do Séc. XII, pelos monges e perdurou até metade do Século XX, quando passou a fazer uso de uma nova nomenclatura, a “Cosmografia Geográfica”. Disponível em: <http://www.relea.ufscar.br/index.php/relea/article/view/15> acesso em julho de 2020.

APUD, FRANCO, 2009). A discutida coeducação entre os sexos, se dava pelo convívio regular entre meninos e meninas que, segundo o professor Alcides, possibilitava aos meninos desenvolverem bons comportamento e pensamento, bem como controlar suas emoções.

Para as mulheres solteiras e viúvas de classe média cujos parentes não podiam oferecer ajuda econômica, o acesso a bons empregos era também considerado especialmente importante para protegê-las da fome, da queda na prostituição ou de ter que aceitar uma proposta de casamento indesejável. O argumento da necessidade econômica era tão bem aceito socialmente que muitas mulheres o utilizaram para explicar sua participação na força de trabalho quando podia não ter sido esse o fator decisivo. (BESSE. KENT, 1999, 147-148. APUD, FRANCO 2009).

Por fim, o professor Alcides Luiz Alves, relata sobre os problemas de insubordinação, serem frutos de salas de aula lotadas. No livro de ocorrências, ano de 1904, há o registro de três alunos que dormiram em sala de aula (sala de aula com funcionamento noturno).⁷⁰ Em suas pesquisas, Franco afirma que segundo professor Alcides, “a escola tem o dever segundo os seus Estatutos, de atender aos seus associados, aos operários e seus filhos”. Ele lembra, porém, que “a escola não é uma instituição corretiva de jovens indisciplinados e, portanto, sugere que os alunos sejam selecionados a partir do prévio conhecimento de seus precedentes. É o único meio de estarmos afastados de elementos nocivos, inúteis, péssimos” (FRANCO, 2009,72). Diante disso, sugere-se que a escola enfrentava problemas de cunho comportamental dos alunos, daquilo que “socialmente” se espera dentro de uma escola. Ainda sobre a insubordinação, foram mencionados castigos como “ficar de pé” para que o aluno não dormisse na sala. Mediante os recorrentes fatos sobre indisciplinas, o professor Alcides Luiz Alves sugere que a escola, em parceria com os pais poderiam “amainar” a maneira comportamental do aluno. Sabendo que a Escola da Sociedade União Operária possui alunado com condições financeiras mais simples, pondera que:

“Todo homem plebeu ou de nobre estirpe tem que conhecer os deveres sociais, o modo de ser affavel para com seu próximo, si quizer captar sympathias e agradavel o meio que vive. O operário é um cavalheiro de blusa, sempre

⁷⁰ Os adolescentes que estudavam no período noturno, possivelmente exerciam atividades de trabalho durante o período diurno.

obsequioso, a cada passo, e as crianças respeitam os anciãos e os infelizes”
(ALVES, ALCIDES LUIZ, 1910, fls. 7 e 8. APUD, FRANCO, 2009, p. 73).

Diante do que foi exposto sobre as solicitações acerca de medidas punitivas para os alunos, é possível confrontar as ideias constituintes da obra “A face oculta da Escola”, em que Fernandez discorre sobre como a escola age de maneira a domar o caráter dos alunos e manter o aspecto vigilante de modo a promover ordem nas salas de aula numa organização metódica com estudantes subordinados à hierarquia docente. É possível, também, pensar em práticas escolares que de fato não correspondiam às intenções de emancipação, na medida em que eram adotadas ações de segregação, classificação e coibição além de festejos escolares voltados à consagração de ações do Estado numa atitude nacionalista, além de presentear alunos com imagens de Santa Therezinha. Ações dessa natureza nos levam a crer que embora não tivesse havido o ensino religioso como disciplina a ser cursada, o catolicismo possivelmente fazia parte das práticas de alguns professores da Escola da Sociedade União Operária.

Sob o ponto de vista de uma narrativa historiográfica reconstruir as contribuições escolares da Sociedade União Operária é um desafio, visto a escassa fonte de pesquisa e a incógnita sobre o que de fato existe de documentação disponível sob a guarda da Escola Modelo. No entanto, é possível estabelecer umnexo causal mediante os escritos analisados, ainda que não em sua totalidade. Infelizmente, nesse mapeamento das ações e contribuições pedagógicas da Escola da Sociedade União Operária são impostas rupturas. Ainda assim, é possível construir uma narrativa acerca da educação propugnada por esta escola.

Em análise aos livros de chamada observou-se grande contingente de matrículas, com elevado número de alunos por sala, o que provavelmente, contribuía para a indisciplina conforme escritos mencionados do professor Alcides Luiz Alves, em cartas encaminhadas à diretoria da SUO, das quais sugere desdobramento da turma.

“A classe, porém, que terá de seguir essas matérias não deve attingir a 50 alumnos. Compreendem os senhores não ser possível assumir sem gastos de forças do organismo, a responsabilidade do preparo de um forte número de educandos. Fica o serviço mal feito, e a cada passo o desanimo acompanha não somente quem aprende como a quem ensina. Foi o que muitas vês commigo succedeu, dès que me incumbiram de chefiar a secção masculina”
(ALVES, ALCIDES LUIZ, 1910, fls. 6. APUD, FRANCO, 2009, p. 73).

Das listas de chamadas observadas, também se destaca que nenhuma turma era composta por menos de 30 alunos, tendo, por vezes, cinquenta alunos matriculados em uma determinada turma (normalmente dos cursos masculinos noturnos), corroborando solicitações realizadas pelo professor Alcides Luiz. Talvez, pelo não atendimento às suas solicitações o mesmo tenha requerido desligamento da Escola Sociedade União Operária, visto as boas relações que ele mantinha com a direção da sociedade, pois em seus escritos demonstrava que também era acometido por desânimo em lecionar devido às dificuldades encontradas pelo grande número de alunos por turma. Ainda sobre os livros de matrículas, também foi possível verificar a idade dos alunos, assim como filiação, ocupação dos responsáveis e local de residência, corroborando atendimento às famílias dos trabalhadores, conforme princípios da SUO.

O Professor Rafael Improta Chamada dos alunos

Escola União Operária
do _____ ano da seção _____
Mes de Setembro _____
de 1922

N.º de matrícula	N.º de série	NOMES	Dias do mês																												SOMMA		Mês de matrícula	Desemprego	Alfabetizado	Emprego	Filiação	Morar livre	Moradia	OBSERVAÇÕES
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30								
48	1	José Francisco Brito	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	1	6	15					
34	2	Fernando da Costa	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	2	1	30					
39	3	Jayme Ferreira	f	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	3	Domingo						
32	4	Manoel Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	4	1	30					
91	5	Antônio da Silva	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	5	4	12					
37	6	Manoel da Silva	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	6	2	29					
23	7	Jordi Correia	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	7							
62	8	Antônio Toledo	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	8							
38	9	José da Silva	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	9							
52	10	José F. F. F.	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	10	Domingo						
41	11	Antônio Durongui	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	11	7	19					
34	12	Manoel da Costa	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	12	3	18					
5	13	Manoel Durongui	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	13	4	21					
57	14	Manoel Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	14	2	11					
78	15	Antônio Francisco	f	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	15	1	30					
17	16	Antônio Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	16	4	12					
50	17	Antônio Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	17	Domingo						
16	18	Antônio Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	18	3	18					
48	19	José F. F. F.	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	19	2	28					
89	20	José Maria	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	20	1	18					
80	21	Manoel Rodrigues	f	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	21	2	19					
69	22	Antônio Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	22	2	19					
113	23	Antônio Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	23	1	14					
1	24	Antônio Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	24	Domingo						
30	25	Antônio Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	25	4	11					
92	26	Antônio Rodrigues	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	26	4	12					
102	27	Antônio Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	27	7	24					
116	28	Antônio Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	28	4	12					
118	29	Antônio Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	29	5	16					
136	30	Antônio Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	30	8	23					
7	31	Antônio Rodrigues	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	e	31							

Imagem 60: Livro de chamada do Professor Rafael Improta, ano de 1922, folha 17, Escola União Operária.

Acervo da Escola Modelo. Acesso em novembro de 2020.

presidente da Sociedade União Operária, não devo, pois, deixar de declarar que me sinto satisfeito com o trabalho dos professores e professoras, cuja dedicação aos seus deveres me foi grato testemunhar” (JOSÉ DOS SANTOS SOBRINHO Presidente da Sociedade União Operária, 1931. Apud FRANCO, 2009, p. 74.)

Acta 15/11/31

nos quinze dias do mês de Dezembro de mil novecentos e trinta e um, com a presença de professoras e professores, alumnos de todas as escolas sociais e respectivas famílias e socios, effectou-se, ás 9,30 horas, na sede social, á Praça José Bonifácio, 64, a sessão de encerramento das aulas, sob a presidencia do sr. José dos Santos Sobrinho, ladeados por todos os compauheiros de Directoria e membros do Conselho, sendo distribuidos premios aos alumnos que mais se distinguiram nos estudos e exames, conforme discriminações infra:

Belauro Rodrigues, 1 medalha de ouro, offerta desta Sociedade;

Hilda Valle Fernandes, 1 relógio de ouro, offerta de Arthur Alves Firmino.

Agnes Felix, uma lajeira de ouro, offerta de Arthur Alves Firmino.

Zeus Gueiros Aularal, 1 imagem S. Theresinha, offerta de Eufrosina Moreira.

Lucilia de Cesari, 1 "abat-jour", offerta de Domingos Muijas.

Piedade Var, 1 jogo de paciencia, offerta de Clarice A. Martins.

Otilia Cruz Carvalho, uma medalha de ouro, offerta da "A Tribuna".

Aurora Nascimento, 1 estojo completo, offerta de Indalecio Alves.

Brasilina de Paula, 1 estojo completo, offerta de José dos Santos Sobrinho.

Feliciana dos Santos, 1 imagem de S. Theresinha,

offerta de Miguel Alvaro Rodrigues.

Eudes do Carmo, 1 livro, offerta de Ruyaldo Rubiro.

Maria J. Lourenço, 1 boneca, offerta de Jyque Diniz.

Inaciana Figueiredo, 1 livro de missa, offerta da S.A. Amareira Santista.

Helena Mesquita, 1 estojo completo, offerta de Antonio Berto de Amorim.

Albertina de Sousa, 1 imagem de S. Theresinha, offerta de Miguel Alvaro Rodrigues.

Marbeto Parada, 1 caneta tinteira, offerta de Elida Pereira de Carvalho.

Alfredo Laurence, 1 caneta tinteira, offerta de Indalecio Alves.

Braulio Gallo, 1 livro, offerta de Eduardo E. Vahia de Alben.

Jose Peres, 1 tinteiro, offerta de Miguel Alvaro Rodrigues.

Luis Ferreira, uma biblia, offerta de Antonio Rodrigues Fernandes.

Augusto Duarte, um relógio pulseira, offerta de Luiz Jeronimo.

Roberto Hollande Pereira, um livro de contos, offerta de Pedro Mazzoli.

Wilson Fernandes, um livro de contos, offerta de Arlino Magalhães.

Eustodio de Souza, um livro historico, offerta de Eduardo E. Vahia de Alben.

Carlos Martins, uma caixa com estojo, offerta de José da Costa.

Jose Augusto, um livro de contos, offerta

Imagens 62 e 63: Livro de ata da sessão de encerramento de ano letivo da Escola Sociedade União Operária, 1931, p. 1 -2. Acervo da Escola Modelo. Acesso em novembro de 2020.

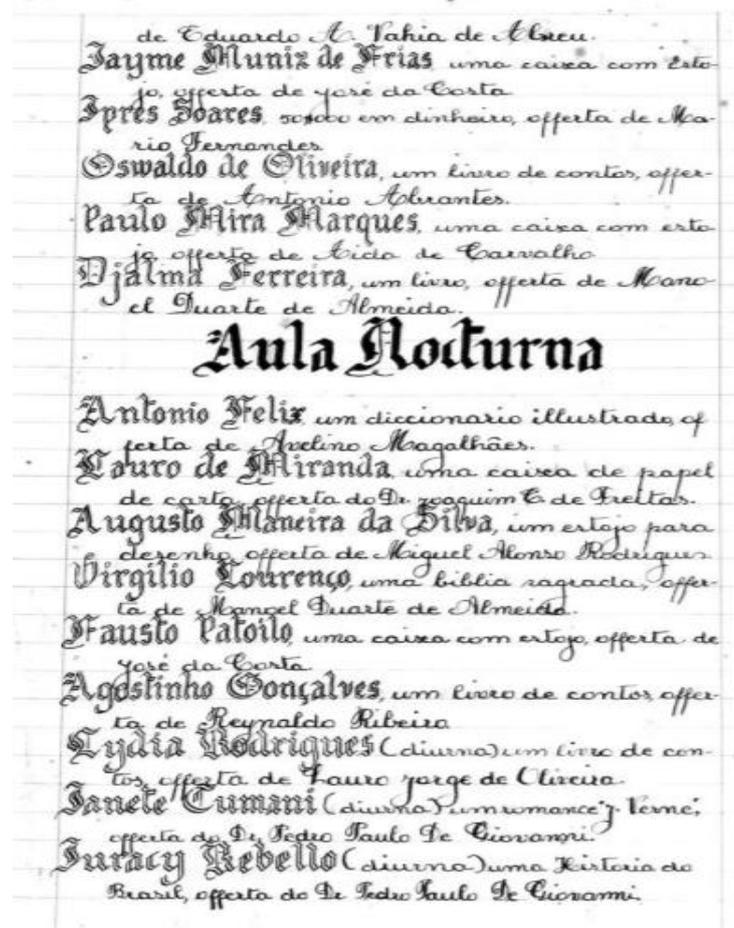


Imagem 64: Livro de ata da sessão de encerramento de ano letivo da Escola Sociedade União Operária, 1931, 3. Acervo da Escola Modelo. Acesso em novembro de 2020.

Distribuição de premios

Antes de encerrarmos as aulas, a Diretoria oficiou a varios consocios, amigos da Sociedade, solicitando premios, para serem distribuidos aos alunos que mais se distinguissem nos exames.

E, assim, foram coroadas de exito as solicitações feitas, enviando premios para a devida distribuição, os seguintes associados;

José dos Santos Sobrinho	
Um estojo completo	15\$000
Antonio R. Fernandes	
Uma Biblia Sagrada	15\$000
	30\$000
	A transportar

Imagem 65: Relatório da Sociedade União Operária, 1931, p. 21. Acervo da Escola Modelo.

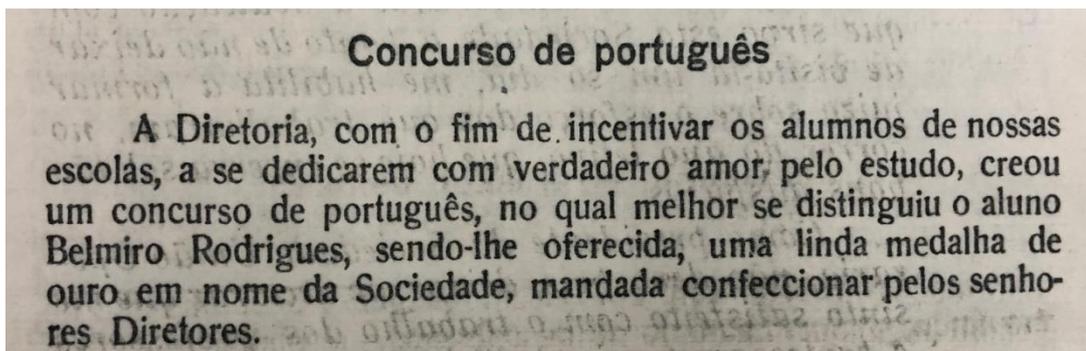


Imagem 66: Relatório da Sociedade União Operária, 1931, p. 10. Acervo da Escola Modelo.

Os excertos destacados acima, refletem as práticas de festividades pedagógicas, premiações mediante desempenho, coibições, suspensões escolares, práticas classificatórias de exames e concursos, todas ações adotadas pela Escola Sociedade União Operária. Mesmo diante da dificuldade de comprovação, pode-se supor que a Escola da SUO tinha uma atuação própria, no que diz respeito às práticas e percursos pedagógicos, muito embora com relação aos preceitos de sua mantenedora, haja uma dicotomia diante das ações concebidas pelo pensamento libertário de Joseph Pierre Proudhon, uma das fontes de inspiração da SUO. Os exames classificatórios eram tarefas de relevância para a escola, de modo a serem publicados em jornais como sinaliza o destaque abaixo:

Pela instrução – Sociedade União Operária

Nos concursos realizados nas aulas desta Sociedade no mez de abril p. passado foram classificados os seguintes alumnos, em primeiro e segundo logares:

Aulas do sexo masculino:

Curso diurno – 4ºano: Rozendo Alonso e Docindo Fernandes; 3ºano: Antonio Mathias e Celso Pereira de Andrade; 2ºano: Fernando Mathias e Eduardo Zanetto. Rudimentos de ensino: 1ªsecção: Americo Ferreira e Manuel R. da Silva; 2ª secção: Patrício V. Soares e Pedro Soares de Alcântara; 3ªsecção: Nero Darenzi e Jesus Covas Peres: Curso Noturno: Antonio Benavides e Manuel Ruas Peres;

Aulas do sexo feminino:

3ºano A: Carolina Ferreira e Adelaine dos Santos; 2ºano B: Maria Gatto e Maria Simões; 2ºano A: Herminia Caruso e Thereza da Silva; 1ºano B: Julieta Miranda e Laura Guimarães; 1ºano A: Alberto Rodrigues e Isaura Miguel. Rudimentos de ensino: 1ªsecção: Clara de Jesus e Idalina Ferreira;

2ªsecção: Candida de Jesus e Albertina Amara; 3ªsecção: Maria Alcantara e Carlota Ferreira Lima (A TRIBUNA, 21/05/1920, p. 2).

Pela instrução – Sociedade União Operária

Nos concursos realizados nas escolas desta cidade, no mez de maio p. passado, foram classificados os seguintes alumnos, em 1º e 2º logares, respectivamente:

Aulas do sexo masculino:

4ºano: Docindo Fernandes e Rosendo A. Soares; 3ºano: Antonio Mathias e Norberto Cabral; 2ºano B: Luciano L. Praça, Americo Quaresma e Manuel Peres; 2ºano A: Eduardo Zanetto e Fernando Mathias. Rudimentos de ensino: 1ªsecção – Naylor de Oliveira e Americo Ferreira; 2ªsecção: Patricio Valente Soares e Manuel R. da Silva; 3ªsecção: Indio Corrêa e João Rodrigues.

Aulas do sexo feminino:

3ºano A: Coralina Ferreira e Maria Jardim; 2ºano B: Elvira Nunes e Maria Simões; 2ºano A: Elvira Pereira e Hilda Rodrigues; 1ºano B: Emilia Caetano e Julieta Miranda; 1ºano A: Alberta Rodrigues e Luiza Nunes. Rudimentos de ensino: 1ª secção: Clara de Jesus e Abigail Gomes; 2ª secção: Cândida de Jesus e Albertina Amaral; 3ª secção: Leozinda Alcantara e Carlota Ferreira Lima. (A TRIBUNA, 11/06/1920, p. 4).

Em consonância com o teor deste trecho, outra dicotomia refere-se aos prêmios concedidos aos alunos que se destacavam. Foram observadas doações de vencedores que ofereceram “Imagem de Santa Therezinha”⁷¹, “Bíblias” e “Livro de Missa”. Sobre este rol de beneficiados, um aspecto que nos chamou atenção corresponde às turmas que receberam as ofertas, todas do período diurno e, portanto, alunos em idade escolar (crianças) e possivelmente não aqueles que estavam em trabalho, de acordo com análise das listas de matrícula (tomando como ponto referencial a idade). Por outro lado, se levarmos em consideração o que se entende por “idade escolar”, compreenderemos que se trata de crianças que também poderiam estar trabalhando, mas não que não eram adultos. O que se percebe, por meio dos apontamentos das atas de reunião, bem como das disciplinas ministradas é o esmero no preparo para o ingresso

⁷¹ Nascida em Alençon, na França, em 1873 e faleceu em 1897. Filha de pais humildes e devotos, viveu de maneira modesta. Ingressou no Mosteiro das Carmelitas aos quinze anos sob a autorização do Papa Leão XIII. Faleceu aos vinte e quatro anos, de tuberculose. Seus escritos foram publicados após seu falecimento, sendo o mais conhecido “Histórias de uma Alma”. Beatificada em 1923, canonizada em 1925 sob o título “Patrona Universal das Missões Católicas”, e por meio de proclamação do Papa João Paulo II, em 1997 passa a ser “Doutora da Igreja”. Disponível em: <https://santo.cancaonova.com/santo/santa-teresinha-do-menino-jesus-intercessora-dos-missionarios/> acesso em agosto de 2020.

nos cursos profissionalizantes da Escola do Comercio. Esse trabalho sistemático de preparo para o ensino técnico choca-se com as premissas educacionais básicas elencadas por Bakunin, ao defender que “(...) enquanto houver dois ou mais tipos de ensino para as diferentes camadas da sociedade, haverá necessariamente classes, isto é, privilégios econômicos e políticos para um pequeno número” (BAKUNIN, Educação Integral, 1989, p. 20). É preciso que se instrua o homem para o trabalho com as mãos e a mente. Nesse aspecto, compreende-se as diferentes inteligências ao se pensar nas classes burguesa e popular em que a ciência está à disposição da classe mais favorecida, de modo que quanto maior o acesso à riqueza, maior será o acesso à ciência. Segundo Bakunin, todos devem trabalhar se instruir, para que assim se formem pessoas mais sábias e que esses não sejam apenas operários braçais e sim operários sábios.

(...) Mas estamos convencidos de que, no homem vivo e completo, cada uma dessas duas atividades, muscular e nervosa, deve ser desenvolvida por igual, e que, longe de se prejudicarem mutuamente, cada um deve apoiar, ampliar e reforçar a outra: a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais útil e mais ampla quando o sábio não mais ignorar o trabalho braçal, e o trabalho do operário instruído será mais inteligente e por conseguinte mais produtivo do que o do operário ignorante (...) (BAKUNIN, Apud MORIYÓN, 1989, p. 39).

Diante do exposto, é possível, de toda forma, pensar e refletir sobre o não conhecimento das práticas pedagógicas libertárias por parte dos diretores da própria Sociedade União Operária, mesmo que em seus posicionamentos políticos e operários possam ser percebidos aspectos proudhonianos, bakunistas⁷² ou marxistas.

As práticas educacionais libertárias e os posicionamentos políticos da Sociedade União Operária se contradizem frente as práticas exercidas pela Escola da própria Sociedade União Operária. Há um distanciamento entre as práticas de ambas. A instrução, segundo as práticas

⁷² Adjetivo aqui utilizado para se referir ao Filósofo Russo Mikhail Bakunin, nascido em 1814. Revolucionário anarquista, esteve presentes em quase todas as revoltas populares da Europa, no século XIX. “(...) Em 1844, Bakunin se mudou para Paris, onde durante três anos fez sua formação na chamada “escola revolucionária”, ou seja, através dos intensivos contatos com pessoas como Pierre-Joseph Proudhon, Alexander Herzen e Karl Marx. Na Rússia, o governo do Tzar decidiu condená-lo à revelia: Bakunin teve suas propriedades confiscadas e, caso pisasse solo russo, seria banido para a Sibéria. No final de 1847, Bakunin foi expulso da França por ter publicado declarações pouco elogiosas ao Tzar. Apesar da estar na ilegalidade, Bakunin ainda participou no início de 1848 – o ano do Manifesto Comunista - das revoltas populares em Paris, onde ele defende a estabilização e expansão da revolução mundial, assim como pela criação de uma associação internacional das forças democráticas. Bakunin exigia a dissolução das diferenças de classes sociais através de um sistema de coletivização da propriedade, da criação de um salário de base e da extinção do absolutismo (...)”. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/por/bakunin--pequena-biografia/883486> acesso em maio de 2020.

libertárias (mesmo em duas diferentes vertentes) devem correlacionar relação entre professor e aluno na distribuição de poder numa participação de todo o grupo e não no controle hierárquico, conforme observamos:

O objetivo da educação, portanto, só pode ser o de desenvolver, juntamente com a singularidade, a consciência social ou a reciprocidade do indivíduo. Como resultado das infinitas permutações da hereditariedade, por ser algo que ninguém mais possui será de valor para a comunidade. Ela pode ser uma maneira única de ver, pensar, inventar, expressar a mente ou emoção – e, neste caso, a individualidade de um homem pode constituir um incalculável benefício para toda humanidade. Mas a singularidade não tem nenhum prático quando isolado. Uma das mais acertadas lições da moderna psicologia e das recentes experiências históricas é que a educação deve ser um processo não apenas de individualizações, mas também de integração, que é a conclusão entre a singularidade individual e a unidade social” (READ, 2001, p. 6).

Embora se perceba que haja um conhecimento restrito sobre educação integral no âmbito da Educação Formal a que se destina à classe operária, a Sociedade União Operária cumpria sua função, para aquilo que se propôs ao público, ou seja, realizar seu atendimento. De acordo com fontes pesquisadas, a instrução era oferecida apenas aos associados, filhos de associados, filhos de associados falecidos, bem como aos operários que viviam sem recursos. O ensino secundário (artes e ofícios) não ocorreu até o ano de 1920, e o que se dizia “Artes e Ofícios” era, na verdade, cursos de desenho e de corte e costura. Devido à impossibilidade de pesquisas mais aprofundadas no acervo da escola, a única referência registrada sobre esses cursos foi uma lista de chamada do curso de Corte e Costura (período noturno), frequentado em sua totalidade por mulheres. Note-se que a escola, de fato, se destinava aos filhos dos associados sob o preceito da gratuidade e não a todos como sugeriam as sessões observadas. “O sócio José Antônio indicou que as aulas da sociedade fossem extensivamente francas a todas as pessoas que quizessem utilizar. Discutida e posta a votos, essa indicação caiu (...)”. (Livro Atas Nº1 da Sociedade União Operária de Santos, p.16. Apud FRANCO, 1996. p.95). Dessa forma os alunos que frequentavam a escola eram apenas sócios e filhos de sócios, segundo foi possível observar mediante a nacionalidade dos pais e filhos.

Tabela 16: Nacionalidade dos alunos frequentadores da Escola mantida pela Sociedade União Operária

	1900	1901	1908	1909	1910	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920
Nº de alunos	29	45	19	54	60	308	205	214	217	208	225	267
Brasil	14	21	18	52	58	265	181	191	174	168	195	248
Portugal	8	16	1	2	2	34	16	18	35	37	23	14
Espanha	7	6	-	-	-	8	5	3	5	3	5	3
Itália	-	-	-	-	-	1	-	2	1	-	1	1
Síria	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sem indicação	-	2	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1

FONTE: Livro de Matrículas, Maria Aparecida Franco Pereira, 1996, p.98

Tabela 17: Nacionalidade dos pais dos alunos frequentadores da Escola mantida pela Sociedade União Operária

	1900	1901	1908	1909	1910	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920
Brasil	-	-	10	33	-	86	56	57	50	35	49	65
Portugal	-	-	4	12	-	124	94	96	67	105	99	119
Espanha	-	-	4	6	-	46	29	40	15	45	49	50
Itália	-	-	1	2	-	19	12	26	9	18	19	23
Síria	-	-	-	-	-	1	3	5	1	-	6	7
Alemanha	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
Grécia	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Bélgica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-
China	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Sem indicação	29	45	-	-	60	1	11	-	75	3	1	1

FONTE: Livro de Matrículas, Maria Aparecida Franco Pereira, 1996, p.98

As tabelas supramencionadas permitem observar, sobretudo, a nacionalidade dos responsáveis, o que sinaliza que a maior procedência era do Brasil, seguida pelos portugueses e espanhóis, e embora ainda haja muitas lacunas e questões que não puderam ser examinadas para que possamos interpretar a trajetória da educação promovida pela Sociedade União Operária, é possível afirmar que os grupos escolares acolhiam muitos alunos estrangeiros.

Embora haja escassez de material que possibilite maior análise sobre as práticas adotadas pelos professores, foi possível perceber que Escola Sociedade União Operária não apresentava quaisquer características de ensino similares ao realizado pelas Escolas Modernas 1 e 2 de São Paulo, referência em educação anarquista e libertária.

Ao pensarmos na educação destinada à classe operária e aos seus filhos, uma curiosidade nos chama atenção: a diferença quantitativa entre os alunos matriculados nas escolas providas pelo Poder Público, por meio dos Grupos Escolares, Escolas Isoladas e Escolas das Sociedades beneficentes. Uma possível resposta para isso seja o fato de as escolas subvencionadas pelas sociedades serem pagas por meio das mensalidades dos associados, o que possivelmente dificultava o acesso. Observemos as fontes abaixo:

MUNICIPIOS	POPULAÇÃO GERAL	População em idade escolar	População das escolas publicas estadoaes	População das escolas municipais	População escolar dos estabelecimentos particulares	População em idade escolar que não recebe instrução	Porcentagem da população escolar que frequenta escolas	Porcentagem da população escolar sem escolas	Escolas estadoaes providas			Escolas a prover-se para as necessidades da população
									Isoladas	Em grupos	TOTAL	
109 Pirajú	17.594	2.513	443	2.070	17,2	82,8	6	7	13	20
110 Fartura.	4.350	621	114	105	...	402	35,2	64,8	3	..	3	4
111 Itaporanga	13.200	1.885	102	1.783	5,4	94,6	3	..	3	17
112 Espirito Santo do Turvo.	3.300	471	43	428	9,1	90,9	2	..	2	4
113 S. Pedro do Turvo	5.550	792	61	731	7,9	92,1	2	..	2	7
114 Campos N. Paranapanema	9.550	1.364	78	...	83	1.203	11,8	88,2	2	..	2	12
115 Sta. Barbara Rio Pardo.	2.750	392	65	1.	...	327	16,5	83,5	2	..	2	3
116 Sta. Cruz do Rio Pardo .	22.500	3.214	394	168	...	2.652	17,4	82,6	10	..	10	26
8.ª zona												
117 Ubatuba	8.200	1.171	287	884	24,5	75,5	4	4	8	8
118 Caraguatatuba.	3.850	550	136	414	24,7	75,3	4	..	4	4
119 S. Sebastião	6.700	957	323	634	33,7	66,3	5	6	11	6
120 Villa Bella	10.000	1.428	259	41	...	1.128	21	7,9	1	5	6	11
121 Santos	73.500	10.500	1.297	863	2.865	5.475	47,8	52,2	9	22	31	54
122 S. Vicente	4.050	578	153	59	62	304	47,4	52,6	5	..	5	3
123 Itanhaem	2.350	335	48	287	14,3	85,7	2	..	2	2
124 Cananéa	5.350	764	113	651	14,7	85,3	4	..	4	6
125 Iguape	15.305	2.186	490	57	...	1.639	25	7,5	7	6	13	16
126 Xiririca	10.750	1.535	180	42	...	1.313	14,4	85,6	5	..	5	13
127 Iporanga	3.400	485	56	429	11,5	88,5	2	..	2	4
128 Anahy	11.000	1.571	120	1.451	7,6	92,4	4	..	4	14

Imagem 67: Movimentação de alunos nas das Escolas. Anuario da Instrução Pública, 1908 / 1909, p. 489.

Numeros de ordem	DENOMINAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS	EIDADES					
		DO SEXO MASCULINO			DO SEXO FEMININO		
		Abaixo de 7 annos	De 7 a 12 annos	De mais de 12 annos	Abaixo de 7 annos	De 7 a 12 annos	De mais de 12 annos
38	Jundiahy «S. de Moraes» .	47	322	12	65	322	7
39	» «C do Parnahyba»	41	310	35	78	318	29
40	Leme «C. el Augusto Cesar»	..	153	24	..	120	16
41	Limeira «Flaminio Ferreira»	53	321	71	56	325	50
42	Lorena «Gabriel Prestes» .	11	272	69	18	235	48
43	Mattão	38	156	21	37	138	5
44	Mocóca «Barão do M. Santo» . .	4	170	59	20	199	15
45	Mogy das Cruzes	15	213	42	27	175	38
46	Mogy Mirim «C. el Venancio»	16	276	83	33	246	47
47	Monte Alto.	13	123	19	18	124	28
48	Palmeiras	40	211	46	24	209	39
49	Parahybuna «C. Cesar» . . .	15	129	32	8	106	21
50	Pedreira	38	150	24	26	121	8
51	Pindamonhangaba «A. Pujol» .	..	281	56	..	282	68
52	Piracicaba «B. do Rio Branco» .	10	166	43	20	136	40
53	» «Moraes Barros»	26	386	109	26	293	128
54	Pirajú	5	129	47	8	120	32
55	Pirassununga	13	147	35	24	247	23
56	Porto Feliz	6	158	42	5	158	22
57	Ribeirão Bonito	19	154	34	28	135	18
58	Ribeirão Preto «G. Junior» .	54	370	67	51	388	82
59	Rio Claro (1.º) «C. el J. Salles» .	18	236	65	15	209	62
60	» » (2.º)	23	147	19	29	148	10
61	Rio das Pedras	9	93	17	12	91	10
62	Santos «Barnabé»	4	320	78	8	399	101
63	» «Cesario Bastos»	30	285	13	45	263	11

Imagem 68: Idade dos alunos matriculados, em Santos. Anuario da Instrução Pública, 1911 / 1912, p. 508.

População em idade escolar, que recebe instrução	População em idade escolar, que não recebe instrução	Porcentagem da população escolar que frequenta escolas	Porcentagem da população escolar sem escolas	Escolas estaduais providas			Escolas a serem providas para as necessidades da população	N.º de escolas vagas
				Isoladas	Em grupos e E. reunidas	TOTAL		
339	821	29,2	70,8	2	..	2	18	5
505	955	34,5	65,5	..	13	13	21	8
879	1.311	40,0	60,0	..	10	10	29	25
2.999	4.021	42,7	57,3	6	18	24	89	28
212	958	18,1	81,9	2	..	2	21	9
390	1.060	26,8	73,2	3	..	3	23	7
451	869	34,1	65,9	..	10	10	19	6
2.546	4.024	38,6	61,4	4	20	24	89	21
575	1.215	30,0	70,0	8	..	8	27	5
1.729	2.971	36,7	63,3	5	15	20	66	26
704	2.796	20,0	80,0	..	8	8	62	16
942	2.408	28,1	71,9	12	..	12	53	24
411	1.049	28,1	71,9	2	..	2	23	12
268	2.062	11,5	78,5	2	5	7	45	9
1.125	4.015	21,8	78,2	6	14	20	89	26
761	1.239	38,0	62,0	4	9	13	27	12
428	2.502	14,6	85,4	1	8	9	55	13
757	1.423	34,7	65,3	6	..	6	31	8
360	2.570	12,2	87,8	12	..	12	57	13
261	2.619	9,0	91,0	4	..	4	58	21
154	566	21,3	78,7	4	..	4	12	18
113	317	26,2	73,8	2	..	2	7	8
547	2.373	18,7	91,3	2	8	10	52	48
78	422	15,6	84,4	2	..	2	9	11
5.715	5.875	49,3	50,7	24	32	56	130	28
319	691	31,6	68,4	2	6	8	15	20
315	415	43,1	56,9	5	..	5	9	3
290	860	25,2	74,8	2	4	6	19	36
519	481	51,9	48,1	1	6	6	10	33
74	446	14,2	85,8	3	9	9
228	1.362	14,2	85,8	5	..	5	30	21

Imagem 69: Movimento das Escolas. Anuario da Instrução Pública, 1911 / 1912, p. 509.

RESUMO	
Matricula nos Grupos	1.567
Matricula nas escolas isoladas	729
» nas escolas municipais	1.250
» nos estabelecimentos particulares.	2.169
TOTAL	5.715

Imagem 70: Movimento das Escolas. Anuario da Instrução Pública, 1911 / 1912, p. 379.

Números	DENOMINAÇÃO	Sexo masculino		Sexo feminino		TOTAL	
		Matricula	Frequencia	Matricula	Frequencia	Matricula	Frequencia
39	Jundiaby—C. Parnahyba	252	163	233	157	485	320
40	Leme	208	121	130	94	338	215
41	Limeira	380	237	367	242	747	479
42	Lorena	385	219	311	179	696	398
43	Mattão	196	131	185	104	381	235
44	Mocóca	227	148	233	160	460	308
45	Mogy das Cruzes	256	154	198	118	454	272
46	Mogy-Mirim	338	219	289	187	627	406
47	Monte Alto	169	114	168	117	337	231
48	Palmeiras	217	156	207	154	424	310
49	Parahybuna	183	107	128	86	311	193
50	Pedreira	157	117	157	114	314	231
51	Pindamonhangaba	318	242	355	230	673	472
52	Piracicaba - B. Rio Branco	210	153	192	146	402	299
53	Piracicaba—M. Barros	530	404	422	406	1 052	810
54	Pirajú	188	127	163	107	351	234
55	Pirassununga	297	217	265	195	562	412
56	Porto Feliz	215	120	188	113	403	233
57	Ribeirão Bonito	209	129	170	114	379	243
58	Ribeirão Preto	439	283	375	334	914	617
59	Rio Claro 1 ^o	228	224	287	222	515	446
60	Rio Claro 2 ^o	241	189	227	179	468	368
61	Rio das Pedras	157	103	134	93	291	196
62	Santos—C. Bastos	293	170	300	158	593	328
63	Santos—Barnabé	438	288	535	327	973	615
64	Santo Amaro	166	98	164	102	330	200

Imagem 71: Movimento das Escolas. Anuario da Instrução Pública, 1911 / 1912, p. 458.

Numero de ordem	MUNICIPIOS	Matricula			Frequencia			Brasileiros	Estrangeiros	Numero de escolas	Media de frequencia por escola
		Masculino	Feminino	TOTAL	Masculino	Feminino	TOTAL				
123	Salto de Itú	402	291	693	309	234	543	668	25	11	49,3
124	Santa Barbara	157	135	292	120	103	223	291	1	7	31,8
125	Santa Barbara do Rio Pardo	33	21	54	25	16	41	54	0	1	41,0
126	Santa Branca	146	102	248	112	78	190	6	31,6
127	Santa Cruz da Conceição	66	74	140	50	56	106	139	1	4	26,5
128	Santa Cruz do Rio Pardo	260	192	452	200	140	340	6	56,6
129	Santa Izabel	117	65	182	89	47	136	3	45,3
130	Santa Rita do Passo Quatro	338	301	639	260	231	491	629	10	12	40,9
131	Santo Amaro	51	46	97	39	35	74	94	3	3	24,6
132	Santo Antonio d'Alegria
133	Santo Antonio da Boa Vista	53	48	96	40	33	73	2	36,5
134	Santos	280	676	956	215	520	735	835	121	25	22,4

Imagem 72: Movimento de Matrícula de alunos com base na nacionalidade.

Anuario da Instrução Pública, 1911 / 1912, p. 476.

N. de ordem	MUNICIPIOS	População geral provavel	População em idade escolar	População das escolas publicas estaduais	População das escolas municipais	População escolar dos estabelecimentos particulares
138	Boa Esperança	8.180	1.160	178	55	106
139	Dourado	10.250	1.460	505
140	Dous Corregos	15.350	2.190	482	296	101
141	Jahú	49.200	7.020	1.950	860	1.089
142	Mineiros	8.220	1.170	103	40	69
143	Pederneiras	10.200	1.450	112	213	65
144	Ribeirão Bonito	9.290	1.320	388	..	63
145	São Carlos	46.020	6.570	1.329	432	785
146	S. João da Bocaina	12.320	1.760	362	67	113
14.ª ZONA						
147	Araraquara	32.900	4.700	1.082	273	374
148	Barretos	24.500	3.500	400	304	..
149	Bebedouro	23.500	3.350	423	290	229
150	Ibitinga	10.240	1.460	155	256	..
151	Itapolis (Pedras)	16.330	2.330	268
152	Jaboticabal	36.040	5.140	1.040	..	85
153	Mattão	14.030	2.000	565	125	71
154	Monte Alto	20.540	2.930	391	..	37
155	Pitangueiras	15.300	2.180	305	427	25
156	Taquaritinga	20.530	2.930	360
157	Rio Preto	20.200	2.880	261
15.ª ZONA						
158	Cananéa	5.080	720	154
159	Caraguatatuba	3.020	430	113
160	Iguape	20.500	2.920	451	..	96
161	Itanhaem	3.560	500	70
162	Santos	81.130	11.590	2.296	1.250	2.169
163	S. Sebastião	7.080	1.010	319	75	..
164	S. Vicente	5.110	730	215	75	25
165	Ubatuba	8.070	1.150	290
166	Villa Bella	7.060	1.000	339	180	..
167	Yporanga	3.650	520	74
168	Xiririca	11.160	1.590	228

Imagem 73: Movimento de Matrícula de alunos com na idade.
Anuario da Instrução Pública, 1911 / 1912, p. 477.

No que diz respeito à população em idade escolar, percebe-se que mais da metade não tinha acesso à escolarização formal. É possível afirmar que não havia escola para todos, nem professor para que fossem formadas escolas isoladas seja pela escassez de profissionais ou pelas dificuldades de se instalar uma escola isolada em Santos, devido aos elevados alugueis e baixos salários o que contribuiu para o analfabetismo. Sabe-se que o país, recém saído da escravidão, não havia possibilitado o acesso à escolarização no âmbito formal para a grande maioria, o que corrobora estatísticas aqui apresentadas. Percebe-se, também, que não há qualquer menção em matrícula ou escolarização destinada aos adultos. Não há qualquer informação nos Anuarios de Instrução Pública que mencione matrículas para adultos brasileiros ou estrangeiros. Pelo contrário. Há a ideia de que o adulto não tem interesse em instruir-se, o que se mostra como um contrassenso, dadas as experiências de salas de aula lotadas nas escolas das sociedades de beneficência e escolas isoladas subvencionadas pelo município.

II

Sr. Dr. Director Geral,

**Parecer da Commissão
de
Inspectores Escolares**

Lemos, com attenção e interesse, a carta aberta, que o distincto e illustrado professor de educação civica e de pedagogia da Escola Normal Secundaria, da Capital, dirigiu a V. Exc., sobre a premente questão do analphabetismo, no Estado, e no Brasil inteiro.

O illustrado cathedratico apresenta um systema de medidas, conjugadas entre si, de tal forma que, com ellas, se propõe a resolver, em parte, o magno problema, que ora nos preoccupa.

A proposito da extinção do analphabetismo, teem muitas notabilidades do paiz expendido idéas, criticas diversas, collimando tal desiderato, com mais ou menos felicidade; todos, porém, com inefficacia, no terreno da pratica.

Tudo tem ficado em palavras — diriamos nós — se não vissemos o caso concreto de São Paulo, onde, parece, o problema está resolvido, ou melhor, em plena resolução.

E' myster que nos comprehendamos bem.

Algumas pessoas bem intencionadas e animadas do mais alto patriotismo, sonham extinguir, de modo absoluto, a grande massa de analphabetos, que pesa sobre a nossa população.

A massa dos analphabetos compõe-se de individuos adultos, de menores e de crianças, em idade escolar.

Os analphabetos adultos difficilmente, na maioria, desejam aprender a ler, pois, muito convencidos estão de que, analphabetos tem vivido até aqui, analphabetos poderão arrastar o resto da existencia, sem outras ambições que as de ganhar o magro pão quotidiano. Para esses, comtudo, a providencia dos governos tem fornecido escolas nocturnas em todo o Estado, algumas bem frequentadas, outras com matricula e frequencia irrisorias. E' tudo o que se lhes pôde fazer, e isso lhes tem sido feito, com louvavel constancia, mesmo quando tudo parece indicar o fechamento de muitas escolas nocturnas. Assim, pois, em relação aos adultos, o problema está resolvido: os que desejam desanalphabetizar-se, encontram sempre meios a seu alcance, ora em escolas publicas, ora em escolas particulares, ora em instituições pias, que, sempre, mais ou menos, pensam neste assumpto vital para a grandeza de nosso futuro, como nação democratica e soberana.

Escolas e cursos noturnos do interior

N.º de ordem	MUNICIPIOS	Escolas para menores			Escolas e cursos para adultos				Matricula geral			Observações
		Urbanas			Urbanas		Bairro		Masculino	Feminino	Total	
		Masculino	Feminino	Mista	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino				
1	Agudos				1				83		83	
2	Araraquara				1				38		38	
3	Atibaia	1			1				105		105	
4	Bananal				1				62		62	Suspensa
5	Batataes				1				51		51	
6	Botucatu				1				68		68	
7	Cachoeira				1				71		71	
8	Caçapava				1				43		43	
9	Campinas			1	3		1		157	39	196	A mixta é de
10	Angatuba				1				116		116	Bairro
11	Avaré				1				40		40	
12	Casa Branca				1				51		51	
13	Cruzeiro				1				53		53	
14	Guarulhos				1				52		52	
15	Itapetininga				1				53		53	
16	Jaboticabal				1				92		92	
17	Jacarehy				2				61		61	
18	Franca				1				68		68	
19	Jahú				1				40		40	
20	Jundiáhy				3				345		345	
21	Limeira				2				108		108	
22	Lorena				1				115		115	
23	Mogy das Cruzes	1			1				86		86	
24	Itatiba				1				43		43	
25	Mogy-Mirim				1				40		40	
26	Pereiras				1				43		43	
27	Pindamonhangaba				2				82		82	
28	Piracaia				1				39		39	
29	Piracicaba	1			3				332		332	
30	Joanópolis				1				76		76	
31	Amparo				2				125		125	
32	Pirassununga				1				58		58	
33	Porto Feliz				1				52		52	
34	Queluz				1				53		53	
35	Rio Claro				2				89		89	
36	Palmeiras				1				45		45	
37	Salto		1		3				141	47	188	
38	Pirajú				1				67		67	
39	Santo Amaro				1				45		45	
40	Santos				2				109		109	
41	Redempção				1				40		40	

Imagem 75: Movimento de Matrícula de alunos em curso noturno. Anuario de Instrução Pública, 1918, p.426

Santos:

Urbana — 1.ª nocturna para adultos — *Raphaël Improta*
 Urbana — 2.ª nocturna para adultos — *Armando Madureira e Souza.*

Imagem 76: Anuario da Instrução Pública, 1919, p. 546. Aulas Noturnas.

É possível perceber que havia um alto contingente de alunos matriculados nos cursos noturnos tendo como frequentadores estudantes com grande diferença na faixa etária. O que nos sugere que os mesmos fossem trabalhadores, portanto, não correspondia à realidade do alunado ao qual reportam os Inspectores da Instrução Publica.

Com referência à tabela aqui descrita, ocorrida quando da organização da Sociedade União Operária, considera-se que, de fato, a escola por eles provida atendia ao que se determinava como operariado e, portanto, consentia ao que se propunha. Embora as profissões descritas nesta tabela sejam, em sua maioria, pertencentes à classe operária nota-se que os

sócios que faziam uso da escola (no ano de 1917) eram vinculados ao que se chamou genericamente de “negócios” e “serviços”, o que não corresponde à categoria “operário”.

Tabela 18: Profissão dos pais de alunos - Sociedade União Operária

	1910	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920
Negociante	3	3	12	7	33	24	30	35
Proprietário	-	-	-	1	-	-	-	-
Profissional Liberal	-	1	4	4	5	4	1	3
Lavrador	-	3	4	1	1	2	3	4
Construtor	-	7	6	7	8	2	6	4
Industrial	-	10	5	2	-	-	-	3
Militar	-	-	-	-	-	-	-	-
Funcionários Públicos	1	12	3	5	1	2	5	2
Empregado de Escritórios	5	46	5	57	19	38	50	61
Operário / Trabalhador	27	104	33	27	29	21	23	18
Doméstica	-	22	4	2	4	3	-	1
Empregados ligados ao serviço de:								
Transporte	3	12	13	11	13	6	12	22
Construção	1	29	23	36	22	24	17	28
Domésticos	5	-	4	-	-	-	-	2
Trajar	2	13	10	13	11	14	19	21
Portuários	1	3	5	17	17	32	29	40
Artistas	-	-	1	-	-	-	-	-
Outros (vigia, guarda)	-	-	6	7	1	7	4	4
Sem especificação	4	6	50	-	14	6	4	13
Falecidos	4	4	18	22	34	16	17	29

Fonte: Livro de Matrículas, Maria Aparecida Franco Pereira, 1996, p.99

Segundo análise dos livros de matrículas da Escola da Sociedade União Operária, a região de moradia dos estudantes era formada em sua maioria pelas ruas que compõe a região do centro de Santos, com proximidade ao prédio escolar. Em um comparativo entre as profissões exercidas e as regiões de habitação, é possível sugerir também que, muitos dos

frequentadores da escola viviam na região central e, portanto, em moradias carentes ou compartilhadas visto que as melhores habitações operárias da cidade eram utilizadas pelos funcionários da Companhia DOCAS, como descrito no primeiro capítulo dessa dissertação.

Matricula das alumnas da Sociedade União Operária 1908

Número de Matrícula	Número de ordem	NOMES	EIDADES			Naturalidade	FILIAÇÃO	Profissão do Pai	RESIDENCIA	EPOCAS DAS INSCRIÇÕES						ELIMINAÇÕES		OBSERVAÇÕES	
			Dia	Mes	Ano					Na matrícula primitiva		Na matrícula do ano lectivo		Ano no Curso	Data	Causas			
										Di	Mez	Ano	Di				Mez		Ano
1	1	Maria Augusta da Silva	31	Agosto	1897	Brasília	Onofre Laureano da Silva	Empregado	Dez. Curitiba	14	Julho	1908						Brasília	
2	2	Maria do Carmo Teixeira	16	Dezembro	1896	Portuguesa	Francisco Teixeira	Trabalhador	Dittmonst	31					9	Outubro	1908	Abandono	Eliminada
3	13	Eliza Pereira Teixeira	17	Março	1904	Brasília	Francisco Pereira	Trabalhador	Luiz Perna	132								Brasília	
4	4	Rosalina Diniz	4	Junho	1904		Luiz Diniz	Brasília	Madalena	55								Brasília	
5	5	Elvira de Oliveira	23	Setembro	1903		Alvares de Oliveira	Trabalhador	Dittmonst	31								Brasília	
6	16	Regina do Nascimento	6	Setembro	1897		José da Silva	Trabalhador	Trabalhador	25								Brasília	
7	17	Luiza do Nascimento			1901													Brasília	
8	8	Eliza da Costa Teixeira	15	Novembro	1900		Joaquim da Costa	Trabalhador	Band. Curitiba	45								Brasília	
9	9	Maximiana de Jesus	18	Dezembro	1899		Paula Gomes	Trabalhador	Trabalhador	71	5	Agosto						Brasília	
10	11	Maria do Nascimento	3	Setembro	1901		Manoel Nascimento	Trabalhador										Brasília	
11	11	Juliana de Oliveira	9	Janário	1902		Cláudia de Oliveira	Trabalhador	Curitiba	79	3							Brasília	
12	12	Tela Timontel	16	Agosto	1897		Francisco Timontel	Empregado	de Setembro	32	11							Brasília	
13	13	Luiza Góes	12	Setembro	1897		Luiz Aguiar Góes	Empregado	Curitiba	115	13							Brasília	
14	14	Regina Góes	3	Março	1900													Brasília	
15	15	Maria das Neves	14		1898		José das Neves	Trabalhador	Trabalhador	1	Setembro							Brasília	
16	16	Antônia Guimarães		Abril	1896		Anna Antonina	Trabalhador	Trabalhador	9	Outubro							Brasília	
17	17	Emília Pires	23	Dezembro	1899		José Pires	Trabalhador	Trabalhador	13	9	Novembro						Brasília	
18	18	Amélia Pires	6	Setembro	1903													Brasília	
19	19	Maria Adelaide Pires	13	Junho	1902		Margarida Pires	Trabalhador	Dittmonst	4								Brasília	

Imagem 77: Livro de Matrículas da Escola Modelo, mantida pela Sociedade União Operária. Ano 1908. Fonte: acervo documental da Escola Modelo.

Curso Superior de Matricula das Alunas da Sociedade União Operária em 1915

Sexo Feminino

N.º de Matrícula	N.º de Inscrição	NOMES	EIDADES			Naturalidade	FILIAÇÃO	Profissão do Pai
			Ano	Mez	Dia			
1	1	Amuniação Simoni	14	Março	1901	Brazilian	Antonio Simoni	Sapateiro
2	2	Amuniação Vasconcelos	41	Junho	1905	B	P. Vasconcelos Vasconcelos	Industrial
3	3	Alícia Carneiro	20	Outubro	1905	B	P. Alício Carneiro Carneiro	
4	4	Clementina Santiago	19	Agosto	1905	B	P. Clemente Santiago	
5	5	Clotilde Ferraz	25	Junho	1905	B	P. Augusto Ferraz	Trabalhador
6	6	Clotilde da Conceição	25	Junho	1905	B	P. Francisco Agria	Barbeiro
7	7	Conceição da Cunha	19	Agosto	1905	B	P. Aurora Cunha	Doméstica
8	8	Conceição Eunice	3	Junho	1905	B	P. Leão Eunice	Barbeiro
9	9	Lucy Santiago	19	Agosto	1905	B	P. Clemente Santiago	
10	10	Maria Pallet	2	Junho	1905	B	P. Antonio Pallet	Carpinteiro
11	11	Maria Santiago	19	Agosto	1905	B	P. Clemente Santiago	
12	12	Maria da Conceição	19	Agosto	1905	B	P. João da Conceição	Talho
13	13	Maria de Conceição	19	Agosto	1905	B	P. Antonio Maria	
14	14	Maria de Conceição	9	Setembro	1905	B	P. Aurora de Conceição	Musica
15	15	Maria de Costa Cabral	20	Agosto	1905	B	P. José de Costa Cabral	Trabalhador
16	16	Maria de Conceição	19	Agosto	1905	B	P. Antonio de Conceição	Trabalhador
17	17	Maria Justina de Costa	27	Julho	1905	B	P. João de Costa	Trabalhador
18	18	Maria da Conceição	19	Agosto	1905	B	P. João de Conceição	Trabalhador
19	19	Maria de Sousa Lima	19	Agosto	1905	B	P. João de Sousa Lima	Trabalhador
20	20	Maria de Sousa Lima	29	Julho	1905	B	P. Joaquim de Sousa Lima	Trabalhador
21	21	Maria de Sousa Lima	18	Julho	1905	B	P. João de Sousa Lima	
22	22	Maria de Sousa Lima	25	Agosto	1905	B	P. Antonio de Sousa Lima	Trabalhador
23	23	Maria de Sousa Lima	21	Março	1905	B	P. Antonio de Sousa Lima	Trabalhador
24	24	Maria de Sousa Lima	18	Setembro	1905	B	P. Joaquim de Sousa Lima	Trabalhador
25	25	Maria de Sousa Lima	20	Outubro	1905	B	P. Antonio de Sousa Lima	Trabalhador
26	26	Maria de Sousa Lima	4	Setembro	1905	B	P. Leão de Sousa Lima	Trabalhador
27	27	Maria de Sousa Lima	6	Julho	1905	B	P. Antonio de Sousa Lima	Trabalhador
28	28	Maria de Sousa Lima	1	Outubro	1905	B	P. João de Sousa Lima	Trabalhador
29	29	Maria de Sousa Lima	6	Junho	1905	B	P. Antonio de Sousa Lima	Trabalhador
30	30	Maria de Sousa Lima	37	Maio	1905	B	P. João de Sousa Lima	Trabalhador
31	31	Maria de Sousa Lima	7	Outubro	1905	B	P. João de Sousa Lima	Trabalhador

RESIDENCIA	EPOCAS DAS INSCRIÇÕES						ELIMINAÇÕES		OBSERVAÇÕES
	Na matrícula primitiva			Na matrícula do ano lectivo			Ano no Curso	Causas	
	Di	Mez	Ano	Di	Mez	Ano			
Senador Ruijs	429	18	Maio 1914	12	Junho	1915	1.º		
Luiza de Sousa	181	20	Junho 1914	12	Junho	1915	2.º		
Sa Francisco	429	24	Julho 1914	4	Julho	1915	1.º		
Bethencourt	101	1	Setembro 1914	1	Setembro	1915	1.º		
Luiza de Sousa	171	20	Junho 1914	12	Junho	1915	1.º		
Luiza de Sousa	135	19	Junho 1914	12	Junho	1915	3.º		
"	128	12	Junho 1915	12	Junho	1915	3.º		
Senador Ruijs	167	14	Julho 1914	12	Julho	1915	4.º		
Bethencourt	101	1	Setembro 1914	1	Setembro	1915	1.º		
Senador Ruijs	161	20	Junho 1914	12	Junho	1915	2.º		
Bethencourt	101	1	Setembro 1914	1	Setembro	1915	1.º		
Pol	175	1	Julho 1914	12	Julho	1915	1.º		
Bethencourt	75	12	Junho 1915	12	Junho	1915	1.º		
General Carneiro	128	12	Junho 1915	12	Junho	1915	1.º		
Constituição	332	20	Junho 1914	12	Junho	1915	6.º		
Luiza de Sousa	181	20	Junho 1915	12	Junho	1915	1.º		
S. Francisco	286	12	Junho 1915	12	Junho	1915	1.º		
Maria de Sousa	452	12	Junho 1915	12	Junho	1915	1.º		
Bethencourt	221	12	Junho 1915	12	Junho	1915	1.º		
"	"	"	"	"	"	"	1.º		
Luiza de Sousa	171	20	Junho 1915	12	Junho	1915	2.º		
João de Sousa	42	7	Junho 1915	12	Junho	1915	2.º		
"	"	"	"	"	"	"	2.º		
H. Forchat	39	20	Junho 1914	12	Junho	1915	1.º		
Senador Ruijs	159	20	Junho 1914	12	Junho	1915	1.º		
Constituição	332	20	Junho 1915	12	Junho	1915	1.º		
D. Cochrane	71	12	Junho 1915	12	Junho	1915	3.º		
"	"	"	"	"	"	"	1.º		
Julio de Sousa	151	12	Junho 1915	12	Junho	1915	1.º		

Imagem 78: Livro de Matrículas da Escola Modelo, mantida pela Sociedade União Operária. Ano 1915. Fonte: acervo documental da Escola Modelo.

Após analisar as fontes da Escola Sociedade União Operária, que convergem para aquilo que se compreende por Educação Formal e perceber que muito possivelmente não havia qualquer correspondência das práticas docentes formais com o que se compreende por Educação Libertária, é possível asseverar que para além dessa perspectiva, a Sociedade União Operária realizava práticas de Educação Informal e Não Formal, à medida que oportunizava teatro e uma vasta Biblioteca, tendo sido destaque com essas práticas. Foi possível acessar a relação do acervo que compunha a biblioteca e o folheto da apresentação teatral, conforme vemos abaixo:

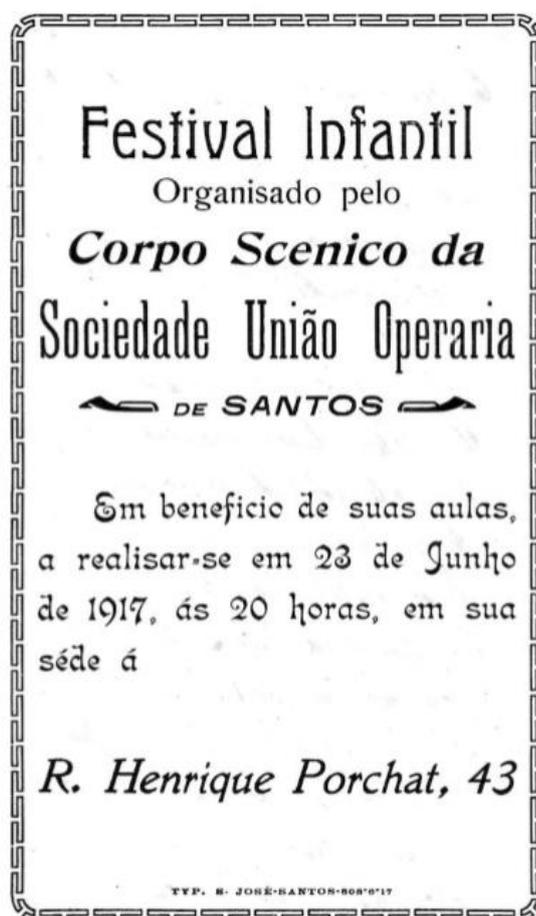


Imagem 86: Folder de divulgação de peça teatral a ser realizado em Festival.
Fonte: Acervo da Escola Modelo, 1917.

Por meio de atas da Sociedade União Operária e do Centro Espanhol foi possível perceber que as atividades teatrais eram frequentes e muitas vezes com o propósito de levantamento de numerário para sua manutenção ou para benfeitorias de sociedades beneficentes com estreito relacionamento com a SUO. Sobre as atividades artísticas, foi encontrado apenas um folheto contendo a programação e os envolvidos nessa apresentação. Percebeu-se que parte do corpo cênico era composto por professoras da própria Escola União Operária como é caso de Rosalina Derenzio e as apresentações eram compostas por monólogos, canto e comédias.

PROGRAMMA

1.ª PARTE

- 1 — **Dia de S. Lameche**, Comedia em 1 acto, pelas meninas Rozalina Derenzio, Laura Muniz e Faustina Barreiros.
- 2 — **ESPERANÇA**, recitativo, pela menina Rosa Caruso.
- 3 — **AS FLORES**, poesia, pela menina Rosalina Ferreira.
- 4 — **A SEMANA**, cançoneta, pelas meninas Faustina Barreiros, Laura Muniz, Modesta Nogueiról, Rosa Caruso, Maria Britto, Dulia Paulino e Rosalina Ferreira.
- 5 — **O CORAÇÃO**, recitativo, pelo menino Luciano Praça.
- 6 — **QUANDO EU FOR VELHA...**, cançoneta, pela menina Faustina Barreiros.
- 7 — **O BAPTISADO DA BONECA**, monologo, pela menina Iracy de Carvalho.
- 8 — **SACY-PERERE'**, tango dansado e cantado pela menina Mariquita Pimenta.
- 9 — **O PRESENTE DE PAPA'**, monologo, por Iris Derenzio.
- 10 — **A FLOR QUE ME PEDISTES**, canção, por Vicentina Fazolino.
- 11 — **A PRIMAVERA**, recitativo, por Modesta Nogueiról.
- 12 — **OS DEDOS**, monologo, por Maria Praça.
- 13 — **LA BUENA DICHA**, cançoneta, por Laura Muniz e Mariquita Pimenta.

2.ª PARTE

- 14 — **A VENDEDORA DE AMORES**, dialogo, pelas meninas Rosalina Derenzio e Modesta Nogueiról.
- 15 — **CÓRES**, recitativo, pela menina Maria Britto.
- 16 — **CANTO DE AMOR E TRISTESA**, cantado, pela menina Laura Muniz.
- 17 — **O AMOR E O TEMPO**, monologo, pela menina Rosa Caruso.
- 18 — **A TENTACÃO**, soneto, pela menina Arminda Vasconcellos.
- 19 — **O VIRA DO MINHO**, bailado, por Laura Muniz, Rosalina Derenzio, Faustina Barreiros, Mariquita Pimenta e Rosa Caruso.
- 20 — **VINGANÇA!**, poesia, por Domingos Peres.
- 21 — **A COSINHEIRA BAHIANA**, monologo, pela menina Mariquita Pimenta.
- 22 — **A LAVANDEIRA**, cançoneta, por Laura M.
- 23 — **O ESTUDANTE ALSACIANO**, monologo, pela menina Mariquita Pimenta.
- 24 — **O RESERVISTA DA MARINHA**, cançoneta, pela menina Rosalina Derenzio.
- 25 — **AS ZANGAS DUM AVO**, por Mariquita Pimenta.
- 26 — **O SERAPICO**, bailado e cantado por Laura Muniz e Rosalina Derenzio.
- 27 — **A Orgulhosa**, Comedia em um acto, desempenhada por Laura Muniz, Rosalina Derenzio, Faustina Barreiros e Mariquita Pimenta.
- 28 — **RONDA ALEGRE**, canto e bailado, pelas meninas: Rosalina Derenzio, Laura Muniz, Faustina Barreiros, Maria Britto, Modesta Nogueiról, Dulia Paulino, Rosalina Ferreira, Arminda Vasconcellos, Rosa Caruso, Mariquita Pimenta e Vicentina Fazolino.

Imagem 80: Programação do Festival de Teatro Infantil, realizado pelo corpo cênico da Sociedade União Operária em 1917. Fonte: Acervo da Escola Modelo.

Na perspectiva de uma educação por meio da literatura, destaca-se a variedade de exemplares disponíveis na biblioteca, e expressiva quantidade de modelares que abarcavam diversos idiomas e gêneros literários. A biblioteca da Sociedade União Operária sempre foi destaque na sociedade de Santos, conforme observamos a seguir:

Apezar de existirem algumas bibliotecas, como a Municipal, com cerca de 8.000 volumes, obras algumas de grande valor e utilidade, a da Sociedade Humanitaria dos Empregados no Commercio, a maior e a mais frequentada, com cerca de 18.000 volumes, a da Sociedade União Operaria, com cerca de 10.000, a da Irmandade de São Francisco da Penitencia, com cerca de 4.000, timbrando em qualidade e organização, a da Sociedade Beneficente D.

(Continúa na pag. 20)

Imagem 81: Referência à Biblioteca da Sociedade União Operária. Revista Comemorativa da cidade de Santos, edição comemorativa de centenário de elevação de Santos à categoria de cidade. Santos, Editora J. Gozo, 1939 p. 18. Acervo da Biblioteca Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Unicamp.

2.3.5B Livros que norteiam práticas: a Biblioteca da SUO

A considerar toda a análise aqui já referenciada à educação do ponto de vista formal desenvolvida na Escola da Sociedade União Operária, foi possível perceber que as práticas adotadas pelo corpo docente eram distanciadas das práticas e discurso da diretoria da SUO. Contudo, conhecer o acervo literário da biblioteca desta instituição possibilitou-nos apreciar as possibilidades educacionais informais que permeavam o ambiente desta sociedade. Diante da observação e leitura das temáticas que circulavam pelas prateleiras da biblioteca é possível afirmar que a educação informal que ali se apresentava possibilitava estudos de modo a refletir sobre as práticas docentes e sobretudo cogitar novas estruturas a serem construídas, do ponto de vista social.

Embora sendo destaque no que diz respeito à quantidade e variedade de literatura disponível, é possível que a real frequência de leitores não tenha sido de grande fluxo. Não foi possível mapear a movimentação desses exemplares, como saída e tempo de empréstimo porque não foram encontradas referências a essas atividades no período estudado. No entanto, o relatório anual da Sociedade União Operária do ano de 1931 apresenta números produzidos pelo bibliotecário local, o que nos ajuda a perceber, mesmo que de forma genérica, o universo literário que os sócios da biblioteca acessavam:

-- 38 --

ANEXO N. 10

Frequencia ao Salão de Leitura durante o ano de 1931

MESES	FREQUENCIA MENSAL	MÉDIA DIÁRIA
Janeiro	400	15
Fevereiro	370	12
Março	350	11
Abril	315	11
Maior	380	12
Junho	342	11
Julho	441	15
Agosto	362	12
Setembro	341	11
Outubro	381	12
Novembro	354	12
Dezembro	398	13
TOTAL	4.434	

ANEXO N. 11

Relatorios recebidos durante o ano de 1931

Associação Predial de Santos	1930
Associação Beneficente dos Empregados da Comp. Docas de Santos	1931
Sociedad Española de Repatriación de Santos	1930

Imagem 82: Relatório Geral da Biblioteca da Sociedade União Operária – Frequência de leitores do salão de leitura. Relatório anual, ano base 1931, Santos, janeiro de 1932, p. 38. Reprodução reprográfica de acervo documental da Sociedade União Operária, arquivo pessoal da Professora Maria Aparecida Franco Pereira.

— 39 —

ANEXO N. 12

Movimento dos jornais existentes na Mesa de Leitura
em 1931

TITULOS	Lugar da publicação	Origem da posse
Diário de Santos	Santos	Ofertado
A Tribuna	Santos	"
Praça de Santos	Santos	"
Estado de São Paulo	São Paulo	Assinatura
Diário Nacional	São Paulo	Ofertado
Diário de São Paulo	São Paulo	Assinatura
Correio Popular	Campinas	Ofertado
A Tarde	Curitiba	"
O Dia	Curitiba	"
A Gazeta	São Paulo	"
A Pisteta	São Paulo	"
A Federação	Porto Alegre	"
Jornal do Comércio	Minas Gerais	"
Patria Portuguesa	Rio de Janeiro	"
Jornal Português	Rio de Janeiro	"
Diário de Minas	Bélo Horizonte	"
O Brasileiro	Rio de Janeiro	"
O Democrata	São Roque	"
O Porta-Vóz Brasileiro	Rio de Janeiro	"
O Comércio	Rio Grande do Sul	"
Minas Gerais	Bélo Horizonte	"
O Tempo	São Paulo	"
Expositor Cristão	São Paulo	"
Tribuna Cristã	Santos	"
O Cristão	Rio de Janeiro	"
A União	Rio de Janeiro	"
A Homeopatia	Rio de Janeiro	"
A Mensagem	Santos	"
Correio Universal	Rio de Janeiro	"
Jornal do Estado	São Paulo	"
Jornal das Escolas	Santos	"
O Horizonte	Bélo Horizonte	"
Heraldo Guardês	Pontevedra	"
A Vóz do Operário	Lisbõa	"

— 40 —

TITULOS	Lugar da publicação	Origem da posse
Primeiro de Maio	Itapira	Ofertado
Gazeta do Povo	Itapira	"
Os Gigantes do Bem	Rio de Janeiro	"
Fanfarra	Rio de Janeiro	"
O Carmo do Rio Claro	Minas Gerais	"
O Ferreirense	Porto Ferreira	"
O Operário	São Paulo	"
O Apito	Cosmópolis	"
O Democrático	São José do Rio Pardo	"
O Cambuquira	Cambuquira	"
O Clarim	Matão	"
O Farol	Itajai	"
A Imprensa	Vargem Grande	"
O Astro	São Paulo	"

RESUMO:

Jornais ofertados a esta Biblioteca	46
Jornais obtidos por assinaturas	2
Total dos jornais na mesa de leitura em 1931	48

Imagens 83 e 84: Relatório Geral da Biblioteca da Sociedade União Operária – Relação de jornais disponíveis na mesa de leitura. Relatório anual, ano base 1931, Santos, janeiro de 1932, p. 39 e 40. Reprodução reprográfica de acervo documental da Sociedade União Operária, arquivo pessoal da Professora Maria Aparecida Franco Pereira.

ANEXO N. 14

Obras saídas para leitura e consultas no ano de 1931

M E S E S	Em português	Média diária
Janeiro	87	3
Fevereiro	96	3
Março	80	3
Abril	94	3
Maior	77	3
Junho	97	3
Julho	85	3
Agosto	89	3
Setembro	82	3
Outubro	92	3
Novembro	98	3
Dezembro	76	3
TOTAL	1053	

Imagem 85: Relatório Geral da Biblioteca da Sociedade União Operária – Relação de obras saídas para empréstimo. Relatório anual, ano base 1931, Santos, janeiro de 1932, p. 41. Reprodução reprográfica de acervo documental da Sociedade União Operária, arquivo pessoal da Professora Maria Aparecida Franco Pereira.

Embora as figuras referentes aos relatórios da biblioteca, aqui apresentadas, não correspondam ao período temporal da pesquisa realizada, é possível a partir delas tentar compreender o funcionamento da Biblioteca da Sociedade União Operária. Nesse apanhado de informações, não foram encontradas quaisquer menções com relação aos dias e horários de funcionamento. Também não foi possível diagnosticar se os usuários da sala de leitura eram visitantes ou também foram contabilizadas frequência de funcionários da instituição. Todavia, vale ressaltar que o número médio de visitantes possivelmente não expressa grande movimento, o que nos deixa intrigados por não haver a possibilidade de realizar comparativo entre os demais anos, sendo essa análise difícil de ser realizada, portando uma lacuna ainda a ser discutida e escrita.

Dentre os jornais que circulavam no gabinete de leitura da Sociedade União Operária, observamos que um deles era europeu (com origem em Portugal), quatro deles eram santistas e os demais de outras cidades (paulistanos, cariocas e mineiros), havendo alguns ainda em circulação. Do material informativo observado referente à cidade de Santos e disponível para leitura nas dependências desta instituição, o jornal “Diário de Santos” foi um dos que mais tempo permaneceu ativo, sendo fundado no ano de 1882, com atuação de jornalistas renomados como Silvino Martins⁷³.

O jornal “Diário de Santos” era conhecido por ser de propriedade da sociedade comercial e por suas publicações sobre a abolição da escravatura e interesses sobre as reivindicações do povo, sobretudo da classe trabalhadora, como foi possível observar em algumas notícias reincidentes:

⁷³ Jornalista Santista iniciou sua carreira como jornalista no Jornal Diário de Santos, onde posteriormente dirigiu o jornal A Vanguarda, de São Paulo.

Proprietario e Redactor — DR.

ASSIGNATURAS PARA A CIDADE e PARA FORA. Table with columns for location and price per month.

A municipalisação do ensino

As tentativas de criar uma série de condições para a municipalisação do ensino...

FELICITAÇÕES

Com o fim de dar ao Sr. Augusto V. Mendes, Sr. Manoel de Mello e Sr. Manoel de Mello...

Noticias do exterior

BERLIM, 6 (Auer) — Realiza-se hoje, com a presença do Imperador...

BUENOS-AIRES, 6 (particular) — O Sr. Enrique Larrea teve ao general...

PARIS, 7. — O general de Minutier...

ROMA, 7. — O presidente do Conselho...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

BRASIL, 7. — O governo do Rio de Janeiro...

O principe de Bismarck

Em Berlim e em Bonn

Heinrich von Bismarck, em 2 de Junho de 1870...

«Foi-se a reunião de Bismarck. Desde esse dia que se iniciou a guerra...

«Destas palavras não se trata de uma simples declaração de guerra...

«Aqui se vê a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

«O que se vê é a importância da situação...

União Operaria

Esta utilissima associação, estabelecida ha um mez, mais ou menos, na rua do Rosario, esquina da rua de Braz Cubas a sua sala de leitura e secretaria, contando já inscriptos 300 socios, tendo arrecadado em joias e mensalidade mais de um conto de reis.

Sabemos que logo que os recursos permittam serão inauguradas as escolas para os socios.

Gracias a Deus e a todos os que nos auxiliam.

Actual e futuro mais importantes e uteis instituições de Santos.

Desejamos os mais auspiciosos dias a «União Operaria», afim de vel-a florescer e prestar serviços a seus associadas.

Imagens 86 e 87: Destaque para as chamadas editoriais sobre "A municipalização do ensino" e "União Operária" ambos do Jornal "Diário de Santos" de 10 de maio de 1890 e 27 de maio de 1890, respectivamente. Acervo documental da Sociedade Humanitária de Santos.

As imagens aqui apresentadas são exemplos de publicações que o jornal matutino “Diário de Santos” veiculava, o que nos sugere que educação, arte e comunicados das associações faziam parte de interesses classe trabalho, quando nos referimos à educação informal. Este jornal escolhido para uma análise mais aprofundada foi um dos maiores veículos de comunicação da cidade, com publicações de maior interesse da classe trabalhadora. Percebeu-se, também, que os jornais não originários de Santos traziam, de maneira recorrente, notas sobre os acontecimentos da cidade normalmente vinculadas a acontecimentos no cais ou dos trabalhadores e suas organizações, sempre por meio das notas “telegramas”. No que diz ao jornal europeu, não foram encontrados quaisquer exemplares que nos permitisse análise.

Do ponto de vista do acervo literário do gabinete de leitura e biblioteca da Sociedade União Operária, apresentamos abaixo, uma amostragem da variedade de títulos que a biblioteca dispunha aos seus consulentes.

Tabela 19: Catálogo de livros da Biblioteca - Sociedade União Operária

TÍTULO	AUTOR	IDIOMA
A Adega	Blasco Tavares	Portuguez ⁷⁴
A Cathedral	Blasco Tavares	Portuguez
A Escola de Robison	Julio Verne	Portuguez
A estrela do sul	Julio Verne	Portuguez
A marmita	Barão de Paranapiacaba	Portuguez
A volta do mundo	Julio Verne	Portuguez
Abel Botelho	Affonso de Lamartin	Portuguez
Abilio de Noronha	Alberto Pimentel	Portuguez
Abolicionismo	Joaquim Nabuco	Portuguez
Aborto	Figueiredo Pimentel	Portuguez
Abranches Gallo	Alberto de Carvalho	Portuguez

⁷⁴ Optou-se pela transcrição literal do documento, respeitando a grafia original, por compreendermos que esta disposição agrega na compreensão do próprio documento. A transcrição do catálogo de livros que compunham parte do acervo da biblioteca da Sociedade União Operária pode auxiliar pesquisas futuras sobre como os operários vinculados à Sociedade, construía seus hábitos de leitura, bem como, transitavam no universo político que se criava por meio das trocas de leitura e dos itinerários temáticos que os livros retirados permitem compreender. Pesquisas mais aprofundadas poderão ajudar a mapear como se dava essa rede de sociabilidades, fundamental na construção identitária desse grupo. Para o propósito deste item, optou-se também por manter essa parte selecionada (da listagem de livros) inserida no corpo do texto da dissertação, por entendermos a importância dos títulos, autores e contextos na formação dessa sociedade.

Acropole D' Athenes	M. Beule	Francez
Administrative de la Republique	Edgard Monteil	Francez
Agulha no Palheiro	Castello Branco	Portuguez
Ajuda-te	S. Smiles	Portuguez
Albatrozes	Damal Vieira	Portuguez
Álbum Comercial	Anonymo	Portuguez
Album de São Paulo	Anonymo	Portuguez
Alexandrina Braga	Affonso Har	Portuguez
Alexis Boiviens	Affonso Har	Portuguez
Alfarrabios	José de Alencar	Portuguez
Alfinete cor de rosa	Blasco Tavares	Portuguez
Alfud Musset	Anonymo	Francez
Algebra	Wentwort	Inglez
Alma Alheia	Pedro Rabelo	Portuguez
Alma Negra	X. de Montepior	Portuguez
Almanach Bertrand	Bertrand	Portuguez
Almanach de Gotah	Anonymo	Francez
Almanach de la Question Sociale	Argynades	Francez
Almanach de Lembranças	H. X. L. Carneiro	Portuguez
Almanach de São Paulo	Jorge L.	Portuguez
Almanach Laemmert	Laemmert	Portuguez
Almanach Laemmert	Carlos G. Haring	Portuguez
Almanach para senhoras	Anonymo	Portuguez
Almirante dos Mares Orientaes	Joaquim Leitão	Portuguez
Amar é Soffrer	G. Gama	Portuguez
Ambições	Anna C. Osório	Portuguez
Amigo Traído	Pedro Ramos	Portuguez
Amor D'Outomno	H. Theuriel	Portuguez
Amor de Mãe	E. Richembourg	Portuguez
Amor de Mãe	E. Richembourg	Portuguez

Amor de Perdição	Castello Branco	Portuguez
Amor dos Homens	P. Montegazza	Portuguez
Amor na Turquia	Ribeiro de Cará	Portuguez
Amores de duas Irmãs	Paul de Kock	Portuguez
Amores de Narcizo	Paul de Kock	Portuguez
Amores de um porta Machado	H. Humbert	Portuguez
Amores de um Voluntário	L. Ramos Figueiredo	Portuguez
Anatomie Pathogique	Leucercouse	Francez
Anjo da Guarda	Heserg P. Escrich	Portuguez
Anjos da Terra	Heserg P. Escrich	Portuguez
Anjos e monstros	Affonso Har	Portuguez
Annos de Prosa	Castello Branco	Portuguez
Anti-Christo	Gomes Leah	Portuguez
Antigo Regime	Suetonio	Portuguez
Anuário Comercial	Medeiros e Cia	Portuguez
Anuario de la Marine	Wentwort	Francez
Apontamentos	D. Esteves da Silva	Portuguez
Apontamentos	Alfredo de Barros	Portuguez
Apontamentos de Clínica	Antonio S. Faria	Portuguez
Arabian Nights	Anonymo	Inglez
Arithmetica para crianças	R. H. Pinho	Portuguez
Arminhos	Garcia Redondo	Portuguez
Arte de la Leitura	Braulio Cordeiro	Portuguez
Assassinato do Coronel Gentil de Cas	Affonso Celso	Portuguez
Atentado da Rua São Leopoldo	Anonymo	Portuguez
Atitudes de Pudor	Viveiros de Castro	Portuguez
Atribuições de um Chinez na China	Julio Werne	Portuguez
Atribuições de um chinez	Julio Verne	Portuguez
Avassee	E. Lue	Francez
Aventuras de Pretendente	Alberto Pimentel	Portuguez

Aventuras de um Polaco	Castello Branco	Portuguez
Aventures de Troias Fugitives	Victor Tised	Francez
Azulejos	Bernd. Pinheiro	Portuguez
Bandeira	Hino de Macedo	Portuguez
Baptismo de amor	Guerra Junqueira	Portuguez
Barão de Munkausen	Carlos Jamen	Portuguez
Barbeiro de Paris	Paul de Kock	Portuguez
Baroneza do Amor	J. M. Macedo	Portuguez
Beatriz	Luiz Cardoso	Portuguez
Beatriz a Russa	Domingos Tassiro	Portuguez
Beijos em Bujas	Luiz de Catus	Portuguez
Belchior de Pontes	Julio Ribeiro	Portuguez
Benjamin Godinchou	Paul de Kock	Portuguez
Benjamin Constant	T. Mendes	Portuguez
Bernarda de São Paulo	H. Toledo Piza	Portuguez
Bernardo o Assassino	Etoile do Lud	Portuguez
Biblia Sagrada	Padre Figueiredo	Portuguez
Bibliotheca Maçônica	Rosa Cruz	Portuguez
Bispo do Pará	Bento Moreno	Portuguez
Blanco e Sanches	Braulio Cordeiro	Portuguez
Bobo	Alex Herculano	Portuguez
Bocage	Blasco Tavares	Portuguez
Bohemia do Espírito	Castello Branco	Portuguez
Boisgobei	Blasco Tavares	Portuguez
Bom Creoulo	Adolpho C.	Portuguez
Bota-fogo	Blasco Tavares	Portuguez
Brie a Brae	W. Guimarães	Portuguez
Brinde a Olympio Lima	Damas Vieira	Portuguez
Brilhantes dos Brasileiros	Castello Branco	Portuguez
Bruxa do Monte Cordova	Castello Branco	Portuguez

Bug Jargal	Victor Hugo	Portuguez
Caballeiro Particular	D. R. Lafuente	Hespanhol
Camoniana Brasileira	Barão de Paranapiacaba	Portuguez
Capitanias Paulistas	Benedito Calixto	Portuguez
Carne	Julio Ribeiro	Francez
Cartas	Alexandre Herculano	Portuguez
Casamento Civil	Alexandre Herculano	Portuguez
Cavalheiros do Amor	Alvaro Carilo	Francez
Cesar Cascavel	Julio Verne	Portuguez
Céu e Inferno	Allan Kardec	Portuguez
Code Civil	J. A. Rogron	Francez
Coleção	Anonymo	Francez
Comédia de Campo	Bento Moreno	Portuguez
Comparação das Doutrinas	Affonso Har	Portuguez
Composições Varias	Alexandre Herculano	Portuguez
Contemporâneos	A. Lima	Portuguez
Controversias e estudos históricos	Alexandre Herculano	Portuguez
Coreographia do Brazil	M. M. Pinto	Francez
Cornela Napolis	Y. Roquete	Fraancez
Cornelu Napolis	Y. Roquete	Francez
Cortiço	Aloizio Azevedo	Francez
Corvos	Baptista Cepello	Portuguez
Costureira de Latau	David de Castro	Francez
Cours Complet d'Instrucion	Dionsos	Francez
Cours de Mecanique	W. C. Delannuay	Francez
Crimes de um fidalgo	X. Montef.	Portuguez
Critique Sociale	Auguste Bleuque	Francez
Critique Sociale	Auguste Blanqui	Francez
Dama das Camélias	José de Alencar	Portuguez
Daqui a cem anos	Bellamy	Portuguez

Daqui cem anos	Arnaldo Gama	Portuguez
Diálogo	Amador Arraes	Portuguez
Diva	José de Alencar	Portuguez
Du Socialisme Contemporeneo	Paul Janet	Francez
Economia	Smiles	Portuguez
Education	H. Spreser	Portuguez
Elementos de História Social	Torres Homem	Portuguez
Elvira	M. Teixeira	Portuguez
Em Segredo	Marg. De Siqueira	Portuguez
Em terra alheia	De tudo para todos	Portuguez
Ensaio Dramáticos	Diego Mendinça	Portuguez
Escandalo do Feminismo	C. do Mello	Portuguez
Escola dos Robinsons	Julio Verne	Portuguez
Escrava Isaura	Bernardo Guimarães	Portuguez
Escravidão	Leon Tolstoi	Portuguez
Escrínios	D. Vieira	Portuguez
Esriptos Humoristicos	A. Bandeira	Portuguez
Espíritos	Allan Kardec	Portuguez
Esposa	E. Rechembourg	Portuguez
Esposa Martyr	H. P. Escoricha	Portuguez
Estabelecimento da Inquisição	Alex Herculano	Portuguez
Este Senhor	Paulo de Hock	Portuguez
Estudos Brasileiros	José Veríssimo	Portuguez
Eugenia Gandet	Balzac	Portuguez
Eurico e Presbitero	Alexandre Herculano	Portuguez
Evangelho	Allan Kardec	Portuguez
Evolution de la Propriété	Letourneau	Portuguez
Exaltação	Albertina Bertha	Portuguez
Fabulas de la Fontaine	Barão de Paranapiacaba	Portuguez
Fatal Dilema	Graziella Rafael	Portuguez

Filosofia	Balmes	Portuguez
G. Francois	Le Commeru	Francez
Galeria dos homens célebres	F. Austet	Portuguez
Gallinheiro Brasileiro	Lirio Ferdinand	Portuguez
Garimpeiro	Abranches Gallo	Portuguez
Gentil de Castro	Afonso Celso	Portuguez
Geographic Modern	A. Bordier	Portuguez
Grande Circo	Gervais Lobato	Portuguez
Grasiela	A. Lamartine	Portuguez
Guarany	José de Alencar	Portuguez
Guarany	José de Alencar	Portuguez
Guerra de Mascates	José de Alencar	Portuguez
Guerra dos Mascates	José de Alencar	Portuguez
Guerra dos Mundos	G. Wells	Portuguez
Guia do Operário	Julio Guerra	Portuguez
Guia do Viajante em Paris	Direito Comercial	Portuguez
Guia Eleitoral	Alencastro Autran	Portuguez
Hamlet	Shakespeare	Portuguez
Heroe de 15 annos	Julio Verne	Portuguez
Hidrofobo	Farias Neves	Portuguez
Histologie	H. Frey	Portuguez
História da Civilização	J. Benevides	Portuguez
História da Conjuração Mineira	N. Souza	Portuguez
História da França	M. P. Chagas	Portuguez
História da Guerra: França e Russia	M. Pinheiro Chagas	Portuguez
História da Inquisição	Alexandre Herculano	Portuguez
História da Maçonaria	Alfredo Paiva	Portuguez
História da Prostituição	Lacroix	Portuguez
História de Napoleão	A. Hugo	Portuguez
História de Portugal	Alexandre Herculano	Portuguez

História de um Crime	Victor Hugo	Portuguez
História de um crime Célebre	E. Gaboriau	Portuguez
História de um Palhaço	Raul Brandão	Portuguez
História dos Protestantes na Franca	F. Bonifas	Portuguez
História e Sentimentalismo	Castello Branco	Portuguez
História Huniversal	Cesar Cantú	Portuguez
Histórias Bíblicas	Bento Moreno	Portuguez
Histórias da Civilização	Alexim Altamiro	Portuguez
Historietas	Bras Patife	Portuguez
Homem como deveria sê-lo	Ant. Mesquita	Portuguez
Homem da Faca	E. Rollet	Portuguez
Homem que ri	Victor Hugo	Portuguez
Homens da Cruz Vermelha	P. D'Almeida	Portuguez
Horas de Paz	Castello Branco	Portuguez
Humorismos	J. Guerra	Portuguez
Hygiene da Rocca	Anderson Fresco	Portuguez
Imigração	Camilo C. Branco	Portuguez
L'Evolution de La Proprieté	Ch. Letourneau	Francez
La Femme	A. Babel	Francez
La March Sociale	B. Malon	Francez
La Poletique	Charles B.	Doação do Partido do Operário Socialista
La Question Sociale	André L.	Francez
Ladrão na Crus	Anonymo	Portuguez
Le Socialime Contemporanin	Emile de L.	Francez
Le Socialisme Allemond	J. Bourdeau	Francez
Lei e causa do progresso	M. C. Rocha	Portuguez
Lendas e narrativas	Alexandre Herculano	Portuguez
Lendas Narrativas	Alex Herculano	Portuguez
Les Pirates de La Malaise	Emílio Salgari	Portuguez
Les Plus Grandes Entrepizes	Anonymo	Portuguez

Litteratura	Alexandre Herculano	Portuguez
Livro dos Jurados	J. M.P. Vasconcelos	Portuguez
Livro Negro do Padre Diniz	Castello Branco	Portuguez
Logica	Balmes	Portuguez
Lourdes	Emílio Zola	Portuguez
Luciola	José de Alencar	Portuguez
Luctas de Gigante	Castello Branco	Portuguez
Luna Bernarnos	Blasco Tavares	Portuguez
Lura Popular	Diversos	Portuguez
Lusíadas	Luiz Vaz de Camões	Portuguez
Maias	Eça de Queiroz	Portuguez
Manual de Histologia	Cormile R.	Portuguez
Mão Negra	Lucio Bruno	Portuguez
Maria	E. Silva	Portuguez
Maria a menina roubada	Teixeira Souza	Portuguez
Marques de Pombal	Diversos	Portuguez
Máscara Vermelha	M. P. Chagas	Portuguez
Masorca	Anonymo	Portuguez
Medicina Doméstica	Laurie	Portuguez
Medicina Veterinária	Braulio Cordeiro	Portuguez
Memorial de Brás Cubas	Machado de Assis	Portuguez
Memórias da rua do Ouvidor	J. Macedo	Portuguez
Memórias de Gadu Germano	Amélia Domingues	Portuguez
Memórias de um condenado	A. Azevedo	Portuguez
Memórias de uma mulher	Octavio F.	Portuguez
Menina e Moça	Bernardim Ribeiro	Portuguez
Menina e Moça	José Peçanha	Portuguez
Menina Lisa	Paul de Kock	Portuguez
Mestra	Bulhes P.	Portuguez
Méthodo de Francez	Um Professor	Portuguez

Minas de Salomão	Eça de Queiroz	Portuguez
Mistérios da Igreja	Gomes Leal	Portuguez
Morgadinha de Canaviais	Julio Dinis	Portuguez
Motta Coqueiro	José do Patrocínio	Portuguez
Mouger de Cister	A. Herculano	Portuguez
Mulata	Carlos Dias	Portuguez
Mulata	Carlos Dias	Portuguez
Mulher Fatal	Castello Branco	Portuguez
Mulheres de Mantilha	J. Macedo	Portuguez
Mulheres de Matilha	José de Macedo	Portuguez
Mysterio	Afrânio Peixoto	Portuguez
Mysterio da Correção	Anonymo	Portuguez
Mysterios de Pariz novo	Blasco Tavares	Portuguez
Na estrada da Luz	Affonso Har	Portuguez
Nevrose Mystica	Americo Raposo	Portuguez
Noites em Cintra	Alberto Pimentel	Portuguez
Notas e apontamentos de minha prisão	Alfredo Barros	Portuguez
O Aborto	Alberto Pimentel	Portuguez
O Barão de Lavos	Affonso de Lamartin	Portuguez
O Barão de Lavos	Jocelim	Portuguez
O Castello dos Carpatos	Julio Verne	Portuguez
O Corvo da pessoa	José de Alencar	Portuguez
O descobrimento do Brasil	Alberto Pimentel	Portuguez
O Garatuja	José de Alencar	Portuguez
O Gaúcho	José de Alencar	Portuguez
O infinito de glória e alma	José de Alencar	Portuguez
O Jesuíta	Blasco Tavares	Portuguez
O Monge de Cister	Alexandre Herculano	Portuguez
O Raio Verde	Julio Verne	Portuguez
O Romance do Romancista	Alberto Pimentel	Portuguez

O Sertanejo	José de Alencar	Portuguez
Obras	Blasco Tavares	Portuguez
Obras de Casemiro de Abreu	Casemiro de Abreu	Portuguez
Obras de Castro Alves	Castro Alves	Portuguez
Obras Poeticas	José E.	Hespanhol
Obras Posthumas	Allan Kardec	Portuguez
Obras Primas	Chateaubriand	Portuguez
Ódio Antigo	George O.	Portuguez
Olho de vidro	Castello Branco	Portuguez
Onde está a felicidade	Castello Branco	Portuguez
Opusculos	A. Herculano	Portuguez
Organce Sexueles	W. Icauzoni	Francez
Orgia Romana	Ribeiro Carvalho	Portuguez
Os dois rivaes	Armando L.	Portuguez
Os grandes viajantes	Julio Verne	Portuguez
Os miseráveis	Blasco Tavares	Portuguez
Pátria	Guerra Junqueira	Portuguez
Pela Patria e pela Republica	L. de M. Lima	Portuguez
Poesia	Blasco Tavares	Portuguez
Poesias	Alexandre Herculano	Portuguez
Poesias e prosa	Barão de Paranapiacaba	Portuguez
Precio de Socialime	B. Malon	Francez
Promessa Espori	Alexandre Mazon	Portuguez
Questões Públicas	Alexandre Herculano	Portuguez
Questões religiosas	Bento Moreno	Portuguez
Rainha Adultera	Moraes Leal	Hespanhol
Regina	Lamartine	Francez
Rei dos mendigos	-	Francez
Relatório da Associação do Rio de Janeiro	Anonymo	Hespanhol
Republicanos	Quintino Bocayuva	Francez

Ressurreição	Leon Tolstoi	Francez
Revolta Armada	Villalba	Hespanhol
Revolta militar no Porto	Anonymo	Hespanhol
Revolução Franceza	Anonymo	Francez
Robson Crusué	Daniel F.	Francez
Romance da Rainha Mercedes	Alberto Pimentel	Portuguez
Ruinas vivas	Alcides Maia	Portuguez
Sangue	Castelo Branco	Portuguez
Senhora	José de Alencar	Portuguez
Sensualidade e amor	Chateaurag	Francez
Socialisme	J. Bordeaux	Francez
Socialisme	Isid Masseron	Francez
Socialisme	Emille Loveleye	Francez
Socialisme Conteporanie	Emile Lavalye	Francez
Soldados da Revolução	Micheut	Francez
Sombras e Luz	Bernardino Pinheiro	Portuguez
Sonetos e Poemas	Alberto de Oliveira	Portuguez
Sonho no Cárcere	Barata Ribeiro	Portuguez
Sonhos de ouro	José de Alencar	Portuguez
Sonhos de ouro	José de Alencar	Portuguez
Senhora	José de Alencar	Portuguez
Sophismes Politiques	Charles Benoist	Francez
Sphinger dos gelos	Julio Verne	Portuguez
Tempo dos Francezes	Francisco B.	Francez
Tentação	A. Caminha	Portuguez
Tereza, a Philosopha	Anonymo	Portuguez
Terror dos Maridos	Alberto Pimentel	Portuguez
Theatre	Ad. Regenier	Francez
Theatro	Castello Branco	Portuguez
Thenes des Livres	Anonymo	Francez

Theoria do Socialismos	J. Martins	Portuguez
Therapeutique	Troseau P.	Francez
Therapeutique	A. Rosseau	Francez
Tiradentes	José Agostinho	Portuguez
Toxocologie	XXXX	Francez
Tragedias da Historia	Castellar	Portuguez
Traité de Economie Politique	Courgele S.	Francez
Transformations Sociales	Hector D.	Francez
Travail Sociale	E. Darklein	Francez
Ubirajara	José de Alencar	Portuguez
Ultimo Carrasco	Leite Bastos	Portuguez
Últimos Contos	Amelie Braga	Portuguez
Um drama na Livonia	Julio Verne	Portuguez
Um favo de gozo	Tallopis	Francez
Uma cidade de fluctuante	Julio Verne	Portuguez
Vida	S. Smiles	Portuguez
Vingança	Castelo Branco	Portuguez
Zoologia	P. Moraes	Portuguez

Fonte: Livro de Acervo Biblioteca, Sociedade União Operária.

Certamente, o que se apresenta na tabela de número 15, aborda pequena amostragem das obras literárias que compunham o acervo da biblioteca da SUO. Uma análise inicial desses exemplares, a partir da relação do livro de registros, indica que o acervo era composto por diferentes gêneros textuais, desde dicionário, romances, aventuras até livros religiosos. Contava também com obras alusivas à saúde, medicina, filosofia, economia, política e história. Livros de cunho religioso faziam parte do cotidiano da biblioteca, pois observou-se a presença de exemplares da Bíblia Sagrada, Bibliotheca Maçônica⁷⁵ e a Codificação Espírita,

⁷⁵ Instituição filosófica, filantrópica com cunho educativo e progressista, a Maçonaria tem como lema o trabalho, a ciência e a justiça. Não é uma religião, mas sim uma instituição com fins religiosos aonde difundem, por meio de reuniões secretas – estritamente masculinas – a união entre os homens, reconhecendo Deus como criador. Fonte: Site Brasil Escola. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/religiao/maconaria.htm> acesso em agosto de 2020.

escrita por Allan Kardec⁷⁶, o que sinaliza uma vocação ecumênica dessa biblioteca. Para além dessas referências, não foram encontradas menções aos cultos de matrizes africanas ou livros mulçumanos, este talvez por provavelmente não haver procura devido a não presença de população letrada negra (que buscasse orientação sobre os cultos) e de povos árabes. O que nos chama atenção é o fato de haver disponível alguns exemplares do Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, cuja doutrina se pauta na ciência e na fé racional.

A se julgar pela baliza temporal desta pesquisa, a doutrina espírita era recém sistematizada, tendo chegado ao Brasil por volta de 1860. Suas ideias e filosofias contradiziam dogmas arraigados pela sociedade católica, sendo combatido pela Igreja Católica, assim que as primeiras ideias começaram a se disseminar. Ainda assim, os livros se faziam presentes nas prateleiras da biblioteca da Sociedade União Operária, aparentando tentar atender a todos os públicos que ali frequentavam. É importante registrar que dos livros, hoje considerados clássicos, a maioria disponibilizada era formada de livros na língua portuguesa, tendo outros escritos em espanhol e francês. É necessário ratificar que o livro analisado não condiz a totalidade de livros que faziam parte do acervo bibliotecário.

Dos autores relacionados os que tinham maior diversidade de títulos para retirada eram: Julio Verne, Barão de Paranapiacaba⁷⁷, Joaquim Nabuco, Paul de Kock⁷⁸, Tolstoi, José

⁷⁶ Hippolyte Léon Denizard Rivail, seu nome de batismo, nasceu em Lyon, em 3 de outubro de 1804, de uma família que se distinguiu na magistratura e na advocacia. Em 1855, a questão das manifestações dos Espíritos intriga, o então cientista Rivail, o que o faz entregar-se aos estudos da manifestação mediúnica. Suas obras principais sobre esta matéria são: O Livro dos Espíritos, com primeira edição em 1857, O Livro dos Médiuns de 1861, O Evangelho segundo o Espiritismo, de 1864, O Céu e o Inferno de 1865, A Gênese, de 1868; O professor Ravail também escrevia para a Revista Espírita, com periodicidade mensal, com início em janeiro de 1858. Fundou em Paris, no ano de 1858, a primeira Sociedade espírita devidamente constituída, nomeada de Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, cujo fim exclusivo era o estudo de quanto possa contribuir para o progresso da nova ciência. (Paulo César da Conceição Fernandes, 2008). Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6322/1/2008_PauloCesarCFernandes.pdf acesso em agosto de 2020.

⁷⁷ João Cardoso de Meneses e Sousa, Barão de Paranapiacaba (Santos, 25 de abril de 1827 - Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1915) foi um poeta, jornalista, advogado, tradutor, professor e político brasileiro.

⁷⁸ “Charles Paul de Kock (Passy (Paris), 21 de maio de 1794 - Romainville 29 de agosto de 1871) foi um importante romancista francês do século XIX. Kock era aclamado pelo público, principalmente entre as camadas mais populares, porém, não fazia o mesmo sucesso entre os críticos da época que afirmavam que Paul de Kock escrevia imoralidades e seu único objetivo era o lucro. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_de_Kock acesso em agosto de 2020.

de Alencar, José Peçanha, Avassee E. Lue, Allan Kardec, Louis Auguste Blanqui⁷⁹, Quintino Bocaiuva⁸⁰, Eça de Queiroz, Joaquim Nabuco, Victor Hugo e Machado de Assis.

Foi possível perceber que os escritores aqui mencionados, que compunham o acervo da biblioteca da SUO, fazem parte de um seleto grupo literário de importância singular. Percebeu-se que da literatura francesa, predominam os romances, ficção, política, história e economia. Da literatura traduzida para o português ou de origem brasileira percebeu-se um lastro maior de romances ou ficções baseadas na cultura brasileira. Das mencionadas obras descritas no livro de inventário da Sociedade União Operária não é possível afirmar que fizeram diferença nas práticas docentes ou que impactaram na vida dos operários associados que frequentavam o espaço. Aliás, é possível perceber que o número de empréstimo de livros era baixo, apesar de não termos outro ano de referência para que pudéssemos realizar comparativos. No entanto, pela vasta quantidade e variedade de exemplares disponíveis, o registro médio de retiradas de livros na ordem de três livros por dia (no ano do documento analisado), sugere uma baixa rotatividade a se julgar, também, pelo número de associados. Embora não se possa afirmar que a literatura disponibilizada para leitura dos associados tenha desempenhado influência nas práticas pedagógicas – o que, de fato, pré concebe-se que não, devido aos documentos aqui expostos - a presença de um rol eclético de escritores que confirmava preceitos estabelecidos pela Sociedade União Operária, nas prateleiras de sua biblioteca, sinaliza que, ao menos, acesso às ideias, os consulentes possuíam. Se eles as consumiam e traduziam este consumo em ações de mudança de comportamentos (sobre liberdade, igualdade, emancipação e justiça social), pesquisas mais circunscritas poderão, no futuro, responder.

Tendo conhecimento acerca da educação informal que circundava a Sociedade União Operária, faz-se necessário conhecer parte dos associados dessa sociedade de modo a perceber que parte deles também se fazia presente na vida educacional, política, artística e econômica da cidade.

⁷⁹ Nascido em 08 de fevereiro de 1805, em Paris, foi um republicano, revolucionário socialista francês que ficou conhecido pela teoria do blanquismo. Teoria essa que o deixou conhecido pela igualdade entre homens e mulheres além da supressão do trabalho infantil. “(...) Defendia a tomada do poder pela luta armada, e a implementação do socialismo e do comunismo por um grupo relativamente pequeno de conspiradores altamente organizados e dentro do secretismo (eis a síntese do blanquismo). Pela sua luta, passou 37 anos da sua vida na prisão, sendo por isso conhecido pelo cognome de "O Encarcerado" ("*L'Énfermé*"). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Louis_Auguste_Blanqui acesso em agosto de 2020.

⁸⁰ “Quintino Antônio Ferreira de Souza, que se tornaria conhecido como Quintino Bocaiúva, mudou-se, em 1850, para São Paulo, onde se iniciou profissionalmente como tipógrafo e revisor. No ano seguinte matriculou-se no curso anexo à Faculdade de Direito, mas teve de abandonar os estudos em 1854, por falta de recursos. Republicano histórico, sua ação se desenvolveu sobretudo na imprensa. Jornalista polêmico, louvado pelos contemporâneos pela agressividade e lógica do discurso, carecia de certa informação teórica, falha que o limitou ao ataque circunstancial à monarquia, sem chegar a produzir obra ideologicamente mais profunda e coerente.” Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/quintino-bocaiuva.htm> acesso em agosto de 2020.

Tabela 20: Relação de Associados - Sociedade União Operária

Anthero Rodrigues da Silva	José Domingues Martins
Abelardo Gomes	José Meirelles
Alberto Xavier Moraes	José Ribeiro da Silva
Alcides Luis Alves	José da Costa
Arminio B. Lasser Palest	José Lopes Nunes
Alberto Veiga	Loja Fraternidade
Aparecido Augusto da C. S. Junior	Mathias Joaquim Miranda
Albano Rodrigues Sá João	Melchiades Alonso Rodrigues
Antonio Joaquim Mendes	Melchiades da Silva Peres
Antonio Duarte Teixeira	Marcelino Sant'Ana
Antonio Rodrigues Fernandes	Michel Alca
Antonio da Silva Azevedo Junior	Manoel Augusto de Oliveira Alfaya
Antonio de Freitas G. Sobrinho	Manoel José Ferreira
Antonio Abrantes	Manoel Duarte de Oliveira
Benedicto Calixto	Manoel de Azevedo
Bernardino Clemontino Nebias	Manoel Bento de Amorim
Benedicto de Mourar Ribeiro	Manoel Gomes de Farias
Bernardo Brovini	Manoel do Nascimento Junior
Clube Lyra do Apollo	Norberto Paiva Magalhães
Carlos Xavier Moraes	Octacílio D. Martins
Clotilde de Campos Nunes Sá	Paschoal Rodrigues
Carlos Guimarães	Pedro Augusto Pereira da Cunha
Cassemiro dos Santos Vasconcelos	Pedro Mazzoti
Centro dos Varegistas de Santos	Raimundo Teodásio Gomes
Coronel Joaquim Montenegro	Sociedade Humanitária dos E. C.
Clarice de Azevedo Martins	Sociedade Portuguesa de Beneficência
César Lacerda Vergueiro	Sociedade União Operária de Bagé
Delfino Stockler de Lima	Sociedade Musical Colonial Portuguesa
Eduardo Aureo Vahia de Abreu	Santa Casa de Misericórdia de Santos
Francisco de Paula Ribeiro	Santos Stevan Caruso
Francisco Barreira Luiz	Thomaz Antonio de Azevedo
Francisco de Almeida Guilherme	Victorino Esteves
Iveta Mesquita de Nogueira	Venâncio Cunha
Ignacio Mendonça Uchôa	Zulmira Honorário de Carvalho
Ignacio Mascarenhas Passos	Zeny Domingues Martins
José Martins Peres	

Fonte: Livro de Sócios do Acervo Documental Sociedade União Operária.

Após observação de parte dos associados da Sociedade União Operária, compreendeu-se que alguns membros eram ilustres cidadãos da sociedade santista, vinculados, em sua maioria às áreas de educação, política e artes. Pessoas ilustres que hoje são homenageadas na toponímia da cidade, tendo seus nomes vinculados à equipamentos da Secretaria de Educação, como, por

exemplo, Iveta Mesquita Nogueira.⁸¹ Professores e dirigentes da própria Sociedade compunham o lastro de associados da instituição, compreendendo que assim eram propagadores dos ideais da SUO. Observou-se também que personalidades da área da historiografia e da arte compunham o conjunto de associados, como o caso do pintor Benedito Calixto⁸², cujas relações com Thomaz Antonio de Azevedo eram bastante próximas, pois trabalharam juntos nas obras do Teatro Guarany, além de políticos que hoje nomeiam ruas da cidade de Santos, hospitais e associações.

Após dissertar sobre a educação na formalidade da escola enquanto instituição formal, e as práticas pedagógicas possivelmente adotadas pelo corpo docente da Escola Sociedade União Operária, conhecer o acervo literário disponível para consulta por meio da biblioteca desta sociedade nos auxiliou a compreender sobre as possíveis atuações dos membros associados e frequentadores da instituição. Todavia, é importante reiterar que a educação informal permeava toda convivência social vivida pelos indivíduos. Dessa forma se faz necessário, também, conhecer de maneira mais aprofundada a educação informal ambientada em Santos, no período entre 1890 e 1925. Por isso, discorreremos, brevemente a seguir, sobre a imprensa santista e de que forma suas publicações contribuíram para a formação dos imigrantes recém chegados e daqueles que já residiam na urbe.

Ao considerar que a cidade de Santos, segundo GITAHY (1992), entre os anos de 1873 e 1917 teve mais de 153 veículos de comunicação (entre jornais e periódicos) fundados e que esses elementos são considerados subsídios para realização de uma educação informal, de acordo com preceitos da educação libertária, o capítulo a seguir fomenta diálogos sobre a importância desses instrumentos e suas contribuições para a formação da identidade santista. Identidade essa, conhecida pelas lutas e conquistas dos trabalhadores, sobretudo do cais e das profissões a ele ligadas.

⁸¹ Professora primária da cidade de Santos que atuou na educação voltada para as primeiras letras, em escolas subvencionadas pelo poder públicos, por cerca de 50 anos. Fonte: Revista Eletrônica Novo Milênio. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/poli1979.htm> acesso em agosto de 2020.

⁸² Nascido em 1853 na região litorânea sul do Estado de São Paulo, Benedito Calixto foi pintor, professor, historiador e ensaísta. Trabalhou na oficina do mestre Tomaz Antonio de Azevedo, tendo a incumbência do trabalho de decoração do Teatro Guarany. Estudou desenho e pintura em Paris entre os anos de 1883 e 1884, retornando ao Brasil com uma máquina fotográfica e, partir de então passa a fazer registros da região das cidades da Costa da Mata Atlântica e posteriormente transformando essas fotografias em pinturas. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8777/benedito-calixto> acesso em agosto de 2020.

2.4 Memória social e a Educação dos trabalhadores

“A viagem terminou, o caminho começou”.
(G. Lukács)

Durante a realização das pesquisas de campo, sobretudo, no decorrer das entrevistas realizadas com membros do Sindicato dos Estivadores e do Centro Real Português, buscou-se trazer à escrita as memórias que fizeram parte da educação daqueles trabalhadores. Para tanto, ao considerar a educação como parte da vida do indivíduo, buscou-se a compreensão do cotidiano dos imigrantes (sobretudo, portugueses e espanhóis), dialogando (ainda que intuitivamente) com sujeitos que foram encontrados ao longo da pesquisa nos arquivos. Dentro desta realização, deparou-se também com elementos de afinidade com os ideais praticados pelos anarquistas, como a educação pela imprensa e as lutas sindicais na busca pela melhoria na qualidade de vida, passo base para as lutas dos trabalhadores, acesso à educação, cultura, lazer, alimento e moradia.

É importante reiterar que as análises documentais se mostraram relevantes instrumentos para ampliar e tecer a memória coletiva da classe trabalhadora, cujo vislumbre se dava para a emancipação social. O exame dessa complexa realidade social ocorreu pela busca do Eu⁸³, escondido ao longo dos anos, localizada na “*zona intermediária*” numa constante troca entre o inconsciente e o consciente (QUEIROZ, 1993), mesmo sabendo que essa composição não se faz compreendida na íntegra. No que se referem as memórias sociais e a educação dos trabalhadores foi de profunda importância os relatos orais pautados na pesquisa qualitativa que assinalaram elucidações parciais dos fenômenos sociais. Relatos de tempos de outrora, na abordagem de Daniel Bertaux, explanara parte da história das sociedades aqui estudadas, circunscrevendo as memórias sociais e da educação da classe trabalhadora.

Ao dialogarmos com alguns integrantes da Società Italiana di Beneficenza percebemos que a história da educação do trabalhador e para o trabalhador de ascendência italiana, munícipe da cidade de Santos, continua (por enquanto) velada, oculta na obscuridade da ausência de materiais que fundamentem uma pesquisa acadêmica. Obviamente, a caracterização desta sociedade, na baliza temporal desta pesquisa, só pôde ser observada em fragmentos, como nas estatísticas dos *Anuários da Instrução Pública de São Paulo*, manancial sobre o número e sexo dos alunos matriculados nas escolas e grupos escolares da cidade de Santos. É importante

⁸³ O Eu aqui nos referimos ao próprio trabalhador, segundo a busca pelo eu na referência de Maria Isaura Pereira de Queiroz em *O imaginário será mesmo “imaginário”?* (CERU, 1993).

salientar que as estatísticas, às quais se referem os anuários, contabilizam apenas crianças em idade escolar.

Assim como a Società Italiana di Beneficenza, a Sociedade União Operária permanece com grande parte de sua história ainda por ser pesquisada, dadas às dificuldades de acesso aos fundos documentais e, por isso, os resultados ficaram inconclusos. Na sociedade supracitada ainda há muitas dúvidas e questionamentos a serem descortinados, como por exemplo, o fim dos mais de dez mil exemplares da biblioteca (famosa na cidade devido ao vasto acervo); bem como as relações entre sócios, diretoria e convidados que circulavam nas dependências da sede e que faziam parte de instituições atuando no combate às atuações trabalhistas, por considerarem subversivas. Esses são apenas alguns exemplos de novos que ainda precisam ser desenrolados. Certamente há outros.

Nas demais instituições pesquisadas, foi necessário realizar pesquisas para que pudesse conhecer as suas histórias (antes das entrevistas), e assim pelo depoimento oral descortinar aquilo que o tempo insiste em deixar para trás. Pelas narrativas descritas foi possível analisar e associar as memórias com o pensamento de filosófico ao qual se embasavam os preceitos de algumas instituições.

A questão da análise das narrativas merece considerações. Análise significa a atribuição de sentido aos dados. Acreditamos que o documento não fala por si e precisa ser analisado com vistas à questão do estudo. Em uma perspectiva sociológica, o trabalho de História Oral não se esgota na realização, gravação, transcrição, arquivamento da entrevista, dado que se orienta para o estudo de um determinado aspecto da realidade social. Assim, é preciso considerar uma questão importante referente à análise. Todo estudo sociológico, inclusive aqueles baseados em história de vida, requer análise em função dos objetivos de estudo. “É análise, em seu sentido essencial, significa decompor um texto, fragmentá-lo em seus elementos fundamentais, isto é, separar claramente os diversos componentes, recortá-los, a fim de utilizar somente o que é compatível com a síntese que se busca”. (Queiroz, 1991, p.5). Se as afirmações coletadas com vistas à compreensão de uma questão, a fragmentação se faz necessária para os procedimentos de análise e inferência, ficando arquivada “a massa bruta do material coletado”. (LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. CAMPO, Maria Christina Siqueira de Souza. DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. 2010, p.47).

O contato com as fontes das sociedades de auxílio mútuo, nos permitiu conceber a ideia de que as memórias até aqui apresentadas são, do ponto de vista metodológico, consideradas como fatos sociais por entendermos que “o fato social é reconhecido pelo poder da coerção externa que exerce, ou é capaz de exercer sobre os indivíduos” (Durkheim, 1937). Nessa perspectiva, as memórias sociais dos trabalhadores puderam ser fundamentadas na análise documental sobre os tipos de habitação, as trocas ocasionadas por meio das vivências com os imigrantes, a maneira como se comunicavam e conviviam, o que nos trouxe compreensão sobre o universo operário. Toda essa percepção após o exame das fontes, também pode ser apreciada na literatura de Ranulfo Prata na obra *Navio Iluminados*, quando o escrito se refere às relações estabelecidas na cidade, no trabalho e nas atividades cotidianas. Há, portanto, umnexo causal que rompe a literatura e sobrevive nos depoimentos e fontes.

Ao considerar que “o papel impresso tem a consistência de documento e poderá ser reexaminado sempre que necessário” (BOSSI, 1996) foi possível revisitar várias vezes as temporalidades ali descritas nos acervos, de modo a traçar as memórias trabalhistas configurando relações com as literaturas filosóficas daquilo que a classe julgava ser o ideal a ser conquistado. Obviamente, o que foi trazido, por meio da pesquisa até o presente momento, nos elucida uma temporalidade de lutas e resistência por parte da classe trabalhadora, na divulgação das dificuldades enfrentadas. Essa conscientização de classe e de necessidade de organização pode ser observada, neste primeiro momento, nos meios de comunicação como jornais, panfletos e revistas, a partir dos quais foi possível perceber que as escolas, enquanto instituições e prédios, apresentavam relações conservadoras, o oposto pregado pela classe trabalhadora.

Dessa forma, as pesquisas iniciais sobre a educação da classe trabalhadora (sobretudo, dos imigrantes) potencializaram perguntas que permanecem em aberto, como por exemplo o número de alunos imigrantes matriculados em grupos escolares dirigidos pelo governo ou ainda em escolas isoladas, cuja manutenção se dava pela municipalidade e não nas instituições de sua origem natal. Não se sabe quase nada sobre isso. Não é possível afirmar, respaldos por fontes documentais, mas é possível conjecturar sobre a possibilidade da escolha pela escola pública, pelo fato das escolas providas pelas sociedades serem destinadas àqueles que pagavam as mensalidades e, dessa forma, inalcançável para a classe trabalhadora cujos proventos mal atendiam às necessidades básicas. Ainda que movidas pela indagação essas memórias sociais da educação da classe trabalhadora começam a tomar forma, e como na metáfora da luz no fim do túnel, sinaliza ainda um longo caminho a ser desvendado.

Capítulo 3

Educação para além da escola: a
formação do trabalhador por meio da
imprensa santista

3.1 Breve histórico da imprensa santista

O dia 2 de setembro de 1849 deve ficar gravado para sempre na memória de todos nós. É o dia da inauguração da imprensa santista – flamante centelha dessa imprensa universal que foi para o povo como que uma segunda revelação.
(Olaio, Rodrigues. 1979)

Não é de desprezar mesmo a importância da primeira imprensa, no seu complexo de material e de insuficiência cultural, mas que soube ser fiel às tradições da terra e às aspirações populares, ainda quando a censura fazia por destruir o ímpeto da autodeterminação, vendo nela quem sabe um liame com perigo oral da magistratura leiga e seus procuradores do povo, tribunais de motins, tumultos e rebeliões.
(BAHIA, Juarez. Apud RODRIGUES, OLAI, 1979)

A terceira parte desta dissertação analisa as contribuições da imprensa santista no que diz respeito ao desenvolvimento do ser humano, com ênfase naquilo que compreendermos ser uma educação informal, esse híbrido que se manifesta na instrução fomentada por meio das relações interpessoais, assembleias, organizações de trabalhadores, instituições de auxílio mútuo, a circulação de revistas, jornais, panfletos entre outras formas de comunicação às quais se pautam a vida social do indivíduo. As relações estabelecidas entre a população da classe trabalhadora, por meio de impressos e reportagens, diálogos e até manifestos contribuíram significativamente para que pudéssemos circunscrever o perfil e a atuação dos trabalhadores frente às reivindicações, denúncias, necessidades e relações com outras organizações. Dissertar sobre a mencionada atuação frente à educação informal da classe trabalhadora é de profunda importância para que se possa compreender tais manifestações impressas na cultura santista.

Catar as migalhas narrativas, procurar, nos labirintos da mitologia da prática social e política dos camaradas e companheiros de lutas árduas, a ponta do fio de novelo infinito desse Teseu proletário. Revolver a poeira das prateleiras das estantes da história social, que não tem estantes nem prateleiras. A tarefa é antes de tudo um veículo de criação: fazer Arte na Ciência, balançando velhas dicotomias positivas, porque também na reflexão “puramente” científica existem porções inevitáveis de criatividade artística que, às vezes, até possuem um belo soar estético (HARDMAN, Francisco Foot. 2020, p. 272).

Uma colcha de retalhos. Esta é a melhor metáfora que podemos utilizar para apresentamos o “período de resistência”⁸⁴ da cidade de Santos. Como sabido, a urbe conhecida pelas lutas abolicionistas e pelo epíteto de “Barcelona Brasileira” foi cenário de muitas lutas e conquistas trabalhistas, assim como grandes perseguições políticas, sendo esse o maior motivo

⁸⁴ Período de resistência aqui se refere à chegada dos imigrantes anarquistas, segundo o jornalista Paulo Matos, na inconclusa obra “Santos Libertária”, que se encontra disponível por meio da Revista Eletrônica Novo Milênio. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0156x.htm> acesso em janeiro de 2020.

para o desaparecimento (compulsório ou fortuito) de documentos que nos permitiria, caso ainda existissem, construirmos uma pesquisa mais aprofundada acerca da história recente da cidade. Segundo o jornalista, Oloa Rodrigues, no século XIX, a cidade de Santos se estabeleceu como o segundo município da Província no quesito variedade hebdomadária. De acordo com sua apurada pesquisa, a cidade de Santos até o ano de 1979 contabilizou mais de 280 jornais, dentre os quais alguns de circulação diária, quinzenal e periódica, além das mais de 50 revistas e mais de 30 almanaques, álbuns e poliantéias, sem mencionar os folhetins e jornalecos⁸⁵ que, se perderam ao longo do tempo.

Contudo, antes de dissertar sobre a importância da imprensa santista para a educação de cunho informal à qual estavam envolvidos os trabalhadores, se faz necessário conhecer o movimento da imprensa no Brasil para compreender o quão vanguardista, à época, se encontrava a cidade de Santos. Perfilhando a educação informal desenvolvida por meio do instrumento jornalísticos em seus mais diferentes formatos, percebe-se que a mesma atua em seus diversos aspectos que vão desde a difusão dos instrumentos filosóficos de atuação, literatura, notícias acerca do universo que permeia o trabalhador, ações combativas à exploração da mão de obra e elucidações sobre o uso da máquina estatal enquanto objeto de controle e coação, além da ação contra a fé desmedida enquanto fomento de dogmas religiosos que cerceiam o desenvolvimento do ser humano. O homem precisa ser livre na busca de seu desenvolvimento intelectual e humano e, portanto, as relações com os indivíduos de seu círculo de relações por meio de ajuntamentos das mais diversas ordens.

De acordo com Mikhail Bakunin, em *Um Federalismo Anarquista*, é preciso reconhecer direitos do povo e do cidadão, sobretudo, no que tange à livre reunião para diálogos e decisões. Nessa perspectiva Bakunin refere-se à instrução informal fomentada nos grandes agrupamentos e eventos aonde são difundidos ideais, pois, segundo o filósofo anarquista a agudeza do homem está manifestada na ciência cuja fortuna de sua inteligência se funda em seu trabalho, na sua liberdade e, principalmente, na justiça. Ainda segundo Bakunin, é necessário acabar com o ócio da classe dominante que desfruta, aproveita e sobrevive do trabalho operário para intelectualizar-se. O trabalhador, que tem quase dois terços das horas do dia tomadas pelo trabalho como forma de prover seu sustento, não encontra meios de desenvolver sua intelectualidade no ensino formal, por isso, a imprensa se torna um grande aliado na luta para as melhorias na qualidade de vida.

⁸⁵ Ao que se refere “Jornaleco” o jornalista e escritor Oloa Rodrigues se refere àquelas publicações efêmeras que veiculavam sem uma periodicidade regular ou ainda aos folhetins de curtíssima duração dos quais não foram possíveis realizar catalogação devido à sua inexistência em arquivos ou coleções privadas.

Nesse aspecto, para conceituar a imprensa operária, se faz necessário abarcar que a mesma é produzida, também, por operários. Logo, a relação entre emissor e receptor apresenta estreita relação porque se identificam com as produções, visto que temas e problemáticas tratados na imprensa, referem-se aos mesmos interesses. Há de salientar, ainda, que no rol das publicações operárias concebe-se àquelas que não são produzidas pelos operários, cujo noticiário era realizado pelas buscas de notícias e acontecimentos. Reproduzem apontamentos para operários, mas não os são. Essa, as denominamos de “Imprensa Operária Partidária”, de acordo com os apontamentos de Maria Nazareth Ferreira. Para a autora, a função de repórter de campo não era efetivamente composta, visto que os acontecimentos chegavam às centrais de redação por meio de cartas pessoais, denúncias e relatórios de sindicatos. Ao refletir sobre essa relação, Ferreira nos chama atenção sobre a relação direta existente entre a quantidade de jornais e folhetins fundados e as greves. Observemos que:

“(…) A comparação entre os dados referentes à fundação de novos jornais e a ocorrência de movimentos paredistas trouxe algumas hipóteses que orientam a atenção de estudiosos para aspectos interessantes. O primeiro deles é que o aumento de jornais antecede ao período de início das greves, o que pode indicar a atuação do jornal como um eficiente instrumento de mobilização e politização. O segundo aspecto que pode ser observado é a oposição existente, na maior parte das vezes, entre as frequências mais elevadas dos eventos analisados: quando o índice de aparecimento de novos títulos é alto, a incidência de greves é baixa (ou inexistente); quando, ao contrário, há grande ocorrência de greves, os novos títulos não aparecem (ou aparecem em número muito reduzido). No entanto, é natural essa oposição. Se o jornal for compreendido como instrumento de teoria (como ensina Lênin e como era naquela época), é evidente que nos momentos em que a teoria era levada à prática, ou seja, no momento da ação concreta (a greve), a produção teórica sofria um processo de retração. Estavam todos empenhados na luta, tanto a liderança como os liderados. Por outro lado, os movimentos de greve eram momentos de grande desorganização econômica dos operários. Como o jornal era publicado com fundo dos trabalhadores, o fator econômico provavelmente também impedia a criação de novos títulos. Nos períodos de greve era comum a proliferação de manifestos, panfletos e boletins especiais. No entanto, esse dado não contradiz o outro; pelo contrário, confirma a atuação do jornal como instrumento de mobilização. De outro modo, como poderia ser útil a

publicação de manifestos, panfletos ou boletins especiais se os trabalhadores não estivessem preparados para lê-los? Entretanto, como não foi possível encontrar dados sobre a tiragem dos jornais, o que demonstraria objetivamente sua atuação, essas considerações pertencem ao campo das hipóteses. (FERREIRA, 1988, p. 22 e 23).

Diante do exposto, ao que se refere à imprensa, sua atuação, sua relação com o trabalhador e sua indispensável função na área da educação informal, compreendeu-se sucesso deste veículo de notícias por auxiliar também no fomento de discussões, organização e sobretudo informar as conquistas dos trabalhadores, por ter o jornal uma atuação de maior alcance. Normalmente, esses veículos de comunicação estavam ligados às associações, grêmios ou quaisquer organizações trabalhadoras, pois, não era propriedade de uma pessoa física, visto que as informações (para além da instrução) não eram mercadorias a serem consumidas, mas sim, instrumento de conscientização coletiva, segundo compreendiam libertários e anarquistas.

A imprensa brasileira, segundo Ferreira, divide-se em dois momentos bastante significativos, por isso é preciso salientar que a chegada dos imigrantes no Brasil, também está relacionada com o crescimento da imprensa brasileira, uma vez que existe um nexo causal entre a chegada dos imigrantes, o processo de urbanização dos grandes centros e variedade de impressos neste período, grande parte desses, criados e mantidos por imigrantes. Ao desembarcarem no Brasil encontraram fértil terreno pra a disseminação das ideias e ideais libertários, sobretudo, a partir da segunda década do século XX com a Revolução Russa⁸⁶. Esse aumento de fluxo populacional está relacionado com a primeira fase da história da imprensa brasileira, à qual se define como momento de expansão do anarcossindicalismo, sendo precedido pela fundação do Partido Comunista do Brasil.

Assim, os numerosos jornais lançados por iniciativas dos intelectuais foram armas importantes que levaram as ideias à discussão, criaram o hábito de leitura e prepararam o terreno para o surgimento da imprensa operária na virada do século, que, com a presença dos operários imigrantes, em outra conjuntura iria produzir os primeiros frutos da luta social. Essa etapa foi fortemente marcada pela orientação anarcossindicalista, ideologia que iria

⁸⁶ A história do século XX teve na **Revolução Russa** de 1917 um de seus principais eventos. A construção do Estado soviético pelos membros do partido bolchevique resultou em uma mudança das formas de desenvolvimento econômico verificadas até aquele momento.

transparecer tanto na organização proletária, como no conteúdo e na forma como era produzida a imprensa operária (FERREIRA, 1988. p. 9 e 10).

De maneira geral, jornais e periódicos publicados eram vistos como instrumento de politização e, ainda segundo Ferreira, orientavam-se segundo organizações anarcossindicalistas ou anarquistas, sendo esse um experimento da sementeira dos ideais anarquistas. Seu formato mudava de acordo com o maquinário e o papel, sua duração era bastante variada assim como a regularização das edições. Do que era publicado, para além das teorias libertárias, era possível encontrar notícias de defesa aos direitos de trabalho e melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores. Isso, claramente, buscava elevar moralmente o leitor, servindo inclusive como um meio de educação informal. As denúncias de abusos, as arbitrariedades das autoridades pátrias, as explorações eram difundidas para que a população – a classe labutadora – pudesse se organizar e lutar contra a atuação do sistema capitalista que avançava a passos largos no país. Observemos o que diz Ferreira a respeito da imprensa operária:

A importância da imprensa operária na organização, mobilização e politização da classe trabalhadora foi destacada por Lênin⁸⁷ em diversas ocasiões. Considerava uma questão essencial a criação da imprensa operária para impulsionar o movimento operário russo. Justificava a necessidade da imprensa operária, justamente porque os trabalhadores não contavam com nenhum meio de comunicação tal como os outros segmentos da sociedade, que se representavam através de seus partidos legais, seus parlamentares, suas associações e da imprensa burguesa. Escrevendo sobre dificuldades de concatenar as várias manifestações do movimento operário russo espalhados por diferentes regiões, apontava o jornal como única possibilidade de unificar essas lutas (FERREIRA, 1988. p. 12).

A respeito da supracitação de Ferreira, percebe-se que a imprensa operária brasileira enquanto instrumento de politização, instrução e educação caminhou a passos similares da imprensa operária europeia, sobretudo a que se desenvolveu na antiga União Soviética, tendo a maior proliferação com a chegada dos imigrantes. Com eles intensificou-se o pensamento de que a imprensa operária estaria em condições do convencimento das lutas políticas, o que

⁸⁷ Vladímir Ilyich Ulianov, mais conhecido pelo pseudônimo Lenin, nasceu no dia 22 de abril de 1870, e é considerado um dos maiores líderes e revolucionários comunistas. Teórico político, atuou como chefe de governo da Rússia Soviética, entre 1917 a 1924. Além disso, foi um dos idealizadores da Revolução Russa, comandando a União Soviética de 1922 até a sua morte, em 21 de janeiro de 1924.

corroborar organização operária enquanto aparelho de manifestação. Ainda segundo a arguta autora, muitas vezes tínhamos diferentes jornais fundados pelos mesmos grupos, mas era possível dentre eles se deparar com personagens como Martins Fontes, Carlos Escobar, Everardo Dias, Florentino de Carvalho, João da Costa Pimenta, Silvério Fontes, Edgar Leuenroth, entre outros. Com o crescimento e o desenvolvimento da imprensa, líderes brasileiros do campo operariado ganhou espaço, sobrepondo-se aos líderes imigrantes (NAZARETH, 1989).

A imprensa avançou e ganhou local de destaque entre os trabalhadores, num processo de intelectualização e disseminação de ideias libertárias e anarquistas. Segundo Isabel Bilhão, no ano de 1923, o governo assina Lei de Imprensa que proíbe o anonimato, além de punir àqueles que difundiam ideias cujas instruções relacionavam-se contra a segurança e a ordem pública, ou seja, todas as características que compõem os jornais, folhetos e folhetins operários.

As relações que se davam entre os jornais veiculados apresentavam ideias comungadas de modo a perceber que o diálogo se fazia presente entre as classes. Observemos as contribuições de Francisco Foot Hardman, para compreender este cenário. Em, “Nem pátria, nem patrão”, Foot-Hardman adverte:

A consciência de classe do proletariado não deve ser buscada numa abstrata de ideológica operação de separa a ciência e a ideologia, mas, concreta e *materialmente*⁸⁸, pode ser apreendida no exame das instituições criadas pela classe (uniões, ligas, sindicatos, jornais, partidos, etc.) e nas relações mantidas por essas diferentes instituições com as classes dominantes, os setores sociais intermediários e o Estado. Isto é, a formação e o desenvolvimento das formas assumidas pelo coletivo da classe operária. (THOMPSON, E. P. Apud FRANCISCO FOOT HARDMAN, 2020, p. 39).

Nesse sentido, Hardman também se refere à solidariedade enraizada na teoria de Joseph Proudhon quando dialoga acerca do papel das instituições de auxílio mútuo, que além de apurar seus associados devem contribuir para a organização e a instrução da classe trabalhadora com a finalidade de emancipá-la. Vejamos outra referência sobre essa prerrogativa:

⁸⁸ Grifo do autor. Hardman, Francisco Foot. Nem Pátria, nem patrão! São Paulo, 2020, p.39.

“Um jornal só pode subsistir se reproduzir uma doutrina ou um sentimento comum a um grande número de homens. Um jornal sempre representa, portanto, uma associação a que seus leitores habituais são afiliados. Essa associação pode ser mais ou menos definida, mais ou menos estreita, mais ou menos numerosa; mas existe pelo menos em germe nos espíritos, pelo simples fato de que o jornal não morre [...]. Quanto mais iguais se tornam as condições, menos os homens são individualmente fortes, mais se deixam levar pela corrente da multidão e mais dificuldade têm de manter-se sozinhos numa opinião que esta abandona. O jornal representa a associação; pode-se dizer que ele fala a cada um de seus leitores em nome de todos os outros e os conduz com tanto maior facilidade quanto mais são fracos individualmente. Portanto, o império dos jornais tende a crescer à medida que os homens se igualam” (TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*, 1835).

De acordo com o descrito acima e tendo o jornal como aliado na instrução do povo, percebe-se que a imprensa operária que circulava no Brasil apresentava todas as características de uma imprensa endógena conforme explica Vanice Maria Oliveira Sargentini⁸⁹. Isso é perceptível, quanto à despreocupação com a estética, publicações de contos e fábulas (normalmente assinado com um codinome), manifestos e denúncias assinados por autores desconhecidos, permitindo dessa forma que esse incógnito autor representasse o espírito popular, o coletivo e não a individualidade. Por fim, ainda segundo Sargentini, as produções eram embasadas na luta contra os três poderes, a quem podemos nomear por meio da burguesia, da igreja e do Estado. Vejamos um exemplar do Jornal “*Aurora Social*” que veiculou na cidade de Santos, cuja organização era mantida por meio da Federação Operária Local:

⁸⁹ Professora da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR. Doutora pela UNESP, por meio da tese “Discurso e História: as vozes anarquistas na construção do trabalhismo brasileiro.

AURORA SOCIAL

Orgam da FEDERAÇÃO OPERARIA LOCAL

Numero especial em comemoração ao seu terceiro aniversario
Toda a correspondencia deve ser dirigida a J. Rufino — RUA GENERAL CAMARA, 53 (Sobrado) — SANTOS

Aurora Social

Completa hoje o seu terceiro aniversario a nossa modesta folha. Quando a tres annos iniciamos a sua publicação, era nossa intenção publica-la pelo menos semanalmente. Os grandes embaraços e o grande numero de luclas que a organização teve que sustentar, impedio que se realizasse o nosso desejo: Contudo conseguimos publica-la durante tres annos quinquenalmente, auxiliados por um pequeno numero de camaradas dedicados.

Entretanto ainda não perdemos a esperança de realizar o nosso desejo, e isso pode conseguir-se com o auxilio dos camaradas que reconhecem util e necessaria a sua publicação.

Que é necessaria a publicação de um jornal nosso, está fora de qualquer duvida pelos os dias essa necessidade se apresenta imperiosa, a obra que um jornal pode realizar é grande e toda a contribuição que os operarios prestam aos jornaes burguezes, deviam presta-la em beneficio da AURORA SOCIAL, procurando dar-lhe vida prospera, para que ella seja o echo constante das nossas aspirações, o jornal abituará a maioria dos operarios a discutir os assumptos que se relacionam com a propria cauza, dando maior vida as organizações e comentando todos os factos sob o ponto de

vista da sua moral, da justiça e da verdade realizaria uma obra vasta de educação entre o proletariado.

Auxiliem pois a AURORA SOCIAL!



ANNO NOVO

Para os que tem a felicidade de viverem rodeados de bem estar, a entrada do Anno Novo é objecto de alegria: os filhos esperam ansiosos esse dia para receberem as Festas do Anno Bom em seus lares tudo é festa tudo é riso!

Os espiantes destruem mimos a seus freguezes e no proximo anno, esperam poder continuar falsificando os generos, roubar nos pesos e medidas e vender a mais alto preço as suas mercadorias.

Os medicos e pharmaceuticos que no proximo anno haja muitos coleras, os advogados e magistrados que se realizem muitos furtos e assassinatos, os capitalistas que haja muita desocupação para ter grande concorrencia de braços e que possam augmentar ao mais alto preço os alugueis das cazas, o padre espera que no novo anno morra muita gente para dizer missas em quantidades de todo esse enorme bando de parasitas de sangue-sugas outra lhes seja propicio para continuarem a roubar-n's desfrutando do trabalho alheio.

Para o trabalhador, a entrada do anno novo passa indifferente, festas não faz, nem as poderia fazer, pois lhe faltaria com que, elle ve aproximar-se o

Imagem 89: Jornal Aurora Social. Santos. Sem data. Disponível em Biblioteca Edgar Leuenroth. Unicamp / SP. Acesso em novembro de 2018.



Imagem 90: Jornal Aurora Social. Santos. Sem data. Reportagem sobre "Anno novo". Disponível em Biblioteca Edgar Leuenroth. Unicamp / SP. Acesso em novembro de 2018.

..... 8

Não mais patrias que guilhotinam, que infor-
cam, que fuzilam, que encarceram e mandam ao
exílio seus filhos! não mais patrias cujos dirigih-
ten-se banqueteam, ao mesmo tempo que seus
compatriotas morrem de fome, sem tecto onde
abrigar-se.

Acabando digo: abaixo as fronteiras para fun-
dar uma patria onde não haja escravizadores e
escravos onde não existam tiranos e tiranizados;
onde todos os que puderem produzam e não falte
com que alimentar o estomago a ninguem.

Santos, 1 de Janeiro de 1911.

José Barros.

**De ha muito que a humanidade
se inspira num Deus sem philo-
sophia; e tempo de ela se inspi-
rar numa philosophia sem Deus.**

SEBASTIÃO FAUVRE.

“ O Rebelde “

PERIODICO DOUTRINARIO — LIVRE

Redacção e Administração: Campo da Barca,
n. 8, FUNCHAL (Ilha da Madeira.)

E' director o camarada Alvaro Pinto, e pro-
priedade da commissão da «Tipografia Ferrer».

Recebemos, ha dias, o n. 2 deste periodico,
datado em 13 de Setembro de 1910, pois este
mesmo numero devia de ter sahido em 18 de Maio
do mesmo anno, mas, devido aos patifes de so-
taina negra que grassam na Ilha, foi obstaculada
a publicação do n. 1 e 2. sendo, tambem, perse-
gnido o relativo director e outros camaradas, pela
policia jesuitica do Funchal.

Brevemente apparecerá o n. 3.

A Sementeira

— PUBLICAÇÃO MENSAL —

Illustrada, Critica e Sociologica, em LISBOA

Redacção e administração: Rua da Barrócs, n. 194

“ A Aurora “

PUBLICAÇÃO SEMANAL - Ebdomadario Operario

Redacção e Administração: rua da Balhariz,
n. 150 — PORTO

“ A Juventude “

PUBLICAÇÃO MENSAL

Orgão evangelizador de Sciencia e Literatura, entre
a mocidade. — Redacção e Administração:
P. do Ferreirinho n. 11, 2.a - LISBOA

“ Mulheres não procreeis! “

Brevemente apparecerá á venda este folheto de
propaganda neo-maltusiana, da « Bibliotheca de
Escritores Jovens », da Lisboa.

O folheto é escrito para o nosso camarada
José Teixeira Junior.

**Encontra-se a venda avulsa de
qualquer publicação annunciada,
em casa do nosso companheiro
Gregorio Rodrigues, rua Senador
Feijó, n. 63.**

**Indicador da
FEDERAÇÃO OPERARA LOCAL**

Secretaria: r. G. Camara, 83

SYNDICATO DOS PEDREIROS
» » CARPINTEIROS
» » PINTORES
» » OFICIOS VARIOS

Todos á rua G. Camara, 83



Imagem 93: Jornal Aurora Social. Santos. Sem data. Propagandas. Disponível em Biblioteca Edgar Leuenroth. Unicamp / SP. Acesso em novembro de 2018.

O jornal (considerado folha) composto por oito páginas, cuja publicação faz menção ao terceiro aniversário da *Aurora Social*, (sem data de publicação), foi fundado por Luís La Scala⁹⁰ e Elídio Cesar Antunha⁹¹, no ano de 1907 e possuía circulação quinzenal. É possível notar que a manutenção deste é dificultosa e, que ainda assim, há a publicação quinzenal, com

⁹⁰ Luís La Scala, nascido em 17 de junho de 1887, era empreiteiro de obras, exerceu por 16 anos a vereança da cidade. Escrevia para o operariado sobre suas reais condições de trabalho, a importância da instrução e sobretudo das necessidades para a melhoria na qualidade de vida. Destacou-se por sua atuação na Sociedade União Operária e na Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Santos. Faleceu em 20 de maio de 1963. Disponível em: https://issuu.com/davidcard/docs/esculturas_urbanas acesso em outubro de 2020.

⁹¹ Editor do jornal A Aurora Social em parceria com Luís La Scala.

o auxílio de “*camaradas dedicados*”⁹². Dentre os próprios camaradas há o consenso sobre o quão importante é o jornal para a formação do trabalhador, conforme observamos:

(...) o jornal abituaria⁹³ a maioria dos operários a discutir os assumptos que se relacionam com a própria cauza, daria maior vida às organizações e comentando todos os factos sob o ponto de vista da sã moral, da justiça e da verdade realizaria uma obra vasta de educação entre o proletário” (*Aurora Social*, s/d, p.01).

Ainda com referência à esta folha, é possível perceber outros indícios de que sua escrita se dirigia prioritariamente à classe trabalhadora, com referências à filosofia e conceitos difundidos por Joseph Proudhon e Mikhail Bakunin, quando lemos:

A sciencia demonstrou por completo o castello de mentiras muito bem archititado para manter o povo na ignorância mais profunda, ela depois de longos annos de investigação resistindo a todos os ataques que lhe lançavam conseguiu impor o seu domicilio e hoje todos sabemos que a criação milagroza do mundo é uma crença que só pede persistir nesses cérebros fracos e ignoranteo, a idea do Deus está morta num grandioso número de espíritos esclarecidos e essa convicção alastra-se entre as massas oprimidas que são a mais grandemente prejudicadas pela crença cega num Deus todo poderoso. A religião, pois, que a milhares de annos vem exercendo entre o genero humano a mais torpe e nefanda acção de aniquilamento moral e intelectual, não podendo mais semear a ignorância, vae perdendo todas as forças condemnada inexoravelmente a morrer. E todos nos sabemos o quanto é ignominiosa e infame a parte que a religião representa na sociedade presente, nos que sabemos quanto é pernicioso e prejudicial a sua influencia entre o povo trabalhador para o manter passivo e resignado, ante a opressão que o victima, nós que sabemos que a sua obra encerra-se somente no guerrear tenazmente implacavelmente tudo quanto é progresso tudo quanto é bom opondo sempre a fé cega, á razão, á analyse e ao livre exame com a sua morte combatermos que a humanidade progride e que o proletário prepara-se para ser reintegrado de tudo quanto lhe pertence. (AURORA SOCIAL. Luís La Scala, 1910).

⁹² Grifo Nosso. Destaca-se como era o trato entre aqueles que estavam à frente da luta pela sobrevivência da folha.

⁹³ Optou-se em manter a escrita utilizada fidedignamente à utilizada na época, não sendo realizada qualquer alteração ortográfica.

Parte do trecho supracitado, nos revela a disseminação de ideias e ideais libertários e anarquistas à medida que se atribui uma cegueira de conhecimento pautada em uma fé dogmatizada e ignorância que forçosamente mantinha o homem à sombra da verdade, trazido por meio da ciência. Diante disso, salientamos Foot Hardman, quando este classifica o operário enquanto peça do monte capitalista, o que anui a importância da imprensa enquanto instrumento determinante do processo de desalienação. Foi possível perceber uma classe trabalhadora sem vínculos nacionais devido ao grande processo de imigração, aproximando-se com eles as mais diferentes experiências de trabalho (fossem elas camponesas, escravistas ou artesãos) e de lutas trazidas de seus países de origem. Essas, arraigadas de tal maneira em seus modos de vida, impregnaram o país numa configuração antes desconhecida, o que tornou possível compreender as lutas culturais e políticas que se entrelaçam de modo a considerar uma unicidade ideológica. Tal unicidade foi visibilizada por sua cultura⁹⁴ impregnada nos bairros e ruas da cidade.

De fato, a imprensa operária no Brasil (e em Santos, como eco) foi fundamental na mobilização da classe trabalhadora enquanto instrumento de difusão intelectual e de lutas trabalhistas, considerando também que a presença do imigrante (sobretudo espanhóis, portugueses e italianos) foi determinante para essa organização na luta do operariado. Faz-se necessário, também, reiterar que esse aparelhamento ganhou maior força devido ao trabalho livre. Os reflexos dessa organização foram vistos por todo país, sobretudo nos grandes centros e nas cidades portuárias.

As cidades de São Paulo e Rio Janeiro, com muitas pesquisas acerca dessa temática, nos revelaram grandes influências na formação cultural e política do país. A cidade de Santos, ainda carecendo dessa pesquisa, começa a mostrar – ainda que a passos curtos - a história dessas lutas por meio da análise de sua imprensa. Parte dessa pesquisa se volta para a observação da educação libertária dos imigrantes que aqui chegaram e fixaram moradia. Educação essa que se fortalece no tripé da formalidade, da não formalidade e da informalidade sendo a imprensa local instrumento de muitas possibilidades intelectuais, dentre as quais, sobressai-se-a educação informal.

Todavia, analisar os jornais impressos e veiculados na cidade de Santos nos permite olhar a história por meio de documentos que nos autorizam conhecer a sociedade, seu modo de vida e os eventos ocorridos nas diferentes perspectivas, já que essa pesquisa não se limita a um

⁹⁴ Nesse sentido, aqui se considera o termo cultura o modo de vida dos trabalhadores. Referência essa trazido por Francisco Foot Hardman por meio da obra *Nem Pátria, Nem Patrão!*

único seguimento de notícias publicadas, para circunscrever a educação informal. Segundo Michel De Certeau os veículos de comunicação de massa “tornam-se uma grande empresa de escolarização. É por seu intermédio que se transmite ao público o relato doutrinal da cultura”⁹⁵ (A História Nova, 1984 p. 12). Dialogar com essa premissa será fundamental para se entender o papel dessa imprensa na educação informal dos trabalhadores da época.

3.2 Histórias e contribuições à educação dos trabalhadores por meio da imprensa

A cidade de Santos, grande centro de transações financeiras, após a chegada dos imigrantes entrou num período de efervescência no que diz respeito aos avanços da imprensa. A chegada dos estrangeiros e, sobretudo, a fixação de moradias na urbe germinou o terreno no qual se viu a ampliação da imprensa, pois devemos considerar que com a chegada de novos moradores e a movimentação de pessoas, a difusão de ideias e notícias necessitavam de maior abrangência. Como já dissertado, os imigrantes recém chegados ao Brasil não vinham apenas em busca de “um pedaço de terra”, ou de um sonho de nova vida, mas também aqui desembarcaram estrangeiros que eram perseguidos politicamente em seus países de origem, seja pela disseminação do anarquismo ou dos ideais libertários. Dessa forma, Santos logo se tornou um terreno fértil para a propagação das doutrinas pelas quais a urbe se tornou referência, enquanto campo de lutas trabalhistas.

Santos manteve o mesmo padrão no que diz respeito ao surgimento de novos jornais, folhetins e periódicos. A maior incidência desse veículo de comunicação, instrução e intelectualização se deu nos momentos que precederam as grandes greves, agindo como instrumento de orientação, instrução, organização e incitação nas grandes movimentações. Observa-se neste momento, o aumento dos protestos, forte crítica à igreja e aos velhos hábitos culturais, bem como às desigualdades sociais. Mesmo considerando o grande cenário de analfabetismo que assolava a cidade, as iniciativas de alfabetização da classe operária potencializariam o crescimento da imprensa: ponte entre a alfabetização social e política da população e a ação libertária, corolário comum à desalienação. Observemos a descrição abaixo:

⁹⁵ Grifo da autora para chamar atenção o papel da imprensa enquanto instrumento, também, de escolarização muito embora essa se dê (no período que se analisa a pesquisa) nos âmbitos da informalidade, ou seja, fora da sala de aula.

Nesse contexto desolador, o caso da cidade de Santos é excepcional, pois nesta cidade do litoral paulista desenvolveu-se ainda no século XIX uma imprensa ativa e vigorosa, que primava por sua resistência às difíceis condições para o jornalismo no Brasil da época. Desta forma, o objetivo desse estudo é identificar os fatores que permitiram o surto jornalístico na cidade de Santos, relacionando imprensa e vida urbana num período que vai da fundação do primeiro jornal da cidade, em 1849, até o fim da República Velha. (ALVES, 2007, São Paulo. n.35, p. 39-62).

Apesar desse “contexto desolador”, é importante reiterar que a primeira tiragem do jornal que fundou a imprensa santista não correspondia diretamente aos interesses da classe trabalhadora local. Segundo Matos, no ano de 1900 cerca de 90% da população trabalhadora era composta por imigrantes e o impresso que circulava na cidade dizia respeito às demandas comerciais. A *Revista Comercial*, órgão fundado num domingo de setembro do ano de 1849 trazia informações comerciais, conforme observamos na descrição de Olo Rodrigues, que afirma que essa primeira tiragem também circulou não somente impressa, mas também de forma manuscrita para que pudesse atingir um maior número de pessoas. A mencionada revista encontrou muitas dificuldades, do processo de distribuição (o que acarretavam muitas reclamações) até a própria questão financeira, o que acabou inviabilizando sua permanência, encurtando seu período e circulação.

REVISTA COMMERCIAL.

Publica-se todos os domingos na typographia de Bredier, rua do Rosario. — Subscryta-se a 80000 reis por semestre, pagos adiantados; ven-tem-se folhas avulsas a 200 reis para os assignantes e a 300 reis para as que o não forem. — Publicação-se annuncios a 100 reis por linha.

PREÇOS CORRENTES DOS GENEROS DE EXPORTAÇÃO.

GENÉROS.	PREÇO.	POR.	AVALIAÇÃO.	OBSERVAÇÕES.
Aguardente de Santos.	700 a 720000	Pipa.	90000	
de cima.		Cargueiro.		
Arroz de Santos.	30000 a 30500	Alqueire.	30200	falta
de Iguape.		Sacco.		
Assucar branco superior.		Arroba.		
regular.		"		
redondo superior.		"		
regular.		"		
mascavo.		"		
Café de Campinas.	30100 a 30300	"		
regular.	20500 a 30000	"		
das Villas do Norte bom.	20500 a 30000	"	30000	procurado
regular.	20700 a 20800	"		
ordinario.	20400 a 20600	"		
escolha.	10200 a 10400	"		
Fariinha de Mandioca.	10700	Alqueire.	10500	
de Milho.	10200	"	10500	frouxo
Feijão preto.	10200	"		
mulatinho.	10600	"	10500	
Fumo primeira sorte.	40100 a 40500	Arroba.	30500	
segunda.	30200 a 30300	"	10600	paralisado
Lenha.	60400	Mil.	60500	
Meios de solla.	30100 a 30200	Hum.	20500	
Milho.	10200	Alqueire.	10200	
Pau de Algodão.	100 a 100	Vara.		falta
Queijos de Minas.	100000 a 500000	Centio.	100000	
Toucinho de S. Paulo.	10600 a 10650	Arroba.	10700	abundancia
de Minas.	10600	"		

Alcool, assucar, café, farinha, milho e feijão e semelhaes mais; o embarcamento por conta do comprador, em Santos, são devidos sortidos, isto é, duas vezes de assucar branco e um terzo de assucar redondo. — O branco só ou o escolhido das duas vezes abtem 100 reis no arroba mais do que o sortido, assim como o redondo no abtem 200 reis por arroba. — A aguardente paga, além dos 200 reis por animal de entrada na barra, como todas as mercaderias, mais 30 reis por barril de selo municipal. — O direito de exportação sobre todos os generos é de sete por cento.

MOVIMENTO DO MERCADO DE EXPORTAÇÕES.

ASSUCAR.
As únicas transacções em assucres da nova colheita limitão-se à uma pequena porção de brancos somente, vendidos a 30700 para o Rio Grande, preço, que não pode influir em operações maiores. A respeito da marcha futura deste principal genero do nosso mercado é impossível dizer-se coisa alguma; contudo presume-se poder, que, em consequencia das noticias pouco favoraveis do Rio de Prata, os preços de outra parte se abrirão mais moderados. As pequenas existencias ainda não permittem embarques, que ponha aucter especial attenção.

CAFE.
Os supprimentos têm sido muito limitados. As altas cotações no Rio de Janeiro influirão tambem nesta praça, posto que ellas se referem principalmente as qualidades superiores, das quizes ha falta aboluta no nosso mercado. Os preços de 30100 a 30200 entredem-se por ração nova de Campinas e serão pagos por alguns lotes de pouca importancia.
FUMO E TOUCINHO.
Neste comprehen-se para exportar-se para fora do Imperio. Ambos os generos estão em abundancia.

Imagem 94: Revista Commercial, N.1, 1849. Rodrigues, Olao. História da Imprensa de Santos. 1979, p.20

Após a fundação do primeiro jornal na cidade, outros vieram em seguida, representando os mais diferentes interesses, formatos e públicos. Certamente, todo esse arsenal noticioso aumentou a visibilidade da cidade de Santos para além do epíteto “Moscowzinha Brasileira”, porque a cidade litorânea passou a viver diariamente as lutas, denúncias e resistências políticas e trabalhistas, primeiro nas páginas dos jornais, depois na rua, no porto, nos comércios. Diante disso, observa-se que, segundo as análises de Olao Rodrigues, Maria Nazareth Ferreira e Maria Lucia Caira Gitahy, grande parte da imprensa veiculada na cidade de

Santos, imprimiu seus jornais com as tintas da reivindicação, possibilitando aos seus leitores, mais que informação, uma formação, ainda que informal.

3.3 Tipografia Santista: Diversidade de informações

Antes de discorrer sobre as diferentes formas de noticiar, por meio da imprensa santista, é de fundamental importância mencionar alguns dos títulos⁹⁶ que circularam na cidade de Santos e que trouxeram notícias à população, muitas vezes de maneira explicitamente tendenciosa para atender às demandas de determinadas classes sociais, nos sendo permitido observar discussões acaloradas entre jornais.

O jornalista Olao Rodrigues listou 150 jornais que circularam em Santos entre 1873 e 1914. Entre esses jornais, oitenta e três foram efêmeros: de séries diários (treze) ou jornais econômicos (sete) a jornais de pequeno formato, humorísticos (dezesseis), estudantis (dois), culturais e literários (treze). Os jornais abolicionistas eram quinze, enquanto os republicanos eram doze e monarquista somente um, durante os primeiros anos do regime republicano, na década de 1890. A colônia portuguesa tinha dois jornais diferentes, a colônia italiana tinha três, e as colônias espanhola e turca tinham um cada uma. Doze pequenos jornais eram ligados a sociedades beneficentes, clubes, grupos dramáticos e sociedade de dança (...) as sociedades mutualistas publicaram três jornais, havia dois socialistas e dez outros jornais operários (GITAHY, 1992, p. 48 e 49).

Diante do exposto, concebe-se a certeza de que a imprensa santista exerceu papel fundamental na propagação de ideias e divulgação de notícias para todos os públicos. Vejamos, em ordem cronológica, alguns dos periódicos que circularam na urbe:

⁹⁶ Para fins de futuras pesquisas serão mencionados alguns dos títulos de jornais, periódicos e folhas de notícias que circularam na cidade de Santos. Títulos esses citados nas obras de Olao Rodrigues e Maria Lúcia Gitahy.

Tabela 21: Periódicos que circularam em Santos, em ordem cronológica de fundação (1849 - 1925).

ANO	TÍTULO
1849	Revista Comercial
1868 / 1888 ⁹⁷	Cidade de Santos
1869	Correio de Santos
1872	Diário de Santos
1875	O Buscapé
1875	O Raio
1877	Diário de Notícias
1879	O Caixeiro
1881	O Porvir
1881	O Embrião
1881	O Pirata
1882	O Guarani
1882	O Periquito
1884	A Luta
1884	Diário do Comércio
1884	Correio de Santos
1884	Jornal da Tarde
1885	O Tipógrafo
1888	Diário da Tarde
1888	Cidade de Santos
1888	A Luz
1889	Diário da Manhã
1890	Gazeta do Povo
1890	Gazeta do Povo
1891	Novidades
1892	O Operário
1892	O Operário
1892	O Leque

⁹⁷ Para este meio de comunicação há uma discordância na data de fundação, entre as obras de Olao Rodrigues e Maria Lúcia Gitahy.

1892	Carta Branca
1892	Ação Social
1893	Olho
1894	Tribuna do Povo
1894	Santos Comercial
1894	A Revolução
1894	Neto do Diário
1894	Correio da Semana
1894	L' Independente
1895	A Questão Social
1895	A Folha
1895	A Lanterneta
1895	Louvre
1896	A Arte
1896	O Democrata
1896	Sequilha
1896	Combate
1896	Gaúcho
1896	A Arte
1897	A Greve
1897	A Ideia
1898	Cidade de Santos
1898	O tempo
1900	Boer
1900	A Fanfarra
1900	Tarde
1901	Santos
1902	Vanguarda Portuguesa
1902	A Coisa
1904	A Revisão
1904	O Mercantil
1905	União dos Operários

1905	O Jornal
1905	O Dois de Fevereiro
1907	A Aurora
1907	O Verso
1908	A Vanguarda
1909	A Aurora Social
1909	Tribuna Operária
1911	O Proletário
1911	A Revolta
1911	O Proletário
1911	A Dor Humana
1911	O 31 de Janeiro
1912	A Notícia
1913	O Dia
1913	A Berlinda
1914	A Rebelião
1920	Jornal da Noite
1925	Ação Operária

Fonte: RODRIGUES, Olao. 1979.

Ao que se refere a mencionada tabela com setenta e oito títulos de jornais que veicularam na cidade de Santos, compreende-se que são aqueles de maior tiragem ou, ainda, maior tempo de existência ou maior alcance entre os operários. Todavia, vale salientar que estão eles classificados entre abolicionistas, diários, literários, operários, mutualistas, ou ainda republicanos. Essa classificação, de ordem de interesses, realizada pela arguta Gitahy, na obra *Ventos ao Mar* (1992) nos dá a dimensão dos diferentes públicos consumidores dessa literatura enquanto que o jornalista Olao Rodrigues em sua obra *História da Imprensa de Santos* (1979) nos traz um breve relato sobre a história dos títulos que circularam na cidade de Santos até o ano de 1979. Nesse contexto, ao que tivemos acesso, foi possível perceber as mais diferentes formas de expressão dirigidas aos públicos e seus interesses confirmando ideia de que a cidade santista exercia, de fato, papel de vanguarda naquilo que tange este veículo de comunicação.

Foi no contexto desta diversificada e colorida imprensa, que Olímpio Lima fundo funcionário do jornal *A Tribuna em 1894*, dirigida por quarenta anos, a partir de 1909, por Nascimento Júnior. O jornal ainda circula e continua a ser um importante diário nos dias atuais. Durante a belle époque, *A Tribuna* e *O Diário de Santos* eram os dois diários de grande formato que circulavam na cidade. *A Cidade de Santos*, *O Jornal*, *A Vanguarda* e muitos outros surgiram para competir com eles, mas não sobreviveram muito tempo. Segundo o jornalista Álvaro Augusto Lopes, os jornais da época apareciam com uma declaração política forma no primeiro número, apelando a certos grupos ou partidos locais, e atraíam a atenção do público exprimindo com seus adversários políticos uma retórica inflamada que às vezes acabava escorregando para a troca de improperios. O *Diário de Santos*, dirigido por Isidoro Campos, favorecia o Partido Republicano Paulista de Cesário Bastos, geralmente apoiado por algum outro jornal situacionista, enquanto *A Tribuna* sob direção do polêmico jornalista Olympio Lima, fazia o papel de oposição normalmente solitária, aliando-se mais frequentemente ao Partido Municipal, que representava os interesses dos comerciantes locais. (GITAHY, Maria Lúcia. 1992, p. 52)

Embora o jornal *A Tribuna* se colocasse como oposição, é importante reiterar que nos jornais a partir dos quais foram realizadas as pesquisas, não produziram qualquer reportagem ou menção de apoio aos trabalhadores e suas conquistas. Pelo contrário. O jornal realizava publicações críticas e massivamente contrárias às lutas trabalhistas numa narrativa sedutora, dispondo da mencionada classe em um ativo papel de balbúrdia, mostrando-se a favor da ordem e da classe comerciária que, segundo eles, contribuíam para o crescimento da cidade.

Durante as pesquisas que permearam esta dissertação, optou-se por analisar alguns jornais e periódicos que tivessem tido maior circulação na cidade, de modo a perceber como se davam as divulgações das notícias, sobretudo como a classe trabalhadora se organizava em meio ao crescimento da cidade. Foi possível também, por meio de alguns deles, entender a trajetória das reivindicações e conquistas de alguns direitos dos trabalhadores num momento em que a cidade passava por transformações sociais significativas. Os meios de comunicação que chegavam aos trabalhadores noticiavam apoio e incentivo às causas, bem como denúncias sobre descasos e abusos das autoridades locais.

A despeito do epíteto “Terra da Liberdade”, é possível afirmar, segundo Olao Rodrigues, que nas afinidades existia uma forte tensão formada pelas relações entre patrões

semi escravistas e operários anarquistas que defendiam direitos a um trabalho digno. Ainda de acordo com Rodrigues, os jornais eram a forma mais rápida do trabalhador receber as notícias e acompanhar os desfechos das lutas, pois a grande jornada de trabalho não permitia que frequentassem a escola, o que corroborava altos índices de analfabetismos e falta de intelectualização por parte da massa lidadora. A “Barcelona Brasileira”, em seu fértil solo, cresceu como referência em movimentos operários, organização de seus trabalhadores tendo como forte aliado o jornal por eles produzidos.

Por meio de alguns relatórios, sobretudo da Federação Operária Local de Santos, constatou-se que muitos sindicatos se aparelhavam em reuniões semanais, para discussões políticas sobre caminhos e rumos a serem trilhados ao longo das lutas operárias. Diante disto, percebe-se o quão educativo eram os encontros e as veiculações de notícias trazidas por meio dos jornais e folhetins operários. No que tange a organização dos trabalhadores, se faz necessário reiterar que a Constituição de 1824⁹⁸ proibia a organização sindical, conforme descreve Claudio Batalha:

Desde o século XIX, em particular na segunda metade, os trabalhadores urbanos livres mais qualificados, geralmente exercendo ofícios artesanais, passaram a se organizar em sociedade de socorros mútuos. Impedidos pela Constituição de 1824 de criar qualquer forma de organização sindical, encontraram nas sociedades mutualistas tanto o meio para exercer a solidariedade (através de auxílios para os membros em caso de doença, incapacitação para o trabalho, desemprego, funeral, etc.) como zelar pelos interesses de seu ofício. Muitas dessa sociedade mutualistas continuaram em atividade nos primeiros anos do século seguinte; entretanto tiveram que desenvolver atividades sindicais ou enfrentar a concorrência de novas associações primordialmente voltada para a ação sindical. Já sob a constituição republicana, a última década do século XIX e os primeiros anos do século XX presenciaram o surgimento de uma forma de associação de novo tipo: o sindicato operário. Voltados para a “ação econômica”, os sindicatos enfrentavam questões como a jornada e as condições de trabalho, o salário, as formas de pagamento etc. Essas novas organizações surgiram com as

⁹⁸ Conhecida como a primeira Constituição Federal da História de nosso país, elaborada no período da pós independência do Brasil, marcada pelos conflitos entre Dom Pedro I e Membros das Assembleia Constituinte. Disponível em: www.historiadomundo.com.br acesso em novembro de 2020.

denominações mais diversas: associações, centro, grêmio, liga, sociedade, união e, até mesmo, sindicato. (BATALHA, Claudio. 2000, p. 14 e 15)

Em consonância com o exposto, a cidade de Santos, no que tange sua historicidade a partir do âmbito desta pesquisa, corrobora narrativas de Batalha, naquilo que se aplica às formas de organização do trabalhador. Se por um lado o trabalhador não encontrava meios de educar-se de maneira formal devido à exaustiva carga horária de trabalho ou ainda devido à falta de vagas nas escolas que atendessem às suas necessidades, sua interação por meio das relações informais permitiu-lhe educar-se enquanto cidadão orgânico provido de suas potencialidades intelectuais capaz de fomentar discussões e práticas ativas que prezem pela emancipação. Todavia, é pertinente lembrar que a Pedagogia de Francisco Ferrer⁹⁹, educador libertário e anarquista, pressupõe que uma efetiva ação educativa se dá por meio da aprendizagem ativa, que pressupõe a observação da natureza e a ativa participação nas relações sociais. Ou seja, Ferrer defende a educação por meio do racionalismo que foi amplamente divulgada nas práticas da “*Escuela Moderna*”, sendo esse o modelo da pedagogia libertária referênciada nesta dissertação.

Observemos dois artigos que foram publicados na *Revista Liberal*, nos anos de 1922 e 1923 na cidade de Porto Alegre, que se referem ao ensino racionalista. Tais artigos atestam, em contraste, que o município de Santos não desenvolveu a educação racionalista, no âmbito de sua formalidade, distanciando-se assim das concepções educacionais propagadas pelo pedagogo Francisco Ferrer.

⁹⁹ Francisco Ferrer Y Guardiá Pedagogo Espanhol, fundador das Escuelas Modernas, em Barcelona, entre os anos de 1901 a 1906.

A EDUCAÇÃO RACIONALISTA

(Tradução especial para REVISTA LIBERAL)

Nada mais opportuno e necessario do que determinar e precisar o que deve ser o ensino racionalista, dado o meio em que vivemos.

Em uma sociedade racionalista, perfeita e justa, se poderia fallar de ensino dispensando-se a classificação; na sociedade em que vivemos, porém, o ensino é tradicional, e por isso mesmo, essencialmente estacionario e antiprogressista.

Quantos amam o progresso e anseiam pelas reparações justiceiras que o futuro lhes promete, necessitam preparar a infancia para uma educação nova, que rompa a cadeia dos erros tradicionaes, e fortaleça a intelligencia com verdades, para que as gerações porvindouras dêem no decurso da vida o fructo que legitimamente se pôde esperar da natureza humana.

Nada mais expressivo e adequado como estas duas palavras: ensino racionalista.

Têm-se fallado do ensino laico; esta classificação só dá ideia de que se não trata duma educação feita por professores religiosos; analysando bem, essa classificação é desnecessaria, porque a generalidade do magisterio em quasi todos os paizes actualmente é exercida por laicos que ensinam o catecismo.

Tem-se fallado tambem de ensino integral, em que se pretende ensinar tudo; raciocinando, porém, vemos que é impossivel, por difficuldades do meio, cumprir o programma em sua integridade. Este ensino está reservado a ser o ensino do futuro pelos grandes meios que a sociedade scientificamente regenerada, facilitará; mas, além de integral, será tambem racionalista e é nesta accepção que todos os que trabalham pela educação racionalista tomam posse do futuro a partir do momento actual.

Ha tambem quem falle do ensino neutro. Contra este é preciso protestar energicamente em nome do respeito que a infancia nos merece.

Neutralidade entre o erro tradicional

e a verdade scientifica suppõe um equilibrio impossivel entre as crenças que se vão desvanecendo a cada instante e os conhecimentos que incessantemente avançam; á essa impossibilidade ha a juntar a injustiça de incutir nas crianças o mesmo respeito pelo errado e máo como pelo verdadeiro e bom.

Que professor accitaria tal vileza? Pela dignidade do professorado e pelo amor á infancia, é preciso regeitar o ensino neutro.

Conclue-se, pois, que a escola laica é insufficiente, que o ensino neutro é indigno, e o ensino integral é, por emquanto, impossivel; resta a educação racional como a unica util e pratica.

Ensino racionalista, quer dizer, o ensino que tem como meio a razão e como guia a sciencia; como esta ainda não disse a sua ultima palavra sobre qualquer assumpto, resulta que o ensino racionalista não tem programma fixo.

Ao ensinar todos os dias os phenomenos physicos do universo e sociaes da humanidade, fal-o com a especial reserva de que só tem merito o que está comprovado, o que os sentidos admittem e a experiencia sanciona.

O ensino racionalista tem por fim ensinar todas as verdades experimentaes, por contrarias que sejam ás ideias admittidas anteriormente; terá sómente em conta a idade da criança para graduar as phases do ensino, para que o seu tenro cerebro receba facilmente cada nova impressão que haja de conservar. Nunca será enganada, nem se dirá nada que ella não possa comprender.

Taes são os attributos principaes do ensino e educação racionalista, cujo alcance para a emancipação intellectual e moral da humanidade são já sufficientemente evidentes.

Soledad Villafranca

(Companheira e auxiliar de F. Ferrer, na Escola Moderna de Barcelona).

A EDUCAÇÃO RACIONALISTA

Ninguém hoje desconhece a importância da educação e ensino na formação do caracter moral do individuo e, consequentemente, na evolução e melhoramento da sociedade humana.

A escola actual preoccupa-se antes em fazer dos educandos seres passivos, flutuando ao sabor de suggestões mal definidas, do que homens aptos para os embates da vida intensa dos nossos dias, e capazes de influir para um melhoramento progressivo do meio em que se agitam como factores sociais.

Sob o ponto de vista racionalista cada escola deve ser o nucleo de onde irradie a luz fulgurante de ideias capazes de tornarem os homens bons dentro de uma sociedade boa.

O ensino racionalista affigura-se nos como o unico reactivo possível á educação calcada nos dogmas religiosos, politicos e sociais e que, desviando por um erro inicial os seres humanos do caminho que lhes devesa ser traçado por um conhecimento perfeito das leis naturaes, teve como resultado o cahos actual em que a humanidade taceia em busca de um equilibrio que nem a religião nem o Estado lhe póde offercer.

Para Elslander "a educação de hoje é a encarceração das intelligencias por detraz dos varões de algumas ideias banaes."

Despindo o ensino das roupagens poeirentas entretecidas de preconceitos archaicos, de ideias mortos e concepções obsoletas com que a humanidade se embalara na madrugada de sua infancia, o racionalismo como methodo de pedagogia, abebéa o adolescente — ávido de saber, sedento de curiosidade — do immenso manancial de conhecimentos humanos, adquiridos através das gerações que se succederam e deixa que ahí se aperceba elle da grandiosidade da natureza na sua constante transformação, sempre renovada, e da grandeza do homem evoluindo sempre para um ideal de perfeição.

UMA ESCOLA RACIONALISTA EM PORTO ALEGRE

O nosso meio resente-se da falta de uma escola racionalista. Com o desenvolvimento crescente da instrução clerical e a progressiva clericalização das escolas publicas, os nossos filhos, para não ficarem analfabetos, têm de fatalmente cair em nas mãos do fanatismo religioso, que amolda-lhes a intelligencia ao saber de caprichosa e interesseira rotinas.

Ha, pelo menos, uma centena de paes de familia que lamentam essa deploravel situação e della desejam talvez sair.

É entretanto facilissimo. Basta apenas um entendimento, uma conjugação de esforços e dentro em pouco o famoso edificio de uma escola moderna e racionalista se ostentará, recebendo em seu seio amigos os filhos de livre-pensadores, liberais, operarios syndicalistas, socialistas e libertarios — para instruí-los e encaminhá-los na trilha de uma moral sadia e vitalizadora, calcada nos principios das imperciveis leis da solidariedade humana.

Será difficil o "tentamen"? Que cada um que o deseje ver realizado, disponha-se a prestar o seu concurso e com surpresa verá que as difficuldades com facilidade são removidas.

Não será por certo necessario accender a lanterna de Diogenes para encontrar quem seja capaz de concenrar estes esforços.

E' o que esperamos.

Polydoro Santos

A escola racionalista, livre das peias dogmáticas que annullam o raciocinio, impedem o livre exame e cerceiam as iniciativas investigadoras, em vez de papagaios quer fazer homens capazes de observar, compreender e discutir; homens de senso critico, capazes de se desvensilharem da immensa carga de preconceitos insustentaveis que impedem o livre surto das intelligencias.

O ensino racionalista dirige-se mais á intelligencia do que á memoria, fazendo partir a educação do conhecido para o desconhecido e desenvolvendo com esta marcha, na criança, a iniciativa e o esforço pessoal. Em vez do ensino de palavras vagas, de definições obscuras, o ensino pelos factos, pela natureza, pela vida. Em vez do ensino *por junto*, quer a cultura individual, como o jardineiro que dá cuidados especiaes a cada planta.

A escola que encerra a infancia no quarto escuro das ideias preconcebidas, cerradas as janellas que dão para a vida, pratica uma castração, uma mentira, uma traição, uma violencia lamentavel.

Imagem 96: Revista Liberal. Porto Alegre, fevereiro de 1923. Fonte: Arquivo Biblioteca Edgard Leuenroth. Unicamp / SP. Acesso em outubro de 2018.

Concebendo inicialmente uma possível inexistência da educação libertária, numa perspectiva formal, na cidade de Santos, mapear, ainda que maneira acanhada, a educação informal por meio de algumas associações que atuaram como auxílio mútuo e também parte dos jornais que eram veiculados na cidade, permitiu-nos apresentar certo modus operandi dessa educação informal. Ao considerar que a cidade de Santos era acatada como local de segurança nacional, esta pesquisa tornou-se ainda mais desafiadora – como já mencionado – devido à escassez de ou deterioração das fontes documentais (aqui em referência aos meios de comunicação de massa – jornais, periódicos, folhetins e revistas) que foram destruídas, num período marcado pelas repressões políticas aos movimentos dos estivadores e dos sindicatos da

região, sobretudo durante a ditadura civil-militar. Ainda assim é possível circunscrever parte dessa história santista, mapeando informações relevantes ainda que sem uma sequência numérica, em diversos locais como Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital, Fundação Arquivo e Memória de Santos, Hemeroteca de Santos, Sociedade Humanitária de Santos, Biblioteca Edgard Leuenroth/Unicamp, Arquivo Público de São Paulo, entre outros arquivos particulares. Observemos o que diz Dirceu Fernandes Lopes¹⁰⁰ e Ivani Ribeiro da Silva¹⁰¹, sobre a imprensa santista:

(...) apareceram muitos outros dedicados à informação literária, política, científica, artística de até de comédia. A maioria não era de jornais com vida muito longa, os que tiveram maior número de publicações foram os noticiosos. Estes, em confronto com os mais especializados como os políticos, principalmente de linhas socialista e anarquista, formam um importante acervo documental do início do desenvolvimento de Santos, embora nem todos esteja à disposição dos pesquisadores. Parte se encontra em poder de particulares, muitos arquivados em outras cidades, além de outros só conhecidos pelos registros da literatura especializada sobre a história santista. Destaque significativo pode ser dado aos jornais de linha anarquista, ou anarcossindicalista, que foi a corrente predominante nas orientações das associações, uniões, e sindicatos do começo do século. Esse fato marcou a imprensa da época em vários estados brasileiros, principalmente no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Santos, as três cidades que formam um trinômio e, em relação ao desenvolvimento da exportação e importação portuária, não podem ser estudadas isoladamente. Os jornais anarcossindicalistas representaram armas propagadoras de ideias e meios de reivindicações, unindo e organizando a classe trabalhadora brasileira pela comunicação. Eles registraram a transformação social e urbana, na visão dos trabalhadores, o que dá uma outra versão contada pelos documentos oficiais e denunciaram as arbitrariedades cometidas nas frentes de trabalho do porto, na carga e descarga de mercadorias dos navios, serviços públicos e condições de vida dos trabalhadores (LOPES, Dirceu Fernandes. SILVA, Ivani Ribeiro da. 2007, p. 11 e 12).

¹⁰⁰ Dirceu Fernandes Lopes é doutor em Jornalismo pela ECA/USP e professor também pela ECA/USP. A sua área principal de atuação e de estudo refere-se ao Jornal laboratório

¹⁰¹ Ivani Ribeiro da Silva é doutora em jornalismo pela ECA/USP e professora titular da Faculdade de Educação Don Domênico, Guarujá.

Em concordância ao exposto, observemos trechos do Jornal *A Tribuna Operária*:

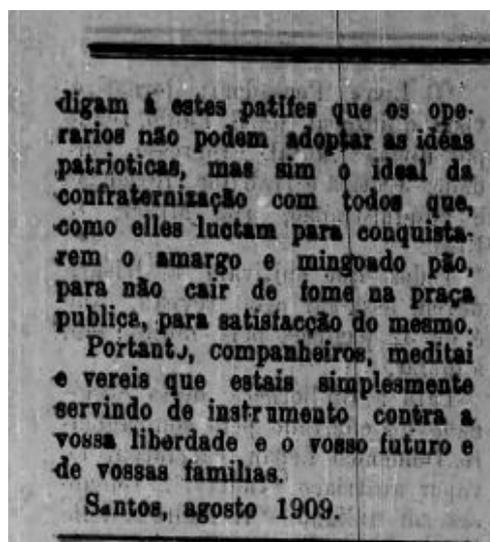
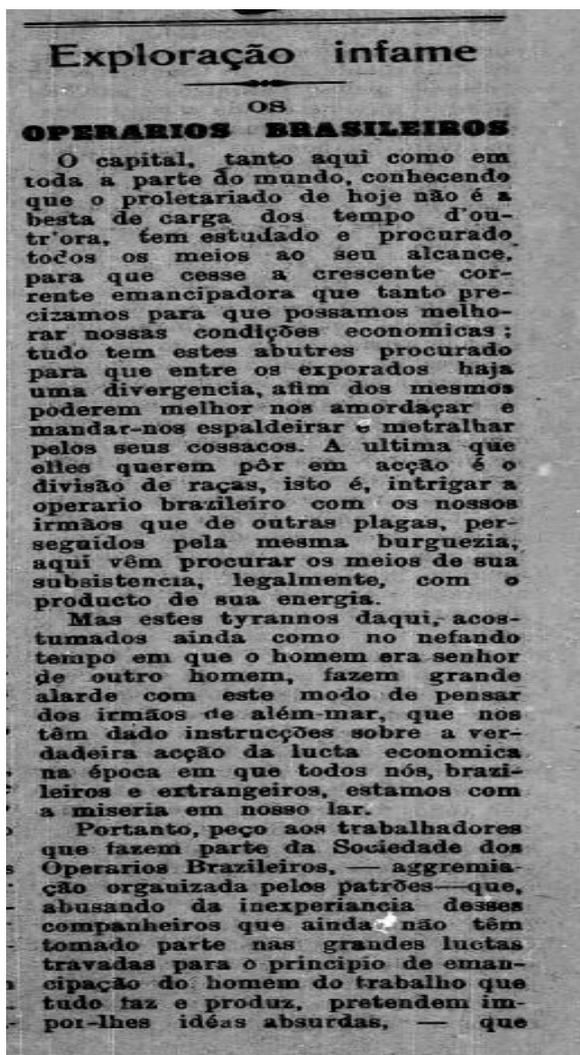


Imagem 97: Jornal Tribuna Operária. Santos, 07 de agosto de 1909. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> acesso em setembro 2019.

O crescimento da cidade assim como o aumento da vida urbana, em decorrência da ampliação do porto de Santos e da fixação de moradia dos imigrantes que chegavam ocasionou uma maior demanda pelas informações que circulavam na cidade. É possível afirmar que Santos é uma cidade de exceção tendo em vista a atuação ativa e potente de sua imprensa. Um dos motivos para configuração desse cenário se dá devido à ligação da cidade acompanhar o trajeto da rota cafeeira e sua posição estratégica do ponto de vista da economia nacional. De acordo com Caio Prado Junior¹⁰², em *Geografia de São Paulo*, o casamento dessas duas cidades coloca

¹⁰² Caio Prado Junior nasceu em São Paulo no ano de 1907, formou-se Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo e em 1931 tornou-se membro do Partido Comunista do Brasil (PCB). Em 1933 fez sua estreia como escritor com o ensaio *Evolução política do Brasil* em que procurou elaborar uma síntese da história brasileira da colônia ao fim do Império tendo por base o materialismo dialético. Em 1942 lançou o livro *Formação do Brasil*

Santos em articulação com o mercado exterior em decorrência do porto e, em função disto funcionava a única linha regular de correio entre Santos, São Paulo e a corte, no Rio de Janeiro. Com o forte posicionamento e organização da casta burguesa frente às exportações cafeeiras por meio do porto de Santos, a organização insurgente dos trabalhadores diante dessa classe social era a forma eficaz de luta contra os desmandos. Dessa forma, a maneira eficaz e mensurável de atingir à classe trabalhadora para tirá-la da inércia e educa-la frente ao coletivismo e às necessidades às demandas era a imprensa.

Os órgãos da imprensa operária nasceram para desafiar a prepotência do capital cafeeiro e romper o monopólio da burguesia na imprensa, introduzindo novas vozes, heréticas e divergentes. Após as lutas pela abolição e pela República, nasce em Santos um movimento forte e combativo, impulsionado por imprensa vibrante que foi responsável pela organização dos trabalhadores e pelas primeiras greves gerais que o Brasil conheceu (ALVES, Alexandre. 2007, p. 56).

Diante disso, as pesquisas mostraram que as vozes dos trabalhadores ecoaram pelas páginas da imprensa, de maneira mais veemente a partir dos finais da primeira década do século XX, conforme observamos:

Contemporâneo considerado pela crítica como a sua obra mais importante e marco na historiografia brasileira. São de sua autoria além das obras citadas, *História econômica do Brasil* (1945), *Dialética do conhecimento* (1963), *História e desenvolvimento* (1968), *A Revolução Brasileira* (1966), *A questão agrária no Brasil* (1979), entre outros títulos.

Ecoss da grève

Grève dos padeiros

Sobre o que publicou a "Cidade de Santos", no dia 18 de junho de 1909, sem convida responder, porque sei que o localo eõ tem a fazer o que seu amo ordena; mas na qualidade de operario me revolta o cynismo com que a redacção apreciou os factos e commentou-os.

Dis uma infinidad de insultos aos operarios, declarando que elles são mandados por meia dúzia, que pagam 2\$000 por mes, mais 5\$000 por chapa, pergunta onde vai este dinheiro e outras bestilogias mais.

Agora, digo-lhe eu: não se intrometta no que não conhece; nós não mandamos ninguem, as assembleas são soberanas, não decretamos conselhos, os companheiros é que os elegem; as mensalidades de 2\$000 são empregadas em beneficio de todos como os mesmos sabem, as chapas que o sr. fala é para nós conhecermos quem são nossos companheiros, e custam simplesmente 500 réis ao socio, e não 5\$000.

Agora pergunto ao redactor da "Cidade": qual o beneficio que dá a Sociedade Beneficente da Docas, aos que lá não mais trabalham e muito contribuíram para ella? Se um trabalhador de lá adoecer em casa ou na rua, o que ella lhe faz?

Portanto, isto é que já não é roubo, é um assalto a mão armada, pois o pagador da Docas desconta 2\$000 sem o trabalhador muitas vezes poder pagar, pois muitas vezes recebem 40\$000 e menos durante um mez. Mas este assalto é legal porque é praticado por quem tem dinheiro para comprar jornaes como a "Cidade de Santos".

Enfim, sei que a vossa missão é esta, e na qualidade de operario dispenso o vosso interesse em meu favor.

Santos—Agosto—1909.

J. JAGUARÃO.

Sociedades Beneficentes das Docas e Ingloza Verdadeira exploração—Carroceiros alerta!!!

Companheiros, é preciso de uma vez para sempre não sermos explorados como somos por estes gananciosos que, ainda não satisfeitos com sugar nossas forças, ainda nos impõem a vergonhosa humilhação de sermos obrigados a pagar mensalmente 2.000 réis para uma sociedade beneficente a qual nada faz em nosso beneficio.

Pagamos muitas vezes sem poder por que os 2.000 réis são descontados em nosso pagamento, pois não sabemos quem a dirige nem quem come o nosso dinheiro; estas sociedades a titulos de

empregados da casa nada mais e do que uma verdadeira exploração e ladroeira de meia dúzia de individuos que vivem parasitariamente nas nossas costas, portanto, devemos no dia do pagamento recuzar de deixar roubarnos mais estes 2.000 réis, porque já chega o que já têm levados, e caso queiram nos obrigar protestaremos de outra forma, para que estes intrujões tomem vergonha. Como também avizamos aos carroceiros que um individuo que é caixeiro de um proprietario de vehiculos anda por ahí explorando os carroceiros, pedindo assignaturas para formar uma sociedade beneficente de carroceiros, dirigida pelos patrões!!!

Era o que faltava: os carroceiros fazerem ou acceitarem isto; era o mesmo que uma republica de ratos governada por gatos!!! Portanto, aconselhamos aos carroceiros que quando qualquer patife lhes fallar nisto, diga ao mesmo que vá organiza-la na cadeia publica, que os prezos é que prezizam della.

Porque os carroceiros que quiserem sociedade beneficente aqui em Santos têm a «I. de Maio» e outras mais.

Querem estes villões com o vosso dinheiro gratificar a policia quando fizerdes grève, como aconteceu com a Docas que a custa de nossos 2.000 réis gratificou a policia na ultima grève!!! Para traz infames!!!

AS VICTIMAS.

7 de Agosto

Depois que o sol amanheceu a um 7 de Agosto iluminando os vastos campos; os operarios santistas lembram-se que eram escravos do capital, e por isso constituiu uma assemblea na qual ficou resolvido que, todos por um e um por todos se collocassem ao lado do sol, fazendo que o capitalista desse a elles uma pequena particula em recompensa do seu trabalho.

—Sendo assim ficaram sabendo tanto os operarios como os capitalistas de que positivamente somos os constructores e manufactores de tudo quanto está na terra. O articulista sobre que no seculo XX éra em que estamos appareceram as luzes da civilização e não podemos continuar com tanto carrancismo. Existe no nosso meio além do capitalista, uma sociedade, companhia conhecida pelos jornaes e pelo povo Santista chamada usurpadora do suor do trabalhador, com o sobrenome de Polvo!!! Dizem os amigos do trabalho, meus companheiros de sofrimento, que sonhando que este mundo pertence a todos, deve ser dividido por todos em partes não iguaes: mas ao menos que o trabalhador tenha um pertença de pão. Diz mais o articulista que existe entre o capital e uma differença para com os trabalhadores estrangeiros e por is-

Imagem 98: Jornal Tribuna Operária. Santos, 07 de agosto de 1909. Disponível em: Biblioteca Edgard Leuenroth. Unicamp / SP. Pesquisado em novembro de 2018.

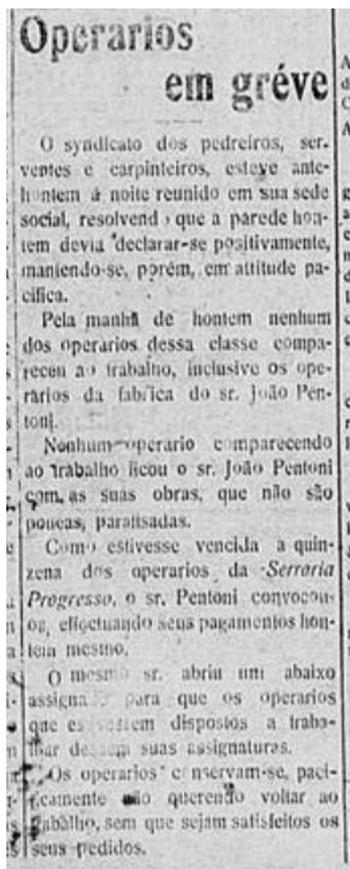


Imagem 99: Jornal A Vanguarda. Santos, 18 de fevereiro de 1912. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720054&pasta=ano%20191&pagfis=301> acesso em outubro de 2020.

Toda essa organização se fazia necessário visto que $\frac{3}{4}$ do café comercializado mundialmente provinha do porto de Santos, sendo este responsável por 75% da balança comercial do país. Esse aparelhamento proveniente das associações, centros, sociedades e sobretudo divulgados amplamente por meio da imprensa, fez da cidade de Santos palco de grandes paralisações como as greves de 1889 dos carregadores de café, 1897 dos estivadores, 1905 dos estivadores, 1908 dos trabalhadores da Companhia Docas, de 1912 dos estivadores, carroceiros e trabalhadores da Cia Docas tendo todas a cobertura de jornais como *O Estado de São Paulo*, *O Diário de Santos*, *A Tribuna*, *A Cidade de Santos*, *A Paiz*, *O Comércio de SP*, *Correio da Manhã*, *Folha do Dia*, *A Imprensa*, *Gazeta de Notícias*, *A Vanguarda*, *Correio da Manhã* e Jornais Operários. Muita repercussão foi provocada por meio das atuações dos trabalhadores, permitindo que essas gerassem mais notícias e assim permitisse ao trabalhador a instrução por meio de suas ações coletivas. Vejamos um dos poucos registros do final da greve dos trabalhadores da Companhia Docas, no ano de 1912:



Imagem 100: Revista A Fita. Santos, 01 de outubro de 1912. Edição 00020 – Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=036180&pasta=ano%201912&pagfis=175> Acesso em outubro de 2020.

A *Revista A Fita*, que veiculou na cidade entre 1911 e 1914, de cunho jornalístico e literário formado por leitores republicanos, veiculava notícias não enfatizavam momentos de comoção operária voltada às suas movimentações e conquistas o que a distanciava do ideário libertário propugnada por outros veículos congêneres. A exemplo disso, a foto acima pode nos dá a dimensão de uma greve com pouca repercussão, mas os registros da greve de 1912 nos mostram que embora o desfecho final da greve não tenha sido favorável, obteve-se grande repercussão. A paralização iniciou agosto de 1912 com uma média de três mil e novecentos grevistas contra a Companhia Docas, e liderada pela Federação Operária Local de Santos. Neste episódio que durou vinte e cinco dias ocorreram pelo menos seis incidentes e um comício, sendo noticiada por jornais como A Tribuna, A Vanguarda, Correio da Manhã e Jornal do Comercio. Era comum que a Sociedade União Operária participasse como mediadora de conflitos nos eventos grevistas da cidade, mas não há registro dessa mediação. Todavia, foi possível averiguar que se constituíram o número de trabalhadores locais que furaram a greve chegou a uma centena, não houve qualquer mediação, a greve foi derrotada nas reivindicações e seu fim chegou, também, devido às repressões.

Para a dissertação desta pesquisa demos ênfase para aqueles veículos de comunicação que atendiam às perspectivas e intenções dos trabalhadores, sem perder de vista

alguns jornais que contradiziam às perspectivas da classe operária, justamente na intenção de traçar as diferentes perspectivas e visões dos acontecimentos que permeavam a mesma cidade.

Não é fácil perceber os sinais do movimento operário concreto: são poucas as notícias de vida e trabalho, as informações pormenorizadas sobre as greves, associações de classe e composições do proletariado. Aqui, deve ser levado em conta que isso não se deve por um mero desinteresse dos anarquistas, mas sim às condições concretas do momento, isto é, o próprio caráter estacionário do movimento operário àquela altura e, também, às dificuldades inerentes à cobertura dos eventos por parte de uma imprensa operária nascente e pequena, além de passível de repreensão. Predominam, portanto nessa fase, os artigos de propaganda libertária que em seu aspecto cumulativo revela, além de uma retórica rebuscada que faria inveja aos parnasianos, redundância abusiva na forma, estilo e temáticas. Diga-se que a maior parte desses artigos é traduzida dos teóricos anarquistas (Kropotkin, Malatesta, Reclus, etc.) Nesse sentido, percebe-se claramente a importância da imprensa operária como material ideológico, nos termos de Gramsci, ou seja, como verdadeira correia de transmissão de ideologias internacionalistas do movimento operário por meio da intensa circulação e intercâmbio entre as lideranças anarquistas da Europa, América Latina e Brasil. Tal processo se dava por meio de trocas regulares de periódicos, correspondência internacional, bibliotecas e notas bibliográficas, traduções de artigos ne obras, viagens de lideranças, etc. Numa época meios de comunicação de massa, em especial inexistiam, a imprensa, em especial o jornalismo possuíam um papel decisivo como veículo social de informação e formação: a imprensa operária, em particular, destaca-se por sua função de articuladora de interesses históricos de classe, como fator de agitação e propaganda, na tentativa de aglutinar elementos de uma consciência operária comum. (HARDMAN, Francisco Foot. 2002, p. 311).

Nesta narrativa, a imprensa veiculada na cidade de Santos, proporcionou além da instrução no âmbito integral, discussões que foram fomentadas para combater as principais instituições responsáveis pela exploração e cerceamento da liberdade: a Igreja e o Estado. É comum perceber, por meio dos jornais, um diálogo estabelecido pela dialética anarquista e libertária. Daquilo que foi possível pesquisar, percebeu-se que as instituições formais de ensino não situavam a educação para sua integralidade e desenvolvimento do ser humano em toda sua potencialidade. Reiteramos que em nenhum *Anuario da Instrucção Pública de São Paulo* foi

encontrada de qualquer menção que pudesse supor essa referência ou ainda conjecturar que as instituições visitadas pela inspetoria de ensino pudessem trazer qualquer “desordem social”. Os jornais, ao contrário das instituições formais de ensino, trouxeram a negativa da igreja e sobretudo o combate à opressão por parte da burguesia e do Estado, conforme observamos no artigo “A cruz e a Espada” do Jornal *O Proletário*:



Imagem 101: Jornal O Proletário. Santos, 01 de agosto de 1911. Disponível em: <https://bibliotecaterralivre.noblogs.org/> acesso em julho de 2019.

É com essa característica, de unidade e coletividade, que o movimento operário cresce e se desenvolve na cidade de Santos, num movimento de luta, resistência e intelectualização de seus membros. Se no início de sua organização, por meio das associações e instituições de auxílio mútuo, o caminho percorrido pelos trabalhadores segue o viés anarcossindicalista, posteriormente é possível perceber essa organização por meio dos próprios periódicos analisados em suas características de impressão tipográfica, bem como na busca dos seus espaços. “(...)Assim, a energia revolucionária que poderia destruir o capitalismo está, de certo modo, localizada na multidão dos despossuídos, na ralé, na plebe multiforme e selvagem, nas turbas urbanas, nas massas pobres do campo, enfim, num amálgama de grupos subalternos (...)” (Hardman, 2002, p.87). Por isso, o trabalhador que aos poucos se organiza para difundir seus ideais e suas ideias traduz sua luta por meio dos exemplares de comunicação em massa.

Para além do teor das notícias é fundamental entendermos que olhar esses veículos de comunicação direcionavam aos seus leitores. Ao considerar a educação informal todas as relações realizadas para além da formalidade dos muros da escola, faz-se necessário apresentar algumas reportagens correlacionando-as a autores libertários que influenciaram os pensamentos difundidos. Vejamos notícia veiculada na Revista *A Fita*, no ano de 1911, onde se lê:

União Operaria

Entré o movimentar associativo não pequeno, de Santos, é inegavel que muito se tem imposto á admiração e sympathias publicas a "União Operaria", nucleo formado ha 21 annos por um grupo de proletarios criteriosos.

Alhelos a manifestações ruidosas, a alianças com elementos perturbadores da ordem publica e da segurança individual, os seus fundadores, oriundos da plebe honrada, numa cohesão admiravel de vontade, conseguiram, atravez de rudes difficuldades implantar a agremiação sobre a qual deveriam logo convergir as atenções populares.

A "União" vencendo todos os tropeços que se lhe antolhavam no seu percurso em inicio, foi assignalando triumphos, que são patentes no edificio proprio em o qual presentemente funciona as aulas que mantêm, fazendo a derrama benemerita da instrucção a creanças filhas de operarios.

Esse acervo que vimos lembrando, por si só a torna merecedora dos applausos dos quaes se vê cercada.

E' com satisfação que a saudamos recordando a sua festa anniversaria, no dia 13 de Maio ultimo, festa decorrida por entre freugas alegrias, na democracia encantadora dos que a dirigem.

"A Fita", que não é indifferente aos acontecimentos registrados pela imprensa diaria "se desenrola em grande metragem" ante á sympathica instituição, prophetisando-lhe largas conquistas futuras, abençoada pelos Beneficios que tera profusamente espalhado, na estrada percorrida,—estrela luminosa a dizer eloquentemente do seu caminhar glorioso.

Ao festival prestou o concurso de sua palavra, fazendo uma conferencia, o dr. Silvino Martins, nosso confrade d'"A Vanguarda", que accedendo a gentil convite da directoria, soube empolgar o auditorio, despertando-lhe calorosos applausos.

Imagem 102: Revista A Fita. Santos, 12 de junho de 1911. Número 4. Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=036180&pasta=ano%201911&pagfis=2115> acesso em novembro de 2020.

Uma dúvida ainda paira sobre a pesquisa realizada até aqui, independente do periódico analisado: a que efetivamente se vale a atuação da Sociedade União Operária e qual nicho ela pretendia atingir por meio de suas ações? Julgou-se, num primeiro momento, que sua aproximação com os filósofos libertários e anarquistas pronunciaria um caráter irrefutavelmente vanguardista e libertário. No entanto, observamos que a mencionada reportagem se refere à SUO, na ocasião com vinte e um anos de formação, como uma instituição “criteriosa”, alheia a aparições barulhentas e de relações com indivíduos que gerem desordem pública.

A revista supracitada classifica seus fundadores e associados como pessoas da “plebe honrada”, que trabalham para oferecer educação para as crianças, filhas de seus associados, oferecendo-lhes também auxílios mútuos. Portanto, tinha muito o que comemorar e, tal como nos mostra a reportagem “prophetisa” largas conquistas futuras.

Ainda que dúvidas pairam sobre quais efetivos interesses sejam defendidos pelos operários associados a essa instituição, como já mencionado no capítulo anterior, há um contraste entre o que se é traçado pelos periódicos e atuação cotidiana de alguns personagens que frequentavam a instituição, a exemplo controvertido¹⁰³ Ibrahim de Almeida Nobre. Outro jornal, dessa vez de circulação diária, registra a relação da Sociedade União Operária com Ibrahim de Almeida Nobre, delegado regional da polícia de Santos e, posteriormente, subprocurador da Justiça. Não é possível afirmar qual relação os membros da Sociedade União Operária mantinham com o Senhor Ibrahim, classificado como “capitão do mato”, segundo o jornalista Adeldo Gonçalves¹⁰⁴ nem qual sua atuação frente aos trabalhadores. Do que se tem conhecimento, até hoje, são reportagens que colocavam o delegado regional de polícia frente à ordem da cidade e de seu exímio trabalho enquanto delegado de polícia, o que contradiz alguns interesses dos trabalhadores.

O registro que vemos a seguir, veiculado no jornal *A Tribuna* nos apresenta uma longa chamada daquilo que no dia seguinte se posta enquanto reportagem. Notemos que na

¹⁰³ Aqui adjetivamos o delegado regional Ibrahim Nobre como controvertido por circular numa instituição que defendia interesses da classe operária, independentemente de seu ofício. A SUO atuava muitas vezes como mediadora de conflitos, o que não corresponde às atividades desenvolvidas pelo então delegado. Todavia, não há pesquisas que apontem as relações entre a diretoria da Sociedade União Operária e seus convidados, como o caso do Ibrahim Nobre, tema a ser aprofundado por novos estudos.

¹⁰⁴ Nascido em 16 de outubro de 1952, na cidade de Santos. Formou-se em jornalismo pela Universidade Católica de Santos (Unisantos/SP), em 1974, e mestre em Letras pela mesma instituição na área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana (título obtido em 1992). Também é, desde 1997, doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP). Em 2000, concluiu seu pós-doutorado na Universidade de Lisboa, em Portugal. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/adeldo-goncalves/> acesso em novembro de 2020.

matéria existe a menção de outros jornais que já denunciavam maus tratos no posto policial da Villa Mathias, local comandado pelo senhor Ibraim Nobre. É possível perceber que o mencionado jornal dialoga com outro público, que não o operariado visto a veemente defesa do então delegado regional. Notemos que a reportagem se refere às pessoas que em trânsito pela cidade, seriam ameaçadas de deportação, devido ao envolvimento com movimentos anarquista na cidade de São Paulo.

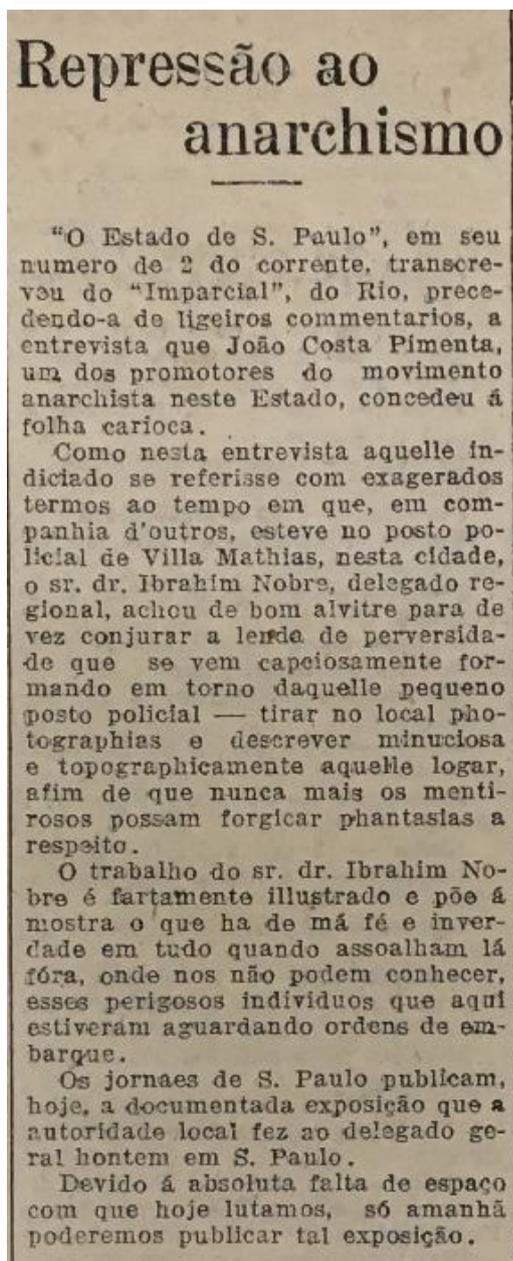


Imagem 103: Jornal A Tribuna. Santos, 07 de janeiro de 1920. Fonte: A TRIBUNA – 07/01/2020 Disponível em Sociedade Humanitária de Santos. Acessado em novembro de 2018.

Notemos que na reportagem subsequente, também veiculada no jornal *A Tribuna*, há uma tentativa de desclassificar o mesmo fato veiculado em outros jornais, inclusive de outras cidades, ao que se referem à passagem de imigrantes presos, pela cidade.



Imagem 104: Jornal A Tribuna. Santos, 08 de janeiro de 1920. Fonte: Jornal A Tribuna. Disponível em: Hemeroteca de Santos. Acessado em novembro de 2018.

Enquanto as reportagens de alguns veículos de comunicação propagam o suposto perigo que trabalhadores poderiam trazer à sociedade, fundamentando uma educação informal condizente os interesses burgueses, outros retratam a expansão dos movimentos e suas conquistas, inclusive no que diz respeito aos operários de outros países difundindo seus ideais,

O fac-símile acima dialoga¹⁰⁵ com a classe trabalhadora. Seu redator demonstra tristeza com saída do “camarada” Oresti Ristori¹⁰⁶ do movimento operário na cidade de São Paulo devido ao cansaço e à descrença no progresso do movimento. O Brasil, saído da escravidão há pouco tempo, ainda trazia de maneira arraigada toda estrutura econômica pautada no modelo escravagista, o que de certa forma poderia ocasionar atraso e descrença numa sociedade igualitária, justa e livre de instituições como o Estado e a Igreja. Na contramão da descrença e do desânimo, vemos o redator incentivar seus leitores a não esmorecer visto que, de acordo com suas palavras, a saída para a liberdade se encontraria nos movimentos operários, sobretudo no anarquismo. Aponta-nos as conquistas realizadas pelos trabalhadores de outros países, numa tentativa de defesa dos movimentos internos do país, conforme observamos em “notas internacionais” do jornal *O Proletário*:



Imagem 106: Jornal O Proletário. Santos, 01 de junho de 1911, p.2. Disponível em: Biblioteca Edgard Leuenroth. Unicamp / SP. Pesquisado em novembro de 2019.

¹⁰⁵ Neste recorte de jornal nos referimos à reportagem das “Notas Internacionais”

¹⁰⁶ Oreste Ristori foi um jornalista e militante anarquista individualista e anarco comunista italiano. Imigrou para o Brasil em 1904 onde editou a revista libertária La Battaglia, militou arduamente contra a exploração dos imigrantes italianos nas fazendas de café, realizando uma intensa campanha contra imigração para o Brasil. Se empenhou na criação de escolas libertárias seguindo o modelo proposto por Francisco Ferrer para os filhos de camponeses e operários. Desde de sua chegada ao Brasil passou a ser sistematicamente perseguido pelo governo, até finalmente ser expulso pela ditadura de Getúlio Vargas em 1936 retornando à Itália. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Oreste_Ristori acesso em outubro de 2020.

Não estamos aqui a realizando proselitismo sobre quais correntes filosóficas seriam melhores na implementação de um mundo menos desigual, mas demonstrando por meio dos jornais a luta operária que reverberava gerando conflitos e discursos sobre uma dada forma de educar o povo. O jornal, de forma genérica deve ser encarado como um instrumento de intelectualização, porta-voz de uma dada classe e que defende um dado lugar de fala. Temos claro que um mesmo fato pode ser apresentado mediado por diferentes versões. Portanto, existem diferentes jornais para diferentes públicos. Cabe-nos, nesta dissertação, selecionar, apresentar e analisar recortes de jornais que evidenciem uma educação libertária, produzida pelo povo e para o povo.

Até a Constituição Republicana de 1891, o Brasil vivenciava uma educação com tradições jesuíticas, com forte apelo religioso. Será o texto desta Carta Magna que definirá a laicidade curricular como parâmetro, devido à escola ser de responsabilidade do Estado. Isso, como já analisado, contradiz o fato de alunos receberem regalos, em término de ano letivo, sobretudo quando eram presenteados com santos e símbolos religiosos. Não foram encontrados registros, nas instituições pesquisadas, do efetivo ensino da religião, mas percebeu-se que havia proximidade entre as instituições – escola e igreja, aqui relacionado em seus santos e livros. Embora não se tenha encontrado registros que apontem para uma educação libertária, o “espírito” desse movimento permeava a cidade de Santos em um combate inesgotável contra a Igreja, Estado e burguesia. Vejamos o recorte, a seguir:



Imagem 107: Aurora Social. Santos, 1910. Edição Especial em comemoração do terceiro aniversário. Disponível em: Biblioteca Edgard Leuenroth. Unicamp / SP.

Dentre os jornais analisados percebeu-se que a educação informal ali proposta permeava a batalha de um homem livre e intelectualizado, que fazia uso da ciência para sua vida, devido às suas comprovações. Observemos o que diz Mikhail Bakunin, em *Educação Ciência e Revolução*:

Portanto, para preservar a ordem, é preciso que os dois poderes: o da Igreja e aquele do Estado, os dois medos: o da terra e aquele do céu complete-se mutuamente. Eis por que, desde que existe a história, o governo pelo bastão da religião foram inseparáveis irmãos de sangue em todos os Estados. (...) “Necessitamos da ignorância do povo, nós, seus exploradores e seus opressores(...)”. Queremos destruir toda religião popular para substituí-la pelo saber popular. Sim, queremos que o povo tenha um saber racional, rigorosamente científico. Nós o desejamos porque queremos a libertação definitiva do povo de toda tutela governamental; mas não o queremos para submetê-los à nova tutela dos doutrinários revolucionários. A verdadeira revolução deve justamente consistir em destruir inteiramente toda tutela, eliminar radicalmente todo papel do Estado. Queremos que o povo alcance a maioria, e para chegar realmente a essa idade, ele necessita da ciência. (BAKUNIN, Mikhail. 2015, p. 104 e 105)

Enquanto jornais e meios de comunicação da classe trabalhadora traziam em suas notícias o incentivo às lutas e o combate exaustivo das explorações por meio da classe burguesa, fomentavam-se discussões acerca de uma sociedade mais justa, o que supõe não ter havido esse tipo de alteração na formalidade educacional devido aos currículos lecionados e sobretudo aos anuários de instrução pública que foram analisado inexistente qualquer menção de escolas isoladas, providas ou grupos escolares que promovessem estudos ou festividades que pudessem comprometer a ordem da sociedade. Em outras palavras, que pudessem comprometer a estrutura de classe social existente. Todavia reiteramos o papel fundamental dos jornais nesse aspecto, ao se observar o seguinte recorte de jornal em contraste com a noção de propriedade privada construída por Kropotkin:



Imagem 108: Jornal O Proletário. Santos, 1911. Disponível em: Biblioteca Edgard Leuenroth. Unicamp / SP. Acesso em novembro de 2018.

Na discussão em que se apresenta, o autor apresenta discussão acerca dos ensinamentos de Piort Kropotkin, traduzido como Pedro Kropotkin, no que tange a propriedade privada. Ao refletir sobre a seriedade de uma educação integral, naquilo que se refere ao desenvolvimento do ser humano poderíamos conceber discussões sobre uma existência humana mais feliz e livre. Essas arguições foram observadas por meio de publicações e jornais, avalia a força motriz do capital e, em consequência, a propriedade privada como fonte geradora de crises permanentes, visto serem objetos de viveres da classe burguesa devido ao trabalho do operário. De fato, concebe-se o juízo de que a classe operária ao receber seu mísero salário, contribui para a perpetuação do poder, sustentando – como menciona o texto – os burgueses “ociosos e pestilentos”, sendo comum observar homens vagando pela cidade, numa posição de mendicância por emprego ou pelo alimento.

Ainda que as discussões tenham se tornado acaloradas, o próprio Estado cuidou dessas circunstâncias, à sua maneira, conforme observamos na notícia veiculada no jornal *A Tribuna*:

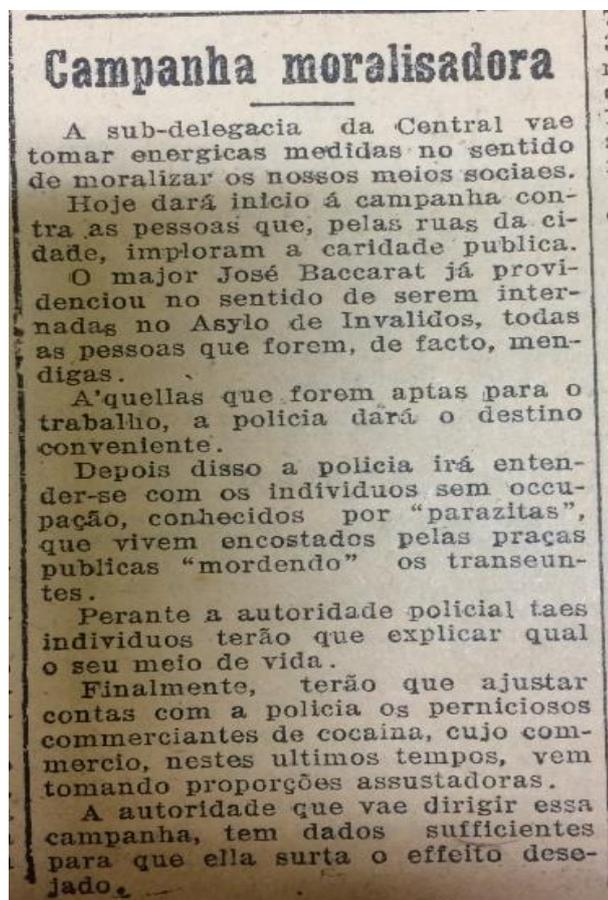


Imagem 109: Jornal A Tribuna. Santos, 05 de janeiro de 1920. Disponível em Hemeroteca Roldão Mendes Rosa. Pesquisado em julho de 2018.

O jornal enquanto instrumento de educação possibilita ao cidadão discussões e fomento de ideias que auxiliam em sua intelectualização. No entanto, é perceptível que não há uma coeducação entre as classes, justamente por atender aos diferentes anseios e necessidades. Segundo Francisco Ferrer “homens esfoliados, oprimidos e explorados devem ser rebeldes, porque devem reclamar seus direitos até conseguir sua completa perfeita participação no patrimônio universal” (FERRER, 2014, p. 51). Por entendermos que não há essa coeducação e, consequentemente pratica-se a educação baseada em castas, referimo-nos à Mikhail Bakunin, em “*Educação Integral*”:

Não é evidente que entre dois homens, dotados de inteligência normal mais ou menos igual, aquele que sabe mais, aquele cuja inteligência está mais

desenvolvida pela ciência, e que, compreendendo melhor o encadeamento dos fatos naturais e sociais, ou que se chama de leis da natureza e da sociedade, capta mais fácil e amplamente o caráter do meio em que vive, não é evidente que este se sentirá mais livre, e será também praticamente mais hábil e poderoso do que o outro? O que sabe mais naturalmente dominará o que sabe menos, e se antes de tudo só existisse entre duas classes esta única diferença de ensino e educação, esta diferença originaria em pouco tempo todas as outras, o mundo dos humanos se encontraria em seu ponto atual, isto é, estaria dividido de novo numa massa de escravos e num pequeno número de dominadores, os primeiros trabalhando como hoje para os últimos. (BAKUNIN, Mikhail. Apud Moriyón. 1989, p.34).

Em análise da referência à literatura de Bakunin, articulada ao recorte do jornal *A Tribuna*, é perceptível a diferença entre as classes sobretudo ano que tange ao processo formativo do indivíduo. Todavia, é importante ressaltar que o autor dialoga sobre a emancipação da massa operária e refere-se à igualdade de oportunidades em ensino e educação. Fica claro, segundo o texto, que o ensino se refere à escolarização de maneira formal enquanto que a educação vincula-se à não formalidade e à informalidade. Portanto, se o Estado não é capaz de prover um ensino com equidade, ainda que essa justeza perpassa pela ausência de trabalho e acesso à ciência, a própria massa trabalhadora é capaz de se organizar e lutar pelos seus direitos. Outros autores, assim como o educador Francisco Ferrer também dialogaram sobre a educação das massas num equilíbrio de igualdade, conforme observamos:

Penso a respeito da educação comum de ambos os sexos o mesmo que de diferentes classes sociais. Poderia ter fundado uma escola gratuita, mas uma escola para crianças pobres não poderia ter sido uma escola racional, porque se não lhes ensinasse a credulidade e a submissão como nas escolas antigas, teria lhes inclinado forçosamente à rebeldia, teriam surgido espontaneamente sentimentos de ódio. Porque o dilema é irredutível: não há meio termo para a escola exclusiva da classe deserdada: ou o acatamento do erro e da ignorância sistemática sustentados por um falso ensino, ou o ódio àqueles que lhes subjogavam e exploram. O assunto é delicado e convém deixar claro: a rebeldia contra a opressão é simplesmente questão estética, de puro equilíbrio. Entre um homem e outro não pode haver diferenças sociais, como consigna a famosa Declaração revolucionária em sua primeira cláusula com estas palavras indestrutíveis: *os homens nascem e permanecem livres e iguais em*

direito. Se elas existem, enquanto uns abusam e tiranizam, os outros protestam e odeiam. A rebeldia é uma tendência niveladora, e, portanto, racional, natural, e não quero dizer justa, porque a justiça anda desacreditada com suas más companhias: a lei e a religião. (FERRER, Francisco Y Guardian. 2005, p.51).

Ao considerar as expressões de Francisco Ferrer, é possível trazê-las para o período desta pesquisa. Enquanto a cidade crescia e se desenvolvia, a classe operária tornava-se base do sustento daqueles que sobreviviam das exportações do café, bem como de todo comércio corolário. Notoriamente a educação realizada dentro das escolas alimentavam a separação de classes. Era comum observarmos notícias veiculadas pelo jornal *A Tribuna* sobre a necessidade da educação, enquanto instrumento formal, articulada em diferentes organizações. A exemplo disso analisamos parte de algumas publicações sobre a “Liga contra o analfabetismo”, que, ao que se supõe, foram realizadas ao menos quatro publicações distintas para apresentar as dificuldades encontradas pela liga, na manutenção do trabalho. Formada por membros da sociedade santista (professores e políticos) – enquanto mantenedores - consideravam que parte dos problemas do desenvolvimento da cidade relacionavam-se com as questões do analfabetismo.

Supõe-se, por meio dos jornais¹⁰⁷ que o trabalho estava voltado na manutenção de crianças nas escolas, sejam elas isoladas, providas, grupos escolares ou ainda escolas fundadas para essa finalidade. Dentre as escolas observadas por meio dos Anuários da Instrução Pública de São Paulo, algumas escolas estavam denominadas por meio de número e ainda assim nada foi descrito que pudesse sugerir uma educação emancipadora. Todavia, também ficou claro, por meio das notícias que veicularam, que o público alvo desta liga eram as crianças, e não os jovens ou adultos, conforme observamos:

¹⁰⁷ A Liga contra o Analfabetismo que foi uma campanha composta e mantida por personalidades e professores da cidade de Santos, com o intuito de erradicar o analfabetismo da cidade. Não houve aprofundamento sobre o funcionamento da Liga visto não ser este ao foco desta dissertação.



Imagem 110: Jornal A Tribuna. Santos. 08/01/1920. Disponível em Hemeroteca Roldão Mendes Rosa. Pesquisado em julho de 2018.

Liga contra o analfabetismo

Palavras aos membros desta associação

IV

Reconhecida a necessidade de solver o passivo da Liga, que nem sequer custará sacrificio algum aos socios, e necessidade, sobretudo, para não prejudicar o funcionamento das escolas já creadas e em que se acha matriculada não pequeno numero de alumnos, esperamos que seja attendido, como é mister, o encatregado da cobrança das respectivas mensalidades, visto que não é justo, nem curial, que os associados se exensem ao cumprimento de um dever elementar. Ha dividas por satisfazer, contrahidas, por anticipação da receita da Liga, em aquisição de objectos necessarios aos alumnos pobres, e noutras gastos, constantes das contas apresentadas; e seria desairoso para todos os socios que os credores fossem prejudicados, quando confiaram na imputabilidade dos componentes da Liga e tinham certeza da integral satisfação dos compromissos contrahidos. Por outro lado, a actual direcção da Liga vê-se apoucada por esses credores, continuamente vexada pela sollicitação dos pagamentos devidos, frequentemente procurada para dar uma satisfação honrosa aos debitos existentes. Não disposto de recursos em caixa para liquidar taes contas, é obvio que precisa do concurso de todos os associados, para dar satisfação a esses compromissos em nome da Liga tomados; e a esse concurso não podem, nem devem subtrahir-se os socios, inscriptos na matricula, porque sómente com os recursos oriundos do pagamento das mensalidades em atraso, e de correntes, é que se torna exequivel a liquidação das dividas de que se trata. Desajuramos, deste modo, que os associados se comprometam da situação em que se encontra a actual direcção da Liga, sob a presidencia do sr. dr. Thomaz Catunda, que aceitou, provisoriamente, esse cargo para a solução das responsabilidades existentes da sociedade, e a ajudassem a solver os compromissos a que alludimos, e que não custam, repetimos, o sacrificio de ninguém. De outro modo, a situação se aggravará e acabará tendo um desfecho lamentavelmente desairoso para todos os socios.

Pagos os debitos existentes, se-

ve, ou não, proseguir a Liga na sua missão, ou se, fundida esta com a S. A. da Instrucção Popular, visto que ambas, fundamentalmente, collimam os mesmos intuitos. A novel sociedade ficará a incumbencia de extirminar em terra santense o espantilho do analfabetismo. Esta solução pertence ás attribuições de uma assembleia geral, que será opportunamente convocada, e na qual será exposto o relato da marcha da Liga e dos compromissos já então solvidos, allás com honra para todos os socios. Dizemos "já solvidos", porque acreditamos que até então as contas restantes da Liga estarão plenamente liquidadas, e a direcção desembarçada, para esclarecer a assembleia sobre os factos occorridos e quanto ás deliberações que devam ser tomadas.

Não emitimos opinião anticipada sobre a sorte da Liga, porque desajuramos, antes de tudo, a bel-a livre dos credores que ainda tem e que, por honra dos proprios associados, não podem ser desattendidos em suas legitimas pretensões. Cumprido este dever preliminar, opportuno será então cogitar da sorte da Liga, ou para que se funda com a similar em formação, desaparecendo, assim, como entidade independente, ou para proseguir, legalmente organizada, na sua patriótica e humanitaria tarefa, tão conforme ás elevadas aspirações do moderno espirito social. A assembleia dessa occasião decidirá. Por agora, insistimos na indeclinavel necessidade do pagamento das mensalidades em atraso, e até a convocação da assembleia de que se trata, afim de que a direcção da Liga possa estar habilitada para pagar os debitos contrahidos. Se tanto é preciso, appellamos para a honrabilidade e boa vontade dos socios inscriptos, afim de que satisfaçam seus compromissos e se ponha termo a esta situação incommoda e deprimente da Liga, como tanto queriam e querem os co-directores e professores dessa sociedade, bruscamente surprehendidos, como todos fomos, por um triste acontecimento, sobre o qual deve apenas pairar o sentimento de uma profunda e sin-

Ainda nessa percepção, observemos outro recorte que dialoga sobre a precariedade da educação (em sua formalidade), que em contrapartida não discorre sobre outras possibilidades para sanar as deficiências. O que se difunde enquanto “educação”, nos veículos de comunicação de massa que não são os de preferência da classe trabalhadora, correspondem à necessidade da alfabetização, dos exames agendados, das matrículas, evasões e sobretudo na propaganda da urbe enquanto cidade educadora. De fato, é preciso aqui registrar que dado o período ao qual se refere esta pesquisa, a cidade de Santos num comparativo com as cidades vizinhas, tinha um grande número de escolas, das mais diferentes organizações. Entretanto, convém salientar que os próprios anuários apontam para uma baixa frequência escolar, o que nos leva a crer que a faixa etária iniciante no trabalho fora de casa, era baixa, confirmando informações descritas nos livros de matrículas pesquisados, assim como, as informações dessa natureza apontadas no anuário da instrução pública.

As notícias dos periódicos consumidos – em sua maioria – pela classe burguesa nos traz a percepção de uma sociedade que deseja seu desenvolvimento, mas não enxerga essa possibilidade por meio da classe trabalhadora, visto muitas vezes, como a causa da desordem pública. As notas que circulam nos jornais, das mais diferentes categorias (sejam eles noticiosos, cômicos, literários ou comerciais) apresentam uma estrutura de manutenção das classes e ações combativas a qualquer movimento trabalhista. Notemos as duas publicações abaixo, de diferentes jornais, às quais se referem à precariedade da educação, e sobre a necessidade de investimento.

Topicos do dia

O ENSINO PRIMARIO

"Até agora só pequena parte o recebe.
A reforma leva-o a todos".

Tem sabido, aqui, a phrase
da qual ain-
da hontem nos valemos: "a espe-
rança é a letra de cambio da fel-
icidade..."

Essa letra está, presentemente,
com o seu valor assegurado no
que respeita ao ensino publico
paralano: andou-a a mensagem
presidencial, sobre a qual tão
maus augurios se fixaram e, no
instante, ella sai appareceu, su-
premamente categorica e irretor-
quível, exprimindo a segurança
mais clara e o proposito mais fir-
me de uma deliberação raciona-
da e séria. A diffusão do ensino
vai-se tornar uma effectiva rea-
lidade. Discorde-se, mesmo, de al-
gumas das soluções propostas, a
maior solução, aquella que sem-
pre encarámos com decidido em-
penho, apparece, enfim, expressa
na mensagem presidencial como
um solenne testemunho de claris-
sima comprehensão sobre uma ur-
gente necessidade: escolas por to-
da a parte, escolas para todos, al-
phabetisação maxima, generalisa-
ção da aprendizagem. Vamos,
afinal, á procura das "palhetas
de ouro no asilo da multidão". Só
com as medidas que teremos, em
breve, praticadas é que a reha-
bilitação surgirá e o nosso valor
será positivado, real como deve
e pôde ser, e não ficticio como é
e tem sido sempre. Desapparecem
os privilegios, desapparecem, por-
tanto, as pretensões: são estas,
como sempre foram, as que pro-
duzem o descalabro, insistentem-
ente comprovado cada vez que
a actividade se manifesta. O pro-
gredimento de uns e o estaciona-
mento de outros, caso dous ex-
tremos provocadores de um de-
ploravel confronto não têm senão
facilitado situações que a demo-

Confirmam-se, dessa modo, as
nossas previsões sobre a mesen-
sagem de julho.

"É" uma campanha inadiável,
— diz a mensagem nam dos seu-
tópicoos — que não admitta demo-
ras ou delongas, que deve ser in-
ciada já e já, e para a qual não
podemos fantasiar ou esperar re-
cursos. Para ella temos que po-
tir, sem timidez e sem hesi-
ções, com as nossas posses
actuaes, melhorando sempre a
nossa organização e meios de ac-
ção."

Expressões como estas, são de-
claradamente de inspirar enthusia-
sma. Nellas se constata uma vonta-
de capaz de lutar, buscando en-
ergias que se não deixem vencer,
que se não procurem retrair,
mas aceitem a tarefa, accosim-
n'a com denodo e sinceridade.
Quem pôde ter desenvoltura
quem pôde ser destemido assim!

Surgiu um outro problema com
o da diffusão do ensino: é a do
professorado, capaz de entrega-
se á luta sem interesse maior e
não o de cooperar, com todas as
forças, para a realização da es-
plendida tarefa.

Conseguil-o-á o governo!

O governo mesmo prestará a
facilidade.

"Para a efficiencia do ensino
indispensavel que haja uma se-
lização severa, competente e ef-
ficiente."

São tres condições, estas, e
jamais existiram: fiscalisação
vera, competente e sufficiente.
Mas, todas ellas serão de im-
posição, uma vez que o go-
verno nomeará 50 inspectores
quos 15 regionaes e 35 de-
ctaes, entre "professores de
madas e de reconhecida
luz e de reputação" — de
madas e de reputação — de

Imagem 112: Jornal A Tribuna. Santos, 06/11/1920. Disponível em Hemeroteca Roldão Mendes Rosa. Pesquisado em julho de 2018.

Enquanto vemos jornais de circulação diária e de grande alcance proporem temáticas que atacam e desqualificam o trabalhador, colocando-os contra a população e marginalizando-os, é possível, na contramão, enxergar união num processo de politização e intelectualização da classe operária. Em folhetins e periódicos observou-se tradução de escritos de grandes intelectuais na contribuição para divulgar a doutrina libertária, sobretudo a o pensamento anarquista. Embora o índice de analfabetismo fosse grande, muitos operários tinham o hábito de leitura ou de se reunirem para leituras e discussões, além de divulgar espaços de biblioteca incentivando. O jornal, para o operário, é arma de discussões sobre suas necessidades e prioridades e devido ao fértil solo da cidade de Santos, não de se abismar sobre a quantidade de jornais que veicularam na urbe. A forma de se manifestar era livre de quaisquer padrões jornalísticos, prevalecendo a liberdade e a relação criada entre emissor e receptor das mensagens. As denúncias sobre os maus tratos, as más condições de trabalho e a carestia eram diárias. A classe trabalhadora se unia em combate frente aos acontecimentos, numa educação informal de retorno à própria classe na medida em que os movimentos cresciam e se expandiam.

A noção de coletividade também era fomentada, haja vista as adesões às greves em solidariedade à classe que tinha paralisado, sendo solidários aos grevistas santistas trabalhadores das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, como em 1905 e 1908. As reivindicações eram desde aumento de salários, boas condições de trabalho e redução da jornada de trabalho, sendo as maiores paralizações provenientes das categorias da estiva, construção civil, ferroviários e trabalhadores da Companhia Docas, conforme observamos na obra *Ventos do Mar*. Apesar da luta pela conscientização da classe e sobretudo pelos espaços a serem ocupados, o jornal se torna essencial na formação artístico cultural dos operários. Conscientes de si e de suas condições, escrevem:

Proletários são, pois, todos trabalhadores todos os operários, todos os assalariados seja qual for de sua ocupação, emprego, ou elevado cargo que desempenhem.

Somos a grande multidão dos famintos despojados de todos os meios de supervivência e de todas as dignidades pelos ladros palacianos; a grande prole encarcerada entre as grades que formam todos os contribuintes a constituição do «estado» e supliciada pelos governantes da prepotência; a classe laboriosa, condenada à morte pela ley «divina» e humana; a prole «perseguida e fragmentada pelas armas das aguerridas tropas legaes; a iludida miseravelmente por todos os cleros e por todos os livros e escritores sagrados; a grande falange dos ilusos explorados por todos os políticos que em nome da patria fazem fortuna e colocam as suas bancas sobre a desgraça do povo; somos em fim, a humanidade sacrificada por todas as ignomínias e vandalismos que se tem sucedido sobre a Terra.

Imagem 113: Jornal O Proletário. Santos, 01 de junho de 1911. Disponível em Biblioteca Edgard Leuenroth. Unicamp /SP. Pesquisado em setembro de 2018.

Enquanto a classe trabalhadora vive à margem, no que tange às benfeitorias trazidas pelo capital, a classe burguesa sobrevive às custas desses operários que apesar das grandes dificuldades continuam o processo de educação informal por meio de jornais, traduzindo seu apego emotivo por meio de poemas e livretos dos espetáculos teatrais. É possível afirmar, também, que a maior parte dos meios de comunicações impressos e suas tiragens surgiram com a primeira decadência do capital, com o advento da primeira grande guerra, na Europa. Com a crise do capital europeu, os reflexos também foram sentidos no Brasil e, nesse momento, viu-se as movimentações e reivindicações operárias crescerem e se multiplicarem por todo cenário nacional. A exemplo das repercussões e interesses sobre as práticas operárias que se observou nas publicações, exemplificamos o trabalho diário de comunicação com a classe trabalhadora, por meio do jornal *O Proletário*:

Novas Orientações

Raras vezes os escriptos ou as palavras dos propagandistas conseguem abalar a indiferença daquelles a quem se dirigem os pensamentos, idéas ou noções.

Quando fallamos a alguém procurando interessal-o nos nossos sentimentos, e só conseguimos o assentamento cordial e frívolo, presentimos que os factos de luz dos nossos ideaes são eclipsados pelo véo do escepticismo e que os nossos ouvintes escutam as nossas entusiastas perorações como quem ouve chover, quando não deixam transparecer manifestações de que longe de chamar-lhe a attenção, lhes somos importunos. Então as dolorosas sensações da decepção percorrem como choques electricos todo o nosso ser, causando-nos desgostos immensos. Mas, quando as nossas torrentes de novos e justos princípios conseguem romper o véo e impressionar vivamente aos nossos leitores ou interlocutores, recebendo d'eilles contestações acertadas ou equivocadas, então o nosso coração dilata-se em expansões de alegria, vendo como a nova semente não cahiu em campo esteril, encontrando nesses factos a recompensa dos nossos esforços ou sacrificios.

E eu estou alegre. O motivo da minha alegria provém de que o meu artigo, publicado no numero anterior d' "O PROLETARIO" produziu um effeito surpreendente, produziu uma sacudida no pensamento de muitos companheiros, provocando discussões e analyses, agitando enfim os seus cerebros introduzindo-os a polemica e a investigação; por iso tenho motivos para estar satisfeito e, visto que os adversarios da regeneração social e humana não se atrevem a vir contra nós á arena dos combates da intilligencia e do pensamento, porque o seu melhor elemento é o silencio e a violencia não está demais, que se travem entre nós amigaveis palestras que possivelmente hão de ser proveitosas para a causa.

Imagem 114: Jornal O Proletário. Santos, 15 de janeiro de 1912. Anno 1, n.º 8. Disponível em Biblioteca Edgard Leuenroth. Unicamp / SP. Pesquisado em outubro de 2018.

As discussões acerca do universo operário eram constantes de modo a combater a dominação causada pela classe burguesa circunstanciada por meio de saberes e condições negadas à classe trabalhadora. Ao compreender que o ensino destinado à classe burguesa se pautava na conservação das vantagens e dos privilégios, Ferrer assevera que esta educação não poderia ser racional. A Escola Moderna, segundo Ferrer, trabalha com crianças que são os futuros homens e mulheres e, por isso, não é justo incutir-lhes sentimentos e/ ou opções que são próprios de adultos; em outras palavras, não quer colher o fruto antes de cultivá-lo nem quer atribuir uma responsabilidade sem haver dotado a ciência das condições que constituirão seu fundamento.

Mostra Ferrer que uma escola para ricos também pode ser racional, na medida em que é exclusivista. Por força das coisas, tenderia a ensinar a conservação dos privilégios e vantagens; “a coeducação de pobres e ricos, colocando em contato uns com os outros na inocente igualdade da infância, por meio da sistemática igualdade da infância, por meio da sistemática igualdade da escola racional, é essa a escola, boa, necessária e reparadora”. (TRAGTENBERG, Maurício. 2004, p. 142).

Enquanto se observa publicações em que a “boa sociedade” tenta angariar materiais de modo a manter as crianças na escolarização e não sentir as diferenças que permeiam os díspares ambientes, os jornais operários escancaram as diferenças causadas justamente por esse nicho classista e educa seus leitores por meio das discussões da vida prática, debatendo sobre as suas reais condições de vida. Nesse cenário, o operário tendo consciência de sua condição, convivia comumente com situações de violência e disputa pelo trabalho, cada vez mais escasso devido à mecanização do cais e às modernizações que não atingiam a classe trabalhadora. Essas prerrogativas se fizeram presentes por todo período analisado, sendo a violência e os acidentes de trabalho comuns no seu cotidiano e denunciados constantemente, como é possível ressaltar por meios dos recortes aqui apresentados:

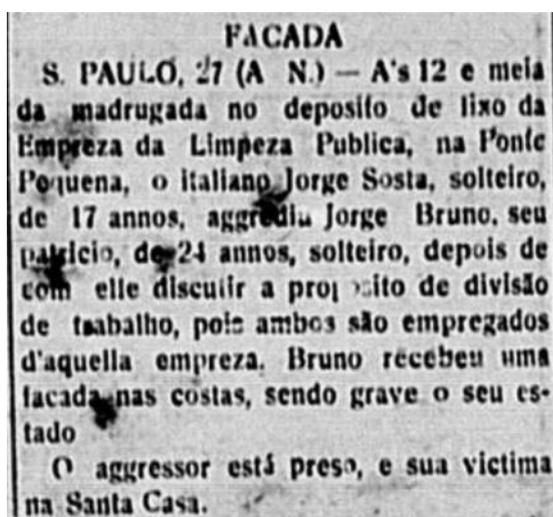


Imagem 115: Jornal A Vanguarda. Santos, 27 de fevereiro de 1912, p.1. Acervo da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720054&pasta=ano%201911&pagfis=309> acesso em junho de 2020.

O PROLETARIO

Ha uma virtude superior ao amor da patria, o amor da humanidade.

Expediente

Administrador
MANOEL PERES MARTINS

Toda a correspondencia referente ao jornal e ao grupo "O PROLETARIO" deve ser endereçada ao administrador.

Rua Amador Bueno, 115.

A quota minima mensal dos ad'ventos no grupo "O PROLETARIO" é de \$5000.

Condições d'Assinatura

Anno	\$5000
Semestre	\$2500
Trimestre	\$1500

Para todo o país.

Desastres — Assassinatos

Raro é o dia no qual não sejamos forçados a assistir ao triste e revoltante espectáculo de um ou mais desastres no trabalho, o numero das victimas aumenta diariamente, assumindo proporções assustadoras, — levando a miseria, a dor, o desconforto em centenas de lares de operarios, já tao cheios de sofrimento pelas privações a que estão sujeitos continuamente.

A imprensa, cujo papel na sociedade, diz ser: *moralizar os costumes, defender os fracos contra a prepotência dos fortes*, e outras lentas coisas lindas: dá publicidade a esses continuos assassinatos de uma forma o mais laconica possível, sem um só comentário, procurando reduzir o mais possível a noticia, sem se esquecer nunca de dizer que foi um descuido, procurando atenuar o mais possível a responsabilidade das patrões. De outro lado os trabalhadores assistem impassiveis a esse matadouro, sem um só protesto, sem um só movimento que vise por um termo a essa infamia.

Em pouco mais de um mez o numero dos desastres no trabalho nesta cidade atingiu a 40, o que quer dizer, que a media dos desastres é de um ou dois por dia.

E não são somente adultos as victimas que quotidianamente perecem, mas tambem debéis creancinhas menores de quatorze annos: — e, nos quarenta casos a que nos referimos, estão os de dois infelizes meninos: um morto instantaneamente e outro gravemente ferido.

Os criminosos, os principais culpados andam por ahí gosando os fracos dos

crimes que impudentemente praticam, qual-quer velhaco, qualquer usarioia que quiser arrojear dinheiro para gozar a fôrça se faz empreiteiro de obras, arranja um pouco de material deteriorado e manda os operarios trabalhar, estes não olham o perigo e ingenuamente vão trabalhando até e dia em que o andaime desaba, uns morrem, outros feridos, e o criminoso continua a ser o homem honrado, a pessoa respeitavel, etc. etc.

A sociedade está assim constituída, as honras e as regalias são para os velhacos e para os banditos, ela assenta-se sobre o roubo, sobre a prepotência, e sobre a mentira que é preciso desenvolver sempre, para que tenha garantia de vida. Os capitalistas podem ter pequenas creanças, explorando-as de uma forma barbara, chegando até ao assassinato, sem que cometer toda sorte de infâmias sem ser nunca incomodados, os trabalhadores são considerados num nivel inferior aos animais irracionais, num nível instrumento de trabalho e assim sendo, os capitalistas podem matar quantos quiserem, que só receberão louvores e aplausos.

Nós, não esperamos nada das leis do governo, nem dos sentimentalismos de humanidade dos capitalistas e de toda a casta que os rodeiam, eles longe de procurar evitar os desastres, o que procuram é aumental-os diariamente, pois de outra forma, leriam que renunciara a uma boa parte de lucros que auferem; é dos trabalhadores, como unicos interessados, que esperamos um energico movimento de revolta, contra esses continuos assassinatos.

Os fatos diariamente mostram que o trabalhador, na actual organização social não tem amigos, ele é a victimas e o escravo para o qual não existe nenhuma consideração, está condenado a trabalhar para morrer de fome o seu sangue e sua gota porgota, por todo o resto de sociedade parasita e inactiva.

Nas suas mãos porem, está a grande força capaz de paralisar a inteira vida da sociedade, o unico mal está no fato delle não a querer utilizar.

Desde dos continuos assassinatos que levam inexoravelmente a dor na familia trabalhadora, deante de tanto horror e tanta infamia a revolta se impõe é preciso que os velhacos exploradores sintam de uma maneira pratica a cohera dos trabalhadores continuamente vilipendiados. É preciso reagir com a maior energia possível pois que, somente assim, podera terminar esse matadouro humano.

L. I.



Aos serventes e aprendizes pedreiros

Companheiros:

Temos actualmente de propôr a vossa completa organização em sociedade, para que, em breve, chegueis a usar as condições de unido, de solidariedade e de consciencia, além de iniciar vossa luta contra a exploração e tirania patronal, e melhorar as vossas condições de assalariados.

Como quasi todos nós já temos um sentimento, esta circunstancia reconhecemos as muitas misérias o pensamento os factos, assido, num exemplar do certo jornal que eu li, que avizé durante os meses da minha theoretica actividade nos lares proletarios. Na cidade mais populosa e industrial da Hespanha, um operario pintor, intrinseco propagandista da emancipação dos trabalhadores, percorria as reuniões operarias, as associações e comités, explicando as causas populares e a grande injustiça da desigualdade social e do regime de trabalho capitalista; fustigava acerbamente o patronato, os empregados superiores, os encarregados e seitores, qualificando-os positivamente de serventes que tinham a sua fôrça, empunhando eles com um sentido decaído, encoberto, sem, reconhecer, o muito maior que obrigavam as condições a realizar trabalhos que só por homens robustos podiam ser feitos, e os maltratavam com insultos e golpes despiadados depois de levarem o povo a rebelião contra os malvados e contra a presente sociedade, fundada sobre a roubo, a mentira e o desprezo ao trabalho e aos reunidos, ouvia com muito interesse as palavras do pintor e, um dia, quando este terminava de fazer o seu discurso, não grande tempo e podia a palavra, subiu a uma mesa que servia de tribuna, olhou acerbamente ao povo que, ao ver o movimento do pé infante, ficou satisfeito, e disse:

— Senhores: scabais de ouvir as palavras fugazes do orador que agora vos explicou e concluiu as infâmias que os patrões e os seitores cometeu com os trabalhadores, no entanto, de maltratar, carregar e escada, as lamas de lama e outros utensilios de trabalho, com os quees eu sou, eu, e vos adiante de mim com, os meus nos bellos, muito tranquilamente, sem lembrar-me, dize, vossos, facilmente a:

Quero com este pensamento ao facto, lembrar-vos que a sociedade presente não se divide em mais de duas classes, a dos exploradores e a dos explorados; e bem entendido pode ser fragmentada em infinitas de classes que se desmembram em umas e outras, e vos referis, além da exploração patronal, o desprezo dos seitores ou encarregados e de uma outra classe, a dos officiaes, e uma posição social superior a vossa, a essa posição superior a vossa, os individuos que ainda não estão completamente livres das concepções religiosas e absurdas.

Para não alongar demasiado este artigo deixo para os vossos, a questão da divisão das classes sociais officinaes, e termino o artigo de um modo de conhecer, a questão do salario não foi a remuneração do serviço não deve em just a ser do tributo conforme a capacidade productiva ou seja com a quantidade e qualidade de producto; deve estar conforme as necessidades dos productores, que relativamente podem servir de base a este sistema de distribuição.

Não é principalmente ter officio, o que faz com que o individuo seja mais restrittido.

Imagem 116: Jornal O Proletário. Santos, 01 de janeiro de 1912. Disponível em Biblioteca Edgard Leuenroth.

Unicamp /SP. Pesquisado em setembro de 2018.

Embora a precariedade da vida do trabalhador fosse o estopim principal para suas lutas, a educação informal que a cidade respirava trazia sempre questões de revolta, o que segundo Ferrer seria absolutamente normal dadas as circunstâncias de vida, e delações daquilo que se entendia ser contra os ideais de emancipação operária. Consciosas de sua posição, não os agradava ter “irmãos” de labuta que se dispunham no trabalho em circunstâncias contrárias às lutas. De certos, esses não se intelectualizaram nem se educaram tão pouco pela não formalidade pela informalidade. Conjecturava-se uma dicotomia sem precedente; o companheiro de classe social, mesmo que em função diferente, fazer parte das artimanhas do poder público, porque para eles o país do operário era seu trabalho e àqueles que se fardavam não se reconheciam trabalhadores e se dedicavam ao afazer bruto, sujando suas mãos com o crime daqueles que não os reconhecem como indivíduos. Observamos:



Imagem 117: Jornal Aurora Social. Santos. Sem data. Disponível em Biblioteca Edgard Leuenroth. Unicamp / SP. Pesquisado em novembro de 2018.

Embora ao longo dessa pesquisa tenha se percebido disputas entre os próprios trabalhadores, por exercerem officios diferentes e, portanto, propugnarem interesses diferentes, a força motriz da classe operária estava famigerada por meio da união demonstrada em reuniões e ideais fomentados e publicados. A comunicação era amplamente divulgada, principalmente sobre as resoluções acordadas em suas reuniões. É certo que historicamente percebeu-se que as concepções libertárias passaram por muitas mudanças, sobretudo ao que se refere às formas de organização do trabalho. Sobretudo, a partir da década de 1910 foi possível perceber as mais diferentes formas de (re) organização dos trabalhadores, nomeadamente ao que se refere à fundação dos sindicatos, das mais diferentes categorias. Associações que anteriormente eram de auxílio mútuo tiveram que se adequar para atender às novas demandas visto a necessidade de pagamento das mensalidades. Percebeu-se que muitas deliberações de sindicatos eram veiculadas, também, pelos jornais mantendo assim a população e a própria classe informada, conforme observamos:

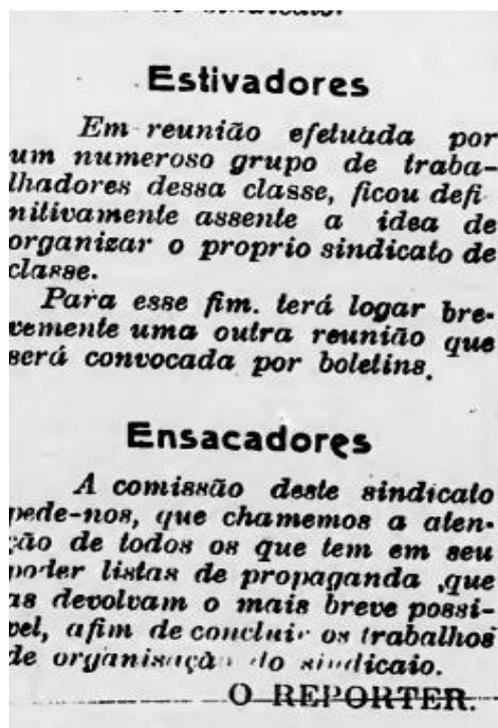


Imagem 118: Jornal o Proletário. Santos, 15 de julho de 1911. Disponível em Sociedade Humanitária de Santos. Pesquisado em outubro de 2019.

Para além de toda veiculação de notícias, instrução por meio de textos traduzidos, discursos dirigidos à classe trabalhadora e denúncias das mais variadas, tornou-se particularmente interessante a publicação sistemática de poemas, contos e propagandas dos espaços de biblioteca, bem como saraus, festas para angariar fundos, peças teatrais e eventos que promovessem além do encontro e da diversão, a intelectualização pelas atividades de lazer. Ainda que não seja o objeto da pesquisa nos aprofundarmos nesta seara correlata, julgamos necessário, mesmo que brevemente, discorrer sobre essas atividades.

3.4 Leitura operária santista: jornais e bibliotecas

Embora não seja o objeto central desta dissertação dialogar acerca das mais diferentes formas de expressão artística que permeava o universo e a cultura operária na cidade de Santos, não poderíamos deixar de contribuir – mesmo que de maneira tímida – com essa passagem curiosa da história santista. Ao que se refere à importância da literatura e do teatro na formação do indivíduo como forma de expressão e denúncia dos desmandes da classe burguesa,

a cidade de Santos também foi palco dessas manifestações, sobretudo com a atuação de escritores renomados e grupos de teatro formado por operários anônimos e escritores conhecidos como Vicente de Carvalho, Luiz Gama e Martins Fontes.

Com o advento da chegada dos imigrantes no Brasil e a inevitável “importação” cultural, era de se esperar que aumentasse ainda mais a miscigenação de saberes e costumes, sobretudo com o aumento do fluxo populacional da cidade às novas demandas trazidas pelo desenvolvimento do porto.

Não há, pois, como separar rigidamente os planos da “política” e da “cultura”. Anarcossindicalistas, socialistas ou sindicalismo reformista, cada uma dessas correntes constrói uma imagem particular da classe operária e tais concepções não são estranhas às práticas culturais efetivas, mas as informam e lhes oferecem “estilos” variados. Mesmo considerando-se a ação de uma mesma tendência, como o anarcosindicalismo, em relação aos padrões da festa operária ao longo do tempo, notam-se mudanças nítidas de rituais a indicar as tensões entre o discurso “ilustrado” das lideranças e a necessidade de sua popularização. É o caso, em São Paulo, no período de 1900 a 1920 da trajetória que conduz as conferências de propaganda em recinto fechado, feitas num clima austero e solene, no início do século e transitarem para festivais proletários ao ar livre, espetáculos lúdicos e populares em que o discurso verbal se entremeia aos jogos às músicas, aos piqueniques e outras modalidades mais descontraídas de divertimento. (HARDMAN, Francisco Foot. 2002, p. 240 e 241).

Durante a análise de alguns dos diferentes periódicos veiculados na cidade, percebeu-se modificações na maneira de organizar as diferentes publicações sobretudo o que diz respeito às propagandas comerciais que passaram a fazer parte dos impressos. Observar esses jornais nos permitiu perceber as mudanças que ocorreram na organização da classe operária no que diz respeito às propagandas culturais e à popularização das festas. Enquanto o operariado divulga suas festas, poemas e pensamento filosófico por meio dos jornais numa disputa de espaços na urbe, a aristocracia cafeeira e seus dependentes caminham a passos largos numa aculturação, apropriando-se cada vez mais dos espaços da cidade. A exemplo disso,

construções como a *Bolsa do Café*¹⁰⁸ (realizada pela Companhia Construtora de Santos e financiada pela Associação Comercial de Santos e inaugurada em 1922), retratam a grandiosidade que foi trazida para a cidade por intermédio do dinheiro adquirido com a venda do café. Para além da Bolsa, a cidade de Santos edificou outras luxuosas construções como o *Parque Balneário Hotel*, a *Estação do Bonde Funicular*, o *Cassino Monte Serrat*, grandes armazéns e a *Banca Italiana di Sconto*. É preciso dizer que esses locais frequentados, em sua grande maioria, por membros da alta sociedade santista e paulistana representavam uma cultura de vida muito diferente a dos trabalhadores. Embora a cidade tivesse em seu circuito político cultural personagens que traziam consigo ideais de liberdade e igualdade, esses transitavam nos eventos da alta sociedade e não em círculos operários ou sociedades de auxílio mútuo.

A cultura, seja ela exibida através da literatura, cinema, música ou teatro se fez presente em Santos em seus diferentes meios sociais. Espaços sociais como o Cassino Monte Serrat com apresentações de cantores renomados como Carmen Miranda e o Parque Balneário Hotel com espaços de leitura, carteados, boates, duzentos quartos e cento e quarenta funcionários numa construção realizada com mármore italiano e português tendo frequentadores como Washington Luís (na ocasião de lançamento de sua candidatura à presidente) traziam um modo de vida para a sociedade santista que não condizia com a vida da maioria de sua população. Em consonância com a grandiosidade do capital, a divulgação dos eventos operários objetivava além da arrecadação de fundos para manutenção dos trabalhos, a intelectualização de seus frequentadores.

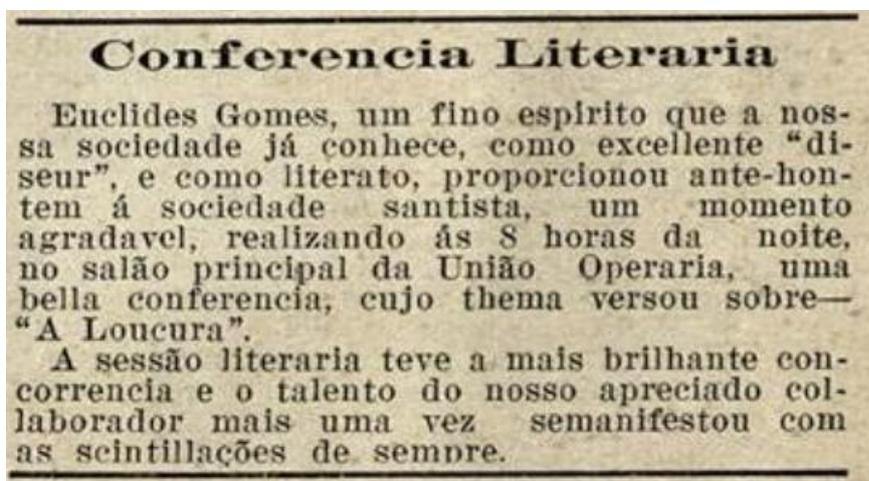


Imagem 119: Revista A Fita. Santos, 12 de junho de 1911. Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=036180&pesq&fbclid=IwAR2v1qRTFSMNldXQ9BBv1h7-QJ1Zt9q0gWiKWeinaCFFuRk0BqhHwvq3C6A&pagfis=2116> acesso em abril de 2020.

¹⁰⁸ A Bolsa do Café, ou Palácio Oficial da Bolsa do Café, está localizada no "coração" do centro da cidade Santos. Inaugurada no ano de 1922 apresenta toda opulência do poderio cafeeiro paulista. Foi construída pela Companhia Construtora de Santos, empresa fundada por Roberto Simonsen.

Eventos para apreciação literária e apresentações teatrais eram comuns entre os operários sendo esses acontecimentos realizados, em sua grande maioria, nas próprias associações e sociedades de beneficência. Foi possível observar também que havia interação e cooptações no que diz respeito à realização de apresentações para angariar fundos para outras instituições. Diante disto supõe que, após primeiras pesquisas, havia boas relações entre as associações de auxílio mútuo, embora também se tenha percebido atuações diferentes devido às díspares demandas de trabalho. Foi possível perceber que, na classe operariada, cultura e política eram atuações intrinsecamente relacionadas num trabalho de integralidade ideológica pela emancipação social. Diante do exposto, faz-se necessário reiterar que a tão presumida emancipação social e a autogestão, segundo Pierre Joseph Proudhon, se faz por meio da instrução operária das mãos à mente, formando um operário completo.

Para além das notícias veiculadas nos periódicos, a classe operária trazia como divulgação os seus espaços de leitura e suas próprias produções literárias, com a finalidade de ampliar o acesso à intelectualização e a consciência de classe por meio da cultura. A promoção desses espaços era de importância singular devido ao alto custo da imprensa e da dificuldade em mantê-la ativa. As bibliotecas, além de empréstimos e espaços de leitura, comercializavam livros também na tentativa de manter os espaços em funcionamento, observamos:

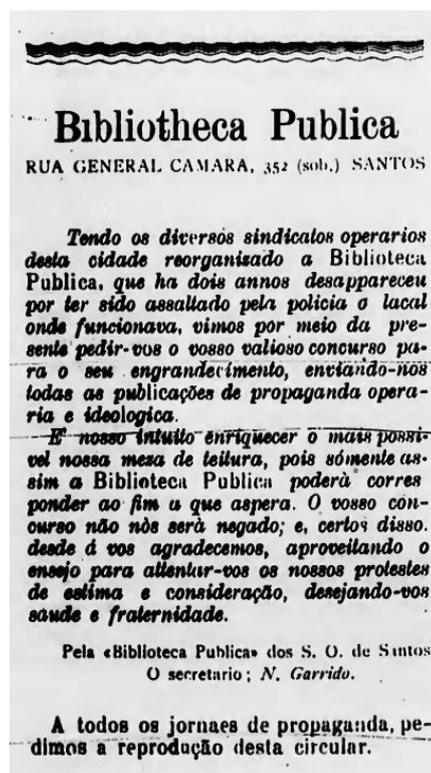
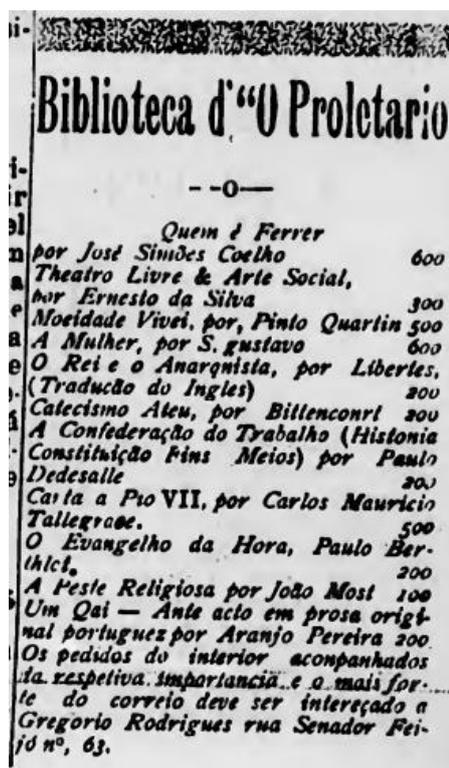


Imagem 120 e 121: Jornal O Proletário. Santos, 01 de outubro de 1911 e 01 de janeiro de 1912, respectivamente. Disponível em: Biblioteca Edgard Leuenroth, Unicamp / SP. Pesquisado em novembro de 2018.

Durante a pesquisa foi interessante observar que as campanhas de divulgação dos espaços de leitura, dos eventos, poemas e festividades que se fizeram presentes no meio de circulação e convívio do trabalhador eram usadas para além da intelectualização e da diversão, sobretudo, como instrumentos de ativismo político.

Na oposição aos interesses do trabalhador percebeu-se algumas publicações em jornais, que eram dirigidos à classe comerciária ou ainda à classe burguesa, de atrações destinadas à elite, conforme observamos:

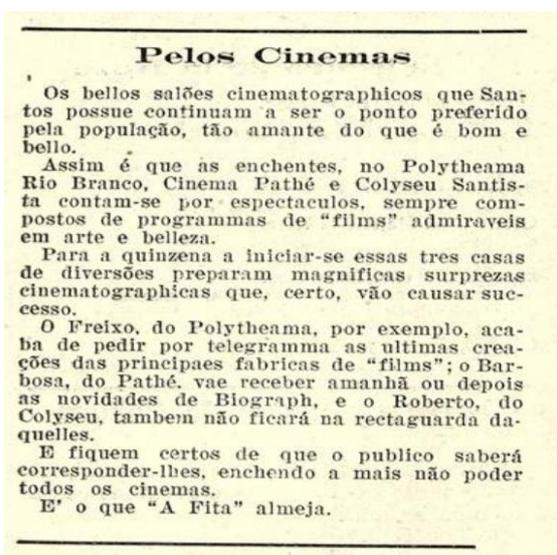


Imagem 122 e 123: Revista A Fita. Santos, 12 de junho de 1911. Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=036180&pesq&fbclid=IwAR2v1qRTFSMNldXO9BBY1h7-QJ1Zt9q0gWiKWeinaCFFuRk0BqhHwvq3C6A&pagfis=2130> e <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=036180&pesq&fbclid=IwAR2v1qRTFSMNldXO9BBY1h7-QJ1Zt9q0gWiKWeinaCFFuRk0BqhHwvq3C6A&pagfis=2134>, respectivamente. Acesso em outubro de 2020. É possível perceber o erro tipográfico, na grafia do nome “Colyseu”, sem a letra “l”.

Santos, com toda força de trabalho e miscigenação cultural apresentou-se ao país como a cidade do crescimento e do sucesso. Não coube aos trabalhadores, sobretudo, os libertários e anarquistas publicações com os créditos das conquistas trabalhistas e das lutas sindicais. O que lhes coube, muitas vezes, foi uma má fama que era proveniente das lutas e da resistência frente aos desmandos da classe burguesa. Via de regra, aos trabalhadores eram atribuídas as más condutas diante das lutas por melhores condições de trabalho e de vida, àquelas lutas que deixaram impressas na cidade de Santos a memória das grandes conquistas operárias e sindicais. Todavia, não eram essas as notícias divulgadas nos jornais de grande circulação:

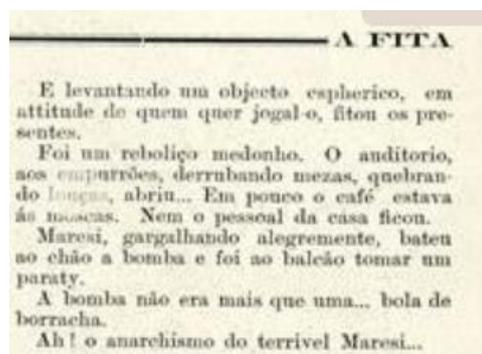
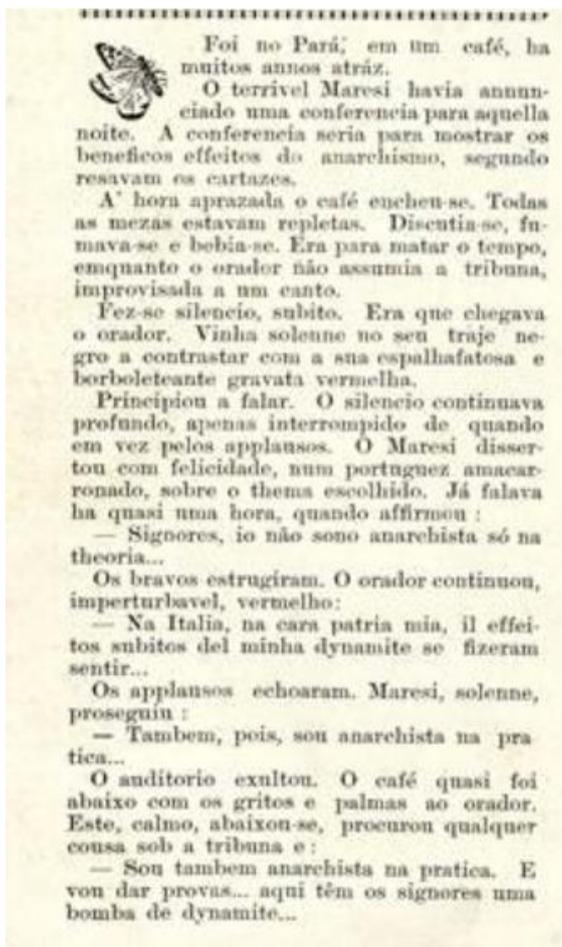


Imagem 124: Revista A Fita. Santos, 12 de junho de 1911. Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=036180&pasta=ano%201911&pagfis=2089> acesso em outubro de 2020.

Muitas foram as publicações que se referiam à literatura feita pelo trabalhador, para o próprio trabalhador. Grande parte delas a promover sua literatura por meio de uma própria visão de mundo. Foi possível perceber que as publicações deste gênero se consolidaram a partir da década de 1900, com as centenas de jornais que circularam na cidade, cujo objetivo era atender às demandas e necessidades de informação e formação dos trabalhadores. Apesar das perseguições, crônicas e críticas sobre o modo de vida e cultural da classe trabalhadora, os operários seguiam na busca pela difusão de ideias que pudessem trazer a intelectualização do trabalhador visando sua emancipação social.

Contraste

Um dia num palacio onde o fausto
Em toda a sua pompa se mostrava,
Construção de granito e de alabastro
Por toda a parte o ouro rutilava;

Havia grande festa, aniversario
Do dono do palacio, um banqueiro
Considerado, rico, millionario,
Soberbo, aristocrata do dinheiro.

Era grande a concorrência, escolhida,
(Pois que ninguem queria alli faltar)
O escol da sociedade reunida
Homenagens ao creso foi prestar

E o ricaço, que não mede despeza,
Um banquete offerece aos convidados
Que, felizes em torno á farta meza
Eil-os agora todos já sentados.

Scintillavam crystaes, vinho corria
Das taças espumante a transbordar,
E entre o prazer e risos de alegria
Já hia em meio o opiparo jantar...

Mas, eis que surge á porta um infeliz,
Magro, esqualido, olhar volvido aos ceus,
Contrafeito, com voz plangente diz:
— Esmola, esmola pelo amor de Deus!

JOB.

Imagem 125: Jornal Tribuna Operária – Sociedade Internacional União Operária. Santos, 01 de maio de 1909.
Fonte: Biblioteca Edgard Leuenroth, Unicamp / SP. Pesquisado em novembro de 2019.

Contraste: substantivo masculino utilizado para demonstrar diferenças e oposições entre objetos e pessoas. Esse é o adjetivo mais adequado para referir as relações entre as classes que compunham a urbe santista durante a baliza temporal desta pesquisa. Essas alterações são descritas nas referências que dão base à esta dissertação. Argutos pesquisadores como Maria Lúcia Caira Gitahy, Maria Aparecida Franco Pereira e Dalva Klaumann Cánovas discorrem acerca dessas relações, abordam questões sociais, trabalhistas e educacionais de maneira ativa. No entanto, a grande contribuição dos jornais pesquisados foi dar visibilidade à educação

informal, importante compreensão e o entendimento do meio que circunscrevia os diferentes públicos. Dessa forma, do ponto de vista da educação informal, os jornais, revistas e folhetins trouxeram visões de mundo e concepções que corroboram contrastes já conhecidos, mas que nos foram apresentados em poemas diversos, dentre os quais exemplificamos aqui, aquele que nos chamou atenção de maneira sutil, delicada e intensa, assinado pelo “trabalhador¹⁰⁹” JOB. Por tudo o que foi demonstrado, a classe trabalhadora a despeito de todas as dificuldades educou-se e intelectualizou-se de maneira informal por meio das diferentes relações estabelecidas em seu convívio. O jornal foi, portanto, um vetor de emancipação político cultural e serviu como espelho dos contrastes revelados nesta pesquisa.

¹⁰⁹ Era comum se ter trabalhadores que escreviam poemas de com denúncias sobre as misérias e os descasos cotidianos do trabalhador. Normalmente se assinavam em codinomes para manter sua identidade em sigilo e assim não haver represálias.

Considerações Finais

Ladrões

Conheci um rapaz que um certo dia
depois de muitos dias sem ganhar,
se fez ladrão sem qu'rer, sem estudar,
somente porque a fome lhe exigia

Cavava a terra tanto que podia
caval-a menos, - pôr-se a descansar,
se por ventura o dono ao lhe pagar,
lhe pagasse o dinheiro que devia.

Os donos tais rodeios, mexericos
Praticam nos salários aos vilões,
Que os vilões sofrem mais atritos.

E disto saltam fortes conclusões:
nem todos os ladrões são homens ricos;
- mas todos os homens ricos são ladrões.

Araujo Pereira

(Soneto Anarquista. A Voz do Trabalhador. 15.01.1913)

A realização desta pesquisa, podemos dizer, foi no mínimo desafiadora conforme mencionamos algumas vezes. Seja pela escassez de material, dificuldade de acesso às fontes, impedimento de acesso à arquivos por estarem sob guarda de instituição privada, ou ainda, ocasionada pela impossibilidade de pesquisa *in loco* devido ao isolamento social ocasionado pela pandemia do COVID-19. Cabe registrar que, embora a instituição de ensino à qual se vincula esta pesquisa tenha oportunizado o prolongamento do prazo de entrega das dissertações, em decorrência dos problemas sanitários iniciados em março de 2020, tal postergação não foi necessária. Entregamos o texto finalizado tendo a certeza de que o caminho trilhado foi o melhor que se apresentou.

O projeto inicialmente proposto, objetivava pesquisar sobre educação anarquista na cidade de Santos, por conhecer a fama desta cidade em ações realizadas pelos trabalhadores, num período em que houve a abertura e o fechamento das Escolas Modernas na cidade de São Paulo, exemplo inicialmente projetado como contraste do que ocorria na cidade de Santos. Nesse sentido, a pesquisa se apresentava eivada de ineditismo. Muitas referências de

pesquisadores renomados são encontradas sobre a classe trabalhadora da cidade de Santos, sobre a Educação Popular ou ainda no que diz respeito às escolas de órfãos e desvalidos. Sobre a educação à qual se dispôs os imigrantes da cidade, não foram encontradas referências sobre essa temática, sobretudo no que diz respeito às proximidades com a escola e a educação proposta pelo educador Francisco Ferrer y Guardiá, por diversas vezes, o norteador desta pesquisa.

Tendo em vista que a população santista era composta em sua maioria por imigrantes, sobretudo espanhóis e portugueses, uma vez que os italianos que aqui desembarcaram seguiram em direção às lavouras cafeeiras do planalto paulista, julgou-se, num primeiro momento, que as associações de auxílio mútuo pudessem conferir uma educação permeada por ideais libertários no ambiente de trabalho. Primeiramente foram analisados todos os *Annuarios de Instrução Pública* de São Paulo, e durante a análise não houve qualquer registro, sobre as escolas de Santos, que pudesse supor uma instrução que não correspondesse ao desejado pelo Estado. Isso nos trouxe as primeiras dúvidas sobre que tipo de ensino se ministrava nas sociedades de auxílio mútuo ou naquelas instituições que estavam sob a guarda da classe trabalhadora.

Diferentemente da cidade de São Paulo, cujos anuários nos trazem relatórios de instituições que prezam pela própria nacionalidade e ensinavam por meio de ações sobre a importância da emancipação, as escolas visitadas pela inspetoria nos trazem em relatórios citações como prédios impróprios, insalubridade, má iluminação, professores despreparados para o ofício ou ainda a existência de ensaios para festividades que, segundo o inspetor, atrapalhavam o bom andamento na escola. Esperávamos poder encontrar alguma menção sobre a influência da classe operária nas instituições escolares, mas este desejo foi frustrado pela compreensão de uma educação um tanto distante do idealizado.

Posteriormente, diante da negativa de acesso aos arquivos da escola da Sociedade União Operária, hoje escola Modelo, foi necessário registrar representação no Ministério Público para que pudessemos realizar a pesquisa, solicitação até o presente momento não acatada. Até a finalização desta dissertação não houve resposta sobre em que instância se encontra o pedido. Mediante a impossibilidade de maiores acessos nas fontes da Sociedade União Operária, a Banca de qualificação sugeriu a manutenção do objeto central de pesquisa, mas espraiando o protagonismo para o olhar da “Educação do Libertária”, justamente por compreender as diferentes possibilidades dessa corrente filosófica. No primeiro momento julgou-se que a Sociedade União Operária pudesse desenvolver práticas anarquistas em sua escola, devido ao

seu discurso de fundação, em que pudemos encontrar referências das concepções sobre a emancipação segundo Pierre Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin e ainda Karl Marx. Ponderou-se que a mesma tivesse atuação sob a perspectiva anarquista, o que posteriormente em análise do escasso material e, sobretudo, nos jornais, pôde ser descartado. Embora o acesso às fontes tenha se dado de maneira restrita, foi possível comprovar essa premissa, por meio das atas e do *modus operandi* ortodoxo (que privilegiava desde premiação para alunos com alto rendimento nas notas e punição por mau comportamento, até a premiação com imagens de santos e a Bíblia). Embora provavelmente a Escola da Sociedade União Operária fosse uma instituição progressista, devido à existência da coeducação entre os sexos, não havia a prática do ensino racionalista, e sim um preparo para o ingresso na Escola de Comércio.

O que ao longo de toda a pesquisa nos gerou dúvidas, ainda não passíveis de resolução, são que tipo de relação a diretoria desta instituição mantinha com o delegado de polícia Ibrahim Nobre, que posteriormente assumiu a Delegacia de Ordem Política e Social - DOPS. Porque um personagem dessa natureza frequentava uma associação de auxílio mútuo? Quais as relações e interesses ambos poderiam ter? Como compreender que uma associação voltada aos interesses dos operários, pudesse manter em seus quadros (nos quadros de gestão), personagem com o perfil de Nobre? Todas essas perguntas servirão de gatilho para pesquisas futuras.

Mediante as alterações sugeridas pela banca de qualificação, depoimentos foram colhidos, sobretudo no Centro Real Português e no Sindicato dos Estivadores. Os depoentes: pessoas que tinham algum tipo de proximidade e ou vivência com o objeto estudado. A opção das fontes orais nessas instituições foi bastante proveitosa e nos auxiliou na compreensão de seu funcionamento e modo de trabalho, mas principalmente no entendimento dos pensamentos que circulavam nesses meios. Ao que se refere ao Centro Espanhol as pesquisas correram de maneira tranquila, estando o centro em processo de digitalização das fontes e quanto à Società Italiana não se existem fontes documentais que nos tragam reais fundamentações acerca da educação por eles ministrada. Diante desse cenário buscou-se compreender a educação informal através de alguns jornais e revistas que circularam na cidade. Neste processo observou-se desde os percalços encontrados para a firmação da imprensa enquanto instrumento de propagação de notícias, até os diferentes públicos e notícias veiculadas. Podemos dizer que a imprensa santista cumpriu seu papel, no que diz respeito ao processo de intelectualização, difusão de conhecimentos e organização das classes trabalhadoras, no entanto, o acesso e as formas de disseminação de seu modo de ver o mundo acabaram sendo esquecidos e perdidos nas linhas dos jornais da época. Esta pesquisa buscou dar visibilidade para este passado pouco

conhecido e cumpre um papel fundamental: nominar as ações e as práticas exercidas por este coletivo.

Compondo a educação em sua integralidade foi possível supor que as instituições formais de ensino sejam elas livres, providas, grupos de estudo ou escolas subsidiadas não desenvolveram o ensino libertário, numa referência comparativa à Escola Moderna. Sabendo ainda que a educação libertária apresenta diferentes linhas, não foram ainda encontrados registros que pudessem supor essa ação. O que foram encontradas, no que diz respeito à educação em sua formalidade, correspondem a um ensino tradicional, hierárquico, classificatório e ainda punitivo. Dos livros de matrículas observados assim como os quadros de matrícula apresentados pela estatística de ensino, observou-se uma mínima quantidade com idade superior a vinte anos, e que a grande maioria das matrículas do período noturno correspondiam aos alunos com faixa etária (em sua maioria) a partir dos 12 anos de idade, nos levando a crer que essas crianças faziam parte de alguma força de trabalho.

Dessa forma, tendo as primeiras pesquisas nos trazidos a ideia de uma possível inexistência da educação libertária, partimos para a análise de jornais, revistas e folhetins. Nesse aspecto, os jornais trouxeram a visibilidade de observar ações educativas como discussões de pensamento político filosóficos, diálogos com as reais necessidades da classe trabalhadora, ou seja, a educação que partia da vida prática, o que não foi encontrada na formalidade do ensino.

Tendo a informalidade como atuação libertária e anarquista, pretende-se ampliar as pesquisas em trabalhos futuros para que se possa efetivamente examinar a atuação anarquista na cidade de Santos. Essas, terão como base, fontes primárias como documentos da Companhia Docas de Santos, Sindicato dos Operários da Construção Civil, Sindicato dos Ferroviários de Santos, registros policiais e os mais de mil e quinhentos exemplares de jornais que estão sob guarda da Sociedade Humanitária de Santos, bem como os arquivos públicos, hemerotecas e documentação arquivada na Biblioteca Edgard Leuenroth, na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Por fim, mediada pelas idas e vindas da pesquisa, compreende-se que este estudo cumpriu sua função primordial: mapear a educação dentre os imigrantes e trabalhadores da cidade de Santos. Os desdobramentos dessa pesquisa serão conquistados pela certeza de que a emancipação do trabalhador deve ser regada como planta, criando assim raiz forte e folhagem frondosa: digna de registro e lembrança, por muito tempo.

Referências, Fontes, Arquivos e Entrevistas

Referências

- ALBERTI**, Verena. História Oral: a experiência do CPDOC. Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1990.
- ACCIOLY E SILVA**, Dóris. Anarquistas: Criação Cultural, invenção pedagógica. Educ.8 Soc., Campinas, v. 32, n. 114, p. 87-102, jan-mar. 2011.
- AGUIAR, M. A. F. ; JUNQUEIRA**, Luciano A. O Sindicato dos Estivadores do Porto de Santos e o processo de modernização portuária. RAP Rio de Janeiro 40(6):997-1017, Nov./Dez. 2006.
- AGUIAR, M. A. F.** O Sindicato dos Estivadores na contramão do processo de modernização do porto de Santos. In: JUNQUEIRA, Luciano A. Prates (Org.). Desafios da modernização portuária. São Paulo: Aduaneiras, 2002.
- ALVES, Alexandre.** A imprensa na cidade de Santos (1849-1930). In: Projeto História, São Paulo, nº 35, p. 39-62, dez. 2007.
- Anarquistas no Sindicato.** Um debate entre Neno Vasco e João Crispim. Terra Livre. São Paulo, 2014.
- ANDRADE**, Wilma Therezinha F. de. Coleção Santista: o que se pode ler sobre Santos. Santos: Leopoldianum, 1974.
- ANDRADE**, Wilma Therezinha F. de. O discurso do Progresso: a evolução urbana de Santos. 1870-1930. Tese de doutorado apresentada à área de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1989.
- ARAÚJO**, Braz José de. Operários em luta: metalúrgicos da Baixada Santista (1933-1983) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (col. Estudos Brasileiros, v. 88).
- ARROYO**, Miguel. Pedagogias em movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003.
- ARRUDA**, José Jobson de Andrade. **FERLINI**, Vera Lúcia Amaral. **MATOS**, Maria Izilda dos Santos de. **SOUSA**, Fernando de. (Orgs.) São Paulo: Alameda, 2013.
- ASSECOB.** Associação dos Empresários da Construção Civil da Baixada Santista. Santos: Prodesan Gráfica, 1984.
- BAKININ, M.** Educação, Ciência e Revolução. Intermezzo. São Paulo, 2016.
- BAKUNIN, M.** A instrução integral. In. MORYÓN, F.G. (Org.) Educação Libertária. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BATALHA, Claudio.** O movimento operário na Primeira República. Descobrimo o Brasil. Rio de Janeiro. Zaahar, 2000.
- BERNAL**, Anastasio Ovejero. Anarquismo espanhol e educação. In: Educação Libertária - Educação e Revolução na Espanha Libertária. Nº1. 3º quadrimestre de 2006. IEL. São Paulo: Imaginário. pp.9-24.
- BESSE**, Susan. Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940). São Paulo, Edusp, 1999.
- CALSAVARA**, Tatiana da Silva. Práticas da Educação Libertária no Brasil: a experiência da Escola Moderna em São Paulo. Dissertação (Mestrado) – FEUSP, São Paulo, 2004.

- CARREIRA**, André Luiz Rodrigues. A marcha do progresso: a construção do cidadão republicano e a educação escolar na cidade de Santos. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação. Universidade Católica de Santos, 2012.
- CARRIÇO**, José Marques. Baixada Santista: transformações produtivas e socioespaciais na crise do capitalismo após a década de 1980. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Cartas patrimoniais. IPHAN, 2009.
- CARVALHO**, Marta Maria Chagas de. A Escola e a República. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CASTRO**, Rogério de. Instrução Integral – Uma ferramenta dos trabalhadores. São Paulo: Faísca Editora, 2010.
- CERTEAU**, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.
- CHAHIN**, Samira Bueno. Escolas, cidades e disputas: lugares da educação libertária. Dissertação de mestrado. São Paulo: FAU-USP, 2013.
- CODELLO**, Francesco. A Boa Educação: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin A. Neill. São Paulo: Imaginário/Ícone, 2007.
- COSTA E SILVA SOBRINHO**, José da. Santos noutros tempos. 2 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1953.
- CRUZ**, Gislaine Azevedo da, & **SOLIDADE**, Wilker Silva. A ação docente: escola e as perspectivas anarquistas. Disponível em: <https://cienciaeanarquismo.milharal.org/files/2013/12/Wilker-Solidade-e-Gislaine-Cruz.pdf> acesso em maio de 2019.
- DALVA**, Marília. **CÁNOVAS**, Klaumann. Santos e Imigração na Belle Époque. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2017.
- DEMINICIS**, Rafael Borges; **AARÃO REIS FILHO**, Daniel (org.). História do Anarquismo no Brasil, vol. 1. Niterói/ Rio de Janeiro: EdUFF/MAUAD, 2006.
- SAFÓN**, Ramón. O Racionalismo combatente: Francisco Ferrer y Guardia. São Paulo: Imaginário/ IEL/NU-SOL, 2003.
- FERREIRA**, Maria Nazareth - A Imprensa Operária no Brasil (1880 – 1920). Petrópolis: Vozes, 1980.
- FERRER Y GUARDIA**, Francisco. La Escuela Moderna. Espanha. Ed. Zero, 1970.
- FERRER Y GUARDIA**, Francisco. A Escola Moderna. Póstuma explicação do ensino racionalista. São Paulo, Biblioteca Terra Livre, 2014.
- FIGUEIRA**, Cristina Aparecida R. O cinema do povo: um projeto da educação anarquista, 1901 - 1921. São Paulo: PUC-SP Dissertação de Mestrado, 1995.
- FOOT HARDMAN**, Francisco. Nem pátria, nem patrão. Editora Unesp. São Paulo, 2002.
- FRANCO**, Maria Aparecida Pereira. Santos no caminho da educação popular – 1880 -1920. São Paulo. Loyola, 2006.
- GALLO**, Sílvio. Pedagogia Libertária: anarquistas, anarquismos e educação. São Paulo: Imaginário/ Ed. da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- GHIRALDELLI Jr.**, Paulo. *Educação e movimento operário*. São Paulo: Cortez: Autores Associados. 1987.
- GITAHY**, Maria Lúcia Caira. Os trabalhadores do porto de Santos (1889-1910). Dissertação de Mestrado - IFCH-UNICAMP, Campinas, 1983.

GITAHY, Maria Lúcia Caíra. Ventos do mar: trabalhadores do porto movimento operário e cultura urbana em Santos (1889-1914). São Paulo; Unesp. Santos, Prefeitura Municipal, 1992 (Prismas).

GONÇALVES, Adeldo. Barcelona Brasileira. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

GONÇALVES, Alcindo. A saga dos clubes em Santos. Disponível em: <https://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos49bd.html?cod=29> acessado em 20 de outubro de 2019.

GONÇALVES, Alcindo. Lutas e sonhos: cultura política e hegemonia progressista em Santos (1945-1962). São Paulo. Unesp. 1995.

HONERATO, Cezar. O polvo e o porto. A Cia Docas de Santos (1888-1914). São Paulo, Hucitec, 1996.

KASSICK, Clovis Nicanor. Pedagogia Libertária na História da Educação Brasileira. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.32, p.136-149, dez. 2008. SAFÓN, Ramón. O Racionalismo combatente: Francisco Ferrer y Guardia. São Paulo: Imaginário/ IEL/NU-SOL, 2003.

KASSICK, Neiva Beron. & KASSICK, Clovis N. A Contribuição do Pensamento Pedagógico Libertário para a História da Educação Brasileira. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

KASSINICK, Neiva Beron, KASSINIK, Clovis Nicanor. A Pedagogia Libertária da Educação Brasileira. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

KREUTZ, Lúcio, (2000). Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. *Revista Brasileira de Educação*, nº 15

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; **CAMPOS**, Maria Christina Siqueira de Souza; **DEMARTINI**, Zeila de Brito Fabri. História oral, Sociologia e Pesquisa: a abordagem do CERU - São Paulo: Humanitas/CERU, 2010.

LANNA, Ana Lucia Duarte. Uma cidade em transição. Santos 1870-1913. Santos. Hucitec, 1996.

LENOIR, Hugues. Educar para emancipar. Imaginário/Editora da Universidade Federal do Amazonas: São Paulo, 2007.

LUIZETTO, F. Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos Episódios Literário e Educacional – 1900/1920. Tese (Doutorado) – UFSCar, São Carlos, 1984.

MALATESTA, Errico. Anarquistas, socialistas e comunistas. Imaginário. São Paulo, 2014.

MARAM, Sheldon L. Anarquistas, imigrantes e movimento operário. (1890-1920). Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

MARCONI, Juliana Guedes dos Santos & NETO, Luiz Bezerra. “A educação anarquista e a educação pública estatal brasileira: o encontro de dois paradigmas”. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. 2008.

MARÍN SILVESTRE, Dolors. La semana trágica. Barcelona en llamas, la revuelta popular y la Escuela Moderna. Madrid: La esfera de los libros, 2009.

MARTINS, Angela M. S. A pedagogia libertária e a educação Integral. In. VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas – História, Sociedade e Educação no Brasil: história, educação e transformação: tendências e perspectivas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 30 de junho a 03 de julho de 2009. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/trabalhos.html Acesso em 02 de junho de 2016.

- MARTINS**, Maria M S, **BONATO**, Nailda M da Costa, Org. Trajetórias Históricas da Educação. Rio de Janeiro: Editora Rovellet, 2009.
- MATE**, Cecília Hanna. Tempos modernos na escola: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira. Bauru: EDUSC/ Brasília: Inep, 2002.
- MEIHY**, José Carlos Sebe Bom. Definindo História Oral e Memória. In: Cadernos CERU – Centro de Estudos Rurais e Urbanos, Nº5, Série 2. São Paulo, 1994.
- MORAES**, Carmen Sylvia Vidigal, **RIGHI**, Daniel, **SANTOS**, Luciana **CALSAVAR**, **TATIANA**. Inventário de fontes das escolas dirigidas pelo educador anarquista João Penteadó (1912-1961): dimensão pedagógica e contribuição para a história da relação trabalho e educação no Brasil. Rev. bras. hist. educ., Campinas-SP, v. 11, n. 1 (25), p. 117-142, jan./abr. 2011.
- MORAES**, José Damiro. A trajetória educacional anarquista na Primeira República. Das escolas aos centros de cultura social. Dissertação de mestrado. Campinas. Faculdade de Educação da Unicamp. 1999.
- MORIYÓN**, Félix Garcia. Educação Libertária. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- OITICICA**, José. A doutrina anarquista do alcance de todos. Rio de Janeiro: Achiamé Editora, 2006.
- OLIVEIRA**, Paulo de Salles. Metodologia das ciências humanas/ Paulo de Salles Oliveira (organizador). São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.
- PERES**, Fernando Antonio. Revisitando a trajetória de João Penteadó: o discreto transgressor de limites. São Paulo, 1890-1940. Tese de doutoramento. FE-USP, São Paulo, 2010.
- PEY**, Maria Oly, Org. Esboço para uma História da Escola no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2010.
- PRADO, Antonio Arnoni & FOOT HARDMAN, Francisco**. Contos anarquistas. Editora Brasiliense, São Paulo, 1985.
- PRATA**, Ranulfo. Navios Iluminados. Edusp. São Paulo, 2016.
- QUEIROZ**, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do indizível ao dizível. In: Pesquisa em Ciências Sociais: Olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Textos CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos), Série 2, nº10, São Paulo: 2008.
- QUEIROZ**, Maria Isaura Pereira de. (Org.). O imaginário em terra conquistada. São Paulo: CERU, 1993.
- REVISTA** Via Combativa, 2014. Disponível em: https://uniaooanarquista.files.wordpress.com/2014/02/vc_03-errata.pdf acessado em 12 de fevereiro de 2018.
- ROCATTO**, Aline Moura. A METOLOGIA DA PEDAGOGIA ANARQUISTA. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da UNICAMP, para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do Profº. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo. 2012.
- RODRIGUES**, Oloa. História da imprensa de Santos. Instituto Histórico e Geográfico de Santos, Academia Santista de Letras e Ordem dos velhos Jornalistas de São Paulo. Santos, 1979.
- RODRIGUES**, E. O anarquismo na escola, no teatro, na poesia. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.
- RODRIGUES**, Edgar. Anarquismo à moda antiga. 3ª Edição Revisada. Achiamé. Biblioteca Literária de Bolso. Rio de Janeiro, 1985.

- RODRIGUES**, Edgar. O anarquismo na escola, no teatro e na poesia. Editora Achiamé: Rio de Janeiro, 1992.
- ROMANI**, Oreste Ristori: uma aventura anarquista. São Paulo: Annablumme; Fapesp, 2002.
- SANTOS**, Luciana Elisa dos. A trajetória anarquista do educador João Penteadado: leituras sobre educação, cultura e sociedade. Dissertação (Mestrado) – FEUSP, São Paulo, 2009.
- SANTOS**, Patrícia Cristina dos. Instituições de Ensino Anarquista no Início do Século XX. **Anais do XVII Encontro estadual ANPUH Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2016.
- SILVA**, Ivani Ribeiro da. O Movimento Operário em Santos no início do século XX: o jornal como fonte documental histórica. Dissertação de mestrado. Orientador Professor Dr. Virgílio B. Noya Pinto. Santos, UNISANTOS - Universidade Católica de Santos, 1993.
- THOMPSON**, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TRAGTENBERG**, Maurício. Francisco Ferrer e a Pedagogia Libertária, in: Educação e Sociedade. SP, Campinas: Cortez/CEDES, nº01,1978.
- TRAGTENBERG**, Maurício. Sobre Educação, política e sindicalismo. São Paulo: Cortez Editora, 1990.
- VALENTE**, Silvia Maria Pazello. O movimento anarquista no Brasil. Semina: Ci. Soc./Hum. Londrina, v. 15, n. 3, p. 260-269, set. 1994.
- VIDAL**, Diana Gonçalves, **FARIA FILHO**, L.M. History of Brazilian urban education: space in primary schools. In: Pink, Willian T.; Noblit, George W. (Eds.) International Handbook of Urban Education. Springer, 2008, p. 581 - 600. (Versão em Português).
- VIDAL**, Diana Gonçalves. - Práticas de Leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930. in: Modos e Formas de escrever. Estudos de História da Leitura e da Escrita no Brasil. Org. Luciano Mendes de Faria Filho. Belo Horizonte, Autêntica, 1998. **WOODCOCK**, George. História das Idéias e Movimentos Anarquistas. Porto Alegre: L&PM, 2002. v. I e II.
- WHITAKER**, Dulce Consuelo Andreatta. e **BEZZON**, Lara Crivelaro. A cultura e o ecossistema: Reflexões a partir de um diálogo. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.
- WHITAKER**, Dulce Consuelo Andreatta. **FIAMENGUE**, Elis Cristina e **VELÔSO**. Thelma Maria Grisi, org. Ideologia e esquecimento: Aspectos negados da memória social brasileira.

Fontes

- Acervo do Arquivo Histórico do Centro Español y Repatriación de Santos**
CENTRO ESPAÑOL. Estatutos de La sociedad Centro Español de Santos fundado em 06 de enero de 1895. São Paulo: Typografia de La Voz da España, 1895.
- _____. **Libro de Memorias del ejercicio de 1904.** São Paulo: Typografia de La Voz de España, 1904.
- _____. **Libro de Memorias del ejercicio de 1905.** São Paulo: Typografia de La Voz de España, 1905.
- _____. **Libro de Memorias del ejercicio de 1906.** Santos: Typografia d’A Tribuna, 1906.
- _____. **Libro de Memorias del ejercicio de 1907.** Santos: Typografia d’A Tribuna, 1907.

- _____. **Libro de Memorias del ejercicio de 1908.** Santos: Typografia Imprensa Popular, 1908.
- _____. **Libro de Memorias del ejercicio de 1909.** Santos: Typografia Imprensa Popular, 1909.
- _____. **Libro de Memorias del ejercicio de 1910.** Santos: Typografia Peixinho & Oliveira, 1910.
- _____. **Libro de Memorias del ejercicio de 1911.** Santos: Typografia Casa Rambrandt, 1911.
- _____. **Libro de Memorias del ejercicio de 1912.** Santos: Typografia Casa Rambrandt, 1912.
- _____. **Libro de Memorias del ejercicio de 1913.** Santos: Typografia Brasil, 1913.
- _____. **Libro de Memorias del ejercicio de 1914.** Santos: Typografia Brasil, 1914.
- _____. **Libro de Memorias del ejercicio de 1915.** Santos: Typografia Brasil, 1915.
- _____. **Livro de Memórias aprovadas em assembléias gerais.** Santos: Typografia Brasil, 1916.
- _____. **Livro de Memórias aprovadas em assembléias gerais.** São Paulo: Typografia del Diario Español, 1917.
- _____. **Livro de Memórias aprovadas em assembléias gerais.** São Paulo: Typografia del Diario Español, 1918.
- _____. **Livro de Memórias aprovadas em assembléias gerais.** São Paulo: Typografia del Diario Español, 1919.
- _____. **Livro de Memórias aprovadas em assembléias gerais.** São Paulo: Typografia del Diario Español, 1920.
- _____. **Livro de Memórias aprovadas em assembléias gerais.** São Paulo: Tipografia Ibérica, 1921.
- _____. **Livro de Memórias aprovadas em assembléias gerais.** São Paulo: Tipografia Ibérica, 1922.
- _____. **Livro de Memórias aprovadas em assembléias gerais.** São Paulo: Tipografia Ibérica, 1923.
- _____. **Livro de Memórias aprovadas em assembléias gerais.** São Paulo: Tipografia Ibérica LTDA., 1924.
- _____. **Livro de Memórias aprovadas em assembléias gerais.** São Paulo: Typografia Brasil, 1925.
- _____. **Reglamento para el regimen interno de la Sociedad Centro Español de Santos.** São Paulo, tipografia Del Diario Español, 1895.

Acervo do Arquivo da Sociedade União Operária, Escola Modelo (Arquivo não sistematizado e não organizado)

Anuário, 1930.

Livro de Matrículas.

Livro de Registro de Funcionários

Arquivos Consultados

Arquivo da Biblioteca Edgard Leuenroth. Unicamp / SP.

Fundação Arquivo e Memória de Santos. Santos / SP.

Hemeroteca Roldão Mendes Rosa. Santos / SP.

Sociedade União Operária, Escola Modelo. Santos / SP.

Sociedade Humanitária de Santos. Santos / SP.

Sites visitados

Acervo Edgard Leuenroth. Disponível em: <https://www.ael.ifch.unicamp.br/acervo>

Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/>

Biblioteca IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=443947>

Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>

Centro Real Português de Santos. Disponível em: <http://www.centroculturalportugues.com.br/>

Escola Modelo de Santos. Disponível em: <http://escolamodelosantos.com/>

Fundação Arquivo e Memória de Santos. Disponível em: <http://www.fundasantos.org.br/>

Instituto Histórico e Geográfico de Santos. Disponível em: <http://www.ihgs.com.br/>

Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

Jornal Eletrônico Novo Milênio. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/>

Revista Pesquisa Fapesp. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/>

Società Italiana de Santos. Disponível em: <http://societaitaliana.org/pt/inicial/>

Entrevistas concedidas

Evandro Santos Silva. Diretor Administrativo do Sindicatos dos Estivadores de Santos. Entrevista concedida em 28 de outubro de 2029.

José Augusto Rosário. Presidente da Escola Portuguesa de Santos. Entrevista concedida em 24 de outubro de 2019.